UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

Maria Carolina de Andrade José

Memória de relacionamentos amorosos:
História oral de mulheres idosas em São Paulo

São Paulo

2016

Maria Carolina de Andrade José

Memória de relacionamentos amorosos:

História oral de mulheres idosas em São Paulo

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 08 de novembro de 2016. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração: Estudos Culturais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valéria Barbosa de Magalhães

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

José, Maria Carolina de Andrade

Memória de relacionamentos amorosos : história oral de mulheres idosas em São Paulo / Maria Carolina de Andrade José ; orientadora, Valéria Barbosa de Magalhães. – São Paulo, 2016
172 f.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.
Versão corrigida

1. Mulheres - São Paulo. 2. Idosos. 3. Amor. 4. História oral. I. Magalhães, Valéria Barbosa de, orient. II. Título

CDD 22.ed.- 305.40981

Nome: JOSÉ, Maria Carolina de Andrade

Título: Memória de relacionamentos amorosos: história oral de mulheres idosas em São Paulo

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:

Estudos Culturais

Aprovado em: 08 /11 /2016

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ricardo Santhiago Corrêa

Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Daisy Perelmutter

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Mônica Muniz Pinto de Carvalho

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

À minha mãe e todas as mulheres que lutam todos os dias pelas suas vidas e por seus amores.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Valéria Barbosa de Magalhães, pela inspiração, atenção e apoio durante a pesquisa e por fazer brotar em mim o desejo de seguir a carreira acadêmica.

À Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACHUSP), pela oportunidade de realização do curso de pós-graduação.

Ao Programa de Estudos Culturais e seus professores, pela disposição e dedicação no suporte à pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa de mestrado e apoio financeiro que possibilitou a realização da presente pesquisa.

A todas entrevistadas do projeto, por confiarem a mim suas histórias de vida.

Àqueles que me ajudaram a tecer essa rede de entrevistadas tão especial.

Aos colegas do programa e da vida acadêmica, que tanto me ensinaram nas conversas pelos corredores e pelos bares.

Aos meus pais, meu companheiro e meus amigos, pelo apoio incondicional em todas as fases dessa conquista.

RESUMO

JOSÉ, M. C. de A. **Memória de relacionamentos amorosos:** histórias oral de mulheres idosas em São Paulo. 2016. 164 f. Dissertação de Mestrado em Filosofia – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Versão corrigida.

A maneira como os relacionamentos afetivos são percebidos pelos sujeitos não é fixa, os comportamentos mudam historicamente, de geração em geração, de classe para classe, de religião para religião e assim por diante, acompanhando a complexidade da própria cultura e das identidades. Considerando que a experiência amorosa e sexual, assim como toda experiência humana, é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos, a presente dissertação buscou conhecer a memória de relacionamentos amorosos de mulheres com idades entre sessenta e setenta e cinco anos, moradoras da Zona Sudeste da Cidade de São Paulo. Utilizando a história oral como metodologia, pretendeu-se compreender e analisar as distintas formas de construção dos relatos de relacionamentos amorosos, considerando-se as trajetórias pessoais e os fatores sociais e econômicos. Partindo deste eixo central, deu-se vazão para outras questões imanentes às vidas e relatos das entrevistadas, como a mudança do papel da mulher na sociedade, nos últimos cinquenta anos, e o processo de envelhecimento feminino.

Palavras-chave: Relacionamentos amorosos. Envelhecimento. História oral. Sexualidade.

ABSTRACT

JOSÉ, M. C. de A. Memory of romantic relationships: oral stories of women in São Paulo 2016. 164 f. Dissertação de Mestrado – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Versão corrigida.

Love relationships can occur in many ways and they are not fixed. The love behaviors can change historically, from generation to generation, from class to class, from religion to religion and so on and they can follow the complexity of your own culture and identities. Whereas loving and sexual experiences, as well as all human experience, are products of a complex set of social, cultural and historical contexts, this dissertation has analyzed memories of romantic relationships of women aged between sixty and seventy-five, living in the Southeast area of the city of São Paulo. Using oral history as a methodology, we sought to analyze the different ways romantic relationships reports are built, considering the personal history, social and economic factors. This work considers also other inherent issues of the lives and the stories of the interviewees, such as the process of changing the role of women in society in the last fifty years and the female aging process.

Keywords: Romantic Relationships. Aging. Oral history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Região Sudeste da cidade de São Paulo.....	14
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Objeto de pesquisa	11
1.2 Metodologia	17
1.2.1 <i>Procedimentos técnicos e análise</i>	26
2. REDE DE ENTREVISTADAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES	28
2.1 Rosely	29
2.2 Claudete	30
2.3 Paula	31
2.4 Marli	33
2.5 Lucinha	35
2.6 Estela	36
2.7 Ivone	37
2.8 Dinha	39
2.9 Elza	40
3. ENVELHECIMENTO FEMININO E AS RELAÇÕES AMOROSAS	43
3.1 Envelhecimento no Brasil: conceitos e terminologias	43
3.2 “Não estamos preparados para envelhecer”	49
3.3 “Estar” ativa: trabalho e aposentadoria	59
3.4 Envelhecimento feminino: corpo e autoestima	65
3.5 Sexualidade no envelhecer: desejo e companhia	75
4. RELAÇÕES AMOROSAS, ROMÂNTICAS E SEXUALIDADE	85
4.1 Entre passado e presente	124
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	143
APÊNDICE I – PERFIL DAS ENTREVISTADAS	150
APÊNDICE II – ROTEIRO TEMÁTICO DE ENTREVISTAS	152
APÊNDICE III – CARTA DE CESSÃO	153
APÊNDICE IV – ENTREVISTA COMPLETA TRANSCRITA: ESTELA	154

1. INTRODUÇÃO

Este projeto é decorrência de duas pesquisas anteriores, realizadas pela autora, junto ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM/USP): sendo a primeira um projeto de iniciação científica que estudou a memória de idosos no bairro da Mooca, intitulado “Memória da canção italiana entre imigrantes da Mooca”, e, a segunda, um Trabalho de Conclusão de Curso, denominado “Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero”, ambas sob orientação da professora Valéria B. Magalhães. Na ocasião da iniciação científica, uma das entrevistadas narrou sua história centrada em sua vida amorosa, ainda que esse não fosse o tema do projeto. Essa orientação da narrativa chamou a atenção. A partir de então, levantaram-se hipóteses que conduziram à atual proposta de mestrado, iniciada no próprio Trabalho de Conclusão de Curso.

O atual projeto “Memória de relacionamentos amorosos: histórias oral de mulheres idosas em São Paulo” tem por objetivo principal conhecer, por meio de histórias de vida, as memórias e as vivências das relações amorosas¹ de idosas, analisando a diversidade de construção da memória. Pretende-se também conhecer as experiências de idosas com relação ao amor e sexualidade; analisar se as entrevistadas distinguem os relacionamentos de sua geração dos relacionamentos amorosos das gerações de seus filhos e netos; verificar possíveis diferenças de entendimento e construção da memória em relação ao amor (considerando as variações de situação econômica e grau de escolaridade) e analisar o lugar da mulher dentro e fora do relacionamento amoroso, no passado e no presente, a partir desses relatos.

O método escolhido para o projeto foi a história oral, mais especificamente, na modalidade da história de vida com orientação temática. A história oral é um processo metodológico que registra narrativas, testemunhos e versões sobre a História, criando assim fontes e documentos. Ela “não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida (DELGADO, 2006, p.16).

A história oral faz parte do que se considera como uma história do tempo presente, pois “implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado” (MEIHY, 2002, p. 15). Dessa maneira, o projeto é uma maneira de ajudar a emergir e interpretar a história de cada entrevistado relacionando-a com seu contexto histórico e social atual. Partindo-se do princípio que

¹ No capítulo 4 será apresentada uma discussão sobre o que se entende por relação amorosa neste trabalho e sua relação com o conceito de amor romântico.

cada pessoa carrega em si uma trajetória repleta de acontecimentos que merece ser compartilhada e valorizada. Segundo Piscitelli (1993) a história de vida privilegia a experiência vivida e através da temporalidade possibilita a articulação de noções individuais e questões coletivas.

Neste sentido, o trabalho sobre as experiências dos sujeitos é fundamental para a compreensão dos atores a partir de seus próprios pontos de vista e para a compreensão de processos sociais mais amplos que os indivíduos. (PISCITELLI, 1993, p. 153/154)

Bosi (1994) aponta que: “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte” (BOSI, 1994, p. 82). Enquanto Bosi (1994) utiliza o termo “velho”, no presente projeto, optou-se por utilizar o termo “idoso” para se referir a pessoas com mais de 60 anos; e “envelhecimento”² para se referir ao processo de transição geracional pelo qual esse grupo etário está passando. Esses termos e conceitos serão aprofundados posteriormente.

Dessa maneira, busca-se então permitir a emergência dessa “obra de arte” descrita por Bosi (1994), dar vazão às histórias românticas, afetivas e relativas a sexualidade dos entrevistados, partindo de suas experiências subjetivas. Paixões de adolescência, romance, brigas, sexo, casamento, gravidez, filhos, separação, reconciliação, cotidiano, vividez e etc., tudo interessa ao projeto.

As narrativas são veículos de memórias, experiências vividas e subjetividades, através delas o sujeito pode articular sua história no tempo, ou seja, trazer o passado para o presente. O relato oral possibilita uma ponte entre o individual e o coletivo, na qual o narrador forma-se como sujeito, já que (re)vive sua própria vida. A história oral traz representações da experiência vivida e possibilita a atribuição de sentidos ao passado pelo sujeito. É a partir desse processo de construção da narrativa que podemos compreender a dinâmica interativa da subjetividade. (FERREIRA; GROSSI, 2004; FONTANA, 2000; PERELMUTTER, 2006) Assim, considera-se que nos relatos orais surgem:

as especificidades de vivências diferenciadas, nas quais os saberes, a emoção, os sentimentos experimentados de angústia e de raiva, os sonhos, os fantasmas, o

² Neste trabalho, optou-se por utilizar o termo “envelhecimento” como um processo de transição geracional e não como algo estático e definitivo.

amor, que muitas e muitas vezes escapam à observação objetiva, fundem-se em tramas e dramas irredutíveis uns aos outros. (FONTANA, 2000, p. 223)

Como matéria fundante do relato oral, a memória constitui um elo identitário entre presente e passado, ela é o vínculo entre o sujeito e suas experiências. O sujeito vive em um contexto, portanto, sua história emerge de suas relações e tensões. Apenas a partir das relações sociais é possível reconhecermo-nos como sujeitos, o “eu” só se torna sujeito em relação ao o “outro”. Cabe a história oral a análise de toda a extensão que a narrativa percorre para consolidar-se e da emergência de subjetividades que se dão em relação à esfera social (FERREIRA; GROSSI, 2004; FONTANA, 2000; PERELMUTTER, 2006).

Ao longo do tempo, a história do sujeito entrelaça-se com outras; o sujeito é tocado pelos acontecimentos e, tudo o que viu, sentiu, ouviu, pensou, percebeu, instalou nele um estado particular, uma colocação que lhe é peculiar. Assim, cada história de vida deve ser compreendida a partir das contingências sociais, políticas, econômicas e culturais em que os sujeitos vivem. (ROZEK, 2010, p. 65)

A maneira como os relacionamentos afetivos se dão não ocorre de maneira fixa, os comportamentos mudam historicamente e de geração em geração, de classe para classe, de religião para religião e assim por diante, acompanhando a complexidade da própria cultura e das identidades, sendo que, inclusive, há intersecção entre essas categorias. A experiência amorosa e sexual, assim como toda experiência humana, é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos (ARAÚJO, 2002). Ao estudar a esfera do casamento, por exemplo, é possível notar as intensas mudanças que ocorreram a partir de processos econômicos e sociais. Ou seja, para compreender uma esfera da intimidade humana é essencial que se conheça seu contexto social e temporal.

Assim, poder analisar o comportamento amoroso é uma maneira de buscar entender as mudanças dos comportamentos individuais e coletivos nas últimas décadas, nesse âmbito.

1.1 Objeto de pesquisa

Foi constituído por mulheres com idade entre 60 e 75 anos³ (no momento da gravação), moradoras da região compreendida pela Região Sudeste da Cidade de São Paulo (Imagem 1), que engloba as subprefeituras da Mooca, de Aricanduva, de Vila

³ É importante enfatizar que o recorte foi elaborado a partir dos projetos de Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso, tal continuidade em projetos que estudavam o público idoso e morador da mesma região de São Paulo permitiu à pesquisadora conhecer as características desse grupo e definir mais claramente os principais pontos a serem levantados durante as entrevistas e desenvolvimento da pesquisa. Mais para frente, no capítulo dois, será explicada a formação das redes de entrevistados.

Prudente e do Ipiranga. Esse recorte espacial tem como objetivo restringir o público a ser entrevistado, levando-se em conta que a maior parte dos entrevistados na fase do Trabalho de Conclusão de Curso eram moradores dessa área, e levando em conta a familiaridade da pesquisadora com essa região da cidade de São Paulo, fator que facilitou a formação da rede de entrevistados e o deslocamento para a realização das entrevistas.

Figura 1 – Região Sudeste da cidade de São Paulo

Fonte: Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Alteração própria.

Original disponível em:<<http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/576>>

Inicialmente, seriam entrevistados homens e mulheres, porém na pesquisa anterior, realizada durante o Trabalho de Conclusão de Curso, as falas femininas estavam muito voltadas para a descrição das mudanças na vivência do papel da mulher, o que chamou a atenção da pesquisadora. As entrevistadas também mostraram um interesse maior em construir seus relatos entrelaçando outros aspectos sociais e familiares. Assim como Martha⁴ que relata sua rotina de casada com filhos pequenos e a compara com a rotina atual de suas filhas:

⁴ Entrevista realizada para o projeto “Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero, 2013”.

Olha, na minha época, eu que troquei todas as fraldas, eu que lavei toda a louça, eu que lavei toda a roupa, eu que passei toda a roupa, eu que olhei as crianças, eu que vi lição. Hoje em dia, graças a deus, não é mais assim. Porque as minhas filhas elas mal sabem cozinhar. “Se você quiser comer, meu filho, você vai lá cozinhar.” A escolinha está lá, levo meu filho e ele fica o dia inteiro. Eu levo e você vai buscar. É dividido. Então, hoje em dia eu acho que para a mulher é bem mais fácil, bem mais fácil. (Martha, 61 anos)

Maria Lúcia, sessenta anos, falou sobre o incômodo com as rígidas regras impostas pelos pais em sua juventude. A entrevistada se considerou “danada” por nem sempre ter acatado às imposições da educação que recebia, por ter questionado e até mesmo desrespeitado as ordens de seus pais. A partir dessa experiência de repressão familiar, Maria Lucia decidiu educar as filhas de forma diferente, mais liberal, como tantas outras mães de sua geração.

Na minha época, eu fui criada no interior, então tudo não podia, tudo não podia, né? Mas a gente era danada, viu? Eu achei que eu fui criada muito presa e eu tentei não prender as minhas filhas. (Maria Lúcia)

Os homens entrevistados também falaram sobre as mudanças na condição da mulher na sociedade brasileira, tomando como exemplo suas mães, esposas, filhas e conhecidas. Antônio de sessenta e nove anos, por exemplo, falou sobre a inserção maciça da mulher no mundo do trabalho em diferentes campos e associou esse fato à concretização de maior autonomia da mulher dentro do casamento e da esfera privada como um todo.

A mulher hoje é mais liberal, a mulher tomou uma direção, uma coisa positiva no trabalho, no campo profissional dela. E ela suplantou o homem na maioria das vezes. E querendo ou não querendo, indiretamente ela quer mandar. A rédea do negócio começa a passar para ela. Uns aceitam, outro não aceitam. [...] Então, a mulher está com muita liberdade e ela não está querendo se prender muito às coisas do lar, né? (Antônio)

Outra temática que também chamou atenção, na primeira fase da pesquisa e foi aprofundada no presente projeto, foi o envelhecimento. A partir do contato com os entrevistados surgiu a questão da terminologia a ser usada, que será aprofundada no capítulo 3.1. Ao recorrer à bibliografia sobre envelhecimento foi possível ter acesso à diferenciação entre o envelhecimento feminino e o masculino. No contexto nacional atual, o homem, ao envelhecer, é considerado charmoso, sábio e atraente, enquanto a mulher é considerada decadente, desprovida de beleza e sensualidade. Ser mulher e idosa consiste na sobreposição de dois contextos sociais de opressão. (SALGADO, 2002)

Considerou-se então que seria essencial ao projeto se aprofundar nas experiências femininas ligadas ao envelhecimento. Conhecer as formas como esses sujeitos se constroem e são construídos nessa fase da vida.

Ainda no Trabalho de Conclusão de Curso, já citado, foram entrevistadas pessoas a partir de sessenta anos. Esse recorte demonstrou uma barreira geracional entre aqueles de sessenta a setenta e cinco anos e aqueles de setenta e cinco a noventa anos. Constatou-se uma diferença clara entre as vivências desses dois grupos, sendo que o segundo grupo apresentou características mais tradicionais e conservadoras, como intensa valorização do casamento, dos valores religiosos e segregação mais intensa entre os papéis masculinos e femininos; enquanto o primeiro grupo relatou valores menos tradicionais e mais conflituosos, como distanciamento da religião, intensa valorização dos sentimentos amorosos, maior romanticidade nos relacionamentos e casamentos, além da separação mais tênue entre os papéis de homens e de mulheres.

Por exemplo, a entrevistada Alzira, de oitenta e seis anos, falou sobre a obediência ao homem da casa, seja pai ou esposo. Na sua visão, a mulher tem que obedecer ao marido para ser uma boa esposa e para garantir o sucesso da relação.

[Os casamentos] Duravam mais porque a mulher respeitava mais o marido, né? A mulher principalmente tem que ser mais... Ela tem que obedecer para dar exemplo aos filhos. Aqui, eu acho que não tem problema. A minha nora já faz vinte e sete anos. [...] A Livia é uma ótima esposa. É uma dona de casa... Nossa, e ela obedece muito! (Alzira)

Alzira ainda conta um acontecido no qual rompeu um namoro, pois seu namorado e seu pai se desentenderam.

[Meu namorado] falou: “Ah, não pode mandar a filha, uma moça, ir comprar cigarro. É muito feio!” Meu pai se ofendeu, disse: “Não, a filha é minha, eu posso fazer o que eu quero.” E aí eles entraram em desacordo. Então acabou. Eu falei: “Eu não vou continuar o namoro com quem não se dá bem com o meu pai.” [...] Considerando que o meu pai discutiu com ele, essa conversinha, né? E ele foi embora muito zangado com o meu pai, tanto é que a família dele achava que eu não casei com ele por causa do meu pai. Mas não é bem por causa do meu pai. Eu nunca desobedeci meu pai. Eu achava que era muito desaforo eu fazer isso, né? (Alzira)

Esse trecho da entrevista de Alzira ilustra questões interessantes para analisar a possível submissão da mulher frente aos dois homens. Em momento algum Alzira disse o que pensava sobre ir ou não comprar cigarros. Desobedecer ao pai era inadmissível, então, ela optou por seguir as vontades dele. Cizira, noventa anos, expôs um pensamento

parecido, buscando sempre obedecer às regras do pai, ela só começou a pensar em namorar após a idade determinada por ele.

Porque meu pai dizia assim: “Enquanto minha filha não tiver vinte anos eu não deixo ela namorar.” Então, eu tinha aquilo na cabeça, né? (Cizira)

Ao contar suas experiências com o trabalho, quando moças, as duas entrevistadas citadas deixaram claro que só foram trabalhar quando foi realmente necessário economicamente. Seguindo esse pensamento, o marido de Cizira considerou que ela deveria parar de trabalhar logo após o casamento para cuidar dos filhos e da casa.

Eu trabalhava quando eu era solteira, ele não deixou eu voltar a trabalhar. [...] Então, meu marido falou assim: “Você pode trabalhar até o dia do casamento, contanto que na hora no casamento você esteja lá na igreja. Você pode ir, mas depois não porque a gente não vai ter a nossa família? Nossos filhos? Nossas mães já fizeram a parte delas, agora... (Cizira)

O marido de Cizira deixou claro que sua obrigação como mulher era cuidar da casa e dos filhos depois de casada, assim como suas mães e avós haviam feito. Depois de casada, Cizira não voltou a trabalhar. Já o marido de Alzira teve que fazer um acordo com o sogro, permitindo que ela trabalhasse mesmo depois do casamento. O pai de Alzira fez questão que ela estudasse e se formasse contadora.

Eu trabalhei um pouquinho depois de casada, mas ele não queria que eu trabalhasse de jeito nenhum! Aí ele falou com meu pai: “Mas eu não quero que ela trabalhe.” E meu pai falou assim: “Olha, ela estudou bastante e ela pode ajudar você. Não faça isso porque senão acho que não vai ter casamento.” Aí ele concordou, né? Mas era um caso sério! (Alzira)

Alzira passou por diferentes empregos e só parou de trabalhar definitivamente quando seus filhos já estavam maiores e seu pai doente fez esse pedido a ela:

Ele falou: “Não quero que você trabalhe mais.” Aí meu filho já estava grandinho, foi em 1965. Ele tinha uns sete anos. E meu pai quis que eu ficasse em casa para cuidar dele, né? Aí não trabalhei mais! (Alzira)

É interessante notar que nas histórias dessas duas entrevistadas foram os homens que decidiram sobre suas vidas profissionais⁵. Os pais decidiram o quanto elas deveriam estudar e, provavelmente, o que deveriam estudar, quando trabalhar e onde trabalhar, enquanto os esposos decidiram quando elas deveriam ou não parar de trabalhar. No caso de Alzira, o esposo só permitiu que ela trabalhasse porque isso foi acordado com seu sogro. E ela só deixou de trabalhar depois que seu pai “pediu”. Cizira e Alzira fizeram parte da última geração de mulheres a estar tão presa nas grades da família e da

⁵ Até a atual Constituição da República Federativa do Brasil (1988), a mulher casada necessitava de autorização do marido para trabalhar, embora fosse presumida tal autorização.

sociedade, essa diferença é notável quando se compara aos discursos das entrevistadas com idade entre sessenta e setenta e cinco anos.

Partindo dessa análise, optou-se por fazer um novo recorte para a pesquisa de mestrado. A faixa etária entre sessenta e setenta e cinco anos foi escolhida por ter vivido sua juventude entre os anos 1950 e 1970, uma fase de intensas mudanças sociais, tais como o surgimento da pílula anticoncepcional, a revolução sexual e a maior presença feminina no mundo do trabalho. Foi nesse período que as mulheres ocuparam novos espaços de forma mais intensa e a família iniciou um processo de ressignificação constante.

Foram coletadas e analisadas as histórias de nove entrevistadas, que foram selecionadas através da formação de redes.⁶ As entrevistas anteriores, gravadas para o projeto do Trabalho de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica, foram incluídas na análise, como fontes secundárias.

A presente dissertação está dividida em cinco capítulos, contando com “Introdução” e “Considerações Finais”. O capítulo introdutório conta com a apresentação dos objetivos, temas da pesquisa, do objeto de pesquisa e de sua metodologia.

O capítulo dois denominado “As Entrevistadas” faz uma breve apresentação de cada uma das entrevistadas do projeto, contando com o perfil socioeconômico, nível de educação, contexto familiar e religião. Pretende-se introduzir o leitor no universo de cada uma das entrevistas, data, local, horário, como se deu o encontro, como se chegou até essa entrevistada, quais foram as formas de comunicação antes da entrevista, como a entrevistada desenvolveu sua narrativa, os principais temas abordados e considerações gerais sobre aspectos que serão aprofundados nos capítulos seguintes.

O capítulo três “Envelhecimento feminino e relações amorosas” realiza um levantamento sobre o processo de envelhecimento das mulheres na atualidade. Investigam-se conceitos como velhice, terceira idade, envelhecimento, as construções e representações sociais sobre essa fase da vida, além de um histórico sucinto sobre esse campo de estudos. Será realizada uma exploração sobre de que forma o envelhecer influi nas relações sociais, amorosas e sexuais dessas mulheres, apresentando distintas maneiras de lidar com o envelhecer nas narrativas, enfatizando as singularidades de cada relato.

O capítulo seguinte expõe uma breve discussão sobre romantismo, amor e sexualidade. Pretende-se analisar a forma como são contadas essas histórias de amor e

⁶ Os entrevistados são escolhidos a partir de indicações de conhecidos do pesquisador e posteriormente, os próprios entrevistados indicam outros entrevistados (técnica conhecida por “snowball”).

questionar onde se encaixam amor, paixão, companheirismo e sexo nesse contexto. É um capítulo que nasce a partir dos trechos de entrevistas e sua relação com o trabalho de autores que abordam a história do amor e da sexualidade no Brasil. Busca-se analisar também as subjetividades a partir da construção da narrativa sobre os relacionamentos amorosos.

Por fim, as considerações finais apresentarão os principais pontos discutidos ao decorrer do trabalho, possíveis temas a serem considerados em pesquisas posteriores e os aprendizados metodológicos possibilitados pelo projeto.

1.2 Metodologia

No campo de história oral discute-se que a qualidade da relação entrevistador/entrevistado é essencial para o sucesso na construção das narrativas e, conseqüentemente, dos trabalhos que dessas decorrem. Um comportamento cordial e amigável de ambas as partes é recomendado pelos teóricos da área como importante ferramenta para incentivar a naturalidade na fala do entrevistado. (ALBERTI, 2005; MEIHY, 2002; DELGADO, 2006) Porém, tratando-se de perguntas que entram em um campo tão particular das entrevistadas e que geram relatos envoltos em muitos sentimentos, foi necessária mais do que cordialidade, fez-se necessária a construção de uma relação terna e afetiva entre entrevistadora e entrevistadas.

Durante esta sessão, pretende-se discorrer sobre as principais questões metodológicas que guiaram a pesquisa entrelaçadas às experiências vividas pela entrevistadora. Neste projeto, foram realizadas nove entrevistas, sendo uma delas com duas entrevistadas (tia e sobrinha com mesma idade). Referências às entrevistas realizadas no projeto anterior também foram feitas no decorrer do texto.

Como foi citado na Introdução, o que suscitou o interesse pelas histórias de amor de idosos foi o relato de uma senhora em uma entrevista temática sobre imigração italiana. Aparecida pouco falou de seu pai que havia imigrado da Itália e das tradições italianas que mantinham em casa, a entrevistada privilegiou, em seu relato, os flertes, paqueras e namoros que teve durante a vida. Como a entrevista ocorreu logo no início do projeto “Memória da canção italiana entre imigrantes da Mooca” a entrevista foi conduzida pela orientadora Prof.^a Dr.^a Valéria Barbosa de Magalhães. Percebendo nossa vontade de ouvir sobre a cultura italiana, ela buscava em sua memória alguns relatos, mas sempre voltava a contar sobre sua vida amorosa.

a. Agora eu sei um pouco mais [de italiano] porque eu converso com muita gente que é, né? Outro dia mesmo eu encontrei um homem no ônibus então ele falou:

“Guarda, quanto é bella!”. Isso já faz tempo!

e. Aí a senhora entendeu tudo, né?

a. Eu falei assim: “obrigada”. Eu tava sentada perto dele, até quando eu levantei ele fez: “Bella!” (risos) Também não contei pra ninguém, né? Fica até chato, né?

Eu falei meu Deus do céu! Mas é... E aí tava falando da minha mãe. (Aparecida)

No trecho apresentado acima, Aparecida estava falando sobre sua relação com a língua italiana e se lembra de quando foi abordada por um italiano no ônibus. O homem a elogiou em italiano e ela entendeu e agradeceu. Durante a entrevista, ela valorizou as histórias nas quais se sentiu atraente ou foi elogiada por sua beleza ou se interessou por algum homem.

No momento daquela pesquisa, eu pensava que a relação da entrevistada com seus relacionamentos amorosos não seria importante. Porém, ao observar a abordagem da professora Valéria, percebi que ela incentivava a fala da entrevistada, como um todo, incluindo os relatos amorosos de Aparecida. Ao conversar com a professora compreendi que ouvir o que não esperamos do entrevistado faz parte do processo de entrevista e abre outras possibilidades de pesquisa ou, até mesmo, permite a compreensão de outras variáveis no mesmo projeto. Portelli (1997) considera que:

[...]se ouvirmos e mantivermos flexível nossa pauta de trabalho, a fim de incluir não só aquilo que acreditamos querer ouvir, mas também o que a outra pessoa considera importante dizer, nossas descobertas sempre vão superar nossas expectativas. (PORTELLI, 1997, p. 22)

Foi o que ocorreu com a entrevista de Aparecida⁷, possibilitando o desenvolvimento da atual pesquisa.

Desde a primeira entrevista, tanto do projeto anterior⁸ quanto do presente projeto, minha abordagem como entrevistadora mudou muito e isso se tornou notável quando resolvi escutar todas as gravações novamente. Com o desenvolvimento do projeto e a maior prática em realizar as entrevistas, foi possível criar uma relação mais próxima às entrevistadas, buscou-se criar um ambiente mais íntimo que proporcionou que os relatos surgissem com maior fluidez e naturalidade. Dessa forma, percebe-se a importância de ouvir as gravações algumas vezes durante o desenvolvimento da pesquisa.

⁷ Aparecida, primeira entrevistada do projeto “Memória da canção italiana entre imigrantes da Mooca”, faleceu em dezembro de 2013, sem saber que o seu relato deu origem a toda um caminho de pesquisa que guiaria a vida acadêmica da pesquisadora aspirante que a entrevistou em sua casa.

⁸ “Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero” foi o Trabalho de Conclusão de Curso concluído em 2013 na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP pela pesquisadora.

Ouvir novamente cada uma das gravações é revisitar três aspectos importantes da entrevista: o entrevistado, o local da entrevista e a forma como o pesquisador/entrevistador pensava naquele momento. Ao voltar os ouvidos ao entrevistado, à sua voz, aos seus vícios de linguagem, suas vírgulas e reticências, busca-se a compreensão das escolhas, do que foi dito e do que não foi dito, e principalmente, o como foi dito. Ao voltar a atenção para o local onde se deu a entrevista, surgem os ruídos, as cores, os cheiros, os móveis, as janelas, o telefone que toca, os sons da construção lá fora: são elementos que quando reconstruídos na mente do entrevistador podem gerar novos questionamentos e auxiliar na compreensão das lacunas da entrevista. Focar naquilo que o entrevistador pensava, e até mesmo vivia, no momento da entrevista é reconstruir conexões, hipóteses e leituras feitas à época. O quanto tal autor está agarrado a essa pergunta? O quanto o trânsito enfrentado antes da entrevista me impediu de dar a devida atenção a essa frase? E se eu tivesse perguntado mais uma vez de outra forma

Apenas a análise constante da metodologia aplicada ao projeto de pesquisa pode possibilitar o aprimoramento em sua aplicação. Por nascer a partir do contato entrevistador e entrevistado, a história oral não segue uma fórmula exata e imutável, cada fase da pesquisa tem diferentes características, que vão alterando as relações construídas dentro e fora das entrevistas. (CONSTANTINO, 2006)

A análise desses três aspectos - o entrevistado, o local da entrevista e os pensamentos do pesquisador/entrevistador no momento da entrevista – permitiu compreender melhor a minha própria maneira de realizar entrevistas, de estabelecer vínculos com as entrevistadas e de elaborar perguntas. E a partir dessas questões, foram eleitos alguns pontos que considerei essenciais para o aperfeiçoamento do processo de entrevista.

Inicialmente, havia um maior rigor quanto à formulação de perguntas no momento das entrevistas, cada palavra era rigidamente escolhida buscando a neutralidade esperada como pesquisadora. A insegurança e a ansiedade como pesquisadora geraram algumas respostas secas, interrompidas, incompletas, que faziam com que eu me sentisse como uma invasora na casa das entrevistadas, alguém que está pedindo um favor e não teria como retribuir, alguém que não aceitaria nem um copo de água.

Subjetividade é a palavra-chave que apareceu inúmeras vezes nos textos sobre história oral que li e sempre desconsiderei como aquela palavra que não compreendemos e pulamos para tentar entender o contexto. A subjetividade parecia-me um elemento mágico, profundo e inalcançável.

O processo de mudança de abordagem ocorreu de forma gradual, sem que eu percebesse. Resolvi, então, ouvir novamente todas as gravações, incluindo aquelas realizadas no projeto de conclusão de curso, algumas semanas após a oitava entrevista do presente projeto. Naquele momento da pesquisa, a maior parte das entrevistas havia sido realizada e ouvi-las de novo incentivou a análise do processo de abordagem mais do que a alteração de pontos específicos nas últimas entrevistas que seriam feitas.

Essas mulheres sempre me receberam como se eu fosse uma visita querida e esperada, uma parente distante que não aparecia há anos e nisso se centrava minha dificuldade em corresponder a esse grau de intimidade. Aos poucos, fui me sentindo como uma neta que vai visitar sua avó, ou como alguém que vai visitar a madrinha ou a tia querida. Portelli (1997) recomenda que “[...] em vez de irmos a casa de alguém e tomarmos seu tempo a lhe fazer perguntas, vamos a casa dessa pessoa e iniciamos uma conversa. A arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir.” (p. 21/22)

Acrescentaria às palavras de Portelli (1997) que a arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir, sentir e perceber. Ao entrar nas casas comecei a sentir o cheiro desses lares, a perceber as roupas com as quais essas mulheres me recebiam, a olhar os bibelôs na estante e a toalha feita de fuxico na cozinha. Mostrando respeito por elas, busquei agir como se estivesse à vontade, acolhida por aquelas que desejavam me acolher. Claro que tal proximidade variou de acordo com a personalidade da entrevistada, algumas se sentiram bem logo no começo, enquanto outras demoraram um pouco a se adaptar.

Pequenos gestos como acariciar o gato ou o cachorro da família, cumprimentar a todos presentes com um beijo no rosto e aceitar o cafezinho da tarde fizeram toda a diferença. Foi por meio desse vínculo que eu comecei a adentrar mais na vida dessas mulheres, não só em seus discursos, mas em suas emoções.

Portelli (1997) cita o caso de uma entrevistada que o contou, anos depois, que só conversou com ele porque ele “entrou e sentou. Não ficou procurando lugar limpo onde botar o traseiro”. (p. 21) Segundo o autor, é necessário ter boas maneiras, comprometer-se com a honestidade através do respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos.

Ter boas maneiras não significa apenas falar em um tom de voz agradável, dizer “muito obrigado”, sentar onde nos mandam sentar, tomar o café ou o vinho que nos oferecem (PORTELLI, 1997, p. 21)

Farias (2015) considera que ter boas maneiras é permitir que o diálogo aconteça, mas também não se anular, buscando concordar com tudo que o entrevistado fala. Há maneiras educadas e agradáveis de discordância que possibilitam ricos diálogos.

Creio que a maior dificuldade de abordagem neste projeto tenha se dado quando decidi tratar sobre a sexualidade dessas mulheres. Partindo do fato de que tenho idade para ser neta da maioria delas (e de que nunca teria coragem para falar sobre sexualidade com a minha avó) esta questão se tornou um problema para mim. Como abordar delicadamente? Como não quebrar o ritmo da entrevista? O que elas pensariam?

Durante os comentários da Banca de Qualificação, o arguidor Ricardo Santhiago levantou a questão se o problema da sexualidade não estava na minha abordagem. Para esclarecer, ele usou o exemplo de algumas entrevistas de Daphne Patai a que ele teve acesso, nas quais ela perguntou de forma muito objetiva às entrevistadas se já haviam realizado algum aborto. E, segundo ele, as respostas eram sinceras, com menos filtros do que se Daphne tivesse introduzido explicando a delicadeza da pergunta, constrangida ao invadir a intimidade da entrevistada. Ao pensar sobre, percebi que sexualidade era um problema para mim e não necessariamente para as entrevistadas. O medo de desrespeitá-las era tão grande que eu sentia imensa vergonha de perguntar sobre o assunto.

Ao ouvir com “outros ouvidos”, mais críticos e atentos, as entrevistas realizadas percebi que sempre houve uma abertura para a intimidade, para a sexualidade exercida e percebida pelas entrevistadas. Mesmo nas primeiras entrevistas com mulheres da faixa etária entre sessenta e setenta e cinco anos a demanda da sexualidade aparecia nas gravações e minhas reações, por vezes, mostravam dificuldade em dar sequência no assunto e adentrar os detalhes.

Martha, de sessenta e um anos, entrevistada da primeira fase do projeto (TCC), falou sobre como ela e suas amigas se comportavam sexualmente e como fugiam dos olhos rígidos dos pais para ter relação com seu namorado.

m. Não foi assim que nem hoje em dia, que as meninas ficam e já ficam (*ênfase*). Não, naquela época não. Você namorava, muitas casavam virgens. Era bem difícil. Não tinha esse negócio de... Não tinha motel, como é que chamava aqueles que você entra... Drive-in. Eu nunca fui num drive-in, né? Que a gente ficava mais junto era aqui na casa dele, que morava aqui, né? Que a mãe dele ia dormir e deixava a gente, não estava nem aí, né?

e. Tinha muito drive-in? Como é que era?

m. Nossa, tinha! Tinha bastante. Nossa, na Vila Prudente tinha muito, na Avenida do Estado. Tinha muito drive-in, nós nunca fomos. Namorar dentro do carro a gente não namorava, que naquela época não dava mais para ficar na rua, ainda mais em um jipe, né? (Martha)

No início de sua fala Martha enfatiza a palavra “ficar” como metáfora para relações sexuais, enquanto Maria Lucia, de sessenta anos, que foi entrevistada junto com seu esposo também durante a primeira fase do projeto (TCC), usava a palavra “namorar” para contar sobre suas experiências sexuais.

A gente ia acampar, era bom que a gente deixava eles (os filhos) na barraca, a gente saía, ia para as outras praias a pé, nadava para o fundo do mar, namorar, andar. Vixe, a gente curtiu muito! Namoramos até... Namorar nós namoramos até hoje ainda, né? (Maria Lucia)

A fala de Maria Lucia levantou mais uma questão de imensa importância no projeto: a sexualidade das idosas no tempo presente. Essas mulheres têm vida sexual ativa? Se sim, como se sentem em relação a isso, no momento da velhice? Elas sentem desejo? Quais as diferenças de exercer sua sexualidade na juventude e durante o envelhecimento? Quando Maria Lucia pontuou que ela e seu esposo “namoram até hoje” ela lembrou que pessoas que têm um longo relacionamento ainda têm relações sexuais e que pessoas com mais de sessenta anos também fazem sexo. Ao estudar as representações sociais da velhice e tentar compreender o contexto dessas mulheres que estão envelhecendo no cenário atual, deparei-me com a permanência de diversos estereótipos relacionados ao idoso e, entre eles, destaca-se a “velhice assexuada”. Ou seja, o idoso é tido como ser assexuado, que não possui mais desejo, pensar em um idoso com vida sexual ativa chega a ser motivo de escárnio, quando se trata de uma idosa, então, a sociedade prefere nem cogitar tal possibilidade. (FERNANDES; GARCIA, 2010; DEBERT, 2004)

A entrevistada Estela, de sessenta e um anos, ouvida na fase atual do projeto, ilustra bem esse estigma. Ela tem um namorado de vinte e três anos e seu neto a proíbe de dormir com ele no mesmo quarto. Foi difícil compreender que eu também carregava boa parte dos estereótipos do envelhecimento e como pesquisadora, deveria me desprender deles. Deveria buscar, então, formas de desconstruir o estereotipo da avó, mulher doce e afetiva, conservadora e tradicional, religiosa e, principalmente, assexuada, no meu imaginário.

Dessa forma, busquei agir da forma mais confortável possível com as entrevistadas, quando o tema era delicado, como a sexualidade. Por mais que buscasse um encontro

reflexivo, meus preconceitos buscavam por um conservadorismo. Eu temia ter que questioná-las sobre suas opiniões, sobre seus modos de ver o mundo.

Inconscientemente, quis fugir às discussões, desejei entrevistar sem dialogar, por mais paradoxal que pareça. Bosi (1994) reflete sobre a forma como a sociedade nega o diálogo com o velho.

Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação. (BOSI, 1994, p. 78)

Ao me afastar de tal discriminação, cada uma das entrevistas se mostrou surpreendente. As narrativas foram, felizmente, repletas de tensões, idas e vindas entre progressismo e conservadorismo, questionamentos e reflexões dessas mulheres baseadas em suas experiências.

Nada aparece e substitui o outro abruptamente e completamente, o novo insiste em nascer enquanto o antigo resiste. Sendo assim, a história emerge de tensões e relações. Refleti, então, sobre como poderia enxergar potência nessa relação entrevistadora/entrevistada e não uma espécie de invasão às vidas dessas mulheres. Eu seria uma possibilidade delas falarem, relatarem e perguntarem sobre sexualidade a uma mulher mais jovem e mais do que isso: seria a possibilidade delas serem ouvidas como mulheres, e não representando seus papéis de avós ou senhoras idosas.

No decorrer das entrevistas, as conversas tornavam-se cada vez mais divertidas e, principalmente, reflexivas. A abordagem das temáticas da sexualidade e do envelhecimento abriu caminho para as reflexões das próprias entrevistadas sobre sua realidade, sobre o hoje. As entrevistadas usualmente disseram: “não sei, nunca pensei sobre isso.” e em seguida começavam a construir uma reflexão acerca dos temas da sexualidade e do amor.

Propõe-se, assim, a história oral como uma oportunidade de reflexão sobre as experiências vividas do entrevistado. Kofes e Piscitelli (1997) consideram que o intercâmbio de experiências se atualiza no ato de narrar e assim, traçam uma conexão entre experiência, narrativa e memória. Conceitualizando experiência como aquela que se refere ao sujeito em ação, que pensa sobre ela e a reformula.

A história oral é a elaboração de relações entre entrevistador e entrevistado, baseada na comunicação e na troca. É uma arte que cria conexões entre “passado/presente/devir, entre público e privado, entre história e autobiografia, entre oralidade e escrita, entre pessoas entrevistadas e pessoas que entrevistam.” (FARIAS, 2015, p. 6) Ao narrar suas experiências, o entrevistado se insere em um contexto histórico-cultural e reflete sobre elas a partir da transição entre passado e presente. Os entrevistados costumam organizar seus pensamentos e vivências de forma que esses pareçam coerentes (para eles) durante a entrevista. Apesar disso, as incoerências e incertezas aparecem em todos os relatos. Argumentos recém-construídos são desconstruídos em seguida e nem por isso deixam de fazer sentido, apenas tornam-se mais complexos. Durante a entrevista, emerge uma carga de pensamentos, lembranças e reflexões, tudo permeado por emoções. Por isso, a oralidade nos traz subjetividades que o relato escrito é incapaz de trazer. Segundo Constantino (2006) as pessoas buscam construir relatos coerentes porque nem sempre foram coerentes: elas amadureceram, mudaram em infinitos aspectos, mas apresentam-se como se houvesse uma linearidade no ser, sem conflitos e contradições, “como se tivessem sido sempre assim. Trata-se da moldura do presente.” (CONSTANTINO, 2006, p. 71)

Outra grande dificuldade enfrentada no projeto foi realizar algumas entrevistas. Houve entrevistadas que se mostraram interessadas pelo projeto, porém foi difícil marcar os encontros. Desde o princípio das entrevistas, foram contatadas aproximadamente vinte mulheres e, destas, apenas nove foram gravadas. Sendo uma delas com duas irmãs.

Houve também uma gravação com duas irmãs que foi perdida, o gravador corrompeu o arquivo, impossibilitando sua utilização. Como a entrevista perdida havia sido produtiva e as entrevistadas pareceram extremamente confortáveis, liguei contando sobre o ocorrido e elas aceitaram marcar um segundo encontro que, nunca aconteceu, devido à indisponibilidade das entrevistadas nos horários propostos. Elas não foram as únicas, outras mulheres contatadas disseram estar muito ocupadas naquele dia, no seguinte e nos que vieram depois, apenas duas delas disseram claramente que não tinham interesse em participar da entrevista, porém, apenas após cerca de três ligações. Questiono se essas senhoras não queriam fazer a entrevista e tiveram vergonha de falar a princípio, se realmente estavam ocupadas e deixaram a entrevista em segundo plano ou se desistiram da ideia ao pensar com calma.

Outras pessoas contatadas justificaram a impossibilidade de realização da entrevista por falta de tempo com frases como: “nesta semana eu não posso, tenho que ir ao médico” ou “hoje eu não posso porque tenho que ir ao mercado.”

Todas as recusas foram indicadas por conhecidos e em um primeiro momento, quando abordadas por eles, aceitaram participar da entrevista. Quando receberam meu telefonema, adiaram o encontro até que eu desistisse de ligar. Todas que o fizeram me trataram de forma bastante polida e simpática. Tal aspecto fez com que o número de entrevistas se limitasse, porém gerou uma espécie de “seleção natural” daquelas que realmente estavam dispostas a dividir suas memórias com o projeto.

Mesmo aquelas que aceitaram participar e que, em seguida, marcaram as entrevistas, em sua maioria, diziam que não atenderiam às expectativas da entrevista, que não tinham o que contar ou ainda que suas vidas amorosas e familiares eram banais e desinteressantes. Talvez esse tenha sido um dos motivos que levou outras possíveis entrevistadas a não participarem das entrevistas.

Paula, por exemplo, disse ao telefone que gostaria de me ajudar com a pesquisa, mas que não tinha muita coisa para contar e repetiu o mesmo ao início da entrevista. Porém, ao fim da gravação com aproximadamente uma hora de duração, ela diz:

p. O que você quer saber mais? (*se surpreende*) E eu já falei tudo isso!

e. Tá vendo? Você falou para mim que não tinha nada para contar.

p. Mas se for contar, seis meses não dá! (Risos) (Paula)

Ivone também se dispôs a fazer a entrevista, mas disse que não teria muito a contar, principalmente pelo fato de ser solteira. Antes mesmo de a gravação começar, ela já estava empolgada lembrando de sua infância e adolescência junto a irmã. No início da gravação, a entrevistada disse que foi lembrando de vários acontecimentos. “Ah, como é gostoso falar dessas coisas!” (Ivone) Outras vezes, elas pararam de contar algo no meio porque consideravam que aquilo não interessaria ou fugiria muito do tema. E eu tentei convencê-las de que aquela parte de sua história também era importante para a pesquisa.

A desvalorização de suas próprias histórias remete a desvalorização das histórias das pessoas comuns em confronto com as histórias oficiais ou institucionalizadas, além da desvalorização do idoso pela sociedade que propaga valores culturais que enaltecem o novo e ridicularizam o antigo e o velho (GOLDMAN, 2004).

As entrevistadas não consideraram suas histórias importantes o bastante para serem gravadas e estudadas por alguém. Em um tempo em que o ouvir é tão raro, no qual o

individualismo e o imediato reinam soberanos, por que escutar as histórias de quem teve uma vida tão normal? Bosi (1994) considera que lembrar é uma obrigação social atribuída ao velho. Porém, nem todas as sociedades esperam ou desejam que os mais velhos cumpram essa função.

1.2.1 Procedimentos técnicos e análise

As perguntas feitas nas nove entrevistas realizadas tomaram como base o roteiro temático, que foi elaborado anteriormente ao início do processo de entrevistas inspirado nos objetivos do projeto. Esse roteiro visou auxiliar na condução da entrevista, para que essa se desse a partir das questões mais significativas (FREITAS, 2006). Apesar de seguirem um roteiro temático⁹, as entrevistas foram realizadas dando liberdade às falas das entrevistadas, deixando que os relatos se construíssem na forma e ritmo que elas desejaram.

Nessas entrevistas, foi inserido também um questionário fechado socioeconômico¹⁰, ao início da gravação. A aplicação do questionário socioeconômico levou aproximadamente cinco minutos, tempo que pareceu adequado para que não houvesse um desgaste das entrevistadas antes da realização da entrevista em si. O questionário socioeconômico possibilitou uma análise mais detalhada dos contextos de vida das entrevistadas, que serão abordados nos capítulos seguintes.

As narrativas foram coletadas por meio de gravações digitais e, em seguida passaram por um cuidadoso processo de transcrição. Tratando-se da transcrição, McCleary (2011) ressalta que “nessa questão de oralidade nem tudo é dito em palavras, mas expresso com o corpo vivo, a expressão facial e a voz” (MCCLEARY, 2011, p.105). Ou seja, é importante que sejam descritas as emoções demonstradas pelos entrevistados durante as falas, os sons que ocorrem durante a gravação (telefone, carros, televisão) e possíveis interrupções durante a entrevista. Já que estes possíveis acontecimentos podem causar mudanças nas falas dos entrevistados, remeter a outras lembranças ou interromper certo assunto. Portanto, este estilo de transcrição minuciosa apresenta intenções que dificilmente são apresentadas na forma oral, mas que, por vezes, são essenciais para a pesquisa. Sendo assim, a transcrição é “um primeiro e decisivo esforço de traduzir para a linguagem escrita àquilo que foi gravado” (ALBERTI, 2000, p.174).

⁹ Ver em Apêndice II.

¹⁰ Ver Apêndice III.

Buscou-se transcrever as gravações em um período próximo da realização da entrevista para facilitar o processo de compreensão do áudio. Quanto mais próximo é o processo de transcrição da entrevista, mais fácil fica lembrar do relato, sons externos, gestos e, assim, correlacionar anotações de caderno de campo à transcrição.

As transcrições foram revisadas com o objetivo de corrigir algum possível erro de compreensão, preencher lacunas e corrigir grafias de determinadas palavras. Posteriormente, as transcrições foram reelaboradas de forma que a escrita se tornou compreensível e fluida, respeitando os tempos, pausas e silêncios da narrativa. Também foram incluídas algumas anotações presentes no caderno de campo, referentes a ações e emoções percebidas durante a entrevista.

A duração das gravações pode variar muito de acordo com a dinâmica de cada situação de entrevista. Porém, a maioria das entrevistas realizadas¹¹ duraram entre uma hora e uma hora e meia. O uso das histórias de vida foi autorizado pelas entrevistadas por meio de carta de cessão¹² e foi entregue a elas uma carta de agradecimento, como prova documental de sua participação no projeto.

Para facilitar a análise das entrevistas foram elaborados marcadores temáticos, tal sistematização constituiu-se em separar os trechos de cada entrevista relacionados a determinado tema. Para esse trabalho foram determinados quatorze marcadores com os seguintes temas: bailes, vida noturna e lazer; casamento; educação; envelhecimento; filhos; machismo; paqueras, namoros e paixões; papel da mulher e mudanças na sociedade; relação com os pais e família; religião e crenças; sexualidade e envelhecimento; trabalho; envelhecimento dos outros e virgindade e sexualidade.

Esses temas foram escolhidos a partir dos objetivos da pesquisa e recorrência de temas citados. Temas que não constituem o objetivo principal da pesquisa como “bailes, vida noturna e lazer”, por exemplo, não previstos inicialmente, mas que apareceram com frequência nos relatos das entrevistadas. A partir dos marcadores definidos, buscou-se relacionar os trechos de entrevistas (contextualizados a realidade das entrevistadas) aos textos lidos de forma crítica e reflexiva.

¹¹ Incluindo as entrevistas realizadas para o projeto anterior “Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero” (TCC).

¹² Ver apêndice III.

2. REDE DE ENTREVISTADAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Esse capítulo pretendeu descrever a formação da rede de entrevistadas, a forma como a pesquisadora teve contato com cada uma delas, quando, onde e como ocorreu cada entrevista. As entrevistadas não tinham nenhuma relação entre si e foram indicadas por conhecidos da pesquisadora. Apenas um nome foi alterado devido a um relato íntimo sobre o casamento conflituoso da entrevistada e seu receio de exposição, enquanto os outros nomes correspondem à forma como as entrevistadas se identificam, seja com seu primeiro nome, segundo nome ou apelido¹³. Todos os nomes de terceiros foram alterados visando protegê-los de possíveis inconvenientes, a pedido das entrevistadas.¹⁴

Buscou-se também apresentar as entrevistadas e suas narrativas, falando brevemente sobre seus perfis socioeconômicos, suas origens familiares, suas formações escolares, vidas profissionais e as formas como se construíram seus relatos. Alguns trechos de entrevistas são apresentados neste capítulo visando, introduzir as falas das entrevistadas, seus ritmos e formas de expressão.

Todas as interlocutoras se identificaram como brancas e, ao responderem o questionário socioeconômico, se consideraram de classe média, porém seus níveis educacionais, status civis e religiões variaram, conforme será apresentado em seguida. Para facilitar o acesso ao perfil das entrevistadas, foi elaborada uma tabela¹⁵, disponível no apêndice.

Quanto à religião, duas entrevistadas são católicas, duas são espíritas, uma é umbandista e três são evangélicas. Relacionado à ocupação, três são donas de casa atualmente, mas já tiveram outras ocupações na juventude; três são aposentadas e três seguem atuantes em profissões diversas. Referente à escolaridade, uma entrevistada tem o Fundamental completo, três têm o Ensino Médio e cinco possuem Ensino Superior. Relativo ao estado civil duas mulheres são solteiras, cinco casadas, uma separada e uma viúva. Quatro das entrevistadas têm dois filhos, duas têm três filhos, uma tem um filho e duas não têm filhos.

¹³ Como citado na sessão metodologia, todas as entrevistadas assinaram uma carta de cessão autorizando o uso da entrevista gravada.

¹⁴ Algumas entrevistadas pediram para que o nome de terceiros fosse alterado, mesmo que seus próprios nomes fossem expostos.

¹⁵ Ver Apêndice I.

A seguir, as entrevistadas serão apresentadas na ordem em que as entrevistas foram realizadas. O sentido coletivo dos relatos e a relação entre as entrevistas serão explicados nos capítulos seguintes.

2.1 Rosely

A entrevista com Rosely foi realizada no dia três de outubro de 2014, às dezoito horas no escritório da entrevistada, localizado no bairro da Mooca. A entrevistada foi indicada por uma colega do mestrado e os primeiros contatos se deram através de alguns telefonemas e mensagens. Na ocasião, o escritório estava passando por uma reforma e por isso houve algumas interrupções durante a entrevista e os ríspidos sons das máquinas, furadeiras e martelos nos acompanharam durante toda a gravação. Rosely me recebeu muito polidamente no primeiro cômodo do sobrado e fechou a janela que dava para rua no intuito de abafar o som vindo da empresa localizada no outro lado da rua, onde ocorria uma festa com música alta e pessoas conversando. Sentamos frente a frente e após preenchermos o questionário socioeconômico, a ficha de entrevista e o termo de compromisso iniciamos a gravação, que durou quarenta minutos.

Rosely tem sessenta e um anos, é solteira e sem filhos. Ela mora com a mãe de oitenta e oito anos na Mooca, na mesma casa desde sua infância. Seu pai é falecido e tem uma irmã seis anos mais nova que é médica, casada e tem dois filhos. É advogada em atividade, apesar de já ser aposentada pelo INSS.

A entrevistada começou a entrevista falando que é uma pessoa que “não tem muita memória”, ao falar sobre a sua infância disse que morava em uma casa grande, com piscina e os vizinhos iam brincar em sua casa:

Eu brincava muito porque eu sempre morei em casa.[...] Como a minha casa era grande a vizinhança toda vinha para a minha casa, todas as crianças para brincar. A minha casa, para os padrões da época, era uma casa assim boa, que tinha tudo, tinha piscina. A minha casa foi construída na década de 1950, final... Início dos anos 1950, tá? Então, assim para a região na época era uma casa de padrão... Vamos dizer, que seria considerado alto naquela época, tá? Então como tinha pé de pitanga no fundo, essas coisas... A criança vinha [em casa], mas se você falar assim: “Ah, você lembra muito.” Não! [...] Só o geral. Nada de coisas assim de falar que marcou ou não marcou determinadas coisas. Não! Mesmo assim depois da idade adulta, você lembra de flashes. (Rosely)

Rosely falou de alguns detalhes da sua casa, como o pé de amora no quintal, mas logo depois disse não se lembrar de muitas coisas, que determinadas coisas não a marcaram e por isso não se lembraria tão bem desses acontecimentos.

Ela estudou em um tradicional colégio católico do bairro só para meninas, fez o magistério por influência dos pais e em seguida entrou na faculdade de Direito, com apenas dezessete anos.

r. Eu fiz o magistério, né? Porque tinha aquele lance, a mãe: “Ah não, você vai fazer o magistério porque se um dia você casa você pode trabalhar meio dia. Aí você não precisa trabalhar o dia inteiro...” Eu nem sabia o que eu queria ser na vida. “É melhor, bababa bababa...” Então aí eu fiz o magistério, que era o normal, tá? Aí na... Eu formei em 1969. É, foi com uns dezessete anos [eu que entrei na faculdade] porque eu lembro que eu tive que ser emancipada.[...] Bem nova! (Rosely)

Rosely comentou que seus pais sempre a incentivaram a estudar e trabalhar. Segundo ela, os pais tinham uma visão de que os filhos não deveriam ajudar a sustentar a casa antes dos dezoito anos e, por isso, diferente de muitas pessoas de sua geração ela só começou a trabalhar aos dezenove anos, no estágio na faculdade.

Meu pai, na época, conhecia um amigo dele e ele tinha uma advogada. E essa advogada era na praça João Mendes, na cidade. Aí meu pai arrumou para eu ir estagiar lá, entendeu? Ele arrumou lá e de lá eu fui para um outro escritório. Aí eu fui trabalhar numa construtora e foi mais ou menos assim. Tudo com QI [quem indica], né? Com indicação. Não era aquele negócio que pegava jornal e ia fazer teste, ia fazer entrevista, mandava currículo... Então, eu comecei assim. Aí em 1983, eu comprei um ponto comercial aqui na Rua da Mooca, montei um escritório e comecei como liberal mesmo. (Rosely)

Ela falou sobre namoros na juventude e na idade adulta sem muitos detalhes. Explicou porquê não se casou, considerando que a valorização da individualidade sempre foi muito presente em sua vida. O tema que se alongou mais em sua entrevista foi o envelhecimento, ela relatou como se sente ao envelhecer, o que pensa do processo e como lida com essa fase de sua vida. Tais temáticas serão tratadas nos próximos capítulos do texto.

2.2 Claudete

A entrevista com Claudete ocorreu no dia vinte e sete de fevereiro de 2015 às onze horas no bairro de Santa Clara, na casa da entrevistada. Claudete mora em um apartamento e me recebeu em sua sala, sentamos em uma mesa e após organizarmos os papéis a serem preenchidos e assinados, começamos a entrevista que durou aproximadamente uma hora e quinze minutos. A entrevistada é sogra de uma prima da pesquisadora e, por isso, os primeiros contatos foram facilitados. Antes de ser convidada para entrevista, Claudete já havia conversado sobre suas histórias de amor na juventude em um evento social no qual nos encontramos, sem que ela soubesse que eu estudava

esse tema. Claudete de sessenta e quatro anos é casada e tem um casal de filhos adultos. Seu filho é casado e sua filha estava com casamento marcado, no momento da entrevista. A entrevistada fez o Ensino Normal (médio) e lecionou como professora do primário até engravidar. Quando engravidou do primeiro filho, ela e o marido decidiram que seria melhor que ela parasse de trabalhar.

Passou sua infância em uma casa no bairro do Belém e costumava ir brincar com os primos na casa deles que ficava localizada na mesma rua onde viviam. Considera que sua família era muito unida e que por isso a convivência com seus primos era tão intensa. A entrevistada fala sobre os bailinhos e os passeios na praia que fazia com seus primos, que, segundo ela, pertenciam a uma classe econômica mais alta.

Então, naquela época tinha bailinhos. Como [meus primos] eram um pouco mais velhos, com dez anos eu já participava dos bailinhos que eram deles. Reuniam todos meus primos, eles já eram adolescentes. Então colocavam discos na vitrola, tempo do rock, essas coisas. Como Cely Campelo, Beatles já vinham vindo. Então, eu e meu primo a gente dançava também, se enturmava, começamos a ir em bailinhos. Nas férias a gente ia para a praia, perto da Ponta da Praia. Naquele tempo eles tocavam violão na praia, era a coisa mais gostosa do mundo. Iam ver o mar, aquela lua, os navios, tinha uma turma muito grande. (Claudete)

Ela contou como conheceu seu primeiro namorado e atual marido com detalhes assim como o cotidiano dessa época, os bailinhos, as formaturas e a relação com seus pais e familiares, sobre seu casamento, a vida de casada e seus filhos. E, por fim, falou sobre a forma como ela e o marido lidam com o processo de envelhecimento e a visão que ela tem sobre isso.

2.3 Paula ¹⁶

Paula foi entrevistada no dia dois de junho de 2015, às quatorze horas, em sua casa localizada no bairro da Mooca. Ela me recebeu na mesa de sua cozinha, ofereceu chocolate quente e biscoitos durante o encontro e fez questão de mostrar fotos de sua família. A gravação durou uma hora e meia.

A entrevistada foi indicada por uma tia da pesquisadora, tem sessenta e três anos, é casada e tem dois filhos. Ela tem o ensino médio incompleto, é espírita kardecista e também frequenta religiões afro-brasileiras. Casou a primeira vez com dezenove anos, se divorciou após treze anos de casada, casou novamente aos trinta e oito anos e em seguida teve seu segundo filho. Interrompeu seus estudos para trabalhar como ajudante

¹⁶ Nome fictício.

de cabeleireira e só voltou a trabalhar após seu divórcio, como manicure a domicílio. Sobre a decisão de trabalhar para ajudar à família, quando jovem, a entrevistada disse:

Naquela época a opção da gente de vida era assim: ou trabalha ou estuda. Porque tinha que ajudar o pai e a mãe. O pai ganhava, era operário, então, eu falava: “Não, eu vou ajudar. Eu vou ajudar a trabalhar.” Ai você trabalhava tanto, como eu era ajudante de cabeleireira eu trabalhava tanto, que eu não tinha vontade de estudar. Tinha horário pra entrar, mas não tinha horário para sair. Você acha que você ia conseguir estudar? (Paula)

Paula começou o relato, antes mesmo que houvesse tempo para ligar o gravador, falando de paqueras de sua adolescência e da rígida educação que recebeu de seus pais. Conheceu seu primeiro marido em um baile de formatura, assim como Claudete, e descreveu o momento em que o viu pela primeira vez evocando um romantismo que acredita ser típico daquela época.

Eu entrei e assim ele estava na porta. Ai eu achei que... Ele era bonitinho. Nossa, ele era uma graça. Eu olhei para ele e ele... Naquela época se piscava, era tão romântico! Ai, não sei, hoje, me desculpe... Mas tinha um romantismo naquela época, o homem era mais bonito, eu acho que o homem era homem! Ele tinha vinte e um anos e tinha cara... Não tinha cara de moleque, sabe? Eu não sei te explicar. Então, ai começou o baile e ele veio me tirar para dançar. E eu já nem lembrava mais que eu tinha visto ele e nós dançamos a noite inteira, mas foi a noite inteira! (Paula)

Ao falar sobre como conheceu seu atual companheiro, Paula também construiu um relato rico em detalhes que será apresentado no capítulo 4. A entrevistada falou sobre os estigmas que carregou como mulher divorciada e como o seu segundo marido convive com essa situação. Ela falou sobre as dificuldades de seu casamento atual, do comportamento tempestivo de seu companheiro e de como ela busca amparar-se na religião e em sua filosofia de vida para seguir com o relacionamento. A narrativa da entrevistada apresenta as dores e angustias desse relacionamento e, ao mesmo tempo, enfatiza um modo alegre e otimista de viver.

Porque não é fácil, viu? É... Eu sobrevivo assim, eu aguento porque eu tenho um instinto bom, tenho um gênio bom. Estou sempre brincando, estou sempre cantando, estou sempre rindo.(Paula)

Paula falou das religiões que segue ou seguiu e dos ensinamentos que recebeu, considerando que tais ensinamentos possibilitam sua alegria de viver. Considerando a importância de uma visão otimista para lidar com a vida, a entrevistada cita o treino do riso que aprendeu na *sei cho no ie*.

Então, a gente não pode só reclamar da vida. Ah, eu reclamo sim, faz parte! Quando me enchem o saco, eu mando para puta que pariu. Mas eu gosto de viver

assim, eu gosto de viver alegre. Eu não gosto que ninguém tole minha alegria. E tem gente aqui dentro que gosta de tolher minha alegria. [...] Você acredita que dentro da *sei cho no ie* tem o treino do riso? Eu falei assim: “Como que é isso?” Eles falam somente assim: “Gente, o riso cura câncer! O riso... vocês não acreditam?!” Porque quando você ri, eu não sei quantos nervos, musculatura a gente tem... mas tem uma quantidade de nervos, eles falam lá. Mas se você fica carrancudo você fica com um nervo a menos, uma musculatura a menos. Se você ri, você estará gesticulando tudo, sabe? Aqueles, vamos dizer, 99 músculos quando você ri e 98 quando não sorri. Então, vamos rir, né? Porque aí você renova as células. Você se cura de uma doença.(Paula)

A entrevistada falou muito sobre sua relação com o marido e com os filhos e tais relações foram usadas como base para a discussão de outros assuntos.

2.4 Marli

A entrevista ocorreu no dia nove de setembro de 2015 às nove horas em uma sala no local onde Marli trabalha. A entrevistada é colega de trabalho da mãe da pesquisadora, tem sessenta e um anos, é casada e tem três filhos, tem pós-graduação e é funcionária pública do Judiciário há mais de quarenta anos. A gravação durou uma hora e dez minutos.

Marli começou a entrevista relatando a trajetória de seus pais imigrantes de Portugal e se aprofundou nesse assunto, falando sobre a história de sua família. Falou sobre as brincadeiras de sua infância e os bailinhos de sua adolescência. Conheceu seu marido em um desses bailinhos, depois se casaram e tiveram três filhos. Entrou na faculdade de Direito depois de casada, com os filhos já adultos e se formou aos cinquenta anos.

Quando eu me casei eu sai do colegial em 1974 e aí me casei em 1975, que eu já namorava há cinco anos. E como a gente naquela época não tinha... Não era só eu, não tinha muita liberdade, de sair para cá, de viajar, de nada. A gente queria casar, era doido para casar para sair da casa dos pais. E então meio que foi por isso que a gente casou logo.[...] Eu casei, fui morar no centro. Depois meu pai já tinha idade, começou a e ficar doente, precisei voltar para perto deles. Aí comecei a reformar... Minha mãe tinha duas casas, comecei a reformar uma para a gente ficar perto dos meus pais para a gente olhar porque eles já estavam com idade. E aí reforma você sabe, né? Vai todo o dinheiro que você tem e mais um pouco. Então, a gente passou superapertado. E aí depois de quatro anos de casado nasceu minha filha e aí a prioridade é sempre dos filhos. Para estudar, que eles sempre estudaram em colégios bons e foi assim. Aí depois que eles estavam já grandes, não sei, me invoquei, sei lá. Não foi por nada, foi uma fase muito difícil da minha vida também, quando eu resolvi estudar. Porque a minha filha saiu de casa, ih, foi uma confusão danada. Acho que talvez para preencher ou sei lá, para fazer

alguma coisa, eu invoquei que ia fazer a faculdade e fiz. Me formei aos cinquenta anos. (Marli)

A entrevistada relatou a forma como conheceu seu marido, e outros acontecimentos de forma muito objetiva, sem muitos detalhes e se aprofundou mais em questões voltadas para o trabalho. Ela contou sua trajetória de trabalho, que foi o foco de sua narrativa:

Eu comecei a trabalhar com dezoito anos, solteira, né? E comecei a trabalhar em uma escolinha, escolinha não, já era uma escola grande, aqui no Civitatis. E fiquei dois anos lá, adorava, era maravilhoso. Eu era auxiliar de ensino.[...] Ficava a professora e eu na sala e a gente dividia. E eu adorei também, era uma delícia. E aí eu entrei, falei: “Ah, vou fazer Pedagogia ou Psicologia, alguma coisa nessa linha.” Que eu adorei trabalhar com as crianças. Mas eu tinha um vizinho oficial de justiça que me influenciou, me influenciou não. Ele me pegou e falou assim: “Ó, tal dia é o concurso de escrevente, é ótimo, você vai ganhar bem. Aí você fica bem para o resto da sua vida, não sei o que...” Falei: “Tá bom!” Fui, fiz a prova e passei.[...] E era para ganhar exatamente o dobro do que eu ganhava na escolinha. Então, o dinheiro chama a gente, né? Na verdade, com dezoito anos você não tem...[...] Com dezoito anos não tinha uma cabeça madura. E aí fui, nossa, detestei. Eu chorava de saudade das crianças e outra, eu nem sabia ir para o centro. Fui criada na Vila Prudente. Não saia sozinha, né? Não era como hoje que a menina toma ônibus, vai para cá, vai para lá. Não ia, não ia. Quando eu me vi às sete da noite, que era o horário de saída, no escuro, no centro da cidade, aquilo me dava uma paúra, uma coisa... Como chama essa doença que tem agora? Essa...

e. Síndrome do pânico?

m. Síndrome do pânico. Nossa, eu ficava assim, eu ficava maluca.[...] Então eu fiquei nessa angústia até eu sair às seis horas para poder ir na escola direitinho. Mas aí você vai se acostumando, você vai pegando amizade com as pessoas, vai se acostumando com o serviço. Fiquei cinco anos no fórum central, foi bom eu gostava de lá, mas era uma coisa muito, um cartório tumultuado, muito cheio de serviço, serviço que não acabava mais. Era de acidente de trabalho, né? Uma coisa que não tinha fim. Aí nasceu minha filha e eu lá. E minha mãe cuidando dela, né? Então eu queria vir para a Vila Prudente. Até que surgiu uma oportunidade, uma amiga minha me chamou para vir para a Vila Prudente, quando inaugurou o fórum da Vila Prudente. Aí eu vim e estou aqui até hoje. (Risos)

(Marli)

A entrevistada falou também sobre a educação que recebeu, considerando que foi filha temporã e que por isso seus pais a criaram de um modo mais conservador do que a maior parte das mulheres de sua geração. Marli se considera uma pessoa com valores tradicionais que tentou educar seus filhos a partir de tais valores. Ela falou também sobre sexualidade, seu processo de envelhecimento e mudança do papel da mulher na

sociedade, principalmente no âmbito do trabalho. Ao término da gravação, Marli falou o que pensa sobre a mídia e televisão de hoje em dia, considerando que as novelas são exageradamente sexuais e violentas.

2.5 Lucinha

A entrevista foi realizada no dia doze de setembro de 2015 às oito horas da manhã na casa da entrevistada, que fica localizada ao lado da igreja onde seu esposo é pastor, no bairro da Mooca. Lucinha, sessenta e um anos, foi indicada por uma amiga da pesquisadora, que é membro da igreja que a entrevistada frequenta. A gravação durou uma hora e quinze.

Nascida em Catanduva no interior de São Paulo, Lucinha é a mais nova de oito irmãos. Filha de um comerciante italiano, ela recebeu educação evangélica e segue a religião até hoje. Foi professora da educação infantil e hoje em dia está aposentada, é casada e tem três filhos. A entrevistada relatou que sua infância foi atípica porque sua mãe a teve com mais de quarenta anos, coisa rara na época. Por ser criada por pais “idosos”, muitas vezes seus irmãos cumpriram a função de pais, protegendo-a e a orientando. Os irmãos mais velhos tinham boas condições financeiras e a presenteavam na infância, enquanto as irmãs a orientaram sobre as mudanças de seu corpo na adolescência.

Meu pai sempre esteve muito bem financeiramente, eu nasci e morei numa casa, essas casas enormes de interior, com tudo, entendeu? Só que sem exageros, meu pai era uma pessoa muito sensata. E eu tive uma infância proporcionada pelos meus dois irmãos, os dois mais velhos. [...] Meus irmãos sempre... A gente é muito unido, sempre fomos muito queridos por todos. Porém eu tive essa infância, mas eu tive uma adolescência e juventude com eles começando a ter problemas de saúde, doença, os comportamentos da velhice. Então, meus irmãos sempre falam: “Lu, você teve uma infância que nós não tivemos.” Porém eu tive também uma adolescência que eles não tiveram porque todos já eram casados, né?
(Lucinha)

Lucinha frequenta a Assembleia de Deus desde criança influenciada pelos pais e irmãos, é membro ativo da comunidade e, como citado, seu esposo é pastor da igreja. Ela narrou sua trajetória de vida sempre entrelaçando os acontecimentos de seu ambiente familiar ao cotidiano da igreja. É notável o quanto os valores da igreja influenciaram em sua educação e na forma como conduziu sua vida. A entrevistada falou sobre vivências de sua juventude com os amigos da igreja:

O frequentar a igreja, vamos dizer assim, é um grupo social, tá? É um grupo social que você está ali envolvida. Então, as amizades acabam sendo...[...] Mas os

interesses acabam sendo os mesmos, semelhantes a quem convive com você. Então, os meus amigos e colegas de juventude eram da igreja. Tínhamos uma vida diferente, era mais severa até do que hoje, severo não, mas a gente tinha mais... Era mais reclusado, isso nunca me incomodou, eu sempre fui muito feliz com tudo isso. Então, meu namoro foi com atividades envolvidas com a igreja. Passeios envolvidos com a igreja, passeios envolvidos com a igreja. Então tinha aquelas[...] Saídas era com esse pessoal, então você acabava... Eram semelhantes as atitudes, não vou dizer iguais. Mas a gente tinha os mesmos interesses, propósitos, trabalhos voltados para a comunidade, trabalhos voltados para lazer, tudo era com eles. (Lucinha)

A entrevistada falou sobre como começou o relacionamento com o seu marido, o que pensa das mudanças na sociedade em relação à inserção da mulher no mundo do trabalho e a formação de novos modelos de família e casais homoafetivos. Como já citado, a narrativa de Lucinha é marcada pela forte presença da igreja evangélica, mas é interessante perceber os espaços de autonomia que entrevistada constrói a partir de seus valores religiosos. Tal discussão será aprofundada no capítulo 4.

2.6 Estela

A entrevista ocorreu no dia vinte e quatro de setembro de 2015 às dezesseis horas na casa da entrevistada localizada no bairro da Vila Prudente. Estela foi indicada por uma amiga em comum com a pesquisadora. Ela me recebeu como uma amiga para uma conversa íntima na mesa da cozinha, seu relato é repleto de confissões e durante a gravação houve a tentativa de afastar seu neto de doze anos da cozinha para que não ouvisse a entrevista. Ela tem sessenta e um anos, é funcionária pública aposentada e atua hoje em dia como advogada. É separada, tem duas filhas e mora com os netos. Frequenta o candomblé e está envolvida com a organização de um terreiro recém-inaugurado no interior de São Paulo. A entrevistada começou seu relato falando do relacionamento de seus pais e de sua infância.

Eles [meus pais] se davam muito bem, os dois, casaram por amor mesmo. Até porque meu pai é de uma família mais abastada e minha mãe de uma família mais humilde, meu pai largou tudo no interior para vir atrás da minha mãe. Eles se conheceram no interior mesmo. A minha avó veio embora porque a situação estava muito difícil financeiramente e trouxe a minha mãe porque a família do meu pai não queria que ele se casasse com a minha mãe. Porque ela não tinha... Eles não tinham condição financeira. O marido da minha avó, o meu avô gastou quase todo o dinheiro dele jogando, fazendo coisas erradas, né? E eles perderam todo o dinheiro que eles tinham. E aí a minha avó veio embora para São Paulo e trouxe a minha mãe porque sabia que a família do meu pai não queria que eles casassem. Meu pai abandonou tudo e veio atrás da minha mãe. (Estela)

A história de amor de seus pais influenciou a história dessa família, que Estela conta com detalhes. Há também a história de seus avós maternos que brigaram e ficaram sem se falar até que o avô falecesse, um relacionamento cheio de mágoa e rancor. As histórias desses dois relacionamentos deram base para a construção de Estela perante seus próprios relacionamentos e tal questão será discutida nos capítulos posteriores.

A entrevistada contou como eram as brincadeiras durante sua adolescência na vila, onde mora até hoje. Ela disse que demorou para tomar “consciência de seu corpo” e que dos sete aos quinze anos brincou “como menino na rua”.

Brincava na rua até meus quinze anos de idade. Só com quinze anos de idade que eu comecei a tomar consciência do meu corpo, que eu era uma menina... porque até então eu brincava como menino na rua, toda a turma pulando corda, jogando bola, essas coisas de criança. (Estela)

A partir dessa tomada de consciência do corpo, Estela começou a se identificar como mulher e foi nesse momento que começou a namorar. Estela foi a entrevistada que mais falou sobre sua vida sexual, sobre a relação com seu próprio corpo e aparência. Ela casou com vinte e cinco anos, teve sua primeira filha e se separou três anos depois. Conheceu seu segundo companheiro, doze anos mais novo, no trabalho e engravidou. Esse segundo relacionamento durou vinte e oito anos e eles se separaram aproximadamente um ano antes da gravação da entrevista. Porém, Estela ainda mantém um forte laço com o ex-marido e falou sobre essa relação com muito carinho. No momento da entrevista, ela estava vivendo um relacionamento com um homem de vinte e três anos, redescobrando sua sexualidade e novas formas de construir um relacionamento amoroso.

A entrevistada narrou detalhadamente a forma como conheceu seus ex-maridos, o decorrer de seu segundo casamento e a relação que mantêm até hoje com esse parceiro. Falou também sobre a relação com as suas filhas e netos, além de seu processo de envelhecimento, tema abordado no capítulo quatro.

2.7 Ivone

Ivone foi entrevistada em sua casa no bairro do Ipiranga no dia seis de outubro de 2015, às quinze horas. A entrevistada tem setenta e um anos, é solteira e evangélica. Foi indicada por uma amiga da pesquisadora, que é sua sobrinha. Ivone mora com Izaura, sua irmã, e uma sobrinha que vive na edícula superior. A entrevistada passou os últimos anos de sua vida dedicando-se a cuidar de seus entes queridos, sua mãe faleceu há oito anos com noventa e cinco anos, muito doente. Hoje em dia, ela cuida de Izaura que é bem mais velha e já se mostra um pouco debilitada. Falando da mãe, Ivone considerou:

Eu vivi mais para casa mesmo. Aí a minha mãe teve problemas antes de ficar doente, ela ficou uns 5 anos acamada. Então, Eu deixei de viver a minha vida passei a viver a vida dela. (Ivone)

Ao início da entrevista, Ivone falou sobre como foi sua infância em ambiente rural. Relatou que as brincadeiras aconteciam na roça enquanto os pais trabalhavam e que moravam longe da escola e por isso parou de estudar na quinta série.

Não ajudávamos, mas tínhamos que ficar lá com eles, né? Porque nossos pais estavam trabalhando. Era a nossa creche, no caso. Ficávamos perto deles. Mas a gente ficava brincando enquanto isso lá no sítio, uma brincadeira meio que diferente.

e. E quando que a senhora começou a frequentar a escola?

i. Então, quando eu sai de lá, de Lins, eu tinha seis anos. Eu fui para uma outra cidade, que é Rinópolis. Aí lá... Eu comecei a ir para a escola lá. O meu primeiro ano eu fiz em Rinópolis. Íamos a pé, nós morávamos também na zona rural. Ficava a 3 Km da cidade, ia e voltava a pé, tinha muita criança na época que frequentava a escola da cidade, urbana e ia todo mundo junto. Meus pais trabalhavam com café, na época.[...] A gente chegava da escola e ia para a roça onde eles estavam, mas aí meu pai já punha a gente para trabalhar também. Quando o café sai do chão, tinha que fazer... Limpar o pé de café, são as crianças que fazem. Entrava debaixo do pé de café. E a gente que era criança fazia isso o resto da tarde, mas não era um serviço que matava não. Era uma coisa assim bem light, né? Ninguém obrigava a nada. Não era nem na produção. [...] Então, daí eu mudei de Rinópolis e fui morar em Catanduva, aqui pertinho de Rio Preto. Eu acabei minha escola lá porque lá era uma escola rural que tinha no sítio e a gente não ia para a cidade porque era muito longe e lá só tinha até a terceira série, no sítio, no rural. Aí eu fui para a cidade para fazer o resto, mas eu não consegui ficar. Eu gostava de estudar, mas eu não quis ficar longe dos meus pais. Eu acabei a quarta, comecei a quinta e vim embora. Fui para o sítio com eles. (Ivone)

A família se mudou para Catanduva porque o pai estava doente, depois da morte do pai, Ivone e a mãe foram morar com Izaura em São Paulo. Ela começou a trabalhar em uma fábrica de linhas, onze anos depois fez um curso e se tornou bancária e após vinte anos se aposentou nessa função.

Durante a entrevista de Ivone, Dinha, sua sobrinha que tem a mesma idade que ela, sentou-se para participar da conversa e acabou se tornando uma das entrevistadas do projeto. A participação da sobrinha na entrevista incentivou Ivone a se aprofundar em assuntos como sexualidade e as mudanças nos relacionamentos amorosos, aspectos que não tinham sido levantados até então.

2.8 Dinha

Dinha, de setenta e um anos, é viúva e tem dois filhos. Ela parou de trabalhar depois de casada a pedido do marido. A entrevistada falou sobre a rígida educação que recebeu e comparou sua juventude com a juventude de hoje em dia. Dinha e Ivone contaram sobre os bailinhos de sua juventude com muita saudade:

i. Ah, no nosso tempo de juventude fazia bailinho nas casas, né?

d. Ah, era tão gostoso!

i. De domingo essa casa aqui vivia cheia de moços e moças! Tínhamos uma vitrola, chamava vitrola na época. Tinha um tal de Bienvenido Granda, era lindo, né? Ele cantava bolero. A gente dançava...

d. Beatles. Tinha os Beatles, tinha Pepino Di Capri.

i. Então, foi nossa época. Eu cheguei a pegar um pouco da Jovem Guarda. A Jovem Guarda foi muito boa, quem viveu, viveu, né?

d. Demétrios.

i. A melhor época do mundo foi tempo da Jovem Guarda.

e. E quem vinha nesses bailinhos? Vizinhos?

d. Amigos, todos amigos. Eu tinha dois primos moços que sempre traziam amigos.

i. Tinha os primos que moravam lá na Vila Esperança, na Penha.

e. Na Guilhermina.

i. Eles vinham aqui de domingo e depois a gente pegava, isso tudo de ônibus porque ninguém tinha carro, aí a gente pegava e voltava lá para aquele fim de mundo com eles. Olha, como a gente era bobo!

d. Eles vinham dormir na sexta-feira, vinha a irmã, vinha ele, vinha um outro irmão, vinha a sobrinha e aí eles dormiam aqui da sexta para o sábado e no domingo de manhã: "Vamos todos para a minha casa!" E a gente ia tudo de ônibus.

i. E tinha naquela época, tinha baile no aeroporto, né Dinha?

i. Em cima de Congonhas. Tudo que era baile, formatura.

d. Nossa senhora! Tinha umas escadas assim, era um salão lindo!

i. De madrugada você ficava naquele salão enorme que era de vidro para o aeroporto, os aviões. Eram muito lindos os bailes de formatura no aeroporto!

e. E esses eram de formatura do que? De faculdade?

i. Não, não.

d. Tinha de corte e costura...

i. Formaturinha do ginásio, era mais ginásio. Qualquer formatura era lá. Não era viagem, hoje em dia é mais viagem, né? d. Ai, a gente paquerava tanto! (Risos)

i. A gente ia na Mercedes! Sabe a Mercedes Bens aqui na Anchieta?

d. Lá também fazia baile.

i. A gente dançava. Aquele tempo era totalmente diferente de hoje, Maria! A gente se divertiu muito mais que hoje porque hoje você está muito restrita para baile. É perigoso, você nunca pode deixar as crianças. (Dinha)

A entrevistada mostrou-se muito questionadora quanto à educação que recebeu e aos rumos que sua vida levou. Os questionamentos de Dinha permitiram que a entrevista com ela e Ivone se transformasse em um debate sobre questões interessantíssimas como a mudança da representação social da mulher e o futuro das novas gerações. A entrevista gerou um ambiente de afeto, após a gravação tomamos um lanche da tarde junto às outras mulheres da casa. Depois de compartilharem um pouco de suas vidas comigo, as entrevistadas até me convidaram a voltar a sua casa.

2.9 Elza

A entrevista ocorreu no dia vinte e quatro de novembro de 2015, às quatorze horas, na casa da entrevistada, localizada no bairro do Ipiranga. Elza foi indicada por um amigo da pesquisadora, sobrinho desta, e após alguns telefonemas conseguimos marcar a entrevista, que durou uma hora e quinze minutos. Ela me recebeu na sala de seu apartamento com muita gentileza, se mostrou uma pessoa reservada a princípio, mas foi se sentindo mais à vontade no decorrer da entrevista. Com sessenta e sete anos, é casada e tem um filho que mora com ela. Formada em Ciências Sociais e Políticas, se aposentou como funcionária pública da prefeitura e, no momento da entrevista, estava se afastando aos poucos do trabalho em um consultório de terapias alternativas no qual trabalhava há alguns anos.

Durante sua infância, Elza morou em um bairro mais afastado na Zona Leste e falou sobre as brincadeiras de rua nesse bairro e os grupos de amigos que se formaram a partir daquela comunidade.

Na época era uma outra realidade, então, nós brincávamos muito na rua, né? Brincar de pular corda, coisas assim. A rua não era asfaltada inclusive, era rua de terra. Na minha infância, asfalto mesmo veio na minha adolescência. Então, a gente tinha muito contato. Tinha uma das meninas que morava vizinha mesmo de um dos lados, era minha amiga, a gente saía, ia na quermesse. Tinha uma outra quando eu já era mais moça que a gente saía, ia para cinema. Depois quando eu estava fazendo já o colegial, quando eu fui para o ginásio as minhas amigas já mudaram um pouco. Agora, nós sempre fomos muito próximos na questão da família. Então, primos, primas. Nós morávamos todos numa mesma vila. Isso ajudava também, né? Então, as amigas mudaram um pouco depois que eu comecei a fazer o ginásio e quando a gente foi para o colégio mudou mais ainda. Porque na época tinha uma questão da igreja católica de ter um olhar voltado para os jovens, não sei se para levar os jovens, estava nascendo um monte de

pastorais, tinha grupo de saúde, grupo de jovens, sei lá o que. Eu estudava na Vila Alpina, no Prof. Mario Casa Santa e aí um dos funcionários, não sei se era ligado a igreja católica, mas um padre da Vila Alpina começou a fazer reuniões com jovens. Dessas reuniões nós formamos um grupo, desse grupo, enxugou e virou um grupo de amigos, com quem eu tenho amizade até hoje. (Elza)

Elza relatou vários momentos que passou com esse grupo de amigos com os quais começou a se reunir na igreja e que acabou sendo levado para os outros âmbitos de sua vida. A entrevistada recebeu uma educação católica, mas hoje em dia é espírita divinista.

Ela considerou que seus pais não eram tão rígidos quanto os pais de seus colegas e que havia uma maior liberdade na relação entre pais e filhos. Segundo ela, havia uma confiança e para não decepcionar ela não “dava um passo fora da linha”.

De os pais controlarem onde as filhas iam, não tinha essa liberdade para sair. “Estou saindo.” E pronto. Mas na minha casa não tinha essa cobrança dos meus pais. Do meu pai, pelo menos não, da minha mãe tinha uma preocupação, mas não tinha assim de eu ter que dar satisfação. “Olha, eu vou com fulano, vou com ciclano. Posso, não posso?” Mas tinha assim uma responsabilidade, pairava uma responsabilidade, que você não dava um passo fora da linha. Que você imaginava, sabe? A gente tinha uma liberdade, mas... Não tinha telefone em casa, celular sequer existia e a gente saía e ia jantar, ia ao teatro e depois ia jantar, ia sei lá o que e ficava. Quer dizer, para onde eu fosse ninguém tinha controle. Tinha uma aura assim, sabe? Mesmo nesse grupo de amigos também, então, tinha uma confiança. (Elza)

A entrevistada foi bem sucinta no início na entrevista, dizendo frases como: “Não sei mais o que eu poderia te falar disso, né?” ou “É isso, eu não sei se tem mais alguma coisa.”, tentando encerrar assuntos, evitando se aprofundar em certos temas ou até mesmo desvalorizando sua própria trajetória, considerando que não seria interessante relatar esse ou aquele fato. O ritmo da entrevista só mudou no momento em que questionei se ela estava com pressa e precisaria encerrar a entrevista.

z. É isso, eu não sei se tem mais alguma coisa.

e. Tem, você está com tempo apertado?

z. Não, não. Tranquilo.

e. Pode? Eu queria que você me falasse o que a senhora acha de envelhecer? O que é envelhecer? Como é o processo de envelhecimento? (Elza)

Em seguida, Elza começou a relatar como vive o processo de envelhecimento e o que pensa desse momento da vida. A entrevistada começou um momento de reflexão sobre seu momento presente e, então, se sentiu mais à vontade para falar sobre suas experiências. Ao falar sobre sua relação com a vaidade e com sua aparência durante o

processo de envelhecimento, a entrevistada citou que passou por uma situação na qual perdeu os cabelos e quando questionada, Elza falou sobre o câncer de mama que enfrentou e como isso impactou em sua relação com sua aparência física.

z. Então, eu tive um câncer de mama, passei pelo tratamento quimioterápico e acaba mesmo né, a quimioterapia, que para o meu caso, para o caso de muitos cânceres de mama, acaba caindo os cabelos, né? Então, eu fiz, acho que, uma ou duas sessões dessa quimioterapia, que acaba... E perdi, não totalmente, mas perdi bastante.

e: Aí a senhora raspou?

z. Então, aí eu fiquei... Eu quis ver mesmo como que o processo de você perder o cabelo, sabe? Eu não quis... Ah, sei lá, minhas sinapses aqui são meio assim. Eu quis ver como que era, assim, como você se sente perdendo cabelo. Porque o cabelo é uma coisa importante do visual da gente, né? Gosto do meu cabelo, gostava de como ele era, achava charmoso e tal. Então, aí caiu muito, muito mesmo. Fiquei com uns fiapinhos só e eu... E fiquei com eles, até começar a nascer. Aí quando começou a nascer, eu cortei bem curtinho, mas também, uma outra coisa que eu fiz, pra mim foi ótimo, eu falei: “Não vou por o lenço, não vou por essas coisas”. Antes mesmo de começar a fazer a quimioterapia, eu tive a ajuda de uma amiga da minha prima, nós fomos, assim, falei desse desejo: “Não quero ficar com a aparência padrão, de jeito nenhum”. E nós fomos até, aí, era perto da Santa Cecília, perto da São João, tinha uma loja grande chamada El Sombrero, que vendia chapéus. Então, eu fui lá escolhi dois chapéus, escolhi uns lenços pra por debaixo do chapéu. Então, eu fui, assim, vamos dizer, foi um tratamento que é difícil, mas também não fiquei, assim, com a aparência, pelo menos, estética de quem tava fazendo o tratamento e tal, e as pessoas até, nem acabavam... Porque na época não era tão comum usar chapéu e acabavam vendo chapéu, assim, como uma coisa charmosa. Então, foi isso. (Elza)

Especialmente quanto à questão do envelhecimento, Elza mostrou uma posição diferente das outras entrevistadas, ela entende o envelhecimento como um processo natural que deve ser vivido em sua plenitude, sem que sejam necessárias tantas intervenções. Ela busca fugir dos padrões, vivenciando os acontecimentos de acordo com sua identidade. Esse assunto será discutido no capítulo quatro.

3. ENVELHECIMENTO FEMININO E AS RELAÇÕES AMOROSAS

O presente capítulo é dividido em cinco sessões, sendo elas: Envelhecimento no Brasil e suas terminologias, que trata da mudança das terminologias para referir-se às pessoas com mais de sessenta anos, além de contextualizar a questão do envelhecimento no Brasil; “Não estamos preparados para envelhecer” fala sobre as percepções das entrevistadas sobre o processo de envelhecimento, como sentem física e emocionalmente tal fenômeno; Estar ativa: trabalho e aposentadoria, analisa a tensão entre trabalho e tempo livre na vida das entrevistadas durante essa fase da vida; “Envelhecimento feminino: corpo e autoestima”, trata da feminização do envelhecimento no contexto nacional e o impacto que o envelhecimento gera nos corpos e na autoestima dessas mulheres e, por último, Sexualidade no envelhecer: desejo e companhia, que discute a visão das entrevistadas sobre novos relacionamentos amorosos e sexuais nessa fase da vida.

3.1 Envelhecimento no Brasil: conceitos e terminologias

No início do projeto, foi usado o termo “velhice” e “velhos” para referência a pessoas com sessenta anos ou mais. Esses termos baseavam-se no livro “Memória e sociedade: lembrança de velhos”, de Ecléa Bosi, que foi o primeiro contato da pesquisadora com bibliografia referente ao tema. Bosi (1994) reportou-se à história de vida de idosos, durante os anos 1970, essas histórias retrataram vidas de pessoas que já não eram membros ativos na sociedade ou, pelo menos, assim se consideravam. São histórias de um dado contexto histórico no qual alguém com setenta anos já era considerado “velho” por toda a sociedade, alguém que trabalhou e não trabalha mais, alguém que estaria mais próximo da morte. Beauvoir (*apud* BOSI, 1994, p. 421) aponta essa visão da velhice:

Improdutivo, ineficaz, o homem idoso aparece a si mesmo como um sobrevivente. É por essa razão que se volta tão prazerosamente para o passado: é o tempo que pertenceu a ele, onde ele se considerava um indivíduo inteiro, um vivo.

Eclea faz um uso militante do termo “velhice”, incitando o leitor a enxergar os estereótipos atribuídos a seus entrevistados.

Durante as entrevistas, ao apresentar o título do então projeto “Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero”¹⁷, muitos entrevistados mostraram-se

¹⁷ Entrevistas realizadas para Trabalho de Conclusão de Curso “Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero”, entregue em dezembro de 2013.

incomodados com o termo “velhice”. O entrevistado Gilberto se manifestou claramente, dizendo, ao início da entrevista, que não se sentia velho.

“Velho é algo que já foi muito usado e não tem mais utilidade. Eu ainda tenho utilidade.”¹⁸

Para evitar esse tipo de desconforto e investigar o impacto dessas terminologias no processo de autoidentificação dos entrevistados, iniciou-se um questionamento do termo a ser usado a partir da análise bibliográfica de livros e artigos recentes sobre o tema. Portanto, nessa sessão pretende-se apresentar a discussão sobre a terminologia que refere-se ao público idoso e as mudanças ocorridas na representação social dos idosos no Brasil.

Em 1960¹⁹, a aposentadoria foi unificada no Brasil, fruto de um processo de conquistas trabalhistas que ocorria desde o começo do século XX. Esse fator, juntamente às descobertas médicas e a evolução da geriatria e gerontologia na Europa, ampliou a discussão sobre os direitos dos idosos. A aposentadoria reforçou, então, o problema da representação simbólica do “velho” como inválido, mas também garantiu a ele a condição de sujeito de direito.

Nesse período, a velhice começou a ser considerada uma questão coletiva, com grande visibilidade na sociedade. Foi nesse cenário que políticas governamentais e não governamentais foram desenvolvidas para criar espaços de integração e cuidados para esse público. Nesse contexto, a busca por políticas sociais para a velhice gerou a necessidade de novas classificações e novas nomenclaturas para atender à nova condição moral da pessoa velha. O termo “velho” é ainda carregado de sentidos pejorativos enquanto o termo “idoso” aparece como mais respeitoso e é um termo geralmente institucionalizado (MARQUES, 2004).

Barberi (2012) considera que a depreciação da velhice no Ocidente decorreu das mudanças sociais que se deram a partir da instauração dos novos modos de produção. A valorização do indivíduo passou a estar intrinsecamente relacionada à sua força de trabalho, marcando o velho como improdutivo e ocioso. Marques (2004) pontua que a relação velho/improdutividade está diretamente ligada à desvalorização do termo. A

¹⁸ Trecho da entrevista realizada com Gilberto, de 71 anos, para o projeto “Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero”, 2013.

¹⁹ A Lei Orgânica de Previdência Social, LOPS (Lei nº 3.807, de 26 de agosto de 1960), unificou a legislação referente aos Institutos de Aposentadorias e Pensões.

extrema valorização da produtividade no contexto internacional gerou a desvalorização daquele que está fora do mundo do trabalho. A autora debate o termo velho como repleto de sentido pejorativo,

historicamente ligado a idéias negativas como feio e mau que aparecem nas histórias infantis (bruxas e madrastas), ou como ser improdutivo, inativo, criado pela sociedade moderna, que colocou no trabalho o sentido da dignidade humana. (MARQUES, 2004, p.66)

O movimento de reconsideração dos estereótipos da velhice foi promovido pela geração nascida no pós Segunda Guerra Mundial, que iniciou a busca por novas formas de envelhecer, desvinculando o envelhecimento da inatividade e pensando a aposentadoria como mais uma fase da vida (DEBERT, 2004). A mesma transição ocorreu no Brasil, já no final dos anos 1960, quando os documentos oficiais deixaram de utilizar “velho” e começaram a utilizar “idoso” (SILVA, 2008).

Peixoto (1998) analisa o termo “idoso” como popularmente mais usado quando em referência às pessoas pertencentes às classes mais altas, enquanto “velho” é comum ao se tratar das camadas mais populares, “que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio” (PEIXOTO, 1998, p. 78). Caracteriza-se, então, um preconceito contra o idoso também em relação à classe.

Segundo Saffioti (1997), os quatro conjuntos de regras que regem o comportamento social (gênero, raça/etnia, classe social e idade/geração) articulam-se entre si e, assim, há uma soma de opressões sobre aquele que está na posição desfavorecida de cada uma das categorias. É impossível analisar o preconceito contra idosos ignorando que tal preconceito varia em relação à posição que o sujeito se situa nas outras categorias normatizadoras. Saffioti (1997) combina os quatro eixos da seguinte forma:

As pessoas mais poderosas são aquelas situadas no topo das quatro hierarquias: homens brancos, ricos e adultos. Em segundo e terceiro lugares vêm ou homens negros, sem muito poder econômico e adultos, ou mulheres brancas, economicamente remediadas e adultas. Essas duas categorias não ocupam lugares fixos; trocam de posição de acordo com as circunstâncias. Em quarto lugar vêm as mulheres negras, pobres, geralmente, e adultas. Em quinto, vêm os menores de idade, que devem obedecer aos adultos. Dentre estes há ainda outra hierarquia: os meninos dominam as meninas. Essa dominação se torna mais aguda quando o garoto é branco e a garota, negra (SAFFIOTI, 1997, p. 41).

Acrescenta-se a análise de Saffioti (1997) em quinto lugar, na base das hierarquias, as mulheres negras pobres e idosas.

Nota-se, então, que os três termos (velhice, idoso e terceira idade) são utilizados em diferentes contextos e apresentam algumas significações distintas relacionadas àqueles a quem se referem. De acordo com Peixoto (1998), "idoso" simboliza coletivamente as pessoas mais velhas, enquanto "terceira idade" representa os recém-aposentados, os "jovens velhos".

A partir das atribuições destas nomenclaturas é possível questionar sobre os discursos e dinâmicas que constroem as representações do sujeito idoso, difundidos pelos livros, pelos meios de comunicação e pela sociedade como um todo (MARQUES, 2004). Analisa-se, então, a desconstrução da ideia de velhice ocorrida nas últimas décadas e sua configuração como tempo de prazer e de realizações (DEBERT, 2004).

A imagem de idosos que são ativos em suas profissões, que são ou aparentam ser saudáveis, que iniciam novos relacionamentos e aproveitam o tempo livre para realizar seus sonhos, se proliferou. A partir do aumento da população de idosos e do poder econômico desse grupo, quando inserido nas classes mais altas, a velhice tem sido alvo de um adiamento. Para a criação da imagem do "novo velho", o corpo é capital simbólico essencial. Busca-se a fonte da juventude em produtos e serviços cada vez mais comuns no mercado, como descreve Marques (2004):

Cabelos brancos podem receber uma coloração que devolve a cor e brilho; as rugas podem ser reduzidas ou deduzidas a transformações de aplicações ou bisturis; as doenças, normalmente atribuídas à idade avançada, como às ligadas a desgastes ósseos ou do sistema circulatório, podem ser controladas seguramente por tratamentos clínicos fisioterápicos e/ou medicamentosos. Ou seja, envelhecer pode não ser um problema quando o corpo é desnaturalizado e reconstruído pela via do mercado da estética (MARQUES, 2004, p. 66).

As pessoas com mais de sessenta anos se constituíram como importante público-alvo de diversos mercados e por isso, cada vez mais, vemos representantes dessa faixa etária na mídia apresentando imagens positivas. Debert (2004) tratou o duplo movimento de transformação da velhice em preocupação social como a oposição e alternância entre socialização da velhice e a reprivatização da velhice. A socialização da velhice ocorre quando esta se torna objeto de preocupação coletiva, e então, há a intervenção do Estado e de instituições privadas para a institucionalização de direitos sociais para os idosos. Já a reprivatização da velhice configura-se na completa atribuição de responsabilidade sobre o

idoso para o próprio indivíduo. Nesse contexto, a sua qualidade de vida só se dá quando ele é independente e autossuficiente, e um dos meios de provar essa independência é a compra de bens e serviços. Silva (2008) expõe a conexão entre valorização da velhice e cultura de consumo, considerando que após os anos 1980 estabeleceu-se uma indústria do envelhecimento que reconheceu o público com idade acima dos cinquenta anos, aposentado, como público-alvo, como consumidor em potencial. O consumo constituiu-se, então, como ferramenta essencial para a “valorização” da nova velhice. Incentiva-se o consumo de bem-estar, boa aparência e saúde como pilares para um “envelhecimento bem-sucedido”.

Ao percorrer essa análise sobre as terminologias atribuídas às pessoas com mais de sessenta anos, entende-se que o envelhecimento e a velhice são duas esferas indissociáveis e complementares. Sendo assim, o envelhecimento é um processo que acomete o ser humano, durante toda sua existência, e a velhice é uma etapa da vida que resulta do processo de envelhecimento e que se restringe a certas faixas etárias.

Considera-se que o envelhecimento seja um processo sociovital multifacetado e progressivo que ocorre ao longo do curso da vida, e a velhice seja o estado de “ser velho”, condição que resulta do processo de envelhecimento que acomete gerações, que o vivenciam com mais ou menos qualidade de vida dentro de contextos sociais, políticos e individuais. Contudo, o envelhecimento é um processo, a velhice é uma fase da vida, e o velho ou idoso é o resultado final. (JUNIOR; FREITAS, 2010)

Optou-se, neste trabalho, por utilizar o termo “envelhecimento”, quando houver referência ao processo de envelhecer, e “idoso”, quando houver referência a pessoas com idade acima de sessenta anos, e “velhice”, quando referir-se a um conceito estático de faixa etária, ao estágio último do envelhecimento, usualmente estereotipado. Considerando-se que “envelhecimento” é o processo de envelhecer, pretendeu-se no presente texto aplicar o conceito com a ideia de processo de transição temporal e não como algo estático e definitivo. Sobre a terminologia para reflexão na área da Psicologia, Messy (1999) diz: “O envelhecimento não é a velhice, como uma viagem não se reduz a uma etapa. O envelhecimento é um processo irreversível que se inscreve no tempo. Começa com o nascimento e acaba na destruição do indivíduo” (MESSY, 1999, p. 17).

Para compreender a visão das entrevistadas sobre os termos citados acima, acrescentou-se uma pergunta referente ao tema nas entrevistas²⁰. Desse modo, buscou-

²⁰ Ver Apêndice II.

se compreender o impacto dessas nomenclaturas e suas significações no cotidiano dessas mulheres. Algumas delas mostraram incômodo com o termo “melhor idade”. Rosely considera que essa fase da vida não pode ser caracterizada com o termo “melhor idade”, apesar de entendê-lo como politicamente correto. A entrevistada também disse não se sentir contemplada com o termo “velho”.

Quando você chega [nessa fase da vida], você fala: “Gente do céu!” Eu acho que falar que isso é a “melhor idade” é mentira. É tudo perfumaria, tá?[...] Eu acho o termo “velho” chato. Agora idoso é realmente idoso. Vai fazer o quê? Você vai mudar o nome? Você vai pôr o politicamente correto: melhor idade? Prefiro idoso do que melhor idade porque não é melhor idade. É melhor você ter vinte, trinta do que ter sessenta anos. (Rosely, 61 anos)

Claudete, entrevistada do presente projeto, também critica o termo “melhor idade”, após relatar que seu marido odeia tal nomenclatura. E relata que prefere ser tratada como “menina” pela professora e pelas colegas do grupo de fisioterapia da terceira idade do qual participa.

Que Melhor Idade? Melhor Idade só se para ir na farmácia. Olha, nós lá [no grupo de fisioterapia da terceira idade] nos tratamos como meninas: "Oi meninas, tudo bom?", prefiro do que.. A professora também chama de "meninas". Melhor Idade não é, a terceira idade é! [...] Nem cabe uma terceira idade, terceira idade, uma melhor idade. Melhor idade não é não, porque a gente tem dor. Idoso acho que não cai bem, não sei. (Claudete, 64 anos)

Santana (2012) critica o termo “melhor idade” por forçar a comparação dessa fase da vida com as fases passadas. Para realizar tal comparação seriam necessários pontos de análise decorrentes da experiência de cada sujeito, ou seja, considerar essa fase da vida como melhor ou pior constitui-se como um entendimento puramente subjetivo. Outros termos também são utilizados por autores, especialmente da área da gerontologia, como ferramentas de qualificar positivamente a velhice, tais como: maior idade, terceira e quarta idade, futuridade e maturidade. Porém, dentre eles, “melhor idade” parece ser o que soa mais conectado a um juízo de valor, já que “melhor” é um advérbio de modo que realiza a comparação de no mínimo duas coisas. Ou seja, para dizer que a velhice é a “melhor idade” é necessário compará-la às demais idades. Seria como dizer que ter setenta anos é melhor do que ter vinte, sendo que tal comparação é impossível, pois envolve inúmeros fatores a serem considerados.

Partiu-se dessa análise bibliográfica sobre a terminologia para estudar outros aspectos no envelhecimento, na sessão a seguir as entrevistadas relatam suas

impressões sobre o envelhecer, como se sentem física e emocionalmente, como se veem e o que muda no processo de envelhecimento de geração para geração. Pretendeu-se compreender como cada uma delas percebe o seu próprio processo de envelhecimento e o dos outros.

3.2 “Não estamos preparados para envelhecer”

A faixa etária das entrevistadas, de 60 a 75 anos, as insere em uma posição de transição entre vida adulta e “velhice”. Este processo de transição foi muito interessante ao projeto, pois permitiu a discussão das especificidades e individualidades desta passagem, além de uma análise do processo de envelhecimento em seu âmbito coletivo. Considerando o envelhecimento como um fenômeno biológico, psíquico, social e cultural que pode ocorrer em diferentes tempos em cada esfera da existência humana.

Como foi citado, o envelhecimento é um fenômeno que acompanha toda a existência humana, porém reconhecer-se como idoso é um processo subjetivo, só é possível reconhecer-se como tal através do outro.

não temos exatamente uma imagem de nós mesmos como velhos, temos uma antecipação dela pelo Outro, um Outro no qual nem sempre nos reconhecemos. [...] Velho é sempre o Outro, no qual não nos reconhecemos. (SANTANA, 2012, p.99)

Ao falar sobre o envelhecer, algumas entrevistadas apontaram a surpresa em perceberem-se idosas. Rosely reproduziu o pensamento de um amigo que disse que não estamos preparados para ser idosos.

[Um amigo meu fala] uma coisa que eu concordo. “Nós não estamos preparados para ser idosos.” Você não é preparado para a velhice, eu acho que a gente deveria [se preparar]. Porque quando eu tinha vinte ou trinta anos eu não imaginava que eu envelheceria, que eu ficaria velha, que eu ficaria idosa. [...] As pessoas não são preparadas para envelhecer. A gente tinha que ter alguma palestra, na época, para saber chegar nessa fase. Meu amigo diz que vocês, que a geração atual vai ser mais bem preparada, mas eu acredito que não. Eu acho que não, acho que vai ser a mesma coisa. Você tem vinte e dois anos hoje, você pensa assim: “Ah, quando eu tiver sessenta, como eu estarei?” Mentira que a gente pensa, a gente não pensa! E quando você chega [nessa fase], não está preparado. (Rosely)

Segundo Py (2004), há uma recusa em identificar-se como homem idoso ou mulher idosa, revela-se o medo da velhice relacionado aos estigmas sociais que a acompanham e ao medo da morte. A autora parte do princípio que não existe a representação da morte no subconsciente e conclui que só é possível conhecer a velhice ao envelhecer. É um

momento de frustração das ilusões do ego ideal, da eternidade da beleza, da potência e da própria vida.

Atravessando um exaustivo processo de mudanças, o ser humano, chegado à velhice, se percebe no conjunto das perdas de capacidades e na sua atualidade psicossocial de tornar-se idoso (PY, 2004, p. 116).

Claudete também fala que não pensava em envelhecer, que não chegaria até essa fase da vida ou seria diferente de sua avó e de outros idosos com quem conviveu.

A gente não pensa [que vai envelhecer]. Quando alguém fala alguma coisa, você pensa: "Que absurdo. Eu não vou chegar lá" A minha avó não conseguia encaixar a agulha. "Vó que absurdo! Você não consegue enfiar essa agulha!" E hoje em dia eu tenho essa dificuldade. [...] Igual meu marido fala: "Você vai ver quando você não conseguir mais subir num banquinho." Coisas que eu fazia e falava: "Imagina, eu não sou igual." Depois eu fui vendo que meu marido tem razão, isso do meu corpo realmente é verdade, dá cada vez mais trabalho, mas de resto não. (Claudete)

Pequenas mostras da fragilidade física impactam a vida dessas mulheres, coisas que sempre foram simples começam a exigir mais esforço como colocar a linha na agulha ou subir num banquinho, como citado por Claudete. Ivone também cita as mudanças físicas que dificultam o dia a dia.

Muda tudo, você sente cansada, quando antes você não tinha. Eu tenho indisposição, não tenho mais pique para muita coisa. Você deixa de ter. (Ivone)

Tais dificuldades aparecem como fatores surpresa no cotidiano das entrevistadas, dar-se conta de estar idosa ocorre repentinamente, como se o tempo tivesse passado rápido demais. Lucinha conta que um dia, aos 48 anos, percebeu os efeitos do envelhecimento que se acentuavam.

Eu brinco e falo: "Gente, com 48 anos eu deitei e levantei com cabelo branco, com esporão no pé, com hemorragia, sabe?" Então, eu falava [para as minhas amigas]: "Vocês vão chegar lá!" (Lucinha)

Na experiência de Lucinha essa percepção de seu corpo como atingido pelo envelhecimento deu-se da noite para o dia. O envelhecimento, então, constitui-se como um elemento surpresa, inesperado na vida dessas mulheres. Segundo Py (2004), há uma rejeição ao envelhecimento, pois o sujeito se crê eterno e perpetua os atributos glorificados pela sociedade, como beleza e vigor. A autora apresenta um trecho de entrevista que complementa a discussão sobre a surpresa de reconhecer-se como idoso.

Eu só vi que estava velha naquele dia que eu fui à médica do posto e uma velha que vinha chegando apressou o passo para falar comigo e me disse assim: “A senhora está indo para o grupo dos idosos e eu tenho que ir para lá, que a doutora mandou, mas eu não sei onde é. Que sorte! Eu encontrei a senhora, assim eu vou junto com a senhora. Bem que a doutora disse que era só eu acompanhar um idoso que estava indo para lá.” Eu fiquei tão passada! Quem era idosa, eu? Eu, não! Eu não estava indo para o grupo de idosos, eu nem sabia disso, nem sabia onde era! Eu, não! Fui até bruta com aquela mulher. Ela, coitada, ficou tão sem graça, e eu sai dali fuzilando. Mas aquilo não saía da minha cabeça. Aí, de noite, fui na casa da minha filha ver novela e contei para ela. Ela riu que se acabava. Ela ria e eu chorava por dentro, porque eu não queria ser velha. Aí é que eu vi que todo mundo sabia que eu já era velha, menos eu. É igual a marido traído, o último a saber.” (Mulher de 67 anos, viúva, morando sozinha) (PY, 2004, p. 124/125)

Assim como tantos outros processos identitários reconhecer-se como idoso supõe ser reconhecido pelo outro como tal, o que sugere que o envelhecimento é menos objetivo do que parece. É um processo social e identitário que vai além da biologia. A entrevistada de Py (2004) mostra sua angústia quando percebeu que todos a consideravam “velha”, menos ela mesma. Ela ainda comparou esse sentimento com uma traição, ninguém a avisou que ela já estava “velha”, todo mundo sabia e não compartilhou tal informação com a mais interessada no assunto: ela mesma. Debert (2004) a partir de uma pesquisa feita com mulheres acima de 70 anos, expõe que:

elas não se consideravam velhas, sendo que a velhice era vista como um problema de outros que se comportavam como velhos, mesmo que com menos idade. [...] A velhice não estava referida a idade, mas a perda de autonomia, e todas elas se consideravam independentes. (DEBERT, 2004, p. 26/27)

É nesse contexto que se encaixa a ideia de que teríamos de ser preparados para envelhecer, assim como proposto por Rosely, que gostaria de ter tido uma palestra ou algo do tipo para aprender a envelhecer ou Lucinha que tentou alertar suas amigas sobre os efeitos do envelhecimento, mostrando que ele que também as atingirá. O velho está associado ao outro e nunca a si mesmo: “o velho é o outro e o mesmo não acontecerá comigo, eu sou diferente”. Assim como dito por Claudete que considerava que não “chegaria lá”, que não passaria pelas mesmas dificuldades que sua avó, ela acreditava que com ela seria diferente.

Da mesma forma que Lucinha, Ivone percebeu a passagem do tempo como extremamente acelerada. Ela considera que o tempo passa desapercibido, rápido demais e que os que nele vivem, não conseguem o acompanhar.

O tempo passa, viu filha? Passa rápido demais, que você nem vê. Então, e o tempo passa. Passa assim muito rápido! [Minha cabeça é] de jovem, minha cabeça não mudou nada, né? Eu penso como jovem. [...] Eu não me sinto com espírito de velha, só corpo, a carcaça está, mas o espírito não. Eu me sinto bem jovem! (Ivone)

Essa oposição entre mente e corpo apontada por Ivone é recorrente nos relatos das entrevistadas. A entrevistada refere-se ao próprio corpo como “carcaça”, uma representação que retira toda a humanidade de um corpo e torna-o apenas esqueleto. Para compreendermos melhor como esse termo é visto socialmente, pode-se recorrer aos significados atribuídos pelo dicionário Houaiss:

1 esqueleto de animal. 2 cadáver de animal de açougue, sem o couro, os pés, a cabeça e as vísceras. 3 p.ext. infm. o corpo humano. 4 fig. pej. corpo já velho, alquebrado. 5 fig. B N.E. joc. pessoa muito magra. 6 fig. pej. mulher velha, magra e feia.[...] (Dicionário Houaiss Online²¹)

Na definição número seis do Dicionário Houaiss Online “carcaça” refere-se como fugira pejorativa a mulher velha, magra e feia, enquanto as outras definições referem-se a objetos, esqueletos ou partes de um ser já morto. Referir-se a seu próprio corpo como carcaça é uma forma de desvalorizá-lo, objetificá-lo e, principalmente, aproximá-lo da morte. É interessante enfatizar que o termo “carcaça” não é utilizado para referir-se a pessoas velhas e, sim a mulheres velhas. Portanto, trata-se de um termo abordado pelo Dicionário Houaiss de maneira gerofóbica e sexista, questões que serão discutidas posteriormente. A entrevistada considera que enquanto sua cabeça é ativa, uma cabeça de jovem, o corpo já não serve para nada, é só “carcaça”. É possível observar a manifestação do preconceito contra idosos no próprio discurso das entrevistadas que, muitas vezes, propagam estereótipos que relacionam velhice a cansaço, assexualidade, lentidão intelectual, esquecimento, falta de capacidade para aprender, improdutividade, mal humor e impertinência. (SILVA; PEDROSA, 2008)

Lucinha, Claudete e Marli, nos trechos a seguir, associam a imagem da pessoa jovem à disposição e ação, a cabeça de jovem se caracterizaria como aquela que pensa ativamente, que realiza atividades e que planeja seu futuro, enquanto a imagem do velho está ligada ao doente, ao incapaz, ao improdutivo e ao dependente (ALMEIDA; LOURENÇO, 2009).

²¹ Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=carca%25C3%25A7a>>.

Lucinha considera que há mudanças físicas incontrolláveis no envelhecimento, mas que a mentalidade depende da forma como o sujeito encara esse processo.

Há uma mudança no seu organismo, nos hormônios, na estética, na saúde mesmo em si, vai mudando muita coisa. Só que eu acho que a sua cabeça depende de como você encara tudo isso, entendeu? [...] Eu não me vejo velha, estou com sessenta e um. Eu e minha irmã a gente fala: me vejo como uma pessoa com cabeça de quarenta, de trinta anos, sempre disposta, sempre animada. (Lucinha)

Claudete também considera que a idade física é diferente da idade mental e que o sujeito tem a idade que pensa ter. Ou seja, que a idade seria um conceito mais individual, definido a partir de como a pessoa se considera, do que pensa e do que faz.

Eu acho que eu tenho minha cabeça, que continua a mesma. Até minha mãe que tem noventa anos fala que a cabeça é a mesma. O corpo não é, mas a cabeça dela é. [...] Outro dia eu escutei falar na televisão que a gente é a idade que a gente acha que tem. Então, se fosse perguntar pra mim: "Que idade você acha que tem?", talvez uns trinta e cinco, quarenta anos, na minha cabeça. Eu não acho que tenho cabeça de sessenta e quatro anos. (Claudete)

Marli também não se considera como idosa, dizendo que não pensa como tal porque está sempre ativa, trabalhando e exercendo outras atividades.

Não sei, eu tenho sessenta e um e eu não me acho velha, eu não me acho idosa. Apesar de usar o estacionamento para idosos que eu adorei, né? Nos shoppings e nos mercados. Mas não sei, eu não penso como idosa. Eu penso como jovem, trabalhar, fazer isso, fazer aquilo. (Marli)

Claudete relata que seu marido considera um privilégio poder pagar meia entrada em ingressos por ter mais de sessenta anos.

Meu marido quando fez sessenta anos ficou todo feliz que ia pagar menos, que ia ter desconto. (Claudete)

Nota-se que há uma negociação entre ser ou não ser idoso, considerar-se ou não idoso nos diferentes ambientes e esferas sociais. Barros (2004) concebe que o indivíduo prioriza uma de suas facetas na percepção de si mesmo, a idade, classe ou o gênero ou qualquer outra identidade social não se coloca como proeminente durante todo tempo da interação coletiva.

Em nossa sociedade, os indivíduos não se percebem envelhecer como uma totalidade. O corpo pode ser velho, e o espírito jovem. As mãos podem ser ágeis

como na juventude, embora a visão tenha perdido sua acuidade. (BARROS, 2004, p. 52)

As entrevistadas também citaram casos de pessoas que, apesar de serem mais velhas, comportam-se como jovens e o oposto. Confirmando a visão de que o envelhecimento depende também da forma como a pessoa lida com tal processo, assim, ser ou não ser idoso está relacionado também à forma como o sujeito pensa e age. Claudete fala sobre idosos com quem convive que, na sua visão, não agem como tal. Ela cita uma senhora que apesar de pertencer a uma geração anterior a sua, é liberal e segue buscando por novas experiências. Experiências essas que fazem com que Claudete se julgue como “quadrada” ou conservadora.

Você nem acredita são pessoas de oitenta e dois anos que dão de dez em mim! São pessoas super para frente, cheias de vida. Você não acredita, parece que eu estou falando com uma juvenzinha, talvez algumas sejam igual a você. Olha, são.. Imagina, ela tá com oitenta e dois anos essa senhora. Com setenta e nove, setenta e oito anos ela foi na praia de nudismo e queria que eu fosse com ela. "Vamos! Fala com seu marido e nós vamos". Eu falei: "Imagina, meu marido não tem coragem de ir". "Ah, vamos nós duas e a gente fica no bar". E ela tem, assim, essa idade e não é caduca não. Gente mesmo assim legal pra burro! E ela é rica. É em João Pessoa, diz que é uma praia em João Pessoa que é uma coisa! É, mas eu não fui. Mas então pra você ver como tem gente legal. Essas pessoas assim, eu perto delas, sou quadrada. (Claudete)

A entrevistada faz questão de enfatizar que o interesse de sua amiga pela praia de nudismo se dá por seu pensamento moderno e não por estar “caduca”. Nesse contexto, há uma negociação na identidade de “idoso”, conforme possa trazer vantagens ou não. É interessante pensar nessa distinção sugerida por Claudete, já que muitas vezes o idoso que se mostra interessado por questões ligadas a sexualidade é considerado “caduco” ou “tarado”. Almeida e Lourenço (2009) explicam essa ideia:

muitos idosos são considerados hipersexualizados e a sociedade considera que, próximo ao término de suas vidas, tenderão a realizar muitas das atividades sexuais para as quais não tiveram tempo hábil ou oportunidades no decorrer da mesma. Podemos exemplificar com algumas expressões populares que ilustram certas atitudes da sociedade em relação aos idosos: “viúva alegre”, “velho tarado”, “solteirona”, “velhinho assanhado” (ALMEIDA; LOURENÇO, 2009, p. 236)

Paula também acredita que há pessoas mais velhas, da idade de seus pais, que são mais liberais.

Mas eu acho também que vai de cabeça viu? Porque tem muita mulher que tem essa idade (oitenta, noventa anos) e... Não sei, mas tem a cabeça mais liberal que a minha! (Paula)

Claudete e Paula, então, consideram o aspecto individual da personalidade e da vivência de cada sujeito que, independente de sua idade e geração, consegue transpor os pensamentos de “sua época” e incorporar os pensamentos menos tradicionais em seus modos de vida. Assim como aquelas que são mais jovens, mas pensam e agem como se fossem mais velhas, que apresentam características normalmente atribuídas ao estereótipo do velho: esquecimento, surdez ou perda de visão, comportamento rabugento, mal-humorado e repetitivo. Rosely menciona uma amiga que tem sessenta e dois anos, mas apresenta “sintomas” característicos de pessoas mais velhas.

Eu tenho uma amiga que tem sessenta e dois anos e tem coisa que ela já esquece que falou com você e conta de novo. Então eu não sei se a gente avalia muito por idade ou se é alguma coisa da pessoa mesmo, se é o cérebro, os neurônios, o que é... Então, ela esquece o que fala e repete muito as coisas. (Rosely)

Seguindo o mesmo raciocínio, Marli compara a atitude de sua cunhada a de sua mãe perante o envelhecimento.

Eu tenho uma cunhada que desde que eu era pequena, ela não tinha nem quarenta anos, eu sempre ouvi ela falar assim: “Ah, deixa você chegar na minha idade!” Como se ela já tivesse um montão de anos, né? E sempre ela se achou, se dizia mais velha, mais do que ela era, né? Tanto que hoje ela tem setenta e três, setenta e quatro e ela já está muito velhinha mesmo, ela está toda enrugada de pele e tudo. Mas sempre ela se achou velha. “Não aguento fazer isso, não aguento fazer...” Não sei. E eu também nessa coisa da velhice puxei um pouco para minha mãe. [...] Minha mãe sempre foi mais sofrida, mas era muito ativa. Minha mãe morreu com oitenta e seis anos e ela lavava roupa, lavava a roupa de cama dela na mão! Ela gostava, entendeu? Ela gostava. [...] Ela fazia faxina na casa dela, ela sempre foi muito ativa, muito ativa. E a minha cunhada já não. “Ah não consigo fazer isso, isso já não é para a minha idade.” Sabe? Minha mãe nunca falou isso, eu nunca ouvi minha mãe falar isso, falar assim “Ah, isso não é para a minha idade, isso eu não consigo.” Minha mãe sempre foi muito ativa. É da cabeça. Minha mãe foi muito ativa sempre e minha cunhada é acomodada. (Marli)

Paula apresenta uma visão semelhante ao considerar que seu filho de quarenta anos tem “cabeça de velho” porque passa muito tempo em casa.

Eu acho que tem que saber envelhecer porque tem muito jovem aí que está velho. Eu vou falar pelo meu filho Júlio, minha nora fala assim: “Nossa, parece velho nessa sua cabeça.” Ele é assim: fica muito dentro de casa. Está velho! (Paula)

A entrevistada ainda fala sobre uma conhecida que não conseguia aceitar seu processo de envelhecimento e de tanto reclamar acabava deixando de aproveitar a vida. Para a entrevistada, a aceitação da própria idade é essencial para “eternizar sua

mocidade” e manter-se longe da figura da velha rabugenta. A entrevistada expõe a importância da aceitação para o processo de envelhecimento:

Saber envelhecer é saber aceitar que você está envelhecendo e eu conheço várias pessoas que não aceitam. Quando eu viajei a primeira vez para Europa, conheci uma senhora. Ela tinha tudo, tinha uma casa na Paes de Barros toda de mármore vindo da Itália. Ela só reclamava: “Ah, porque quando eu era moça...” Mas você não é mais, procura eternizar sua mocidade! [...] Saber envelhecer é você eternizar sua mocidade. Lógico que você não vai andar de minissaia, né? Pelo amor de deus! Mas essa mulher não soube eternizar, ela tinha tudo para ser feliz, tinha um marido que gostava de viajar e ela não queria porque só sabia reclamar da vida. Então, a gente não pode só reclamar da vida. (Paula)

Paula ainda considera que seu esposo parece muito mais velho que ela por ser uma pessoa amarga, que não dá risadas.

Eu sou mais velha que ele, mas você olha para a cara dele e ele tem trezentos anos a mais que eu. (Risos) Você quer ver? Vou te mostrar, essa é uma fotografia recente. (Procura a foto) Ele está horroroso, simplesmente horroroso. Eu falo para ele que se eu tivesse essa cara, eu tratava de buscar o Ivo Pitanguí. (Mostra a foto) Essa daqui foi no casamento da minha sobrinha, esse daqui é meu filho quando casou. Olha o Lucas! A mais recente tá aqui... Ó, ele não tem cara de ser mais velho que eu? É, é amargura! É quando a pessoa é amarga... Ele fala assim: “Eu não consigo rir desse jeito.” Tanto que quando ele ri ele se engasga inteirinho (risos) Eu dou risada, eu dou risada até com propaganda de detergente. [...] É isso que é saber envelhecer. Você vê? Eu sou dois anos mais velha que ele. E ele fala para todo mundo: “Mas ela é mais velha que eu!” O amigo dele falou: “Nossa, não parece!” (Risos) “Parece que ela é mais nova que você!” (Paula)

Segundo a visão da entrevistada, aqueles que não se divertem, que são mais rabugentos, envelhecem mais rápido, enquanto aqueles que riem muito e não guardam mágoas demorariam mais para aparentar a idade. Ela se orgulha de parecer mais “jovem” que o seu esposo e atribui tal aspecto a sua forma alegre de encarar a vida. Além dos estereótipos da velhice, as entrevistadas reproduzem, nos trechos acima, estereótipos também sobre a juventude, associando-a felicidade, energia e atividade. Essa questão será aprofundada na próxima sessão deste capítulo.

Já Elza aponta a tranquilidade de observar o passado e suas conquistas e a sabedoria adquirida com as experiências vividas como pontos positivos possibilitados pelo envelhecimento. A entrevistada buscou olhar para o envelhecimento como um processo natural e aceitá-lo como parte importante da vida e não como fator limitante desta.

Eu acho que em alguns momentos é muito tranquilo porque você vai olhando e vai vendo a sua vida, né? E como você foi construindo, sabe? É bom, é bom você ver o que você já fez, já deu conta, sabe? [...] Todas as pessoas, desde que não ocorra um acidente, vão morrer com uma certa idade. Então, quando você olha que é tudo algo natural da vida, que vai acontecer, que você vai envelhecer. Que quando envelhecer você não precisa ficar dentro de casa esperando, que tem muitas coisas que você pode fazer, que você não precisa perder o interesse pela vida. (Elza)

A forma como Elza lida com seu envelhecimento envolve um processo de aceitação de corpo, mente e de todas as transformações causadas pelo processo. Porém, Elza mostrou durante sua entrevista o quanto tal processo de aceitação é difícil e gera tensões em diferentes aspectos de sua vida. Sobre a percepção da passagem do tempo e do envelhecer, Whitaker (2007) constrói um relato muito pessoal que colabora para entender as questões expostas pelas entrevistadas.

Alguém já disse que os dias são longos, mas que os anos voam, e aos 69 anos, posso garantir que tal paradoxo expressa sensações bastante verdadeiras – o que se torna mais evidente quanto mais velho nos tornamos. Para os muito jovens, tais reflexões dificilmente se impõem. A vertiginosa velocidade do tempo começa a chamar atenção quando atingimos certa maturidade, o que varia de pessoa pra pessoa. De modo geral, no entanto, para os “futuros idosos”, a velhice sempre parece algo remoto. Ainda vai demorar para chegar lá, pensa a maioria, enquanto sinais evidentes da passagem do tempo são ignorados ou escamoteados. (WHITAKER, 2007, p. 88)

Na sociedade ocidental contemporânea, o envelhecimento é, então, perpassado pela experiência temporal; e essa, por sua vez, é sempre subjetiva. Ninguém se prepara para envelhecer, é como se tal passagem nunca fosse ocorrer e, principalmente, como se a morte não fosse inevitável ao final do ciclo. A forma como essas mulheres se deram conta que estão envelhecendo revela muito do significado de envelhecer e como tal processo é enfrentado por elas. A velocidade do tempo é acelerada em nossa sociedade e em meio a esse turbilhão de informações os sinais do envelhecimento passam despercebidos. Ribeiro (2015) analisa a peculiaridade do processo de envelhecimento de cada indivíduo, considerando que o ser humano envelhece com o passar do seu próprio tempo, um tempo humano e subjetivo, que é construído a partir de cada trajetória. Ou seja, envelhecer é diferente em cada sociedade, classe e período histórico e ainda corresponde a processos extremamente particulares.

A partir dessa ideia, as entrevistadas refletiram que envelhecer hoje é muito diferente do envelhecer de seus pais e como, certamente, será diferente do envelhecer de seus filhos.

As mães das entrevistadas, mesmo quando viviam em ambiente urbano, não trabalhavam, dedicavam-se exclusivamente à casa e aos filhos. Elas casaram antes dos dezoito anos e, a maioria, teve mais de três filhos. A maioria não chegou a concluir os estudos e tinha um grau de escolaridade abaixo de seus esposos. Estas mulheres viveram em um contexto social no qual o casamento era a única opção e a vida familiar era obrigatória. Viver e sobreviver em família era o grande objetivo destas mulheres, providas das classes mais baixas. Portanto, a mulher continuava dependente e submissa ao homem e por isso, o divórcio era visto como a pior chaga da sociedade. O papel de provedor era única e exclusivamente do homem e aqueles que não conseguissem cumprir com tal cargo, não tinham função na sociedade. A repressão sexual era imposta para as mulheres, que conviviam com o duplo padrão moral de seus maridos. A virgindade era tida como o “maior tesouro” de uma mulher e àquelas que perdessem a virgindade antes do casamento perderiam também seu valor. (DEL PRIORE, 2006; GOLDENBERG, 2001) Tais valores foram passados para as gerações posteriores e, principalmente, a partir dos anos 1970 foram confrontados. Como visto, as entrevistadas foram criadas sob tais valores tradicionais e sofreram os impactos das mudanças ocorridas na sociedade em sua juventude. As entrevistadas construíram suas vidas em meio ao conflito entre valores tradicionais e modernos e, certamente, tais construções influem na forma como elas estão envelhecendo. Fatores como o avanço das ciências biológicas, o aumento da expectativa de vida e a emancipação feminina possibilitam a estas mulheres serem precursoras em uma nova forma de envelhecer.

Segundo Rosely, em sua juventude o perfil de uma pessoa com sessenta anos era muito diferente do que é hoje.

Na época que eu tinha vinte anos, se eu encontrava uma pessoa de sessenta era outro perfil. Que hoje eu me vejo e falo: “Poxa, não era igual aquela pessoa.” Mas a gente percebe as diferenças. Você percebe a questão da pele, você percebe em questão de cansaço. (Rosely)

Marli, que foi filha temporã, relata a experiência de ter uma mãe mais velha do que as de seus colegas. De acordo com a entrevistada, aos cinquenta e sete anos sua mãe era considerada uma “velhinha”.

Minha mãe tinha cinquenta e sete anos em 1967. Ela foi eleita a mãe mais velha da escola. Então, as senhorinhas você olhava com essa idade e achava velhinha, minha mãe era velhinha com cinquenta e sete. Ela era a mais velha! As outras[...] eram senhoras. Hoje com cinquenta e sete anos são jovens, né? Eu considero assim. Eu não, toda a sociedade. Falar senhora, uma mulher de cinquenta anos ela se veste igual a uma de vinte e cinco, vamos dizer assim. Então, você olha as duas meio que igual, né? E trabalham, estão na ativa, tem empregos bons. (Marli)

Ao refletir sobre a mudança no processo de envelhecimento entre gerações, Estela considera que sua geração é privilegiada nessa questão em comparação as gerações passadas, principalmente no âmbito estético.

Acho que a gente vive uma época boa para [envelhecer], mudou-se também. Na minha época com cinquenta anos a pessoa já estava velha, hoje está numa idade bonita, né? [Hoje em dia, as mulheres] demoram muito mais para parecerem envelhecidas. Até porque a indústria de cosméticos ela proporciona isso para você, com cremes, cremes que fazem efeito rápido. (Estela)

Elza também considera que hoje as mulheres têm chances de envelhecer melhor do que as mulheres da geração de sua mãe.

Hoje eu acho que a gente tem mais oportunidades até do que minha mãe teve na época dela de envelhecimento. (Elza)

Ivone compara o envelhecimento de sua mãe com o seu e chega a conclusão de que tem muitas oportunidades que sua mãe não teve, isto por pertencer a outra classe social e outra época.

Tem diferença [do envelhecimento da mãe para o meu], né? Porque a minha mãe envelheceu, coitada, ela não sabia ler, não tinha nada. Ela envelheceu dentro daquele mundo. Não viajava, ela envelheceu dentro daquele padrão deles mesmo, né? E eu já estou envelhecendo diferente, estou vendo o mundo de outro jeito. Ela não, ela envelheceu velha. Eu não, eu não me sinto velha não. Então, é bem diferente. (Ivone)

Assim como a juventude dessas mulheres foi muito diferente da juventude de suas mães, certamente, seu envelhecimento também se dá de outra forma. Suas mães eram consideradas “velhinhas” com sessenta anos e as entrevistadas não se sentem “velhas” com a mesma idade, dessa forma, essas mulheres buscam ressignificar o processo de envelhecimento a partir das suas experiências. Nunca se envelheceu como hoje e, por isso, elas constroem e reconstroem em suas trajetórias novas formas de envelhecer. Porém, é importante enfatizar que estas novas formas de envelhecimento se configuram de diferentes formas, variando segundo classe social e raça/etnia. Assim como apresentado na sessão anterior, os mais oprimidos têm menos possibilidade de viver um processo de envelhecimento saudável e ativo e, conseqüentemente, as evoluções no campo do envelhecimento caminham a passos mais lentos para estes grupos.

3.3 “Estar” ativa: trabalho e aposentadoria

As entrevistadas associam bem-estar no envelhecer à incessante busca por atividade em seus cotidianos, o que não necessariamente pode corresponder ao bem-estar de fato. Elas empenham-se no cuidado de seus corpos e de suas mentes como

forma de adiar o envelhecimento e os males que podem o acompanhar. Tal pensamento parece remeter à teoria da atividade²² que se baseia na ideia de que um envelhecimento bem-sucedido pode ser alcançado se os sujeitos se mantiverem ativos, conservarem os mesmos hábitos da vida adulta e desempenharem papéis sociais relevantes (SILVA, 2008). A teoria da atividade foi um dos pilares que permitiu o desenvolvimento da gerontologia social, apesar de criticada atualmente, a teoria foi muito utilizada como ferramenta para ressignificação e posituação da velhice. De acordo com essa abordagem, Rosemary Rauchbach (*apud* MARQUES, 2004) considera que:

envelhecer com qualidade de vida é: conviver com grupos; ter boa alimentação, boa moradia, tratamento médico e disposição de ser atuante; programar-se para fazer exercícios físicos, ler e participar de tudo que teve vontade de fazer e foi adiado; amar a si e aos outros (pois o amor rejuvenesce); não ter medo de ser criticado; compreender e internalizar o processo de perda (morte) (MARQUES, 2004, p. 67).

Seguindo os mesmos princípios e em uma abordagem teórica otimista e reducionista das nuances e diferenças nos diversos tipos e possibilidades da velhice, Debert (2004) expõe o processo de posituação do envelhecimento dado a partir do fim da década de 1960: em vez de um período de improdutividade, o envelhecimento começa a ser pensado como uma possibilidade de realizar tudo o que não pôde anteriormente, um período de gozo do tempo livre e investimento na satisfação pessoal.

Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”. Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer. (DEBERT, 2004, p. 61)

Marques e Carlos (2006) criticam a teoria da atividade e os pensamentos que seguem essa linha considerando que ela motiva um engajamento, que pode ser alienado, a partir de um ideal de ação e velocidade característico da lógica da produtividade do mundo do trabalho: é necessário produzir e não se pode parar. Os autores enfatizam que a teoria da atividade representa uma forma de envelhecer “para alguns indivíduos, mas não para todos” (MARQUES; CARLOS, 2006, p. 63). Já que essa fase da vida é uma construção social que depende de diferentes fatores como situação econômica, de saúde, cultural e aspectos subjetivos.

Tal teoria estimula a própria “reprivatização da velhice” (DEBERT, 2004) na qual o próprio indivíduo é responsável pelo seu processo de envelhecimento. Caberia, então, ao

²² A teoria da atividade foi elaborada nos anos 1960, partindo do pressuposto que a atividade social por si é benéfica e focando em normas de ajustamento do envelhecimento à sociedade. Até hoje tal teoria influencia projetos na área do lazer e da educação não formal de idosos (MARQUES; CARLOS, 2006).

idoso tomar uma série de atitudes, controlar sua mente, seu corpo e seu tempo para ter um envelhecimento “bem-sucedido” criado nos parâmetros da sociedade.

Cria-se, desse modo, a representação de que a velhice bem-sucedida está ao alcance de todos, bastando, para isso, adotar um estilo de vida e consumo apropriados. Esse cenário acaba gerando uma culpabilização dos idosos, que não conseguem assim se reconhecer. Portanto, segundo o discurso, principalmente de geriatras e gerontólogos, o fato de um velho se encontrar abandonado e dependente é decorrência de uma espécie de “negligência autoinfringida” (MARQUES; CARLOS, 2006).

Há uma intensa valorização do envelhecimento ativo e um julgamento daqueles que optam por outras formas de viver esse momento da vida. Esse cenário de discussão influencia diretamente nos modos dos sujeitos lidarem com as questões do envelhecimento e nas formas de refletir sobre suas experiências.

Partindo dessa discussão, serão analisadas as entrevistas em aspectos referentes à aposentadoria, mudança de funções e a busca por atividades a serem exercidas nesse período pelas entrevistadas. Lucinha falou sobre seu cotidiano:

Em casa eu sou muito ativa, a pessoa que entra em casa e começa a ficar ociosa, já não é o meu caso, em casa eu sempre fui muito ativa. (Lucinha)

Em outro momento da entrevista, ela citou seu gosto pela pintura e outras atividades manuais e diz que essas atividades possibilitam que ela não fique ociosa em nenhum momento.

Então, eu tenho habilidades. Eu e meus irmãos temos, eu tenho um irmão também que fez quadros. Tudo que é manual eu desenvolvo muito bem, gosto. Então eu tenho sempre o que fazer, então, eu não fico ociosa não. Sempre alguma coisa para fazer. (Lucinha)

Dinha diz que com o envelhecimento não se pode ficar parado, tem sempre que fazer algo, sejam atividades domésticas ou de lazer. Essa impressão do senso comum coincide com o otimismo de Debert (2004) sobre o envelhecimento.

A Ivone me dá bronca: “Ah, você está com dor e vai sair?!” Eu falo: “Pára!”. Eu sempre vou passear, adoro shopping. [...] Eu faço muito palavras-cruzadas, caça-palavras, mexo no computador, então, você não pode ficar parada, né? Você tem que ficar um pouco dinâmica. (Dinha)

Lucinha e Dinha são mulheres que trabalharam em sua juventude, mas pararam depois do casamento, dedicando a maior parte de suas vidas ao trabalho doméstico e ao cuidado dos filhos e de outros membros da família. Hoje, com filhos adultos, elas aprendem a lidar com o tempo livre dividindo-se entre o trabalho doméstico e atividades de lazer.

Já Rosely, solteira e sem filhos, elaborou uma narrativa muito voltada para sua educação e trabalho, pontuando a vida profissional como aspecto nuclear na construção da sua história. Rosely é aposentada pelo INSS, porém continua exercendo a função de advogada em seu escritório no bairro da Mooca. Ela atribui a opção por seguir trabalhando às necessidades financeiras e, principalmente, a seu bem-estar psicológico.

Assim, eu falo que eu estou semiaposentada porque eu estou aposentada pelo INSS, mas eu tenho a previdência [...] e eu continuo trabalhando. Eu também não ia me sentir bem de ficar em casa sem fazer nada. Agora eu te falo, se eu tivesse um salário de quinze, dez mil, se eu tivesse uma aposentadoria de quinze ou vinte mil reais por mês, é lógico que eu não faria um monte de coisa que eu continuo fazendo, estaria mais tranquila. [...] [Se bem que,] eu tenho uma amiga que ganha isso porque é funcionária pública aposentada de um determinado órgão, que assim, ganha esse dinheiro e não faz absolutamente nada. E está pior do que eu em questão de cabeça, tem um monte de problemas, tem depressão, tem “não sei o quê”, tem isso e tem aquilo. Então lidar com tudo isso? Será que eu passaria por tudo isso? (Rosely)

O afastamento do trabalho torna-se, muitas vezes, um grande problema na vida dessas mulheres, já que essa geração de mulheres foi a primeira a vivenciar a inserção no mundo do trabalho de forma mais intensa. Assim, coube a elas não só se constituírem como ativas profissionalmente, como também seguirem com as tarefas domésticas e os seus papéis de mulheres-cuidadoras. Analisando a diversidade de situações em relação às atividades na velhice, pode-se questionar sobre quais seriam as formas de manter-se estimulado com a vida, sem a obrigação social de estar ativo todo o tempo.

Vivemos em um contexto de produtividade e de consumo, em uma sociedade em que a categoria trabalho ocupa lugar central na organização social. Grande parte da vida se constrói em volta do trabalho, forma-se para o trabalho, busca-se crescimento no trabalho e por isso o desligamento do mundo do trabalho pode ser um processo muito difícil. As identidades se constroem em torno da categoria trabalho e quando o sujeito deixa de atuar nesse âmbito, parte de si esvazia-se.

O idoso de hoje estruturou-se como sujeito numa cultura que difunde a ideologia da produção, do consumo, o que está intimamente relacionado ao estímulo da atividade. O idoso já sofre uma penalização social ao se afastar da lógica da produtividade com a aposentadoria. Portanto, faz-se necessário promover uma revisão desse paradigma para que o trabalho com os idosos possa levar em conta suas potencialidades e necessidades de maneira mais global. Ampliando a visão que se tem deste, incluem-se aspectos psicológicos e sociais, que também são importantes para o processo de individuação. (MARQUES; CARLOS, 2006)

Inserida nesse contexto, Elza, que trabalhava em um consultório de terapias alternativas, está passando por uma grande mudança, parou de trabalhar há pouco tempo e está aprendendo a lidar com essa nova realidade.

Até o ano passado eu trabalhei. Ai esse ano eu estou indo ao consultório às terças-feiras, mas assim mais para questões administrativas ou para... E também estou vendo como é que eu vou lidar com isso. Porque eu acho também que é um outro momento, uma outra passagem. Que eu não sei, estou vendo como é que eu vou fazer. Mas assim, né? Nesse tempo, eu não sou dona de casa em tempo integral. É tranquilo porque meu marido também é aposentado. A gente está em um outro ritmo. (Elza)

A entrevistada relatou que sempre teve muitos *hobbies*, que fez diferentes cursos de línguas e estudou canto. Por estar se desligando aos poucos do seu ambiente de trabalho, tem sentido vontade de buscar outras atividades:

Eu faço curso de inglês, eu fiz canto, que eu gosto de canto. A minha professorinha saiu da escola e eu estou meio assim, sem saber se eu volto ou não volto a fazer canto. Ai eu comecei a fazer curso de italiano também. Então, eu estou assim, sabe? Eu sei que... Eu estou vendo para que lado eu vou. Ficar sem estudar eu não quero, não acho que é por aí. Acho que é o que eu gosto. Se eu ficar em casa o tempo todo, sendo dona de casa, eu vou ficar muito infeliz. Fiquei todo esse tempo trabalhando, praticamente. Então, eu não sei, está em aberto ainda. [...] Eu penso nisso às vezes e eu realmente estou num momento assim em que eu estou isso para uma outra vertente, estou numa fase de mudança. (Elza)

Ao vivenciar essa fase transição em sua vida, a certeza de Elza é que ela não deseja ficar ociosa ou apenas cuidando da casa. Como ela sempre trabalhou, ficar o tempo todo em casa a faria muito infeliz e, por isso, ela busca por atividades fora do âmbito doméstico.

Se aposentar com estabilidade e com todos os benefícios é o sonho de todos, mas Marli poderia estar aposentada há alguns anos, como funcionária pública do Judiciário, e preferiu seguir trabalhando. Ela disse adorar o que faz e, apesar de pensar em se aposentar, ainda não sabe quando o fará.

Às vezes até fico com remorso da minha substituta, né? De não dar o lugar para ela, mas eu falo: "Ah, paciência. Deus me colocou nesse lugar, eu gosto, eu me sinto bem. O que é que eu vou fazer? Vou me toler de uma coisa que eu adoro fazer em função do outro?" Sei lá, não sei até que ponto que é válido. Claro, eu pretendo aposentar. (Marli)

Rosely, que ainda trabalha, ocupa seu tempo livre com atividades físicas, além de ir ao cinema e sair para dançar.

Eu só sei que nada sei e estou me cuidando para não entrar em depressão, para não entrar em crise e esse tipo de coisa. Uma coisa que eu vejo que é bom para mim: eu faço hidroginástica, estou fazendo caminhada, estou fazendo exercício funcional porque aí também eu extravaso nisso, jogo nisso. (Rosely)

Marli e Rosely são as únicas entrevistadas que seguem trabalhando e é interessante notar o quanto a narrativa das duas foi direcionada para o trabalho. Na vida das duas, o trabalho cumpre uma função essencial e desprender-se dele é como ser aproximar-se cada vez mais da velhice. Para aquelas que trabalharam durante toda a vida e que sempre tiveram a vida profissional como um dos núcleos principais de sua história, parar de trabalhar exigiria uma ressignificação do tempo: um processo de mudança intensa, que pode configurar-se como doloroso.

O envelhecimento continua associado socialmente à ideia de inatividade e improdutividade, as entrevistadas buscam em sua trajetória viver essa fase da vida combatendo essa imagem. Aquelas que trabalharam apenas em sua juventude, tendem a valorizar as tarefas domésticas que realizam, assim como as atividades que realizam junto aos grupos sociais e familiares que participam. Já as mulheres que passaram a maior parte de sua vida trabalhando, tendem a resistir à aposentadoria.

Segundo Pacheco (2004), ao se aposentar a mulher voltaria a sua posição de “dona de casa” e nela poderia desenvolver um “sentimento de utilidade”, mas sempre dentro dos padrões sociais heteronormativos esperados.

Após sua aposentadoria as mulheres retornam, quase sempre, ao trabalho primeiro que a “natureza” lhes impôs e continuam aptas a desenvolvê-lo, como socialmente esperado. Isso as possibilita manter o sentimento de utilidade dentro de seu espaço doméstico, em que nunca se exaurem as possibilidades da atenção de provedoras (PACHECO, 2004, p. 220).

As entrevistadas do presente projeto, porém, parecem não querer assumir tal função em sua integridade. O papel da “dona de casa” não contempla àquelas que passaram toda a vida atendendo a uma dupla (ou tripla) jornada. Tal transição mostra-se muito mais complexa na fala das entrevistadas, não basta voltar todas suas energias para o lar e ocupar todo o tempo entre afazeres e cuidado com os familiares. Elas querem aprender as coisas que não tiveram tempo de aprender, viajar, ler, passear e viver novas experiências. As vivências das entrevistadas não cabem nas expectativas tradicionais da sociedade, se trata de viver o envelhecimento de forma multifacetada e subjetiva.

3.4 Envelhecimento feminino: corpo e autoestima

Recentemente, um fenômeno demográfico consolidou-se: a presença de grande número de mulheres idosas no Brasil e em outros tantos países. No Brasil, segundo o censo de 2010²³, a diferença entre o número de mulheres com idade entre sessenta e noventa e nove anos e de homens na mesma faixa etária é de mais de dois milhões. De acordo com Salgado (2002), os motivos para a grande disparidade entre o número de homens e mulheres idosos são: a maior longevidade das mulheres, que vivem cerca de sete anos mais que os homens, e a tendência de mulheres casarem com homens mais velhos, antecipando sua viuvez. Como consequência vemos um número muito maior de mulheres em idade avançada nas famílias, nos grupos de convivência de idosos, bailes da terceira idade, casas de repouso e etc (NICODEMO; GODOI, 2010; SALGADO, 2002). O envelhecimento é atualmente uma conjuntura global e, particularmente, feminina.

Salgado (2002) descreve o contexto social e psicológico das mulheres idosas em nossa sociedade. Por serem mulheres, carregaram certos estigmas de gênero por toda vida e, agora, carregam os atributos do envelhecimento e todo preconceito que os acompanham. De acordo com Nicodemo e Godoi (2010) e Salgado (2002), as mulheres têm desvantagens no envelhecimento tanto por sua inferioridade econômica quanto no campo simbólico, no qual sofrem mais preconceito relacionado a sua imagem pessoal e corporal. Caracteriza-se, então, uma situação de dupla discriminação: por serem mulheres e idosas.

A mulher enfrenta, então, uma aposentadoria com rendimento mínimo ou nulo, escassos recursos econômicos, viuvez ou separação do casal, afastamento de seus filhos e filhas, cuidado de familiares dependentes (jovens ou idosos). Enfrenta, ainda sentimentos de inutilidade, provocados por todos os mitos e estereótipos existentes socialmente. Ou seja: “a não aceitação da velhice”, a negação de sua sexualidade; “porque já não estou para isto”; uma baixa autoestima porque: “já fisicamente não me vejo como antes”, quando as estruturas sociais exigem da mulher ser jovem, bonita e produtiva para participar e contribuir com a sociedade (SALGADO, 2002, p.10).

A autora aponta as exigências sociais no controle do corpo da mulher e a forma como isso se reflete na aceitação (ou não-aceitação) do processo de envelhecimento. Os discursos médico e biológico intervêm no corpo da mulher desde muito cedo e, ao envelhecer, o controle dos corpos femininos se dá de forma ainda mais intensa. Busca-se controlar os sinais corporais do envelhecimento por meio de cirurgias plásticas, reposições hormonais, dietas, exercícios e intervenções cosméticas (FERNANDES;

²³ Dados do Censo de 2010 realizado pelo IBGE, disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>.

GARCIA, 2010). Trata-se muito mais de atingir o ideal da juventude do que de se manter saudável. Segundo Fernandes (2009), as mulheres gerem o cuidado de si focando no cuidado com a saúde que é:

traduzido na atenção ao corpo, através de atividade física e alimentação adequada, além da procura regular de serviços de saúde, talvez por serem mais acostumadas a terem seus corpos medicalizados ao longo dos seus diferentes ciclos de vida, tornando-as mais expressivas quanto à necessidade de autocuidado, condição pouco referendada pelos homens. Essa forma de cuidado compreende suas possibilidades de enfrentamento da velhice, visando minimizar ou retardar seus efeitos, o que lhes assegura um sentimento de autoeficácia, sobre-estimando o seu potencial físico, cognitivo e de sociabilidade (FERNANDES, 2009, p. 708).

A privatização do envelhecimento atribuiu a responsabilidade do idoso sobre seu próprio bem-estar, em diferentes aspectos. Cabe a eles, então, manterem-se saudáveis física, mental e psicologicamente, manterem-se jovens e, é claro, ativos.

Os indivíduos não são apenas monitorados para exercer uma vigilância constante do corpo, mas também são responsabilizados pela sua própria saúde, através da ideia de doenças auto-inflingidas, resultado de abusos corporais, como a bebida, o fumo, a falta de exercícios (DEBERT, 2004, p. 21).

Nesse contexto bem-estar e boa aparência confundem-se, exigindo que os idosos e, principalmente, as idosas conservem seus corpos jovens e invistam em sua aparência. Propaga-se a ideia muito disseminada em revistas femininas e livros de autoajuda que “só envelhece quem quer”. Nas sociedades modernas, o aumento da longevidade e a flexibilização da classificação das faixas etárias constroem novas identidades a partir da valorização da juventude e da negação da velhice. Segundo essa perspectiva, a juventude é um valor que pode ser adquirido com esforço e investimento, enquanto a velhice deve permanecer oculta e é vergonhosa (JUNIOR; FREITAS, 2010).

Nesse processo, a juventude perde a conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas (DEBERT, 2004, p. 21).

As mulheres, mais do que os homens, são alvos de discursos estratégicos promovidos pelas ciências médicas e pela indústria da beleza que divulgam modernas técnicas de rejuvenescimento e outras práticas que prezem pela juventude desses corpos. No discurso midiático, rugas, flacidez e cabelos brancos são tidos como inaceitáveis e julgados como resultado de negligência por parte das mulheres que se negaram (ou não tiveram condições) a fazer uso de cosméticos e procedimentos cirúrgicos (JUNIOR;

FREITAS, 2010). Lucinha fez uma consideração sobre as imposições da sociedade sobre o corpo feminino e apontou uma questão importantíssima que é a situação das idosas de classes mais baixas.

Eu acho que a televisão mostra um lado bonito, tudo, acho que realmente envolve muito a parte cultural, financeira. Você pega uma mulher de uma classe média baixa, como é que ela vai manter a sua... Entendeu? Hoje em dia tem a estética, tudo está muito bom, que vende uma enxurrada de coisas. (Lucinha)

Apresenta-se então um terceiro ponto na discriminação contra as mulheres idosas: a classe social. Se as mulheres idosas que possuem melhores condições econômicas podem prezar pela sua aparência e saúde comprando cosméticos e fazendo cirurgias e tratamentos, aquelas que pertencem às classes menos favorecidas não conseguem atender a todas as exigências para manterem seus corpos jovens e, portanto, são mais uma vez prejudicadas pelo preconceito da sociedade e com a falta de aceitação de si mesmas. Tal pressão é tão forte na sociedade brasileira que Livramento, Hor-Meyll e Pessôa (2013), ao analisarem o consumo de produtos de beleza por mulheres das classes mais baixas, consideram que muitas dessas mulheres abrem mão de bens considerados como essenciais para investirem em produtos cosméticos. “Cuidados com a beleza surgem como uma estratégia utilizada para disfarçar a posição social e assim obter respeito da sociedade.” (LIVRAMENTO; HOR-MEYLL; PESSÔA, 2013, p. 63)

As falas das entrevistadas que serão apresentadas a seguir tendem a confirmar os estereótipos da velhice e, especificamente, do envelhecimento feminino. Mesmo que escapem em certos aspectos, a maioria das entrevistadas segue as normas sociais em busca da juventude, vivendo um doloroso processo de negação da velhice.

Lucinha considera que as atrizes e figuras midiáticas não são figuras “reais”.

Eu procuro qualidade de vida. Estou com escoliose, o que eu posso fazer para ter uma boa qualidade de vida com isso? O que eu posso fazer para viver uma vida boa partindo disso aí? Vou me tratar naquilo que eu posso, vou fazer pilates, vou fazer aquilo que eu posso para manter essa qualidade de vida gostosa. Mesmo para mim e para minha família, dos que convivem comigo. Então, eu tenho essa visão, tenho... Sou feliz, então, a coisa mudou. Cabelo é totalmente branco, se eu não passasse tinta estaria. E a gente vai perdendo algumas coisas, muito interessante, muito forte isso. Isso aqui (mostra manchas na pele do braço) minha mãe era assim e minhas irmãs e olhava e falava: “Vixe, que coisa, né?” Começou em janeiro, vai ficando manchadinho, a pele sem o líquido. Eu uso produtos, tudo que eu posso, então é assim. Eu acho que conforme as coisas vão surgindo, você vai cuidando, até onde estiver ao teu alcance, para você fazer e ter uma vida gostosa, uma vida boa. A televisão mostra muita coisa, essas atrizes e as propagandas, uma coisa que às vezes não é tão real. (Lucinha)

Na televisão e outras mídias, as atrizes que já passaram dos sessenta anos exibem seus corpos jovens, magros e com pele perfeita. Há um culto ao corpo idealizado na figura da celebridade que incentiva as idosas a se encaixarem no padrão preestabelecido, por mais trabalhoso e custoso que seja tal processo. Paula cita a apresentadora Hebe como ideal de envelhecimento.

Eu vou envelhecer, na idade eu vou envelhecer, lógico! Porque isso faz parte da vida da gente, mas eu vou ser do tipo da Hebe. Bem perua, bem a bicha que nasceu mulher, sabe? Porque eu falo que eu sou a bicha que nasceu mulher. Eu não estou mais incrementada porque eu acho chato, né? Mas quando eu tenho que ir para uma festa, eu passo purpurina nos olhos e vou embora. Eu estou gorda e não estou me aceitando. Agora eu emagreci porque eu tive dengue e emagreci um pouquinho, mas eu vou purpurizada. [...] Então, eu sou assim. Eu quero saber envelhecer, não quero ficar aquelas velhas caquéticas, sabe? Que andam de bengalinha. Eu não quero, pelo amor de deus! (Paula)

Ao fim desse trecho Paula cita a figura de Hebe Camargo em oposição à figura da “velha caquética”. Hebe representaria uma mulher elegante, bem maquiada, cabelo loiro e sempre impecável, ativa e expressiva, enquanto a “velha caquética” teria cabelos brancos, usaria “roupas de velha” e “bengalinha”, seria frágil e doente. A imagem da “velha caquética” e sua “bengalinha” nos remete a ideia de Silva e Pedrosa (2008) que analisam o uso de diminutivos quando falamos de idosos em nossa cultura. As autoras consideram que tal recurso é uma forma de infantilizar os idosos, um recurso que equipara idosos e crianças já que ambos vivem faixas transitórias da vida e não o “tempo principal”. É uma maneira terna e infantilizada de referir-se ao indivíduo, retirando desse sua autonomia e sexualidade. Os entrevistados usam os termos “velhinho” e “velhinha”, por exemplo, ao referirem-se a seus pais, tios ou a outros desconhecidos, mas nunca a si mesmos. A figura do “velhinho” e da “velhinha” carrega um estigma pejorativo, diferente da figura do “velho” analisado por Bosi (1994) como aquele que é detentor da memória, que vive o “tempo de lembrar.

Ainda pensando nessa figura estereotipada da “velhinha”, Ivone conta que prefere fazer suas próprias roupas a comprar, já que nas lojas só vendem “roupa de velho”.

As minhas roupas, eu costuro tudo. Como não tem roupa, você vai procurar e não acha, só tem roupa de velho. Eu detesto roupa de velho, eu sou velha, mas gosto de roupa de jovem, né? Então, eu vou lá no Brás, eu vou lá, comprou meus panos, meus retalhos baratíssimo e costuro e faço. (Ivone)

A entrevistada admite com bom humor que também é velha, mas que prefere se vestir como jovem. Ao estudar o corpo da mulher brasileira e o da mulher francesa, Malisse (2002) considera que “no Brasil é o corpo que parece estar no centro das

estratégias do vestir” (*apud* GOLDENBERG, 2005, p. 89) Segundo o autor, enquanto as francesas utilizam roupas que tendem a envelhecer sua aparência, as brasileiras vestem-se como jovens até tarde. Ivone não se sente a vontade com as peças que são vendidas nas lojas que tem como público-alvo mulheres da sua idade, enquanto Estela associa o vestir certas peças consideradas mais joviais como um atributo que caracteriza sua atitude jovem e ativa. No trecho a seguir, ela questiona seu neto sobre que tipo de avó ele preferiria ter:

É o que eu estava explicando para ele outro dia, você preferia que eu estivesse trancada em casa, com o cabelinho todo branco, né? Com 61 anos já dá para ficar com o cabelo todo branco. Chorando e numa cama, você acharia melhor assim? Do que sua avó estar de *short*, saindo, se divertindo? (Estela)

A vestimenta *short* vem acompanhada de juventude, atividade e diversão. Estela contrapõe dois modelos de avó: a de “cabelinho todo branco” (mais uma vez usa-se diminutivo para referir-se a característica da idosa/outra) ou a avó moderna, como ela. Apesar de fazer alusão ao estereotipo da velhinha, a entrevistada cita conhecidas que resolveram manter o cabelo branco e nem por isso tornaram-se “velhinhas”, mas diz que não conseguiria manter seus fios brancos.

Eu não deixaria o meu [cabelo] branco. Sei que tem algumas mulheres que deixaram e ficaram lindas, tem mulheres que ficaram lindas de cabelo branco. Conheço amigas da minha mãe que bateram o pé: “Não vou colorir o cabelo, não vou fazer...” E ficaram realmente lindas. Mas não me vejo fazendo isso, não me vejo de jeito nenhum fazendo isso. (Estela)

Estela fala sobre produtos e procedimentos cosméticos que estão presentes no mercado para retardar o envelhecimento do corpo feminino.

Agora, tem um creme no mercado que você passa e fica esticada por seis horas. Custa uma fortuna, mas existe. Existem as plásticas, eu acho que hoje a mulher tem a opção de fazer isso tudo. Desde que ela possa financeiramente, fazer plástica, esticar o rosto, esticar a sobancelha, aumentar a boca, né? Bons cabeleireiros para você manter um cabelo bom, fazer exercício físico, exercício físico mantém ela mais ativa. Acho que hoje, ela não só pode como deve se manter mais jovem por mais tempo. Até por um certo... Não para agradar os outros, mas por ela mesma. Existe uma piada que é assim: tem uma mulher na frente de uma fonte de desejos, que é uma piada extremamente preconceituosa. Diz assim: Eu quero ser bonita, gostosa e que todos os homens me desejem. Puf! Ela some e vira uma caneca de cerveja. Então, na realidade, a impressão que dá é que os homens não estão nem aí para elas, eles estão aí para sentar numa mesa de bar, bater papo, tomar cerveja com os amigos, né? É isso. Passa uma gostosa eles olham, acabou de passar eles continuam ali. A mulher está preocupada em ficar bonita para atrair, ela tem que ficar bonita para agradar a ela

mesma, agradar a ela própria. Isso demora para a gente entender, demora bastante tempo. (Estela)

De acordo com a entrevistada, as mulheres não só podem como devem buscar por artifícios para se manterem jovens por mais tempo, porém tal processo só é válido quando serve para aumentar a autoestima da mulher com ela mesma. A busca por um corpo mais jovem seria, então, para agradar a si mesma e não aos outros, não com o objetivo de atrair aos homens.

Dinha fala sobre sua relação com o espelho:

Se eu não me ver no espelho eu me sinto jovem. (Dinha)

Estela também fala sobre a angústia de se olhar no espelho e de perceber as mudanças em seus corpos causadas pelo processo de envelhecimento.

Eu acho que a gente devia atingir uma certa idade, ficar com aquela aparência e ficar com a mesma aparência até o fim dos dias. Porque você se olhar no espelho e todo dia você ver uma ruga, uma mancha, uma expressão, os dentes que alteram, todo o seu corpo muda. Todo o seu corpo. Você olha para ele e todo dia você olha... Na minha mão eu não tenho aquelas pintinhas, eu não tenho, mas eu sei que uma hora vai aparecer. Mas você olha uma foto minha e uma foto de uma outra pessoa mais nova, você faz as comparações, não tem como não fazer. E esse negócio de “a idade está na cabeça”... Não, ela está no corpo sim. (Estela)

Deparar-se com o espelho é deparar-se com a mais crua realidade visual. Por mais jovens que pareçam em suas idades, essas mulheres não se reconhecem em seus próprios corpos envelhecidos.

Mesmo que se queira negar a velhice, seus primeiros e mais evidentes sinais se manifestam na aparência, e isto ninguém ignora, de forma que o espelho passa a ser o principal acusador de sua manifestação, o grande vilão. (FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 882)

Elza fala sobre o quanto tentar controlar o envelhecimento é complicado, que a busca constante pela manutenção já juventude é muito cansativa.

Eu acho que quando a gente quer entrar no controle de como vai ser mesmo o envelhecer, o final, aí fica meio complicado. Se você quer entrar no controle de... “Ah, uma química nova para o cabelo, uma cirurgia nova, não quero aparentar a idade.” É complicado você sai fora do lugar, né? Mas quando você olha para os ciclos te dá uma tranquilidade. O processo também tem a sua individualidade, você não precisa ficar necessariamente... Perder o interesse pelo mundo, pela vida. Algumas limitações acontecem mesmo, não vai ter jeito. O pique que você tem, o meu nunca mais vai ser igual. Mas que dentro da minha possibilidade, nossa, tem inúmeras coisas que eu posso fazer e contribuir. (Elza)

A entrevistada ainda comenta sobre como lida com sua aparência e considera que por nunca ter sido muito vaidosa sofra menos com tais aspectos.

Acho que eu não preciso, sabe, correr atrás de tanta coisa pra minha autoimagem, pelo menos pra mim, não passa por aí. Talvez se você é uma pessoa mais vaidosa, talvez tenha um grau de sofrimento, mas é uma coisa que está no externo e não tá no teu interno. [...] Se eu olhar as minhas fotos e me olhar no espelho hoje, eu tô muito diferente, é evidente, mas eu acho que a minha idade é compatível com uma mulher da minha idade que tenha envelhecido naturalmente. Não é compatível com uma mulher da minha idade que fez cirurgia, ou que pinta os cabelos, ou que isso e aquilo. Poderia pintar o cabelo? Posso, mas é uma opção minha e não estou pintando. (Elza)

Ao notar que a forma da entrevistada lidar com a sua aparência era atípica, levando em conta as outras entrevistadas, aprofundou-se tal temática e buscou-se entender a relação da entrevistada com a vaidade e com o processo de envelhecimento. Elza falou sobre quando ela sentiu necessidade de pintar os cabelos.

Quando meu filho nasceu eu já estava com quase quarenta anos, então era muito comum eu ser confundida com a avó dele e meu marido também. E meus cabelos já estavam grisalhos, porque a minha família tinha o cabelo branco muito jovem, né? E aí, ficava uma coisa, uma cobrança dele, assim. Acho que quando ele chegou lá pelos sete anos, e tal, e também por um pouco de vaidade, falei: “Vou pintar”. Então, eu comecei a pintar o cabelo e tal, aí fui pintando, mas, assim, deixando sempre pra um tom mais claro, mais para um loiro, meio para o branco, assim, fazer a junção dos dois. [...] Aí eu passei por uma situação que eu perdi os cabelos, fiz um tratamento, aí quando os cabelos começaram a surgir, eu falei: “Olha, quer saber? Não vou pintar nunca mais, não vou passar por esse sofrimento de ir no cabeleireiro, ficar lá, tarará, tarará.” E aí, eu fiz a opção de não pintar mais e deixei. Achei que assim... Não era uma coisa que eu curti muito, cabeleireiro, coisas assim. Não é coisa que, por exemplo, não sei se é uma questão de falta de autoestima, ou sei lá o que, mas não era uma coisa que eu gostava muito de ir, tal, tal. Aí, então, pra mim ficou mais tranquilo. Aí eu vou, corto e ponto. (Elza)

A maioria das mulheres tende a pintar os cabelos assim que surgem os primeiros fios brancos, Elza, porém, só começou a pintar quando sentiu que tal atitude seria útil em relação a sua família. No trecho acima, ela cita que perdeu os cabelos e depois parou de pintá-los, quando questionada sobre o motivo da queda dos cabelos, a entrevistada contou que passou por um câncer de mama e fala sobre como lidou com a doença.

Eu tive um câncer de mama. Passei pelo tratamento quimioterápico e acaba caindo mesmo, né? A quimioterapia, que para o meu caso, para o caso de muitos cânceres de mama, acaba caindo os cabelos, né? [...]Então, aí eu fiquei assim. Eu

quis ver mesmo como que o processo de você perder o cabelo, sabe? Eu não quis... Ah, sei lá, minhas sinapses aqui são meio assim. Eu quis ver como que era, assim, como você se sente perdendo cabelo. Porque o cabelo é uma coisa importante do visual da gente, né? Gosto do meu cabelo, gostava de como ele era, achava charmoso e tal. Então, aí caiu muito, muito mesmo. Fiquei com uns fiapinhos só e eu fiquei com eles, até começar a nascer. Aí quando começou a nascer, eu cortei bem curtinho, mas também, uma outra coisa que eu fiz, pra mim foi ótimo, eu falei: “Não vou pôr lenço, não vou pôr essas coisas”. Antes mesmo de começar a fazer a quimioterapia, eu tive a ajuda de uma amiga da minha prima, nós fomos, assim, falei desse desejo: “Não quero ficar com a aparência padrão, de jeito nenhum”. Nós fomos até uma loja que vendia chapéus. Então, eu fui lá escolhi dois chapéus, escolhi uns lenços pra por debaixo do chapéu. Vamos dizer, foi um tratamento difícil, mas também não fiquei, assim, com a aparência, pelo menos, estética de quem tava fazendo o tratamento. Porque na época não era tão comum usar chapéu e acabavam vendo chapéu, assim, como uma coisa charmosa. Então, foi isso. Foi em 2009, 2009 que eu fiz o tratamento, acho que terminei em 2010. Assim, todo o processo. E, felizmente, estou bem, está tudo tranquilo, você tem que fazer os acompanhamentos sempre, mas foi... E foi uma experiência, assim, também bem interessante, na questão, assim, porque é alguma coisa que você tem mesmo, acho que todas as pessoas, não só isso, mas é o tipo de uma situação, de uma doença que realmente você fica em xeque: “Eu vou viver ou não vou viver? Qual vai ser o meu caminho? Com quem que eu vou conectar?” e que exige que você também tenha uma postura, acho que você encontra em muito recurso na tua história, nos antepassados, sabe? Na história deles e que você também faça uma mudança de vida. [...] Não perdi [a mama], porque assim deu para fazer... Retirar só um quadrante, né? Eu tirei o quadrante e aí eu tinha uma mama muito grande e elas ficaram com uma defasagem e enfim... Agora quando foi em abril desse ano, eu já... Tinha assim um custo de ficar com essa diferença, um custo da minha coluna, esteticamente também assim. Ah, vou vestir uma roupa. “Tá aparecendo que uma é maior que a outra, não?” Tinha essa coisa. Ai eu fiz a equiparação das mamas. Foi tranquilo. (Elza)

O relato de Elza sobre a doença mostra o quanto sua relação com seu corpo é especial. São dois aspectos extremamente importantes na aparência feminina que sofreram com a doença: os cabelos e as mamas. Mesmo se dizendo uma pessoa pouco vaidosa, Elza sentiu necessidade de interferir em alguns pequenos aspectos físicos: escolher chapéus para fugir do visual “padrão” e ao mesmo tempo ocultar o cabelo que sofria com a queda e, fazer a equiparação das mamas para não incomodar-se com a diferença que ficava aparente nas roupas.

Segundo Salgado (2002) as mulheres têm sido treinadas para temer a velhice e, por isso, negam o processo de envelhecimento tentando escapar aos castigos do tempo. A autora reconsidera a questão da dupla discriminação contra a mulher idosa:

Apesar de tanto os homens quanto as mulheres serem vítimas da discriminação por idade, a mulher idosa é particularmente desvalorizada, não só por ser velha mas também por ser mulher. (SALGADO, 2002, p. 13)

Cada uma das entrevistadas mostrou elaborar estratégias de forma individual para adaptar-se às pressões dessa fase da vida: seja buscando enquadrar-se no modelo de juventude disseminado pela mídia, seja negando o processo de envelhecimento ou encontrando outras formas de sentir-se bonita, atraente e reconhecer-se como mulher idosa.

Lucinha falou sobre as diferenças entre homens e mulheres durante o envelhecimento. Segundo ela, a velhice pesa mais para a mulher do que para o homem.

Para o homem eu acho que a velhice não pesa tanto quanto para a mulher, eu acho. As consequências da idade correndo para a mulher são mais intensas. Embora hoje o homem se cuida muito esteticamente, faz os seus... Mas a mulher ela ainda tem o vínculo mais forte com a estética. E abate, muda tudo. E o homem não tem essa preocupação, eu acho que não, pelo contrário, tem homem que chega numa certa idade e fica charmoso e está todo, né? Não sei se é charmoso, mas se sente, se veste como jovem, né? Tem o seu glamour, suas conquistas, a mulher também, mas é mais marcante a terceira idade para a mulher do que para o homem. Digamos, mais esteticamente tudo isso, mais externamente, porque internamente se a sua cabeça for legal, você tira de letra! (Lucinha)

Lucinha pensa que a relação da mulher com a estética é mais forte e por isso, é mais difícil envelhecer para elas do que para eles. Reproduzindo os estereótipos de gênero em relação ao envelhecimento, ela considera que o homem mais velho é charmoso, se sente e se veste como jovem enquanto, a mulher sofre mais com os sinais do envelhecimento. Estela também reproduz tais estereótipos:

Eu acho muito mais fácil para o homem envelhecer. Porque é muito charmoso homem de cabelo branco, mulher de cabelo branco é um descuido. (Estela)

Tanto Lucinha quanto Estela reforçam os estereótipos atribuídos ao homem idoso e a mulher idosa. Nesse contexto, Salgado (2002) compara o preconceito sofrido pelas mulheres ao envelhecer em relação ao sofrido pelos homens, há uma diferença clara principalmente aos estereótipos impostos pela sociedade em relação à aparência e sexualidade.

O preconceito de idade enfrentado pelas mulheres ao envelhecer está composto pelo sexismo e pela dupla mensagem que considera velha a mulher com idade

inferior à do homem. Essa dupla mensagem da velhice leva a aceitar a visão de que enquanto os homens de idade avançada são “durões, rudes e viris”, as mulheres estão “enrugadas”. Os cabelos brancos e a calvície que fazem os homens parecerem “distintos e muito atraivos”, mostram uma mulher em “decadência”. (SALGADO, 2002, p. 11/12)

Livramento, Hor-meyll e Pessôa (2013) consideram a disparidade de julgamento entre a aparência feminina e a masculina. Segundo os autores, a vaidade é obrigatória para mulher e nenhuma desculpa é dada como aceitável para a falta de cuidado de si.

No universo masculino, a falta de tempo atribuída ao ritmo acelerado da vida profissional funciona como desculpa aceitável. Para a mulher, é como se não houvesse justificativa plausível para não ser bela: não ter vaidade é uma depreciação moral. (LIVRAMENTO; HOR-MEYLL; PESSÔA, 2013, p. 50) Como dito por GOLDENBERG (2005; 2013) o corpo se constitui como capital físico, simbólico, econômico e social. O corpo da mulher idosa, especificamente, é controlado por toda a sociedade e, dessa forma, é uma ferramenta de opressão. “Corpos dóceis”²⁴ são produzidos a partir dos meios de comunicação, indústria médica e estética (FOUCAULT, 1987). Pequenos gestos, como não pintar o cabelo ou usar uma maquiagem mais ousada são extremamente significativos na relação dessas mulheres com a sociedade. Não existe reconhecer-se sem ser reconhecido pelo outro, assim, em cada atitude relacionada à aparência se associam inúmeros processos de identificação. Quando Estela escolhe vestir um short ou quando Elza decide não usar lenços no cabelo, elas decidem como querem se mostrar para o(s) outro(s), construindo e ressignificando assim parte de quem são, durante essa fase de suas vidas.

As falas dessas mulheres negam constantemente a velhice, há uma busca por tudo que soe como jovem, ativo e belo. Elas alteram suas aparências e, principalmente, os sinais da velhice para atraírem seus parceiros, sentirem-se bonitas e serem aceitas pela sociedade como um todo. As ferramentas cosméticas e de saúde que as entrevistadas consideram como evoluções tecnológicas que possibilitam um envelhecimento de qualidade tornaram-se compulsórias em suas vidas. Com a exceção de Elza, que se permite “relaxar” em relação a aparência em alguns aspectos, elas não podem descuidar-

²⁴ Conceito cunhado por Michel Foucault (1987) “corpos dóceis” são aqueles disciplinados como forma de tornar indivíduos dóceis, obedientes e submissos ao exercício do poder.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 1987, p. 164/165)

se por um segundo. A beleza e o bem-estar são valores enaltecidos e obrigatórios para quem não deseja se tornar uma “velhinha”.

3.5 Sexualidade no envelhecer: desejo e companhia

Nas questões sociais e sexuais, segundo Silva e Pedrosa (2008), preconceitos e papéis sociais da vida inteira são reproduzidos também no envelhecimento: aos homens tudo é permitido, às mulheres, nada.

Mesmo que exista o desejo da mulher idosa e que ela esteja apta para realizar uma relação sexual, não haveria desejo do outro por ela. Mais uma vez a sexualidade fica limitada apenas às mulheres mais jovens e surge o discurso baseado em estereótipos como “sexo não é para velhos” ou, neste caso, “para velhas”. (SILVA; PEDROSA, 2008, p. 228)

As entrevistadas parecem estar pouco (ou não estar) conscientes do quanto são reprodutoras dos esterótipos da velhice e do quanto o machismo predomina na forma como elas enxergam seus corpos e sua sexualidade no envelhecimento. Elas pouco falaram de sua sexualidade no presente. Falar da sexualidade de quando eram jovens foi um assunto natural, já a sexualidade enquanto mulheres idosas foi mais difícil de ser abordada. Considerei que perguntar sobre a possibilidade de ter novos parceiros nessa fase da vida desencadearia o tema da sexualidade. Nesse contexto, Marli comentou que caso ficasse sozinha talvez buscasse por um novo parceiro, pensando no conjunto, um companheiro para todas as horas.

Olha, eu acho bacana. Se você ficar sozinha tem que procurar... Assim, claro que o seu eu interior tem que pedir, né? Não é: “Ah, porque eu estou sozinha.” Se: “ah, eu queria um companheiro, uma pessoa para trocar ideias.” Não precisa ser um... porque na idade da gente você não vai pensar mais em sexo só. Você pensa no conjunto todo, né? E eu mesma sempre falei que se eu ficasse sozinha acho que... Se eu ficasse viúva ou separada, realmente eu iria procurar alguém. Porque eu não gosto de ficar sozinha, acho que a gente tem que ter uma companhia. (Marli, casada)

A entrevistada pontua que nessa idade não pensam mais só em sexo, que um relacionamento só valeria a pena se fosse alguém para acompanhá-la em sua vida. Difícil estimar se essa afirmação é natural ou se é moldada pelo que se espera do comportamento das mulheres em relação à sexualidade, especialmente das mais velhas. Ivone também enfatiza a importância do companheirismo para um possível relacionamento, mas diz que não sente falta de ter um namorado e que preza muito pela sua independência.

Deus, me livre [de arranjar um namorado agora]. Então, porque eu não me sinto... Não faz falta pra mim, minha vida é tão normal, tão boa que eu não sinto

necessidade. Às vezes, você até queria pra viajar, pra sair pra passear, mas sexo não. De jeito nenhum. Poderia ser assim alguém para companhia, porque é bom. Você vai no lugar pra jantar, pra comer, pra viajar é bom você ter alguém, mas assim só pra isso, né? Hoje a minha independência é tudo. (Ivone, solteira)

Ivone teve uma trajetória de desilusões amorosas: aos vinte e poucos anos namorava há seis anos e já planejava casar, mas acabou terminando o relacionamento pois seu parceiro “além de beber, ele era mulherengo também.” Alguns anos depois, se envolveu com um vizinho que também bebia e que acabou indo embora para sua terra natal, no Ceará. Depois desse relacionamento, Ivone conta que nunca mais saiu com ninguém e que depois de tantas decepções desistiu de buscar outro relacionamento. Estando solteira desde então, Ivone considera que construiu uma vida independente, porém, como já citado, Ivone cumpriu e cumpre o papel de cuidadora, tradicionalmente atribuído a mulher solteira da família. Ivone nega veementemente sua sexualidade como mulher idosa, não enxerga nenhuma possibilidade de buscar um parceiro sexual nessa fase da vida.

Dinha, sobrinha de Ivone, conta que não teve vontade de buscar um novo parceiro após o falecimento de seu esposo.

Eu fiquei viúva com cinquenta anos e não tive outro homem, não fez falta. Mas eu não preciso de ninguém pra ir. Eu saio sozinha, vou jantar sozinha, vou no shopping sozinha. Não, não senti falta. De nada, nem de sexo... Uma que eu acho que, assim, que sexo é cabeça. Tem outras coisas que me preenchem: Meus netos, você entendeu? Minha mãe, ela (Ivone), minha irmã, então isso aí... Os sobrinhos, os netos da minha irmã, então a gente... Então, isso aí pra mim não fez falta. (Dinha, viúva)

Dinha tem um discurso de valorização de uma possível liberdade, relata que sai sozinha tanto para atividades cotidianas quanto para atividades de lazer e que se sente preenchida com a companhia de sua família e amigos. Ela enxerga a falta de relacionamentos amorosos e sexuais como a única liberdade possível, em um contexto no qual associa ter uma relação sexual a ter um marido e, conseqüentemente, ser submissa a ele. A “liberdade” está, para elas, na negação da sua sexualidade, já que não conhecem formas de vivê-la sem estar presa ao casamento e aos deveres sociais e morais a ele impostos.

Paula vive uma situação de conflito com seu marido atual e relata que ele pensa que o carinho e a atenção, que a entrevistada chama de romantismo, se concretizam no sexo.

Nunca teve romantismo, o romantismo dele, ele considera que é o sexo. Só que isso não é romantismo, desculpe, mas não é. Sexo não tem romantismo! Eu penso assim, mas pode ser que eu esteja enganada. (Paula, casada)

A fala acima é ilustrativa de uma geração de mulheres que foi educada para viver e sonhar romanticamente, mas a negar sua sexualidade. E, ao mesmo tempo, uma geração de homens que foi ensinada a valorizar seu sexo, sem envolver-se sentimentalmente e não demonstrar emoções.

Como Dinha, Martha relata que nunca se interessou em procurar outro parceiro desde que ficou viúva.

Olha, nunca me interessei assim, realmente. Sei lá, eu passeio tanto, vou tanto para lá, vou tanto para cá. [...] Eu tenho saído bastante, passeado bastante. [...] Eu acho que não faz falta, você já pensou? Eu fico pensando... Já pensou se eu arrumo um velho chato nessa altura do campeonato? (risos) Melhor ficar sozinha! Sair, vou no cinema, vou no shopping, saio com minhas amigas. (Martha, viúva)

O esposo de Martha era controlador de muitos aspectos da sua vida, segundo ela, os trabalhos domésticos e educação dos filhos ficaram sob responsabilidade dela apesar de ambos trabalharem, ele não permitia que ela frequentasse os eventos sociais dos amigos do trabalho e sempre implicava com o jeito como ela dirigia. Sua vida social mudou muito depois que ficou viúva, como ela mesma diz: *“depois que ele faleceu que aí, minha filha, ninguém me segurou mais.”* Com os filhos adultos e o marido falecido, Martha pôde construir uma nova forma de viver seu cotidiano e talvez por isso a ideia de inserir outro homem em sua vida seja tão assustadora, pelo menos, na forma de relacionamento que ela conhece e generaliza. Na visão da entrevistada, é melhor ficar sozinha do que ter um homem controlando sua vida, cerceando a liberdade que foi conquistada a tanto custo. A entrevistada conta a história de uma vizinha que começou a namorar depois que enviuvou.

Eu tenho uma amiguinha aqui que ela falou que não ia ficar sozinha. E realmente, foi lá na terceira idade e achou um vizinho da rua de baixo. Que dá de frente para o quintal dela. Aí ele vem para cá, ela vai para lá... Não moram juntos, né? E ele ficou viúvo não faz muito tempo e ela também ficou viúva faz um tempinho. Aí eu vejo ela passando aqui, aí eu vejo ele subindo. Ah eu acho legal, né? E tem outra, não moram juntos, né? Então, não tem aquela... Não sei, acho que não. Deve ser mais fácil, né? Do que você ficar ali, ter horário para fazer comida, horário para arrumar a casa, para sair... Só o namoro. Ele vai para lá, ele mora com os filhos dele. Ela mora aqui, os filhos dela já casaram. Mas a maioria aqui da rua, ninguém foi procurar sarna para se coçar. Porque às vezes você até acha alguém legal, mas sei lá eu acho que é uma loteria também, né? Porque quando você casa nova, você casa para formar uma família, para ter uma vida, construir um lar. **Agora, depois de velha seria mais só para você ter uma companhia. Para passear... Aí você arruma outro que não quer passear aí você vai ficar dentro de casa de novo?** Não, já chega uma vez. (Martha, viúva)

Martha considera que o quê torna esse relacionamento bom é que esse casal de idosos apenas namora, não moram juntos e assim, sua amiga não precisa ficar dentro de casa cumprindo as funções de esposa e pode curtir os momentos de lazer com o novo companheiro. Para essas mulheres, conseguir um bom companheiro nessa fase da vida torna-se uma loteria: busca-se um homem companheiro que compreenda a atual liberdade dessas mulheres e o compromisso delas com suas individualidades. Chama-se atenção para a ambiguidade das frases em negrito: a principal motivação para arranjar um parceiro seria ter companhia para passear, porém, ao arranjar um parceiro é provável que ele não queira passear e o compromisso a prenda em casa. É interessante perceber que as entrevistadas não conseguem enxergar a possibilidade de sexo casual ou até mesmo de um namoro descompromissado, elas associam a relação sexual a um compromisso sério, que exigiria dedicação ao lar e ao homem. Tal questão está associada a educação machista e opressora que as mulheres dessa geração receberam. A virgindade e o casamento costumam ser muito valorizados por essas mulheres. Ainda que tenham vivido momentos de mudança dos papéis tradicionais da mulher, os preceitos mais tradicionais ligados à família e aos relacionamentos amorosos permanecem presentes na construção identitária delas. Assim, elas podem até entender que suas filhas e netas tenham namoros curtos, que façam sexo descompromissado, que não desejem casar, mas não conseguem se imaginar fazendo as mesmas coisas. Tais “modernidades” não condizem com a imagem que elas fazem de si mesmas e que buscam projetar para os outros.

Nesse contexto, Mesquita (2013) considera que essas mulheres estão inseridas em uma sociedade repleta de valores machistas e que por isso não pretendem se envolver em novos relacionamentos, a partir de relatos de mulheres idosas de classe média que vivem numa capital do nordeste brasileiro.

Não é à toa que elas têm me dito que “não querem mais saber de homens”, o que me parece claro é que não querem mais esse modelo que conheceram como maridos, noivos ou namorados. Elas buscam também um parceiro diferente, com novos valores e modos de encarar o que significa ser homem e ser mulher na velhice, que possam dividir os atributos diários e não acumular atividades em suas vidas. Não lhes interessa um companheiro para cuidar, fazer comida e ir a todos os seus programas sem resistência! Elas querem estabelecer igualdades de gênero, gozar dessa flexibilidade de vida que sempre esteve restrita ao domínio masculino. (MESQUITA, 2013, p. 2)

Como dito pela autora, essas mulheres buscam igualdade de gênero num relacionamento, buscam por um parceiro que queira descobrir novas formas de ser um casal e não, reproduzir seus relacionamentos anteriores. Porém, essa igualdade de

gênero é algo que não existe em nosso país, mesmo na atualidade, é um valor que vem sendo construído lentamente. Os possíveis parceiros vivem, também, em uma lógica machista e patriarcal, na qual não enxergam essas mulheres como independentes e donas de suas próprias vidas. Provavelmente, tais parceiros buscariam reproduzir seus relacionamentos anteriores, exigindo das mulheres a função de esposa e dona de casa, submissas e dependentes.

É possível notar um duplo movimento nos trechos apresentados acima: por um lado, as entrevistadas valorizam a companhia de um parceiro e consideram que seria prazeroso ter alguém para conversar, passear e compartilhar experiências enquanto, por outro lado, prezam pela liberdade conquistada em suas vidas, não dependem de homens para fazer nada, seguem seus próprios horários para cuidar da casa e de si e não precisam dar satisfação a ninguém.

Ainda sobre a possibilidade de ter um novo parceiro, Rosely diz que teria sim interesse, caso aparecesse alguém interessante, porém tem dúvidas se ainda sente desejo sexual.

Ah não, a essa altura eu falo que eu já... Não, a minha vida sexual e a minha vida de relacionamentos foi até os cinquenta e dois, cinquenta e três anos.[...] Se por acaso aparecesse alguém assim eu teria um interesse, mas hoje eu até brinco que: **“Ah, hoje eu nem sei se eu ia querer. Se eu ia ter vontade de fazer sexo com alguém.” Eu leio muito o Drauzio Varella e ele fala que você nunca perde, né?** Lógico, mas vem a menopausa, vem um monte de coisa e eu acho que a sua libido fica realmente meio alterada. Se você perguntar assim: “Ah será que você hoje tem vontade?” Sei lá. Eu, sem ninguém me tocar, sem carinho, sem nada, eu acho que tudo bem. Então assim, não sei se eu tivesse um companheiro. Se eu estivesse saindo com alguém, se alguém hoje fizesse um carinho em mim, me beijar. Aí eu vou testar se a minha libido está boa ou não. Porque hoje a questão de eu ver alguém se beijando ou assistir a um filme ou estou sozinha e ficar pensando... Você tem vontade de fazer sexo? Não. Agora não sei, se alguém fizer um carinho em mim, se alguém... Aí você vai... Até eu brinco às vezes: eu tive um relacionamento com uma pessoa que eu sou amiga dele até hoje, né? E às vezes eu brinco, eu falo: “Ah, eu acho que eu vou fazer um test-drive com você pra saber se eu ainda tenho fogo.” Aí ele dá risada. Ele deve falar assim: “essa daí deve ser louca.[...] Mas ele deu risada e ficou na dele. Também não sou eu que vou me oferecer, né? Evidentemente. (Risos) Problema dele. Aí eu fiz assim eu joguei... Por isso que eu brinco que hoje precisaria disso para você saber, para você sentir.” (Rosely, solteira)

A fala de Rosely sugere uma falta de autoconhecimento, principalmente em relação ao próprio corpo e aos próprios desejos. Ela apresenta desconhecimento do próprio corpo e da própria sexualidade, muito característicos da sua geração.

As entrevistadas não tiveram informações sobre educação sexual quando jovens e foram descobrindo sua sexualidade nas relações com os namorados e esposos. A sexualidade dessas mulheres sempre foi cerceada pela moral e pelos bons costumes. Elas não sabiam nada sobre a mudança que estava ocorrendo em seus corpos, quando tiveram a primeira menstruação; não sabiam como seriam suas primeiras relações sexuais, exceto por cochichos entre amigas; elas deveriam prezar pela virgindade e mesmo quando já tinham relações sexuais, deveriam manter tal aspecto no âmbito mais restrito da intimidade, evitando até conversar sobre com seus maridos, e nesta fase da vida, elas seguem desconhecendo as mudanças que ocorreram em seus corpos e a forma como podem lidar com a sexualidade a partir delas. A negação da sexualidade se deu como regra na vida de tais mulheres e, atualmente, como idosas o questionamento de tal negação torna-se ainda mais difícil.

É interessante enfatizar que Rosely apela ao discurso médico para afirmar que a libido nunca acaba e, portanto, é possível ter vida sexual na velhice, mas, ao mesmo tempo, se questiona se ela teria desejo sexual quando provocada. Ao fim do trecho, ela considera um julgamento hipotético de seu amigo quando se coloca como uma mulher com vontade de se experimentar sexualmente. É possível que ela tenha ficado com receio de ser associada ao estereotipo da “velha tarada” já discutido na sessão 3.2. Mesmo sendo uma mulher madura, independente e solteira ela não pode “se oferecer”.

Como citado anteriormente, Estela é a única das entrevistadas que está em um novo relacionamento: ela namora há alguns meses com um homem mais de trinta anos mais novo. A entrevistada relata as vivências sexuais nessa fase da vida, as coisas que conheceu com seu novo companheiro e a redescoberta de sua sexualidade no envelhecimento.

Isso é uma coisa que balança. Quando você entra na menopausa que você não é mais fértil, você não sendo mais fértil você não produz mais nada. Isso tudo está na sua cabeça só. Só na cabeça. Porque eu consigo ficar completamente excitada com um beijo. O que é isso? Para mim, eu estava bastante preocupada. Porque eu não tinha vida sexual com meu marido já há bastante tempo. Então eu achava que realmente... Ai comprava perfume em sex shop, comprava isso e aquilo em sex shop. Não tem nada a ver, nada a ver. **Ele chega perto de mim e às vezes fala assim: “Eu estou excitado só de sentir seu cheiro.” Que cheiro? Se eu**

não tenho mais cheiro, que cheiro é esse, né? Então, realmente deve ser mentira. Não, pelo amor de deus, não tem nada a ver. (Estela, separada)

A entrevistada fala sobre a conexão entre sexualidade feminina e fertilidade e relata que o processo de menopausa mexeu com sua autoestima. Antes de iniciar seu novo relacionamento, ela atribuía a falta de vida sexual com seu marido ao processo biológico que estaria passando. Porém, ao se separar do marido e começar um novo relacionamento percebeu que ainda é capaz de ter desejo e uma vida sexual ativa. No trecho em negrito, Estela fala sobre a redescoberta de seu “cheiro”, inicialmente, ela achava que não teria mais “cheiro” depois da menopausa, ou seja, que teria parado de produzir feromônios atrativos sexualmente. Porém, ao citar a atração do novo parceiro pelo seu “cheiro”, ela chega à conclusão que ela ainda produz tais feromônios e que ainda é capaz de atrair o parceiro, dar e sentir prazer.

Costa (2008) fala sobre os impactos que o processo de menopausa pode causar na autoestima da mulher em relação à sexualidade:

Trata-se de um período bastante delicado quando se refere à sexualidade, já que as mulheres perdem a fertilidade, fato que pode gerar fragilidade, sentimentos de menos-valia, inferioridade e até sensações de inutilidade; é bastante comum a perda parcial da elasticidade e da lubrificação vaginal; diversos estudos [...] apontam para uma diminuição do desejo sexual, muitas vezes conseqüente da baixa auto-estima da mulher, que se sente menos atraente e não desejável, pois em geral chegam a engordar nesse período; há também um aumento da propensão a miomas, nódulos nas mamas, infecções no trato urinário, fato que pode afetar a confiança e o conforto sexual da mulher, levando a uma diminuição da libido; mudanças na pele; distúrbios do sono e insônia, irritabilidade, depressão, ansiedade e osteoporose, entre outras alterações. (COSTA, 2008, p.21)

Como dito pela autora, as mulheres tendem a ter sua autoestima prejudicada após a menopausa devido a inúmeros impactos biológicos e, principalmente, à forma como elas lidam com tais processos e a como ele é visto socialmente. Com a chegada da menopausa, algumas mulheres sentem que o sexo perde seu principal objetivo: a reprodução. A sociedade ainda possui uma visão limitada da sexualidade feminina como exclusivamente ligada aos aspectos físicos e a capacidade reprodutiva e, por isso, ao perderem a fertilidade, muitas delas perdem também a vontade de se relacionar sexualmente (ALMEIDA; LOURENÇO, 2008; COSTA, 2008). Para piorar esse quadro, homens da mesma idade dessas mulheres costumam preferir mulheres jovens, aumentando os problemas de autoestima delas, nessa fase da vida.

Estela, que foge aos padrões de comportamento socialmente esperado das outras entrevistadas, ainda compara como era fazer sexo na juventude e como é hoje,

considerando que os dois períodos são repletos de descobertas. Já que foi incentivada por sua ginecologista a redescobrir sua sexualidade quando pensava já não ter mais desejo sexual.

Tinha o novo, tá? O novo, o lance de fazer o sexo ali era conhecer aquilo tudo, era muita loucura. Hoje, eu estou vivendo uma coisa meio parecida porque o cara tem vinte e três anos. E eu fiquei um período muito grande sem vida sexual. Muito antes de eu me separar, por problemas emocionais, ele estava com uns problemas emocionais em relação a isso. E a minha ginecologista dizia para mim assim: “Quando a mulher entra na menopausa, ela perde o cheiro dela e aí perde a sexualidade dela.” Isso é o que está escrito, né? Que a mulher não tem mais desejo. A minha ginecologista falava que é mentira porque o desejo não está só no cheiro, o desejo está em outras coisas. Isso é mentira! Tem uma pomadinha que você usa que deixa perfeito. E eu achava tudo aquilo estranhíssimo porque quando eu comecei o relacionamento com ele eu percebi que o meu tesão, o meu desejo é tão intenso quanto antes. A pomada eu usei por um período, depois usei por um período menor e agora uma vez por semana, depois a cada quinze dias. É... Quando você perde... Durante a menopausa, os hormônios mantêm a vagina muito seca, a vagina fica quase quebradiça. Então, qualquer coisa machuca, qualquer penetração machuca. E a atividade sexual quando é mais intensa, não acontece isso, né? Quando você deseja, você tem que ter o desejo, querer estar com aquela pessoa, mesmo com o seu marido que você ama, sabe? Aquela coisa, se não houver o desejo não há excitação, não há lubrificação. Coisa que com sessenta e um anos eu tenho lubrificação para caramba. Agora, se você me perguntar como acontece isso. (Sinal de que não sabe.) Deixa eu fechar, que meu neto não quer ouvir essas coisas. (Fecha a porta) Como acontece? Simplesmente acontece. A gente começa e eu já estou preparada. Eu já sinto que estou pronta para tudo, mas aí começa uma coisa assim: de manhã um beijo, um abraço, depois uma passada de mão, isso, aquilo. Quando chega no momento a gente está preparado, quer dizer, exercício da vagina tem que fazer bastante, né? Faço exercício, comprime solta, comprime solta. Tudo isso informado pela minha ginecologista: “Não existe esse negócio de que a mulher perde o desejo, não existe!” Eu me cuido com ela há mais de trinta anos. “Mas Sandra, você está errada, eu não tenho mais desejo.” “Vai ter!” Eu estou precisando voltar lá para dizer para ela que ela tinha razão. (Estela, separada)

Estela apresenta uma explicação didática das mudanças físicas que acontecem com a menopausa e explica como se surpreendeu ao perceber que sua médica realmente estava certa. A entrevistada ainda enfatiza a importância do desejo na relação sexual, para ela, só foi possível aumentar sua libido porque tem desejo de estar sexualmente com seu namorado.

Ao analisar a fala de Estela é possível considerar que a reversão dos estigmas sociais sobre a sexualidade na velhice só foi possível fora do casamento, quando a entrevistada permitiu a si própria viver um novo relacionamento, mesmo enfrentando todas as dificuldades de ser uma mulher idosa. A entrevistada aponta, ainda, que aceita melhor o seu corpo agora do que quando tinha vinte anos.

Eu acho que, por exemplo, por eu ter sessenta e um anos, eu tenho menos vergonha do meu corpo do que quando eu tinha vinte. Aos vinte anos, estava tudo inteirinho ali. Eu não ficava andando pelada, eu estava sempre me forçando. Hoje eu entro e saio, passo na frente numa boa, sabe? Eu faço isso até para provocar, às vezes, passo só de calcinha. Então, eu tenho essa atitude, né? Eu não me sinto muito envergonhada. Eu me sentia mais envergonhada com meu ex-marido, pai da Priscila, né? Do que com meu atual namorado. É uma coisa bem interessante! (Estela, separada)

A aceitação de próprio corpo é essencial para que uma mulher idosa siga tendo uma vida sexual ativa e, no caso de Estela, se permita ter uma vida sexual ativa com um homem de vinte e três anos. Nesse contexto, analisa-se o que é dito por Fernandes e Garcia (2010):

Se antes, quando jovens, as idosas procuravam o espelho porque este servia para confirmar sua autoestima, agora, que mostra a imagem do antimitelo, quicá, deve ser evitado, para não “desconfirmar” a mesma. (Fernandes; Garcia, 2010, p. 882)

As mulheres percorrem uma busca incessante pelo corpo ideal, aquele imposto socialmente, e mesmo quando jovens tal modelo é, quase sempre, inalcançável. Se o corpo envelhecido é estigmatizado pela sociedade como o “antimitelo”, não há possibilidade de chegar ao modelo estabelecido, então, torna-se possível, em alguns casos, uma maior aceitação desse corpo pela mulher idosa. Assim, é possível enxergar beleza em si sem necessariamente almejar a aparência ideal, ainda que grande parte das mulheres não se veja dessa forma. Porém, com exceção de Estela, todas as entrevistadas encontram-se muito distantes dessa possível liberdade em relação aos padrões de beleza impostos.

Em um âmbito geral, as falas das entrevistas refletem mais uma aceitação do preconceito contra a mulher idosa do que uma resistência. Elas reproduzem os estereótipos em vez de fugir deles. Elas aceitam a construção social da desvalorização da mulher idosa como feia, inútil e assexuada e, desta forma, é compreensível que sejam tão veementes ao negar a velhice. Como pôde ser visto nos trechos apresentados, a negação do sexo na velhice ocorre devido a aceitação dos estereótipos da velhice: se a sociedade diz que sou assexuada, devo mesmo ser assexuada.

4. RELAÇÕES AMOROSAS, ROMÂNTICAS E SEXUALIDADE

O presente capítulo pretende apresentar as histórias de amor das entrevistadas em seu contexto no cenário sociocultural que envolve os relacionamentos amorosos, desde os anos 1970. A partir desses relatos, busca-se analisar como foram construídos e de que forma cada história foi contada, enfatizando tais aspectos e as possíveis razões para essas escolhas narrativas. O relacionamento amoroso se dá a partir de um sistema complexo e dinâmico que envolve diferentes esferas da vida social, comportamentos e emoções. Busca-se compreender, assim, a construção de tais narrativas a partir de diversos âmbitos da vida. Para tal, foi escolhido o “amor romântico” como conceito orientador na compreensão de tais narrativas.

O amor romântico surgiu no século XVIII, através da união dos preceitos do amor paixão com os valores morais cristãos. Os ideais do amor romântico inseriram-se, então, entre a liberdade e a autorrealização.

A idéia de “romance”, no sentido que o termo veio a assumir no século XIX, tanto expressou quanto contribuiu para as mudanças seculares, afetando a vida social como um todo. A modernidade é inseparável da ascendência da razão, no sentido de que se supõe que a compreensão racional dos processos físicos e sociais substitui a regra arbitrária do misticismo e do dogma. A razão não abre espaço para a emoção, que simplesmente fica fora do seu domínio; mas na verdade a vida emocional passa a ser reordenada nas condições variáveis das atividades cotidianas. (GIDDENS, 1993, p. 51)

O amor romântico foi essencialmente feminizado. Neste período, coube às mulheres a promoção do amor, sempre associado à subordinação da mulher ao lar, à maternidade e a seu isolamento do mundo exterior. O ser amado foi idealizado, assim como no amor-paixão, mas havia uma projeção de futuro: um futuro a dois, formado por indivíduos que se completam.

Giddens (1993) enfatiza o caráter subversivo do amor romântico que foi suprimido pela obrigação do casamento e da maternidade. Uma vez que o “amor verdadeiro” fosse encontrado, seria para sempre. Nesse contexto, a sexualidade feminina ficou aprisionada no casamento enquanto o homem continuou com um padrão duplo, no qual poderia exercer sua sexualidade dentro e fora do casamento.

Costa (2005) considera o amor romântico como:

uma síntese dos ideais espirituais e sensuais de amor, fundindo, por um lado, o amor platônico, a mística cristã e o amor cortesão e, por outro, a *ars* erótica, o

hedonismo renascentista e a galanteria. Nas sociedades contemporâneas, o ideal romântico, a despeito de perder sua plausibilidade, mantém uma enorme importância, constituindo ainda matriz de referência relevante para escolhas e comportamentos individuais. (COSTA, 2005, p. 114)

Ainda segundo Costa (2005), o amor romântico é composto pela união entre paixão sexual e afeição emocional, e se constitui pelo desejo de matrimônio e geração de prole. O autor enfatiza a importância do amor romântico, ainda hoje, na dinâmica social e comportamental. Partindo dessas reflexões, busca-se compreender também o contexto social no qual as entrevistadas estão inseridas.

Estas mulheres pertencem a uma geração de transição, na qual os valores referentes ao casamento, família e trabalho sofreram intensa alteração durante o curso de suas vidas. É possível perceber ambiguidade nesses relatos, a identidade dessas mulheres é construída a partir de conflitos entre o tradicional e o novo, o conservador e o libertário.

Segundo Bozon (2004), a maior parte das culturas constituiu a diferença entre os sexos a partir de uma lógica binária e hierárquica, na qual o feminino está sempre representado como o lado inferior, o “sexo frágil”. Os corpos são interpretados simbolicamente e, desse modo, a sexualidade humana não é um dado da natureza, mas sim uma construção social inserida em um contexto cultural específico.

Em nossa sociedade, porém, o argumento de que homens e mulheres são biologicamente diferentes e, por isso, devem cumprir papéis determinados, é ainda recorrente. De acordo com essa visão, a sexualidade seria algo determinado pela natureza, intrínseco ao ser humano (LOURO, 1997). Alguns dos entrevistados argumentaram dessa maneira, expondo aquilo que está tão engendrado no senso comum. Como Gilberto²⁵, de setenta anos, que quando perguntado sobre o que as pessoas procuram em um parceiro, disse o seguinte:

A mulher procura estabilidade, o homem procura aventura. A mulher para sair com o cara (a não ser que seja uma maria chuteira qualquer) procura saber o que o cara faz, onde ele frequenta, com quem ele frequenta, enfim... Ele não. É bonitinha vai para o arquivo, mais uma, mais uma... É o esquema do caçador. Aí ele começa a conviver e começa a encontrar outros valores nela. Aí a relação pode amadurecer e seguir em frente. [...] Mas no começo, no começo, o cara quer encontrar a menina para faturar. [...] Hoje, a mulher já adquiriu também uma certa estabilidade. Então, ela não é tão dependente da estabilidade, mas ainda por

²⁵ Entrevista realizada para o projeto “Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero”, 2013.

instinto, ela busca essa estabilidade. Você vê nos animais, a fêmea fica esperando a briga dos machos para ela transar com o mais forte, com o que ganhou a briga. Isso é coisa da natureza, entendeu?[...] É isso. E a gente não é diferente, a gente só é racional, mas continuamos sendo animal. (Gilberto)

Nesse trecho, o entrevistado entende o desejo sexual latente masculino em oposição ao desejo por estabilidade, que seria feminino. Essa busca pela estabilidade estaria no “instinto” feminino, segundo ele, que anseia por um suporte econômico e emocional masculino, que quer constituir uma família e ser protegida pelo homem, assim cumprindo com os papéis que a sociedade espera dela: mãe, esposa e dona de casa (GOLDENBERG, 2001; DESOUZA; BALDWIN; ROSA, 2000).

Cada cultura apropria-se de uma distinção biológica (macho/fêmea), seleciona alguns fatos naturais (como, por exemplo, a função reprodutiva da mulher) e os exagera, naturalizando funções que são produtos de uma determinada educação e socialização (GOLDENBERG, 2001, p. 2).

Essa impressão geral, de supostas diferenças naturais entre os gêneros, também está presente nos discursos das mulheres ouvidas neste projeto. Neusa, 65 anos, ilustra essa oposição entre o feminino e o masculino, expondo estereótipos de gênero internalizados.

A mulher quando pensa em romance, ela pensa em beijo, em abraço, em palavras de carinho, em músicas doces, em passeios, em lugares bonitos. O homem, eu acho que ele junta mais assim: “Porque eu amo essa mulher eu preciso ir para a cama com ela.” Eu acho que ele junta mais o romantismo com o sexo, que é uma coisa que nós mulheres não fazemos. Lógico que o sexo faz parte, é importante, é bonito. [...] E eu acho que o homem não, o homem ele já... Sabe, se ele gosta ou se uma mulher atrai, ele já quer ir para a cama. E ele acaba se apaixonando mais depois de ter um bom sexo. (Neusa)

Neusa descreve o homem como um ser sexual e ativo e a mulher como um ser afetivo e passivo. Segundo ela, a mulher pensa e idealiza o relacionamento e as carícias, enquanto o homem já planeja conquistar seu objeto de desejo e partir para o ato sexual. Segundo Boudieu (2014), no contexto social aqui tratado, as práticas e representações dos dois sexos são completamente assimétricas. Homens e mulheres têm visões muito distintas e com diferentes expectativas da relação amorosa. O ato sexual é para os homens uma forma de possuir a mulher, de dominá-la. Enquanto a mulher é ensinada a enxergar o sexo como uma relação íntima de afeto.

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação é porque ela está constituída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino,

ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo [...] (BOURDIEU, 2014, p. 31)

Analisando essa oposição atividade/passividade nas representações femininas e masculinas, Parker (1999) aponta a linguagem usualmente utilizada pelos brasileiros para referirem-se a relações sexuais. O papel masculino, nesse contexto, é o de *comer* e o feminino é o de *dar*. *Comer* é uma metáfora para o ato da penetração no qual é o homem que possui, domina e invade, enquanto a mulher recebe, é possuída.

Considerando esse pensamento, que imagina as identidades de gênero como estáticas e coerentes, os papéis sociais se dão, inerentemente, a partir das identidades de gênero. Os sistemas simbólicos de gênero se constituem pela exclusão de ambiguidades, criando uma ilusão de total coerência e unilateralidade. Ou seja, ou se é mulher ou homem; ou passivo ou ativo; ou feminino ou masculino, sem meio-termo e sem ambiguidades (PARKER, 1999). Essa impressão apareceu nas entrevistas, especialmente, quando narradas por mulheres que vivenciaram sua juventude em um Brasil de décadas anteriores aos anos 1970.

O entrevistado Paulo Roberto pontua a antiga frase, proferida por gerações e gerações, que caracteriza a mulher como o sexo frágil e o homem como o sexo forte.

O sexo mais frágil é a mulher, o mais forte é o homem. (Paulo Roberto)

Ainda segundo Parker (1999), a masculinidade se constitui na repressão das características femininas. Ou seja, para ser “macho” o homem deve ter as atitudes, os gestos e o corpo de “macho”. A valorização da figura do “macho” se contrapõe a desvalorização da figura feminina. Desouza, Baldwin e Rosa (2000) consideram os papéis de gênero tradicionais como característicos de certa cultura nacional machista que glorifica a hipermasculinidade. Os autores consideram que no Brasil,

o machismo é mais que os comportamentos dos homens – é a ideologia que promulga que é bom e até natural que eles controlem o mercado, o governo, e a atividade pública, e que as mulheres sejam subordinadas a eles (DESOUZA; BALDWIN; ROSA, 2000, p. 490).

Bozon (2003) pontua que há uma grande assimetria na visão sobre a sexualidade do homem e da mulher. Considera-se que o desejo masculino é sempre maior que o feminino e que tem mais direito e necessidade de se expressar-se. Ou seja, que os

homens são os agentes principais do ato sexual, enquanto o desejo sexual feminino é secundário.

Nas representações corriqueiras, uma mulher pode dizer que não tem desejo, sem que sua identidade social sofra por isso, especialmente depois que ela se tornou mãe. Mas a identidade do homem é potencialmente ameaçada em caso de ausência do desejo (BOZON, 2003, p. 146).

Apesar das mudanças latentes ocorridas na esfera da sexualidade, nos últimos cinquenta anos, o pensamento binário e a atribuição de estigmas aos gêneros são inerentes aos discursos proferidos na sociedade, como um todo. As entrevistadas tendem, também, a reproduzir tais valores, como poderá ser visto a seguir.

No início do projeto, ainda na fase do Trabalho de Conclusão de Curso, em função de pressupostos pessoais provavelmente decorrentes de estereótipos binários de gênero (que foram quebrados, ao longo do mestrado), a pesquisadora esperava que os relatos sobre relacionamentos amorosos construídos por mulheres fossem mais detalhados e românticos, enquanto os elaborados por homens fossem mais voltados aos aspectos objetivos da vida. Alguns textos lidos também apresentaram a perspectiva da naturalização das diferenças de gênero, considerando que as mulheres costumam estar mais dispostas a falar e narram suas histórias de forma mais emotiva. Constantino (2006), por exemplo, ao falar sobre a importância de sua pesquisa com mulheres imigrantes, diz:

Ouvem-se mulheres, porque estão mais dispostas a falar, porque vivem intensamente o dia-a-dia e para que seja considerado o papel da mulher na imigração que, entre nós, foi sempre irritantemente um assunto masculino. (CONSTANTINO, 2006, p. 65)

Sobre esse possível padrão de comportamento, Giddens (1993) cita a pesquisa de Sharon Thompson, que entrevistou adolescentes sobre seus relacionamentos sexuais e amorosos. Thompson percebeu que as garotas narravam seus relacionamentos de forma detalhada e complexa, e que construíam relatos com as “habilidades dos romancistas profissionais”. Enquanto os rapazes contavam rápidos episódios, sem pretensão de futuro e sem características narrativas. Como apontado pela própria autora, talvez o fato da pesquisadora ser mulher e mais velha, fez com que as adolescentes se sentissem mais à vontade para detalhar seus relatos, em comparação aos entrevistados do sexo masculino.

Tal expectativa se confirmou na primeira entrevista da fase inicial do projeto, quando Neusa²⁶ apresentou a narrativa do “grande amor da sua vida”, que permaneceu para sempre em seu imaginário como uma linda história de amor. Os próximos dois relatos serão apresentados de forma mais extensa, precedidos por uma breve apresentação do perfil da entrevistada, visando expor ao leitor a forma narrativa construída pelas interlocutoras. Esses dois relatos, em especial, trouxeram características românticas e foram construídos de forma detalhada.

O conceito de narrativa romântica foi escolhido como ferramenta para a análise temática do presente capítulo, considerando, porém, que o amor romântico não é o único possível ao tratar-se de relacionamentos amorosos. Assim, é importante enfatizar o que se entende quando refere-se a uma narrativa romântica ou não romântica no presente trabalho. Associa-se, aqui, o adjetivo “romântico” à idealização, ilusão e ficção, um valor apartado da racionalidade e objetividade cotidiana (GIDDENS, 1993; ROSSI, 2013). Essa visão romântica afasta:

intencionalmente percepções objetivadas de “realidade” na direção de projeções idealizadas, quer sejam elas da sociedade, de relacionamentos ou da própria biografia do indivíduo, estimulando e valorizando as possibilidades de experimentar sentimentos e emoções sempre mais intensas do que aquelas conhecidas e vivenciadas pelo ator em seu momento presente. Trata-se então de um foco em estados emocionais estimulados por idealizações e pela imaginação, como forma de contraposição e fuga a restrições aos desejos e impulsos individuais, percebidas como externamente determinadas. (ROSSI, 2013, p. 30)

Neusa casou com dezoito anos e se separou nove anos depois, após um período de decepções e conflitos. Contou sobre seu casamento brevemente e preferiu se aprofundar na história que viveu em um relacionamento posterior. Ela construiu a imagem desse homem a partir de figuras românticas: um cavalheiro ou um “príncipe encantado”. A entrevistada fez questão de enfatizar os gestos que ele teve enquanto namoravam e que o caracterizaram como o “homem dos sonhos”. Neusa considerou-se uma mulher romântica e disse que sempre sonhou em viver uma história como essa, parecida com a que lia em revistas e assistia em filmes.

NEUSA

Eu tive um grande amor na minha vida, um grande amor! Que eu vou dar o nome de Pedro porque eu fico mais tranquila. Nós trabalhávamos juntos. Nos conhecemos no trabalho. E já de cara a gente se deu bem, porque nós tínhamos a

²⁶ Entrevista realizada para o projeto “Memória de relacionamentos amorosos: velhice e gênero”, 2013.

mesma idade e nós tínhamos muita coisa em comum na época: política, música popular, então, a gente já se conheceu se dando bem. Como eu te disse eu acho que a gente era predestinado, nós tínhamos muita coisa em comum, muita coisa.

Eu conheci o homem que toda mulher gostaria de conhecer. Era um homem romântico, um homem cavalheiro, um homem inteligente, que eu sempre gostei muito de gente inteligente. [...] A gente saía e ia dormir na praia, coisas assim que acho que chama atenção de toda mulher. Coisas, por exemplo, quando eu fiz trinta e três anos ele me mandou trinta e três rosas durante o dia. Uma outra vez, que ele fez uma cirurgia e ele me mandou telegramas para que eu ficasse tranquila. Ele deixou com uma amiga minha, tudo escrito e cada dia eu recebia um telegrama, dizendo: “Eu te amo, vou precisar muito de você, logo estou voltando” Porque ele fez a cirurgia fora do país. Então, assim, esse foi o maior amor que eu vivi na minha vida, uma coisa que me faz bem até hoje, que eu conto para todas as minhas amigas, eu acho assim... Eu falo, eu devo ser uma mulher abençoada, porque é muito difícil uma mulher ter um amor assim. Sempre tem que ter desgraça, uma porção de perdas, uma porção de cafajeste. E eu realmente encontrei o amor da minha vida, que hoje já não existe mais, hoje acabou. Então, ficou só uma lembrança muito boa!

Nós ficamos juntos por cinco anos, não moramos juntos porque eu já tinha minha filha. [...] Aí ele teve um problema com o filho dele... Ele perdeu o filho. E aí ele ficou totalmente diferente e ele achou que ele devia ficar perto da mulher, da ex-mulher dele. Eu também achei porque eu não ia conseguir segurar um relacionamento pensando em três. E a gente se separou, mas foi... Essa é a minha história de amor, uma história que eu vivi. (Neusa)

A entrevistada disse que seu namoro só deu certo por tanto tempo porque eles nunca moraram juntos, que não gostaria de morar junto e que, hoje em dia, é contra o casamento. Ela começa o relato dessa história de forma romantizada e depois ela própria constrói uma justificativa para que esse romantismo tenha permanecido intacto. A partir dessa consideração, é possível notar que a entrevistada, apesar de considerar-se uma mulher romântica, pensa que nenhuma história poderia ser romântica para sempre e que, quando um casal começa a morar junto, o romance se esvai. Ainda sobre o que pensa do casamento, ela disse:

Eu vejo casamentos e eu acho que as pessoas fingem demais. As pessoas não são totalmente felizes. Você tem que ficar cedendo o tempo todo, sabe? Geralmente quem cede mais é a mulher, até pela criação, até pela nossa cultura. Então, sempre a mulher que cede mais. [...] Paixão é um negócio só de conhecimento. Acho que paixão é assim, você viu, você se interessou, você tem paixão. A paixão, no meu ver, vira amor. Você não ama de cara. Você tem uma paixão por uma pessoa e aí com o tempo, vira amor ou não. Acho que isso é o que aconteceu comigo, eu tinha paixão, não tinha amor [no meu primeiro

casamento]. E já o Pedro não, o Pedro eu já amei, eu tive muita... Eu tinha... Era um negócio de pele, eu olhava para ele eu precisava ficar perto. Era um negócio de pele. Então, essa paixão virou amor. No nosso caso foi amor, a gente viveu um amor muito bonito. E só se separou porque a gente chegou à conclusão que os dois não iam poder lutar contra uma coisa forte como o que aconteceu com ele. Mas nós temos... Até hoje ele me liga, a gente conversa, eu ligo para ele. Ele também não está mais casado. E a gente conversa, no meu aniversário ele sempre manda flores. Liga no aniversário da minha filha, nós ligamos no dele e de vez em quando a gente sai, conversa, sabe? Porque a gente tem muita coisa em comum. A gente teve uma vida muito bonita, juntos. Então, não acabou e eu acho que nunca vai acabar. (Neusa)

Neusa terminou seu relato dizendo que esse sentimento não terminou, deixando um tom de melancolia e de saudade desse amor que permaneceu inacabado.

Para ajudar na análise das entrevistas, foi realizada uma contagem de algumas palavras referentes ao tema: amor, paixão e o verbo apaixonar-se - incluindo seus participios e gerúndios, em forma singular e plural, (apaixonado, apaixonada, apaixonando, apaixonados, etc). As palavras contabilizadas foram aquelas que se referiam a relacionamentos amorosos das próprias entrevistadas ou de terceiros, excluindo qualquer outro tipo de relação ou expressão como “pelo amor de deus”. Para dar ideia do quanto a entrevista de Neusa foi diferente das outras nesse aspecto, considerou-se que a segunda entrevistada que mais falou essas palavras, falou uma vez “amor”, cinco vezes “paixão” e duas vezes derivados de “apaixonar”, enquanto Neusa falou vinte e duas vezes “amor”, oito vezes “paixão” e cinco vezes derivados de “apaixonar”. Já Claudete, a próxima entrevista a ser apresentada, construiu uma narrativa romântica sem citar tais palavras uma só vez. Ela usou expressões como “gostar”, “sentir falta” para demonstrar seus sentimentos pelo marido.

Claudete, de sessenta e quatro anos, é casada e construiu um relato romântico em relação a seu atual marido. A forma como os dois se conheceram, iniciaram o namoro e resolveram se casar são fatos apresentados de forma detalhada e cronológica, contando desde o primeiro encontro até o casamento. A entrevistada demonstrou já ter contado muitas vezes essa história e exibiu orgulho em recontá-la. O início da história se dá em meio a dois conflitos: primeiramente, Claudete não desejava ir a formatura, e em um segundo momento, ao conhecer Ângelo, a entrevistada teve um pequeno desentendimento com ele.

CLAUDETE

Então, eu não queria ir de jeito nenhum. "Não, mas vamos, vamos, faz companhia para Livia!", minha tia pediu aí eu concordei e nós fomos. Tinha colação, nós ficamos dois dias, no outro dia a formatura e no outro dia nós viemos embora, em Campinas. Eu tinha vinte e quatro anos, eu fui na formatura dele e fiquei na república dele. [...] Ai ele apresentou, tudo bem.. Na hora do almoço ficamos conversando.. Eu virei, não sei o que foi, virei e falei, bem delicada: "Eu nunca me casaria com um médico porque eu tenho um prima..." Aquela prima minha mais velha, ela chegou a namorar anos com um médico, um que fazia medicina, hoje ele é médico famoso até. Ela namorou muitos anos e foi uma decepção muito grande. Ela descobriu que ele tinha outra namorada na cidade em que ele estudava. Então me marcou. [...] Eu não queria, foi o que eu falei na hora da mesa. Então todo mundo ficou assim, aí meu marido virou, se ofendeu e falou assim: "E eu não me casaria com professora. Acho muito antipática". Nós fomos muito delicados um com outro.

Claudete narrou a noite do baile como uma noite especial, na qual se sentiu mais bonita e atraente do que normalmente. Vários homens haviam mostrado interesse por ela, inclusive seu futuro marido. A entrevistada construiu as cenas com detalhes: o aparador no qual ela se maquiou, o sofá e o vestido amarelo que usava são elementos que enfatizam a centralidade daquela noite para a história do casal.

Aí depois tinha, naquele mesmo dia a noite, a colação de grau, era separado. Sempre achei que vestido amarelo me dava sorte. Eu estava com vestido amarelo, estava bem bronzeada do sol, bem curtinho, era uma graça aquele vestido. Eu estava assim, era um aparador, eu estava me maquiando. E ele estava sentado num sofá que dava de frente para o espelho e do espelho, eu conversando com ele, dava pra ver ele sentado. E eu falando, falando, falando eu não lembro o que e ele olhando para minhas pernas. Virei pra trás, mas ele nem escutava o que tava falando. Ai eu tornei a falar aquilo que eu estava perguntado, depois ele me contou que estava olhando minhas pernas. Depois no outro dia no baile, eu só dancei duas seleções com ele. Eu estava de amarelo, de longo e ele falou que eu estava muito bonita. Esse dia eu também, acho que tinha que ser! Sabe um dia que você abafa na sua vida, um dia diferente na sua vida. [...] Dancei a noite inteira, cada hora vinha um ou vinha outro que depois queria dançar, ai eram os médicos que estavam me tirando pra dançar, eram campineiros. [...] Falei: "Puxa Livia, nossa, mas hoje tá demais. Nunca tive um dia assim na minha vida". Tava achando o máximo, né? [...] Eu dancei com ele, acho que duas seleções só. E ele conversou que pretendia ir pro interior, no futuro dele né, foi a conversa. Teve mais nada, tanto que depois que dancei com ele, eu dancei com outros, não estava nem aí. (Claudete)

Graças a mesma tia que incentivou Claudete a ir à formatura, o casal teve seu segundo encontro. Ângelo enfrentou todos os obstáculos e foi encontrá-la e, da terceira

vez, apareceu como prometido apesar da descrença da moça. Claudete citou uma música que considera ser a trilha sonora do casal.

Aí não sei se foi na mesma semana ou uns quinze dias, ele veio na casa desse amigo. Ele tocou a campainha e o amigo não estava, ele precisava entregar um formulário que tinha a data certinha, estava em cima, não sei, para fazer residência, ele tinha que receber aquilo. Então, ele lembrou que minha prima era vizinha, tocou a campainha: "Ah, a senhora... A Livia conhece o Toninho?" "Ah sim, minha filha foi na formatura dele e minha sobrinha também foi, minha sobrinha gostou muito de você.". Eu não tinha falado assim, porque eu perguntei dele: "E ele?". Não era assim que eu tinha perguntado. Ai ele ficou perguntando muito de mim e minha tia contou que eu queria ser freira, todas essas coisas. Então ele pensou: "Pomba, uma menina direita quer ser freira, deve ser uma mulher direita." Ai minha tia falou assim: "Você quer ir até a casa dela?" Imagina minha tia morava na Vila Formosa. [...] E eu, no Jabaquara. Sabe onde é o terminal do metrô? Um pouquinho pra lá. Do outro lado do mundo. Ele não tinha carro, então ele falou assim: "Olha, não estou fazendo nada, eu vou sim". Minha tia largou tudo o que estava fazendo, devemos tudo a essa minha tia, largou tudo o que estava fazendo e foi com ele. Foram conversando na condução, uma hora até chegar lá. [...] Menina, esse dia eu também estava menstruada, com uma cólica do cão. Tinha vindo mais cedo, porque eu passava muito mal e as vezes era dispensada. Eu lecionava no Jabaquara e eu vim mais cedo, já estava de pijama, já tinha tomado banho. "Putá! Não acredito que ele vem aqui" e sem graça porque meu pai ia chegar. [...] Tive que me arrumar e tal, porque minha tia tinha mandado avisar. Me arrumei, fiquei esperando. Minha mãe sem graça, minha mãe nem sabia quem era esse, nunca tinha visto. Ai minha tia chega, apresenta: "Cema, esse é o Ângelo" e eu falei: "Oi, como vai? Tudo bem? E você, tudo bem?". Ai nós fomos pra sala conversar e minha mãe ficou lá na cozinha com minha tia, minha mãe fez uns bolinhos, fez umas coisas para ele comer e nós ficamos conversando. Olha, eu esqueci completamente, eu ia separar pra você a música e eu não separei, eu não sei onde que tá. Esqueci completamente, porque essa música foi muito importante, eu não sei pronunciar, não sei se você conhece: "For once in my life". [...] Ele depois gravou essa música em inglês e a versão, porque foi mesmo a música do meu início de namoro. Ele também achou a letra da música, é linda a letra da música. [...] Eu não sei, estava na conversa e eu pus aquela música. Aquela música tem uma letra... Toda vez que eu ouço: "Nossa música, é nossa música". [...] Então, ele falou: "Olha, semana que vem eu passo aqui para a gente conversar, para a gente sair". Ai eu falei: "Mas a semana que vem eu já tenho compromisso." Porque eu saia com uma amiga professora, que lecionava na mesma escola e ia pro sítio. E depois de lá a gente ia pra São José dos Campos, ia num barzinho. E ele falava que vinha. E eu falava: "Não, mas eu já..." e ele insistia, insistia, ele falava que vinha. "Tchau, tchau, venho sábado que vem". Ai

ele foi embora, aí eu falei: "E agora o que eu faço?". Eu achava que ele não viria, falei: "Ele não vai vir, coisíssima nenhuma". Aí chegou no sábado, minha amiga ficou louca da vida que eu não fui. Realmente, eu tive que ficar em casa, porque minha mãe falou: "Se ele vier e você não tiver aqui, vai ficar chato. Você não vai, você vai ficar aqui!". E eu louca da vida, falei: "Bom vou ficar, vou ficar à toa". [...] Deu sete horas, sete e cinco e ele não veio, minha mãe foi embora: "Vamos embora". Aí eu fui pra casa da minha tia, tudo bem era perto, uma travessa da Tobias Barreto e eu fui pra lá. Você acredita que ele pegou, não sei se ele telefonou pra essa minha tia Rosa, ela falou onde eu estava, deu endereço, pois não é que ele foi lá? Imagina, ele atrasou um pouco porque a condução atrasou porque ele não tinha carro. Olha a situação, ele fala agora até com raiva de mim: "Imagina, eu sai da minha casa". Ele morava na Água Rasa, da Água Rasa foi até o Jabaquara, pegava condução, não sei se era uma ou duas para ir até lá. Depois de lá, voltar para trás, para ir na Tobias Barreto, andava também um pedaço a pé para descer lá. Aí ele chega lá eu também super sem graça. Aí nós saímos e fomos no cinema. Aí meu primo, o Lúcio, um outro primo foi junto, meu irmão, aí foi a Lívia, foi a irmã dele, foi aquela tropa junto. Primeiro encontro com uma tropa junto. Só que nos fomos num cinema separado, meu primo falou assim: "Não, nós vamos em outro cinema", aí eles foram em outro. E aí foi nosso primeiro beijo, só não me pergunte o que nós assistimos, eu não lembro. Não lembro mesmo o nome do filme, não sei se meu marido se lembra. E desde lá pra cá ele veio sempre, todo fim de semana, e aí ficou uma coisa séria. Mas eu ainda não tinha certeza se eu gostava dele. (Claudete)

Instaurou-se, naquele momento, um novo conflito na história: Claudete não compreendia as dificuldades financeiras de seu namorado e ainda não tinha certeza que gostava dele. Só depois desse conflito, ela conseguiu se dar conta dos sentimentos que tinha.

Menina, eu só fui ter certeza... Eu fazia dessas coisas, eu marcava, quando eu tinha um compromisso, eu queria ir naquele compromisso. Suponhamos, que meus primos fossem ao teatro. Ele não tinha dinheiro, ele comprou carro depois. Ele tinha, geralmente, dinheiro para gastar mais uma vez por mês. Então, tinha algumas vezes que ele não tinha pra gastar x, e eu queria porque queria. E eu queria andar de táxi, ele fez muito minhas vontades. Quer dizer que ele falava que vezes ficava sem comer para trabalhar, porque ele morava em Campinas, sem comer para no fim de semana me levar para sair. Porque a família dele... a mãe dele era viúva, então era ele e a mãe dele. Eu estava muito acostumada a ir só em lugares bons, bem fresquinha, eu era bem patricinha. Eu era, é o que ele fala até hoje, era mesmo. Aí fez um ano, quase isso, ele chegou pra mim e falou assim: "Olha, vamos dar um tempo, não está dando certo, você não está entendendo...". Ele explicou, do dinheiro dele, que eu tinha que entender, que ele trabalhava, que ele esforçava, que ele iria ter um carro, mas ainda não dava. Explicou tudo. E aí

nós demos um tempo. Menina, aí que me deu um choque. Aí que eu vi que realmente gostava dele. A gente tinha dado um prazo de quinze dias, acho que eu esperei um fim de semana que foi muito chato. Sabe quando você sente falta? Aí eu chorei, chegou o outro fim de semana meu outro primo, o Lúcio que estava sempre junto, [...] falou assim: "Eu te levo na casa dele.". Aí ele pegou, eu cheguei no portão... Isso antes, isso deu uma semana, eu já estava batendo.. Não! Já tinha passado uma semana, mas eu já fui bater na porta. Cheguei lá: "O Ângelo está?". Aí a mãe dele falou: "Está.". Ele veio, mas já me abraçou, aí eu já abracei também. Fiquei meio chorosa assim.. Ele com os olhos meio cheio de lágrimas. Nos abraçamos e depois "Vamos sair, que tal?", meu primo falou. Não sei, um barzinho, onde que nós fomos e de lá pra cá aí deu sempre certo. Fiquei noiva, levou três anos pra casar.. Fiquei noiva um ano, namorei dois. [...] Foi no meu aniversário que eu fiquei noiva, que não era no dia, não era fim de semana, então eu fiquei noiva no dia 27 de junho, eu faço aniversário dia 28. E casei dia 09 de julho, um ano depois. E Graças a Deus, eu fiz uma boa escolha. Tenho um ótimo marido, claro que as vezes a gente tem algumas discussões, mas assim coisinha besta." (Claudete)

A forma como Claudete apresenta sua história de amor se assemelha muito ao gênero filmográfico da comédia romântica, iniciando com uma força do acaso para que o encontro acontecesse (o pedido da tia), seguido por um conflito entre o casal (a rejeição da entrevistada por médicos), a busca pela certeza da atração mútua (separação por uma semana) e a construção de um final feliz.

A comédia romântica se caracteriza pela presença de dois protagonistas – na maioria dos casos um homem e uma mulher – que se encontram por alguma obra do acaso e, de início, consideram-se muito diferentes e às vezes até se repelem. Ao longo da narrativa, porém, entre várias situações mais ou menos cômicas, descobrem um no outro uma crescente e inesperada admiração que se revela em óbvia e irresistível atração, às vezes rechaçada, às vezes assumida. (ROSSI, 2013)

A tia de Claudete se tornou quase uma fada madrinha já que é graças a ela que os dois se conheceram melhor. A história conta até com trilha sonora que tem a letra falada pela entrevistada no meio da história. Ela concluiu o relato falando sobre seu casamento e considerando que fez uma boa escolha se casando com Ângelo.

As outras entrevistadas não relataram seus relacionamentos de forma tão romântica, construindo uma narrativa detalhada com características da literatura novelística. De modo geral, as narrativas se mostraram mais objetivas e menos envolvidas em emoções quando voltadas a seus relacionamentos amorosos. Ao contrário do que ocorreu com outras temáticas como a relação com os filhos, a trajetória profissional ou a morte de um

ente querido, as histórias dos relacionamentos amorosos apareceram de forma linear, objetiva e sem grandes conflitos. As entrevistadas deram ênfase em outros aspectos de suas vidas e, mesmo ao falar de seus relacionamentos amorosos, buscaram enfatizar outros aspectos que não a “história de amor” em si. Resta questionar, assim como Giddens (1993) sobre a obra de Emily Hancock, que entrevistou mulheres americanas da mesma geração das entrevistadas do projeto, nos anos 1980, “o que elas nos contam do amor, uma vez que o amor não é um tema dominante na narrativa individual de nenhuma delas?” (GIDDENS, 1993, p. 66)

A seguir serão apresentadas e analisadas as outras histórias de relacionamentos amorosos e, ao fim, busca-se expor possíveis razões para a forma como foram construídos tais relatos.

Rosely construiu um relato muito voltado para sua vida profissional e para as questões do envelhecimento. Ao falar sobre paqueras e namoros, demonstrou grande objetividade e não entrou em detalhes. A entrevistada falou sobre o cenário no qual aconteciam as paqueras em sua adolescência e fez uma comparação entre os namoros daquela época e os de hoje em dia.

Você ia em bailinhos, tinha aquela coisa da Augusta na época, que você ia para Augusta ficar passeando para cima e para baixo, você entendeu? [...] Então, eu participava disso. Por exemplo, tinha um rapaz que era amigo do meu primo e que eu paquerava. [...] Mas era uma coisa mais de brincadeira. Não era uma coisa tão... Se você falasse: “Ah, você beijou o menino na época?” Eu nem beijei o menino, tadinho. (Rosely, 61 anos, solteira)

A entrevistada teve seu primeiro namoro já na vida adulta, depois da faculdade.

Depois já na idade adulta, com uns vinte e três anos, você namorava e não tinha aquele negócio [de levar em casa]: “Ah, vou trazer o namorado.” Tudo bem, a pessoa ia lá me buscar e tal, mas não tinha aquele negócio: “Ah, entra em casa porque...” [...] O meu primeiro relacionamento sexual foi fora na faculdade, já na vida profissional mesmo. Adulta mesmo. Naquela época da faculdade era mais assim... Beijinho, você saía com alguém, mas nada de rolar, que naquela época também era: “Ai meu deus, eu vou perder a virgindade? Não vou perder a virgindade...” Era só quando você casava. Sabe aquelas coisas assim? De cultura. Então foi na idade adulta mesmo, nós ficamos juntos acho que uns três, quatro anos. Ele conheceu a família, mas não aquela coisa mais familiar, não de entrar, ficar, ir participando de todas as festas. De fazer as coisas da família não. (Rosely)

Rosely namorou por cerca de quatro anos com esse rapaz, mas ao falar do relacionamento mostrou certo distanciamento e não relatou detalhes sobre como esse

namoro começou ou terminou. Em seguida, falou sobre a visão que tem do casamento e os motivos pelos quais acha que nunca se casou.

Nunca eu tive esse planejamento. É por isso que eu falo: ou eu não tinha aptidão para o casamento, achei que não era isso, ou as pessoas com quem eu me relacionei... Hoje eu penso que eu sou muito egoísta porque eu não sei dividir. Então, se eu tivesse que estar com alguém eu ia renunciar muitas coisas que eu acho que eu não... Hoje eu chego a essa conclusão. [...] Nunca que falei assim, quando eu tinha quinze, dezesseis anos, falar assim: “Ah, eu quero casar. Ah, que bonito véu e grinalda.” Mas eu não me via. Não, não, não me via. Eu não me arrependo. Eu acho assim: é ruim você não ter achado um parceiro legal, mas não que eu quisesse morar com esse parceiro. Eu sabia que ele tinha a casa dele, eu tinha a minha casa. Eu só queria nos momentos bons. (Risos) É Às vezes eu falo: “Ah, é melhor ficar sozinha mesmo.” Você entendeu? Não é aquele ditado: “antes só do que mal acompanhada.” Mas eu acho assim quantas pessoas eu vejo que tem companhia é tudo assim de fachada. Então, para que ser dessa forma? (Rosely)

A entrevistada construiu um relato no qual sua individualidade surge como um valor essencial em sua trajetória de vida. Assim como Neusa, ela apresentou uma visão pessimista do casamento, acreditando que muitos casamentos são só por “fachada” e, em seguida, apontou outros motivos pelos quais as pessoas se casam além do amor. De acordo com essa perspectiva, muitas jovens se casavam na época de sua juventude para se afastarem das amarras de suas famílias e seguiam os caminhos tradicionais sob pressão da sociedade.

Aí tem aquele lance que tem gente que eu acho que sai de casa porque tem problemas com o pai e com a mãe, quer cair fora logo. Pode ser que eu até me engane e até esteja arrumando desculpa porque comigo não aconteceu isso. Sabe essa coisa? Mas eu acho que existe muito isso. (Rosely)

Na visão da entrevistada, os casais não conversam sobre suas necessidades individuais, sobre seus desejos e sonhos e acabam seguindo a “obrigação” de casar e ter filhos. Ao descrever o casamento como uma obrigação, Rosely entende que ele ainda sofre fortes influências da sociedade, que se prende à questões que vão além do amor. Segundo essa visão, as pessoas casam-se, entre outros motivos, por sentirem-se obrigados a seguir tal tradição e buscarem aceitação social.

Ao ser perguntada sobre a pressão de amigos e família para que se casasse, Rosely disse que nunca sofreu tal pressão e que, pelo contrário, suas amigas até dizem que ela é mais feliz por ter permanecido solteira.

Às vezes minhas amigas brincam: “Ah Rosely, você que está feliz!”. Então, quer dizer, é aquela coisa: fala isso mas também estão lá, fizeram tudo, têm filhos, têm netos, aquela coisa toda. Minha família também nunca pressionou. (Rosely)

A entrevistada supõe que sua família não tenha feito muita pressão para que ela casasse porque já havia outras mulheres solteiras na família. Ou seja, outras mulheres na história da família construíram suas vidas sem o casamento. Rosely atribui tal fato a predestinação, como se casar ou não casar fosse também uma determinação do destino. O único relacionamento do qual a entrevistada falou um pouco mais foi com um homem que é seu amigo até hoje, já citado na página 75. No trecho a seguir, ela conta sobre o breve envolvimento que tiveram quando o conheceu.

Quando eu o conheci, ele era casado, ele era casado e sem filhos. Aí tipo rolou um relacionamento e tal. Aí eu falei: “Putá, casado! Vou cair fora.” E um tempo depois, ele separou e a gente estava amigo mesmo. E aí como ele foi embora, foi trabalhar na Alemanha, foi trabalhar no Rio, foi trabalhar em um monte de lugar, tal... A gente sempre teve contato dessa forma, né? E aí agora eu fiquei sabendo que ele está namorando certa pessoa. Há uns dois, três anos atrás aí eu fui para cidade onde ele estava na Alemanha. Eu fui para lá, né? Ele estava em Lindenberg. E naquela época ele estava sozinho, não estava com ninguém. (Rosely, advogada)

O relacionamento acabou porque o homem era compromissado, mas os dois mantiveram amizade e quando ele se divorciou, Rosely o ajudou com os procedimentos jurídicos. Ela pensou na possibilidade de voltarem a sair quando ele se separou, mas como ele estava trabalhando em outras cidades e outros países, eles não se envolveram novamente. Rosely ainda o visitou na Alemanha e propôs que poderiam fazer um “*test-drive*”, mas o amigo apenas riu e “ficou na dele”. A entrevistada falou mais de uma vez que no momento este amigo está namorando e que não ficou sabendo disso por ele, mas por uma terceira pessoa. A forma como Rosely contou essa história traz consigo uma vontade de que esse relacionamento tivesse acontecido e certo pesar por não terem vivido esse momento. Porém, a fala da entrevistada foi construída de modo muito objetivo, muito truncado, dando poucas vazões a emoções e detalhes dos acontecimentos. Por exemplo, ela não diz se foi a Alemanha esperando que tivessem um envolvimento durante a viagem ou não. Só é possível buscar por subjetividades nas pausas e silêncios de Rosely.

Ivone, de setenta e um anos, também solteira, contou que começou a namorar com quinze anos, quando ainda morava no interior, com um rapaz da região. Como a entrevista de Ivone foi caracterizada por respostas objetivas seguidas por pausas,

principalmente em relação a seus relacionamentos amorosos, optou-se por apresentar seus trechos sem ocultar as perguntas da entrevistadora.

i. Quando eu vim para cá eu namorava, quando eu tinha quinze anos eu comecei a namorar, muito jovem, né? Aí eu vim embora para São Paulo. Ele até chegou a vir para cá uma vez, mas não deu certo. Longe depois acaba, né? Eu já não queria mais voltar para lá também. Então, ele morava pertinho de Catanduva.

e. E vocês se conheceram como?

i. Ah, moravam todos lá nos sítios, né? Começava muito novo a namorar na época, com quinze anos já estava namorando. A gente se conheceu lá, os primos dele moravam no sítio dos meus avós, eles iam muito lá e foi assim que a gente se conheceu.

e. E era um namoro sério? Sua mãe sabia?

i. Sabia, mas minha mãe não queria porque eu era muito jovem, né? Naquela época se fugia muito e até era para eu fugir com ele e depois não deu certo. Minha mãe descobriu e não deixou. (Risos) (Ivone, solteira, 71 anos)

Ivone lembra da interrupção de seu plano de fuga com bom humor, sem caracterizá-lo como uma grande aventura ou uma loucura que seria feita por amor. O riso pode ter sido usado como ferramenta para ocultar o sofrimento desse ocorrido.

Ao se mudar com a família para São Paulo, o namoro logo acabou devido à mudança de realidade que Ivone estava vivendo. Perguntou-se sobre os encontros e a forma de comunicação do casal enquanto namoravam a distância, porém Ivone não entrou em detalhes. A entrevistada apresentou o relato deste namoro como um acontecimento distante, com pouco significado. O relato de seu segundo relacionamento se dá de forma semelhante: respostas objetivas, pausas e silêncios.

e. E o outro namorado que a senhora teve, conheceu no trabalho?

i. Não, eu conheci num cinema que a gente foi na cidade, eu fui com uma amiga. A gente se conheceu lá, aí ele veio e conversou comigo. A gente namorou seis anos. A gente estava até para casar já, tinha casa até arrumada, que a minha mãe tinha outra casa. Mas ele bebia, sabe? Então, ele trabalhava e até então, tudo bem. Ele era trabalhador.

e. E a sua mãe gostava dele?

i. É... (relutante) Não sei se gostava, ela não gostava porque ele bebia, né? Gostava de... (sinal de beber). Meio manguaceiro.

e. Mas sua mãe queria que você casasse?

i. Minha mãe tinha muito ciúmes de mim, eu acho. Minha mãe nunca foi a favor de que eu casasse acho por isso que eu acabei não casando, né? Alias, eu sempre arrumei muita tranqueira também. [...] Estivemos seis anos juntos, ele vinha aqui em casa, frequentava muito. Então, a gente já desistido várias vezes até então.

Depois, dessa última vez... Acho que eu descobri que ele tinha feito uma traição.
(Ivone)

Esse relacionamento foi o mais duradouro da vida de Ivone e constituiu-se como uma grande decepção em sua vida. Havia planos de casamento, porém o relacionamento acabou devido à traição e ao alcoolismo do parceiro. É um acontecimento difícil de ser lembrado pela entrevistada, que talvez tenha passado muito tempo tentando esquecê-lo. Inicialmente, ela disse não se lembrar do motivo do rompimento, mas depois, citou superficialmente que foi por uma traição. Ivone atribuiu a motivação de nunca ter se casado ao ciúme de sua mãe e a falta de sorte com os homens. O último namorado que teve também era envolvido com bebida e que, depois de dois anos, foi embora para sua cidade natal.

- i. Ele bebia, era cearense e aí foi embora para o Ceará e acabou. Eu já estava com uns trinta e oito anos já. Mas eu tive muitas decepções, então sabe quando você fechou? Eu cortei, muito jovem eu parei, falei: “Eu não quero mais saber.” Porque eu acho que eu nasci para ficar solteira, então, deixa quieto. Não queria mais decepção porque eu sofri muito por ele.[...] Eu nunca mais sai com ninguém.
- e. E a senhora acha que qual é o motivo? Porque teve muita decepção?
- i. Ah, acho que juntou tudo, várias decepções, minha mãe que nunca foi a favor, um pouco de falta de sorte também. É um misto de coisas que acabou resultando nisso. (Ivone)

Esse último relacionamento fez com que Ivone considerasse que nasceu para ficar solteira e, então, não teve mais vontade de buscar por outros relacionamentos. A entrevistada disse ter sofrido muito e depois decidiu não sair com mais ninguém. Já a relação da entrevistada com sua mãe mostrou-se muito importante na construção da narrativa sobre seus relacionamentos amorosos. Segundo ela, o ciúme da mãe foi um dos motivos pelo qual ela desistiu de se envolver emocionalmente com outros homens. Ao final de sua fala, disse que seguiu sua vida trabalhando no banco e “vivendo para a casa”, já que teve que cuidar de sua mãe.

Ela abriu mão de parte de sua vida em prol da saúde da mãe. Ao dizer que ela deixou de viver sua vida para cuidar da mãe, deixa bem claro a quantidade de tempo e dedicação que investiu. Ivone coloca o cuidar do outro como uma das grandes funções em sua vida evocando o arquétipo da mulher-cuidadora. Segundo Fernandes (2009):

o papel de cuidadora vem de longa data acompanhando as mulheres como se fosse natural essa obrigação e não algo aprendido, relacionado com a educação. No momento em que as mulheres terminam suas tarefas de cuidar dos filhos porque estes já se tornaram pessoas adultas, começam o cuidado com o pai e/ou mãe, que dependem física ou psicologicamente delas. Se forem casadas ou

tiverem companheiros, provavelmente estarão cuidando desses homens também, ou logo essa tarefa terá início em suas vidas, pois, para as esposas, o ato de cuidar está embutido no seu papel de mulher casada, a partir do compromisso assumido e selado desde o momento do matrimônio, no projeto de vida em comum. Como avós, desempenham o papel de apoio aos filhos e às filhas, cuidando dos netos. (FERNANDES, 2009, p. 707)

Dentro do que se espera dos papéis tradicionais de gênero, quando uma mulher é casada, é sua função cuidar de seu marido e dos filhos em primeiro lugar, mas quando uma mulher é solteira tal função é voltada para outros familiares como mãe, pai, irmã, irmão, sobrinhos e netos. Assim, é possível que a falta de aprovação que a mãe demonstrava nos relacionamentos de Ivone tivesse a ver com a vontade de que a filha continuasse se dedicando ao cuidado dela e da casa. Hoje em dia, Ivone cuida também da irmã mais velha e do lar, ocupando seu dia com afazeres domésticos.

Enquanto Rosely atribui o fato de não ter casado principalmente à sua personalidade, Ivone atribui isto a fatores externos, independentes de sua personalidade. Porém, as duas consideraram como algo que “tinha que ser”, algo que estava em seus destinos. Rosely considera sua solteirice e de outras mulheres de sua família como “predestinação”, enquanto Ivone considera que não “nasceu para casar” e que lhe faltou sorte para encontrar o homem certo.

Paula, de sessenta e um anos, casada, construiu um relato cheio de conflitos e ambiguidades, principalmente, ao tratar de seu relacionamento amoroso atual. Por isso, esta entrevista foi especialmente difícil de analisar, tal análise exigiu que alguns trechos fossem ouvidos mais de uma vez buscando possíveis intenções nas tonalidades de voz, pausas e sinais da entrevistada. A análise se deu a partir das falas e silêncios, das afirmações e negações, buscando a compreensão de conflitos que foram demonstrados, ou não, na fala.

Assim como já citado por outras entrevistadas, Paula considerou que o desejo de casar das jovens de sua geração estava conectado a vontade de sair da casa dos pais e fugir as regras familiares.

Antigamente a gente casava, eu te falo uma coisa: sabe porque a gente casava? A maioria das mulheres casava para sair de casa. A mulher era tão presa, que ela casava... O meu caso foi assim, foi mais para me ver livre. Eu acho que eu casei mais para ficar livre das garras dos meus pais, sabe? Mas a maioria casava na minha época por isso. (Paula, 63 anos, casada)

Da mesma forma que Claudete, Paula conheceu seu primeiro marido em um baile de formatura e não queria ir à formatura, até que, repentinamente, se convenceu do

contrário. A entrevistada relatou como conheceu seu primeiro marido, enfatizando aquilo que sua mãe pensava do futuro relacionamento. Paula casou aos dezenove anos, teve seu primeiro filho, e se separou após treze anos.

A noite eles passaram para me pegar e nesse baile eu conheci meu primeiro marido. Eu lembro que eu entrei no Pinheiros, foi no Pinheiros. Eu entrei e assim ele estava na porta. Ai eu achei que... Ele era bonitinho. Nossa, ele era uma graça. Eu olhei para ele e ele... Naquela época se piscava, era tão romântico! Ai, não sei, hoje, me desculpe... Mas tinha um romantismo naquela época, o homem era mais bonito, eu acho que o homem era homem! Então, ai começou o baile e tudo e ele veio me tirar para dançar. E [...] nós dançamos a noite inteira, mas foi a noite inteira! Ai na hora de vir embora, ele falou que queria me encontrar. Bom, ele veio. E eu achei... “Ah, mas é moço de baile. Moço de baile não presta!” Falei: “Ah mãe, mas moço de baile... Pelo amor de deus! Eu marquei aqui na porta, se ele vier muito bem, se ele não vier paciência. Eu vou continuar vivendo.” E ele veio, aí nós começamos a namorar, o namoro foi... E depois de um mês já teve que entrar em casa para namorar. Minha mãe gostava dele. [...] Ai nós começamos a namorar, já pegou firme tudo e foi. Com três anos justinho a gente casou. [...] Foi muito bonito meu casamento, muito gostoso, mas eu era muito nova. Eu casei com dezenove anos e não tinha experiência de vida nenhuma. Mas ele me fez uma princesa, isso você pergunta para quem você quiser. Com treze anos de casados a gente se separou, acabou assim o casamento, sabe? Eu não sei se eu era imatura... Hoje eu acho que eu era muito imatura. (Paula)

Paula atribui parte do desgaste do casamento por sua imaturidade na época. Ela disse que o casal estava bem, mas que “da noite para o dia” o relacionamento acabou. Nos estudos de Pereira e Silva (2013), que analisa a escolha conjugal em duas gerações, e Figueiredo (2011), sobre a sexualidade de mulheres com idade acima de quarenta e cinco anos, apareceram relatos de mulheres idosas que também se consideraram como imaturas na época em que casaram e que analisaram esta imaturidade como principal motivo pelo fracasso de seus relacionamentos e, até mesmo, pela falta de exploração de sua própria sexualidade. Nesse contexto, pode-se considerar que a visão das entrevistadas, ao olharem para trás, tende a considerar seu “eu mais jovem” como imaturo e despreparado.

E eu era muito imatura, mas para mim estava tudo bom. Eu tinha tudo que eu queria, mas acabou o casamento. Não aconteceu nada, não teve nada. Acabou, da noite para o dia acabou. É lógico que aquilo abalou a família, mas eu enfrentei. Eu tinha trinta e dois anos, mas eu enfrentei. (Paula)

Em seguida, Paula contou como conheceu seu segundo e atual marido, a partir desse momento os conflitos se tornaram o núcleo narrativo da entrevistada. É importante enfatizar que ela não citou o nome de seu esposo uma única vez, ao contrário do que

ocorreu com seus dois filhos, sua cliente e alguns parentes que tiveram os nomes citados várias vezes²⁷. Depois da separação, Paula resolveu voltar a trabalhar, começou a atuar como manicure e conheceu o cunhado de uma de suas clientes, com quem começou a se envolver.

Aí um dia ela me chamou para ver um filme. [...] Eu falei: “Imagina, seu marido está aí! Isso eu não faço.” Como eu não gostava quando eu tinha marido... “Não, vem, vem, vem!” E ele estava lá, ela falou de mim para ele e ele quis me conhecer e ela não me falou: “Vem sim, meu marido não está.” Falei: “Ah, tá bom! Eu vou dar uma passadinha.” Fizemos amizade assim, aí nós ficamos assim com uma amizade por um tempo e depois de um tempo nós começamos a namorar. Aí casamos (sussurrando). Aí nós casamos, mas nós casamos depois de quatro anos. Eu conheci ele em 1986 e nós casamos em 1991. Em final de 1990, começo de 1991. E aí veio depois o Lucas. Foi um namoro bem assim... Foi um namoro muito tumultuado porque ele era assim... Ele era uma pessoa que casou velho, modo de dizer. Eu era mais velha que ele, mas ele era solteiro e nunca tinha casado. (Paula)

No trecho acima, a entrevistada apresentou a forma como pensa que deveria se portar como mulher recém-separada. Ao trabalhar como manicure a domicílio, ela buscava ir à casa das clientes apenas quando os maridos delas não estavam presentes, evitando contato com homens desconhecidos. Quando uma de suas clientes a convidou para ir a uma festa porque um homem gostaria de conhecê-la, ela recusou, possivelmente considerando que aceitar tal convite poderia caracterizá-la como “oferecida”. Paula buscava manter a figura de mulher respeitável, muito questionada quando uma mulher era separada e trabalhava fora, na época. No início dos anos 1980, o estigma da mulher desquitada, apesar de todas as mudanças sociais, ainda pairava sobre a sociedade. Se as regras para as mulheres casadas já eram rígidas, para uma mulher separada tornavam-se obrigatórias. No contexto social da entrevistada, a mulher separada deveria se dedicar ao filho e ao trabalho com a máxima descrição tentando cumprir as normas sociais, já que não tinha conseguido “segurar o marido” (DEL PRIORE, 2006).

Paula relatou que logo percebeu que seu futuro companheiro esperava a aprovação de todos a sua volta para seguir com o relacionamento e apresentou a visão preconceituosa que, segundo ela, a sociedade tinha e tem de uma mulher separada:

p. Eu li uma vez um livro assim: do Padre Lauro Trevisan “Interessante” - ele fala no livro- “a mulher solteira ela é decente, a mulher casada é um exemplo de mulher, a viúva é coitada... Ninguém fala dela porque ela é uma coitada. Agora, a divorciada não vale nada, mas nada.” Sabe o que é nada? Ela não vale um sapato

²⁷ Como já citado no capítulo Metodologia, todos os nomes de terceiros foram trocados por nomes fictícios.

furado, né? É, se a solteira sai: “Ah, ela é solteira tem que sair.” A casada também, a viúva: “Coitada, ela vai na igreja, ela precisa rezar pela alma do marido.” Agora se a divorciada vai na igreja rezar, ela está de olho no padre, quer dizer ela não presta. Infelizmente, isso ainda... Até hoje é assim. Ela é muito perseguida, a mulher divorciada. Faltam com respeito com ela.

e. E você se sentia assim na época que você se divorciou?

p. Eu não. Até então não. Até então não porque a minha família, imagina! [...] Mas eu comecei a me sentir perseguida quando eu conheci ele, sabe? Eu achava... Ele me perseguia com a mente podre, porque isso é uma mente podre! É podre porque você não pode perseguir uma pessoa. Você não pode rotular alguém. É como assim ó: “Ele é gay”. Pô, porque ele é gay ele não é gente? Ele é gente, ele é tão gente como você, como eu. Não é? Só por causa da opção sexual dele.
(Paula)

Paula citou a fala de um padre que analisa a forma como a mulher divorciada foi e é vítima de preconceito na sociedade. Porém, em seguida, ao ser questionada se sentia assim na época, ela disse que não e que só se sentiu perseguida quando começou a se envolver com seu marido. Segundo a entrevistada, ela não sofria preconceito por ser separada, já que sua família aceitou bem sua opção e queria vê-la feliz. Há uma ambiguidade no discurso de Paula, que primeiro diz que a mulher separada é julgada pela sociedade como um todo e depois reporta que só sentiu tal preconceito vindo de seu companheiro.

O estigma atribuído à mulher separada se tornou tão forte na vida de Paula que ela compara ser separada a ser gay, considerando que são duas posições rotuladas socialmente e vítimas de preconceito.

A instituição do casamento foi consagrada como indissolúvel, e quando ocorria o “desquite”²⁸ a culpa pelo fracasso do matrimônio recaía sobre a mulher, que carregava consigo do estigma da desquitada. As mulheres separadas eram tidas como mulheres não-direitas, sofriam com a condenação social e eram vistas como más companhias (CERQUEIRA; BONFIM, 2014; DEL PRIORE, 2006). A lei que instituiu o divórcio só surgiu em 1977 e possibilitou o início de um processo de dessacralização do casamento e da ressignificação do casamento e da família.

A instituição do Divórcio (EC 9/1977 e 16515/1977) acabou com a indissolubilidade do casamento, eliminando a ideia de família como instituição sacralizada. O surgimento de novos paradigmas – quer pela emancipação da mulher, quer pela descoberta de métodos contraceptivos e pela evolução da engenharia genética – dissociaram os conceitos de casamento, sexo e reprodução. O moderno enfoque

²⁸ Desquite é a separação sem dissolução de vínculo, que foi introduzida no Código Civil em 1944.

dado à família pelo direito volta-se muito mais à identificação do vínculo afetivo que enlaça seus integrantes. (DIAS, 2010 *apud* CERQUEIRA; BONFIM, 2014, p.59)

A entrevistada relatou um acontecimento que demonstra o ciúme e desconfiança que o marido tinha sobre ela. No caso, apesar dela fazer de tudo para se portar como uma “mulher respeitável” acabou gerando uma briga na qual seu companheiro a ofendeu. Uma amiga pediu a Paula que acompanhasse seu marido que viajaria até São Paulo:

Para mim aquilo era normal e ele veio, eu fui pegar ele na rodoviária e a cunhada dele foi comigo. E aquilo foi tão natural para mim. Fui, peguei o rapaz, ele veio, peguei meu filho na escola, nós almoçamos, deixei o Júlio na Cultura Inglesa e fui com o rapaz na cidade, na Praça da República. De lá ele foi embora, ele pegou o ônibus e voltou para o Guarujá. Quando foi a noite, ele veio na minha casa e eu comentei. Comentei, nossa! Ele só não me chamou de santa. Porque o casamento da cunhada dele não estava bem com o irmão, então ele já sabia o problema, o problema era eu, blábláblá. E pus ele para correr. Falei: “Chega, acabou!” O que que é?! Falei: “Ela foi comigo, esse rapaz é um amigo que eu tenho, ela é minha amiga e me pediu esse favor, né?” Mas eu era muito cuidadosa com as pessoas que vinham na minha casa, tanto que eu trouxe o rapaz na minha casa e meu filho estava junto. (Paula)

Após o episódio narrado, o casal passou mais de um ano separado até que ele pediu para voltar, planejando casamento e uma nova vida. Eles casaram, foram morar juntos e tiveram um filho. Apesar da mudança, Paula disse que as brigas voltaram a ocorrer e que ele desejava afastá-la de sua família. A entrevistada aponta também que seu marido foi um pai ausente por muitos anos e, por isso, ela e seu filho mais novo são muito próximos.

Era um tal de ir e voltar, e separa e volta e separa e volta. Comprei todos os presentes, embrulhei, falei: “Estão aqui todos os presentes, você leva. Tá aqui, pode levar.” “Ué, mas você não vai?” Falei: “Não, de hoje em diante.” Porque eu ainda falei para deus: se existir uma força maior - **porque eu não estou mais acreditando em nada** - então, essa força vai baixar hoje em mim e eu vou falar tudo que eu preciso. Eu falei assim: “De hoje em diante...”. Era véspera de natal. “Você vai passar com a sua família e eu vou passar com a minha. Não vou largar meu pai e minha mãe.” Meu pai estava doente já. “Não vou largar meus pais para passar com a sua família. Quem você pensa que você é? O gostoso da... O bonitão do Morumbi?! Você fica com a sua família e eu fico com a minha.” E assim foi, foi natal, foi ano novo, foi páscoa. Ele ficou no meu apartamento e eu estava terminando de construir aqui, fui morar na casa e falei: “Quem sabe agora ele muda.” Porque até então, vai fazer nove anos em dezembro que eu estou aqui, meu filho nunca tinha tido pai. Ele saía de manhã para trabalhar e só voltava de noite, ele almoçava, jantava, tomava café, tudo... Nem café da manhã ele tomava em casa. Então, o meu filho começou a ter pai de oito anos para cá, a presença do

pai porque até então não tinha. Porque ele não tinha um pai, então eu era “pãe”, era pai e mãe. Mas quando ele veio para cá, ele... A minha mãe falava: “Paula cuidado, no apartamento ele fica quieto porque o apartamento é herança do Júlio, do primeiro casamento. Cuidado quando você for para uma casa com ele, que ele vai te por no olho da rua.” Falei: “Não, isso ele não vai fazer nunca.” E aí ele começou a abrir as asinhas quando ele entrou aqui, foi o que minha mãe falou. Era briga atrás de briga, então, eu tenho um trauma, eu tenho uma revolta, **mas o que me sustenta é a religião, é a fé.** E era briga e isso, aquilo, por tal motivo... (Paula)

Nota-se que a narrativa sobre seu segundo casamento apresentou uma variação entre permanecer e mudar, romper e voltar, enfrentar e se afastar, acreditar e desacreditar. Quando o casal resolveu ir morar junto e se casar, ela acreditava que haveria uma mudança de comportamento de seu companheiro; quando ela deu um ultimato dizendo que não se afastaria de sua família, acreditava que ele aceitaria essa situação; quando eles mudaram do apartamento que pertencia ao primeiro filho de Paula para uma casa que pertence ao casal, ela pensou que ele mudaria de atitudes, mas tais mudanças não ocorreram. A interlocutora demonstrou o mesmo conflito em relação à sua fé. No trecho acima (em negrito) ela disse que não está mais acreditando em uma força maior. Porém, ao fim do trecho, ela destaca a fé como valor essencial para sua vida (em negrito), dizendo que apenas a religião faz com que ela aguente tais conflitos em seu relacionamento.

Paula ainda descreveu outra briga, mais recente, que ocorreu quando ela demonstrou preocupação com o filho que demorou para chegar em casa em uma madrugada, depois de sair com os amigos. Ela e o marido tiveram uma discussão acalorada, em que Paula terminou dizendo que pediria a separação. Na manhã seguinte, dia dos pais, o filho do casal levou apenas a mãe para almoçar, como punição para o pai.

“Mas quando seu filho chegar você vai acertar com ele.” Porque do Lucas ele tem medo, ele tem muito medo. Tanto do meu outro filho como do Lucas. Ai ele pegou e viu que o negócio estava feio. [...] O Lucas falou assim: “Agora você não vai mais cozinhar para ele. Você não vai mais cozinhar para ele e ele vai se virar sozinho.” Ele já tinha aprontado uns dias antes, já tinha aprontado alguma coisa com comida. “Então agora ele vai cozinhar!” E foi o que eu fiz, o Lucas falou: “Eu não venho almoçar...” Porque isso foi agora, é, o Lucas já estava trabalhando, ele falou: Eu não venho almoçar essa semana, então, você não faça comida. Só faça alguma coisa para a gente jantar, para a gente comer de noite.” Tá bom! (Paula)

Depois da briga, o filho Lucas deixou de passar o dia dos pais com o pai como forma de represália pela briga que o casal teve na noite anterior e também buscou orientações sobre um possível processo de separação. Lucas a aconselhou a não fazer mais almoço

e jantar para o esposo como forma de castigá-lo pelo que havia acontecido. Depois de ficar mais de dez dias sem falar com o marido, Paula considerou que ele “deu uma endireitadinha”. É possível notar que o marido da entrevistada só respeita os outros homens da casa, os dois filhos, que tomam as dores da mãe, agem para ajudá-la e defendê-la de seu esposo. Tal relação é comum em uma sociedade machista com lógica patriarcal, na qual, muitas vezes, um homem só respeita outro homem.

Segundo a “lógica do galinheiro” elaborada por Heleieth Saffioti, nossa sociedade é estruturada a partir de uma escala de poder. No topo dessa escala está o homem, branco, de classe alta. A “lógica do galinheiro” funciona de forma que o poder é exercido do menos oprimido para o mais oprimido. Nesse contexto, a autora enfatiza o caráter opressor da família: “socializar significa cuidar com afeto, mas também reprimir. Assim, na família não se desenvolve somente o amor, mas também o ódio.” (SAFFIOTI, 1997, p.3)

É possível, assim, compreender porque o marido de Paula tem mais respeito pelos seus filhos homens do que por ela. Quando contrariado, o galo bica a galinha, mas se outro galo adentra o território, ele se sente ameaçado e tem de buscar novas formas para comandar.

Há, porém, uma negociação entre o que é aceito ou não por Paula. Ela segue os conselhos dos filhos quando atingem o casal em pequena escala, como deixar de cozinhar para o companheiro, mas quando o conselho envolve a entrada em um processo de separação, ela opta por não segui-lo. Paula manipula a proteção dos filhos, que só lhe é útil até certo ponto e a renega quando exige uma atitude mais drástica.

A entrevistada considera que não foi preparada pelos seus pais para ser uma mulher independente, e contou que em uma das vezes em que esteve separada deste marido, seus pais a convenceram a dar uma segunda chance ao relacionamento. No trecho a seguir, Paula compara a sua criação e das mulheres de sua geração à criação dos jovens de hoje.

Então tudo isso é porque a gente não tem um preparo. Um preparo assim... Como eu falo, eu tive uma mãe e um pai, mas eles não souberam me orientar o suficiente para eu ter uma iniciativa. Eu tinha medo: “Ah, meu deus! O que vão pensar de mim? Eu vou me separar e vão falar: “De novo ela está separada?!” Ué? Que se lixe! Estou separada. Separei do primeiro, separei do segundo? Separei. Meu primeiro marido se separou da mulher, não estava legal se separou. Então, tudo isso por que a gente tem uma criação muito fechada. Não pode isso, não, não pode isso. [...] Hoje vocês não fazem uma burrada dessas. Não, não fazem mesmo. Porque o jovem está diferente, hoje o jovem tem mais liberdade, liberdade de tudo, né? [...]

e. E você parou de ser manicure quando você casou com ele?

p. Então, eu tinha essa carteira de clientes, aí... Até isso ele implicava e um dia ele chegou na minha casa e falou: “Eu passei aqui mais cedo e você não estava.” Eu falei: “Eu tenho que trabalhar, tenho que pagar minha contas. Opa! Tenho filho para criar. Não é porque eu tenho pensão que eu não tenho que trabalhar.” E quando eu casei, ele me tirou. [...]Hoje, eu não tenho tudo que eu quero, mas eu tenho o que eu preciso. Acho que está bom. Eu acredito que futuramente eu vou melhorar, eu não vou ficar com ele a vida inteira. Eu sei que eu não vou, eu não vou envelhecer do lado dele. Alguma coisa vai acontecer... (Paula)

Quando questionada, Paula contou que deixou de trabalhar como manicure porque seu companheiro não gostava de sua atividade. Ela mesma desistiu da função para “não arrumar encrenca”, buscando evitar conflitos com o companheiro, porém demonstrou arrependimento. À mulher sempre coube o âmbito doméstico e ao homem o resto do mundo, portanto, quando uma mulher trabalha, as estruturas familiares tradicionais são abaladas. Os papéis de gênero tradicionais sofrem alterações e o homem sente-se ameaçado em sua figura de provedor. As atividades relacionadas ao espaço privado da família e à reprodução estão sempre associadas à figura feminina enquanto as atividades voltadas para o espaço público e produção social são tidas como masculinas (BOZON, 2004; BOURDIEU, 2014). Apesar da mão de obra feminina ter ganhado importância no mundo do trabalho, no início do século XX, essa ocupação deveria ser temporária, até que a mulher assumisse seu verdadeiro papel na sociedade: a dona do lar.

É imposto à mulher a necessidade de inibir todo tipo de desobediência e agressividade. A mulher deve ser dócil, passiva, enquanto o homem deve ser ativo e agressivo.

O estereótipo funciona como uma máscara. Os homens devem vestir a máscara do macho, da mesma forma que as mulheres devem vestir a máscara das submissas. O uso das máscaras significa a repressão de todos os desejos que caminharão em outra direção. Não obstante, a sociedade atinge alto grau de êxito neste processo repressivo, que modela homens e mulheres para relações assimétricas, desiguais, de dominador e dominada (SAFFIOTI, 1987, p. 40).

Paula se submeteu ao desejo do marido e parou de trabalhar para “não arrumar encrenca”. Considerando que ela já era uma mulher separada e com filho, que estava tentando investir em um novo relacionamento, é possível compreender que Paula não tenha enfrentado seu marido nessa e em outras tantas situações. Para a sociedade, mesmo já estando em 1990, ela era uma esposa de segunda classe, que para merecer um bom marido, teria de seguir suas regras.

A interlocutora disse que mudou de postura e que hoje em dia enfrenta o marido, porém nunca entrou em um processo real de separação. Ela não enxerga seu futuro ao

lado dele, espera que algo vá acontecer, mas não tem planos de se separar. O mais interessante da narrativa de Paula é que o conflito de seu relacionamento amoroso aparece como algo definitivo e irremediável e, apesar disso, ela escolheu seguir com seu casamento.

No trecho acima, a entrevistada falou sobre um possível julgamento social caso se separasse pela segunda vez. Ela disse que “tinha medo” do que os outros pensariam caso ocorresse uma nova separação e, em seguida, diz não se importar mais: “Ué? Que se lixe!”. Enfatizou que seu ex-marido também se separou uma segunda vez e nem por isso foi julgado e, logo após, considera que teve uma “criação muito fechada”, ou seja, uma educação muito rígida. Paula refere-se a diferença de tratamento entre homem e mulher em relação ao divórcio e, por isso, se compara a seu ex-marido. Certamente, o medo do julgamento da família e amigos foi um dos motivos pelos quais Paula decidiu não se separar. Porém, considera-se que esse foi apenas um dos motivos e não o motivo principal. É importante enfatizar que um relacionamento amoroso se dá por muitas razões que vão além do amor: interesses econômicos, familiares, sociais, políticos, psicológicos, entre outros, e que se Paula decidiu continuar com seu esposo é porque possui outros interesses que compensam o fato de ter de enfrentar tais conflitos.

Lucinha, de sessenta e um anos, é casada há trinta e três anos e contou rapidamente como conheceu seu marido. Ela teve um namorado ainda em Catanduva, mas não contou detalhes sobre a relação. O relacionamento amoroso de Lucinha se construiu dentro do ambiente na igreja evangélica e o casal buscou seguir as tradições cristãs.

I. Eu e minha mãe vínhamos passar o fim de semana em São Paulo e num aniversário do meu irmão, eu fiquei conhecendo a família da minha sogra. E o Cláudio estava. Eu já estava com vinte e seis anos, então, eu já tinha aí um pé no chão, né? Mais preocupada com a minha vida, tocar o barco para frente e... Mas aí, ele é uma pessoa muito educada, ele sempre foi muito gentil. Me chamou atenção o jeito. Porque nessa época meu pai tinha acabado de falecer, eu estava mais focada no trabalho e no estudo. Mas me chamou atenção, falei para o meu irmão: “Nossa, que moço educado, né?” E nessa a gente começou a conversar, foi aí que eu conheci ele. Em um ano, nós casamos.

e. E seus pais eram bem rígidos com a questão de namoro?

I. Aí, vou te falar uma coisa, eu tenho essa formação. Meus pais nunca me obrigaram a ser... Nunca meu pai e minha mãe precisaram me obrigar a nada. Então, eu tinha esse comportamento cristão em mim e sempre agi como cristã. Entendeu? Eu sempre levava isso comigo, sempre fui uma filha temente a deus.

Sempre vivi uma vida feliz, muito feliz. O frequentar a igreja é um grupo social, tá? É um grupo social que você está ali envolvida. (Lucinha, 61 anos, casada)

Lucinha relatou como conheceu seu esposo, de forma objetiva e racional, a qualidade que mais chamou atenção nele, naquele momento, foi sua educação. Ao contrário de Claudete, Ivone e mesmo Paula, Lucinha relata o primeiro encontro com seu marido de forma objetiva e sem detalhes. Sua narrativa não tem conflitos, é linear e simplificada. A entrevistada relatou o que pensava sobre o casamento na época, quando tinha por volta dos vinte anos. Ela considerou que nessa faixa etária as mulheres tendem a despertar para um instinto maternal, buscando casar e formar família.

I. Eu falo que a mulher principalmente nessa idade, a gente tem um instinto de formar família, de ser mãe. E eu sempre, sempre pensei assim: “Não, não gosto de viver sozinha. Eu não gosto de viver na solidão.” Então eu sempre falava: “Meu deus, eu quero ter a minha família!” Sentia esse propósito, né?

e. E aí quando você conheceu seu esposo, tudo aconteceu em um ano?

I. Rapidinho. Foi um namoro muito cristão, não tive relação antes do casamento, isso você já pode antecipar aí. Tivemos uma vida, tomamos decisões, seguindo os padrões cristãos e foi um namoro ótimo, excelente. (Lucinha)

Heilborn (2002) ao analisar a construção social do corpo e criticar sua naturalização, toma como exemplo o “instinto maternal”, fenômeno muito disseminado em nossa cultura. Segundo a autora, há uma crença de que as mães possuem uma espécie de ligação especial com seus filhos, que as permite transcender os limites da razão.

A própria expressão “instinto maternal” já aponta para a naturalização que o corpo apresenta na cultura ocidental. Para as mulheres, a natureza da maternidade seria de tal ordem que elas teriam uma inscrição corporal de afeição em relação à própria prole. Uma série de estudos desmistifica essa idéia do instinto maternal, assinalando que ocorreu uma deliberada construção deste vínculo, hoje fundamental, das mulheres com seus bebês. (HEILBORN, 2002, p.85)

A ideia de “instinto”, apresentada na fala da entrevistada, dá a entender que ao chegar na faixa etária biológica da procriação, as mulheres sentem um desejo natural de construir família, de casar e ter filhos. E, no caso de Lucinha, tal desejo se tornou um “propósito”. Mesmo após a “revolução sexual” e a desassociação do sexo com a procriação (BOZON, 2004), a concepção de que a maternidade é uma função natural da mulher e que sem ela, esta é um ser incompleto, é, ainda, muito difundida no meio social (CERQUEIRA; BONFIM, 2014; DESOUSA; BALDWIN; ROSA, 2000; GIDDENS, 1993).

Lucinha falou sobre como sua sogra a ajudou na criação de seus três filhos, enquanto ela trabalhava como professora na Educação Infantil. A entrevistada valorizou o

fato de sua família e a de seu marido serem unidas e considerou que seus filhos tornaram-se cristãos por influência não só dos pais, como do resto da família.

I. Meus filhos tiveram uma infância e juventude muito boa com isso tudo. Até hoje quando é dia das mães, páscoa, natal, minha sogra quer que seja na casa dela. Ela já tem bisnetos casados, mas é muito bom estar com eles. E uma coisa é real e verdadeira, todos são cristãos. Todos! Ela tem essa família, na casa dela é cem por cento. Todos os netos e bisnetos são cristãos, alguns são musicistas, cantam. É muito bom!

e. E seus filhos?

I. Todos, todos eles, os três são cristãos. Na escola, na sala dos professores, rola tanta coisa, né? E as meninas me perguntavam: “Mas seus filhos são diferentes!” “Não, são iguais a todos.” “Você obriga eles a irem na igreja?” Não, quando criança você pega na mão e leva, eles vão junto, né? Mas é o seguinte, eles conhecendo a palavra de deus e vendo como se vive dentro de casa. Porque não adianta você ler, consultar e não viver aquilo que ela te mostra. Ela te mostra como deus nos criou e para quê. (Lucinha)

Como apresentado, Lucinha construiu seu discurso a partir de seus valores religiosos, sempre conectando os acontecimentos em sua vida aos ensinamentos pentecostais. Porém, a entrevistada associou sua vida à religião de uma forma racional, apresentando as decisões individuais que tomou como origem de sua prosperidade familiar e pessoal. Nesse contexto, a salvação se dá pela autonomia do indivíduo, que é capaz de mudar de atitude, de controlar seus desejos e de racionalizar suas ações. Segundo Mariz e Machado (1996), a autonomia é um valor comumente incentivado pelo pentecostalismo.

Ao atribuir maior autonomia e responsabilidade ao indivíduo, o pentecostalismo estaria reafirmando o indivíduo moderno que é o autor de seu próprio destino. Este passa a perceber sua biografia como fruto de suas decisões racionais que implicam numa reflexão e consequente ação. Embora seja uma proposta encantada e mágica enquanto discurso, o pentecostalismo com sua ênfase na escolha individual implica um certo grau de racionalização da consciência (MARIZ; MACHADO, 1996, p. 144).

É possível associar, então, a forma de pensar pentecostal ao relato de Lucinha sobre seus relacionamentos amorosos. Quando a entrevistada falou sobre como conheceu seu esposo, ela apontou a educação como característica que mais a atraiu nele, e não a beleza ou charme. É uma forma racional de enxergar o relacionamento amoroso, a atração se deu não de forma física ou emocional, mas de forma social. Foi o aspecto comportamental do parceiro que a atraiu. Assim como em todos os outros aspectos da vida, na lógica pentecostal, o amor deve ser racionalizado e planejado para que tenha prosperidade.

Já Dinha demonstrou uma visão crítica sobre a educação que recebeu, na qual, segundo ela, foi criada para casar e ter filhos. A entrevistada casou aos vinte e seis anos e logo parou de trabalhar, seguindo as ordens do marido. Ela relatou uma situação semelhante a vivida por Paula, em que foi impedida de ser manicure por seu marido.

Eu não trabalhava fora porque ele não deixava. Eu queria fazer unha para ter meu dinheirinho, né? Aí eu peguei uma.. .Falei para a minha vizinha: “Ah, eu queria fazer unha para fora!” Aí eu fazia de semana. [...] Uma amiga falou: “Posso mandar minha mãe vir no sábado?” Falei: “Pode!”. E nesse dia, ele estava em cima da escada arrumando não sei o que lá, que ele mexia na casa toda no sábado e no domingo. A mãe da minha amiga falou assim: “Tem uma moça que faz unha aí?” e ele falou: “Não”. “Mas a minha filha veio aqui, é aqui!” Ele falou: “Não, aqui não tem!”. Aí ele entrou dando risada: “Eu mandei sua freguesa embora!” Para eu não trabalhar, né? (Dinha)

Dinha falou sobre a sua relação com o esposo enfatizando o controle machista que ele tinha sobre ela. A entrevistada relatou que o esposo a proibiu de trabalhar e estudar. Na visão dele, ela deveria apenas cuidar do lar e de seus filhos e, por isso, não deveria se dedicar a atividades que não fossem as domésticas. Nesse contexto de opressão, é compreensível que Dinha tenha se sentido livre quando ficou viúva.

É assim, meu marido morreu e eu me senti livre... É engraçado... É um bom marido, se você se separar do marido você não se sente livre. Se o marido morrer, você é livre. Você não tem ninguém que te manda, ninguém que te fiscaliza. Isso aí é uma visão minha, né? Aí eu tinha um almoço tal hora, porque era aquele horário que ele almoça, eu não. Eu fico, às vezes, eu levanto meio-dia, tomo café e vou almoçar três horas. Você entendeu? E, às vezes, eu não quero almoçar, eu passo no shopping, eu como um temaki lá e, pra mim, já é um almoço, e venho pra cá. Então, quer dizer que a minha... Agora, eu tenho um neto de dezesseis anos que mora comigo. Eu não vejo a hora que ele vai embora, porque, agora, ele começou a me atrapalhar. (Dinha)

A entrevistada falou sobre a liberdade de não ter hora para cozinhar e ninguém para vigiá-la. Porém, depois de desfrutar dessa liberdade, Dinha sente-se incomodada com a presença do neto, que mora temporariamente com ela. Ao ter o neto em casa, Dinha sente-se na obrigação acompanhar a rotina do garoto, esperar o neto voltar para casa, dar carona até o cursinho e etc, e assim novamente, ter sua rotina condicionada por uma outra pessoa.

Martha também revelou ter sentido certa liberdade quando ficou viúva. Seu marido era ciumento, controlador e ficava sempre acompanhando os passos dela, mesmo durante o namoro. A entrevistada associou o fato de companheiro ser ciumento ao fato de ser “muito apaixonado”, “muito apegado”. A mistura de sentimentos como amor, paixão e

ciúme é inerente ao nosso contexto social. Martha associa o caráter controlador da personalidade de seu esposo a uma forma de demonstrar preocupação e cuidado. Centeville e Almeida (2007) consideram que:

na cultura patriarcal, o ciúme patológico masculino se expressa através da preocupação do homem com sua honra, da necessidade de vigilância e controle da mulher e da identificação com uma persona inflada para compensar a baixa auto-estima. (CENTEVILLE; ALMEIDA, 2007, p. 80)

O que a entrevistada entendeu como uma demonstração de bem-querer, nada mais é do que uma elaboração de um sistema patriarcal e capitalista, onde o homem fantasia “possuir” a mulher.

Quando casada, Martha deixava de comparecer aos eventos que gostaria de ir por obediência ao marido.

Mas assim se você convidasse ele para ir na casa de alguém, ele odiava, odiava! Ele não ia, ele não ia. Festinha, assim que nem hoje eu tenho amizade com as meninas, pergunta para elas, ele não ia, ele não ia, fazia churrasco de fim de ano e ele não ia. Aí no fórum, não dava, né? Todo mundo ia com o marido. E se eles não vem, elas vem, né? Eu não, eu já não ia porque ele não ia... Então foi assim meio... Mas depois de um tempo, você acaba acostumando e você não liga. Uma coisa assim que, sei lá, né? Desde o começo foi sempre assim, então... Foi acho que depois que ele faleceu que aí, minha filha, ninguém me segurou mais. Agora vou para todo lugar, pego o carro e... Eu demorei para tirar carta, eu fui tirar carta mesmo quando não dava mais que eu tinha as duas meninas. Aí eu falei: “Não, não dá. Eu preciso tirar carta.” Que tinha o carro, o carro ficava em casa, às vezes ele ia trabalhar de ônibus ou às vezes ele ia e falava para voltar. Aí eu fui tirar carta. Eu fui tirar carta acho que eu já tinha uns vinte e oito anos, eu já tinha a Marina grandinha. Demorei para tirar carta, mas também comecei a dirigir, nunca mais parei, né? É claro que com ele no carro o único dia que ele não reclamou foi o dia que ele cortou a mão, levou treze pontos. Então, para ir até o Pronto Socorro que era na Mooca ele não reclamou, que ele devia estar com uma dor imensa. Mas para voltar ele já veio: “Por que não põe segunda? Por que não põe terceira? Olha o farol!” Ah! (risos) E eu falava assim: “Você dirige com a sua cabeça e eu dirijo com a minha. Eu dirijo do meu jeito e você dirige do seu. Mas não tinha jeito. Não tinha jeito! (Martha)

O companheiro de Martha também dificultou que ela tirasse sua carteira de habilitação, provavelmente, porque tal fato daria a ela uma maior liberdade. E mesmo quando ela insistiu e começou a dirigir, seu esposo, segundo ela, fazia questão de “implicar” com o modo como ela dirigia, desqualificando a liberdade que Martha havia conquistado. Ela riu ao relatar a “implicância” de seu marido. Assim como citado na página 94, o riso pode ter surgido como uma forma de amenizar o sofrimento do relato.

A viuvez de Martha e Dinha possibilitou que elas experimentassem uma liberdade até então desconhecida, que caracteriza-se como um tempo para si. Estas mulheres estiveram a vida inteira submissas a uma figura patriarcal, presas nas amarras da família ou do casamento. A ideologia patriarcal mantém as estruturas reguladoras dos gêneros e reafirma as estruturas de poder.

A família é mantida através do conceito de amor romântico entre homens e mulheres, quando de fato contratos matrimoniais têm tido tradicionalmente uma base econômica. O trabalho das mulheres dentro da família, que tem sido não remunerado e não reconhecido, e que inclui prestar serviço emocional bem como prestar serviço físico, continua a ser definido como um “trabalho de amor”. Os homens conseguiram criar uma ideologia que define os homens como donos “naturais” do intelecto, da racionalidade, e do poder de governar. Mulheres são “naturalmente” submissas, passivas, e dispostas a serem chefiadas. (KLEIN e ROWLAND, 1996 apud LIMA, 2014, p. 19)

Quando jovens, moravam com os pais e viviam cercadas pelas regras familiares e enquanto casadas, estavam no auge das obrigações do lar, cuidando dos filhos e do marido. Agora, com os filhos adultos e o marido falecido, elas podem redescobrir seu próprio tempo, escolher a melhor hora para fazer (ou não) almoço, que horas acordar e como dirigir (BRITTO DA MOTTA, 1996; SOARES, 2014). De acordo com Soares (2014), algumas mulheres “tendo atravessado situações de subserviência masculina, sentem-se, especialmente após as separações ou viuvez, livres do “jugo masculino” em suas vidas” (SOARES, 2014, p. 52).

Analisando este cenário, é compreensível que tanto Martha quanto Dinha não tenham intenções de buscar por outro companheiro.

Eu não arranjaría um namorado agora. Eu fiquei viúva aos cinquenta anos e não tive outro homem. Não fez falta! [...] Eu não preciso de ninguém pra sair. Eu saio sozinha, vou jantar sozinha, vou no shopping sozinha. (Dinha)

Eu acho que não [faz falta], você já pensou? Eu fico pensando... Já pensou se eu arrumo um velho chato nessa altura do campeonato? (risos) Melhor ficar sozinha! Sair, vou no cinema, vou no shopping. (Martha)

Em suas experiências, conforme os relatos, um relacionamento amoroso é sinônimo de aprisionamento, envolver-se com outro homem poderia significar ter de obedecer regras as quais elas não estão dispostas a se submeterem novamente. Enquanto viúvas, elas podem desfrutar da liberdade de ir e vir, sem precisar da permissão de ninguém.

Marli, de sessenta e um anos, construiu um relato mais individualista, muito voltado para sua vida profissional e econômica. Ao citar o início de seu namoro, contou que começaram o relacionamento aos poucos e enfatiza que seu esposo era um “bom moço”

e, por isso, agradou seus pais. Marli falou pouquíssimo sobre o companheiro, porém quando questionada sobre sua profissão contou detalhes da trajetória profissional do esposo. É possível notar que Marli valorizou tanto sua vida profissional como a de terceiros.

Assim com Paula, Marli considerou a falta de liberdade, devido ao controle dos pais, que fez com que o casal tivesse vontade de casar rapidamente para poder sair da casa da família.

Eu sai do colegial em 1974 e aí me casei em 1975, que eu já namorava há cinco anos. E como a gente naquela época não tinha... Não era só eu, não tinha muita liberdade, de sair para cá, de viajar, de nada. A gente queria casar, era doido para casar para sair da casa dos pais. E então meio que foi por isso que a gente casou logo. (Marli)

Quando questionada sobre o relacionamento com seu esposo e a trajetória do casal, Marli respondeu:

e. E seu relacionamento? Você considera que é um relacionamento feliz? Vocês passaram por muitas dificuldades ou nem tanto?

m. Ah, não dá para ser cem por cento feliz. Nós passamos por muita dificuldade, muitas. Na época das construções, nossa! Eu fui ganhar mais quando eu passei para diretora, né? Porque até então, escrevente era um salário hoje de, vai... Não sei quanto ganha um escrevente, acho que uns cinco mil reais. Meu marido também não ganhava bem, um pouco menos até do que isso. Então a gente nunca teve um padrão bom, de falar: “Não, estamos supertranquilos de grana.”(Marli)

No trecho acima, novamente, Marli prioriza as questões econômicas a possíveis conflitos emocionais ou de outros aspectos da vida do casal. A entrevistada interpretou a palavra “dificuldades”, enunciada na pergunta, como referente a dificuldades financeiras. Ela falou sobre a forma como o casal lidou com tais questões: priorizando a saúde e a educação dos filhos, decisão que considera ter valido a pena.

Elza, de sessenta e sete anos, também construiu um relato bastante sucinto sobre seu relacionamento amoroso. Como citado no Capítulo 2, a narrativa de Elza foi caracterizada pela objetividade e falta de detalhes. A entrevistada, que casou com seu primeiro namorado, falou sobre o controle que os pais exerciam na vida das filhas, dificultando as saídas e, conseqüentemente, os namoros.

Eu tive um flerte quando eu já estava na faculdade e depois eu já comecei a namorar o meu marido. Mas assim, eu não sei se... Eu tinha um grau de timidez grande, socialmente eu era muito solta, mas para essas questões de relacionamento. [...] Acho que seria isso e depois também a gente tinha uma questão de sair muito, né? Tinha uma questão de ficar uma ambivalência, até

onde namorar também tinha seus controles. Acho que é de todo relacionamento mas na época tinha muito mais... Talvez um... Não sei avaliar se era um receio maior ou se ainda existe essa coisa de “Olha, não vai não!” E coisa assim, né? Então, tinha esse lado para mim, deu pra passear bastante, deu pra... Mas namorar eu vim namorar mesmo aos vinte e cinco anos, namorei com meu marido, casei e estamos juntos até hoje. (Elza, 67 anos, casada)

A entrevistada conheceu seu esposo através de uma amiga que morava na mesma vila. Elza narrou tal acontecimento também de forma bem objetiva: eles se conheceram através de uma amiga em comum que morava na mesma vila, ficaram amigos e começaram a namorar. Em seguida, ela falou o que pensava e as expectativas que tinha, na época, sobre casar e ter filhos.

e. E como que foi isso? A senhora já tinha uma expectativa, você como jovem, tinha uma expectativa de casar, de ter filhos no futuro? Ou estava mais voltada para a carreira?

z. Não, não tinha uma expectativa assim de casamento, de filhos. Não sei, não era bem assim. Namorar assim, tal, até sim, mas não era uma coisa assim que... “Ah, sabe? Não me casei ainda! Ah, sabe? Minhas amigas...” ou coisa assim. Eu acho que essa questão de carreira, talvez, estar podendo estudar, isso sim.

e. E tinha pressão da sua família para casar ou não? Era também tranquilo em relação a isso?

z. Bem tranquilo, bem tranquilo mesmo. Acho que a minha família foi... Acho que também tinha isso: na família do meu pai tinha duas tias que não se casaram. Então, já tinha assim alguma coisa... Na família da minha mãe, também tinha uma das minhas tias que não se casou, então não assim essa, vamos dizer: “Ah, você já passou da hora. Vamos lá, olha esse, olha aquele, ou coisa assim.” (Elza)

Assim como no caso de Rosely, a família acostumou-se com mulheres que não casaram e, talvez por isso, não exerceu tanta pressão sobre Elza.

A entrevistada considerou que seu namoro fugia do padrão, era um relacionamento “mais solto” do que outros da época. O casal namorou por nove anos, segundo ela, os dois se viam, saiam com amigos e não precisavam ficar namorando no sofá da sala com a vigilância dos pais. Quando questionada, a entrevistada falou também sobre sua cerimônia de casamento e a lua de mel:

Então, começou assim, eu era católica. A minha família era católica, mas eu não estava vinculada a igreja já fazia tempo. A família dele era protestante, mas ele também não estava vinculado. Aí então a gente conversou, falou: “Olha, casar na igreja não vai fazer uma, não tem uma referência nem para mim nem para você. Então, vamos eliminar a igreja, certo? Aí vamos casar no cartório só e pronto.” Aí nós casamos... No cartório e ia já sair para uma pequena viagem. Não uma viagem assim... Mas aí, resolvemos que o casamento ia ser na casa do meu

irmão, que ia ser uma cerimônia simples, tal. Tinha uma prima do meu marido que fazia bolo, uns bolos lindos. Ela acabou dando o bolo, eu sei que acabaram fazendo uma festa assim. Mas foi mais mesmo o pessoal da família, né? Mas foi uma coisa bem simples do jeito que eu queria. Na lua de mel, fomos viajar, mas a gente foi para um lugar chamado Fonte Sônia, era um hotel fazenda, fomos para lá e foi uma viagem curta. (Elza)

A partir da fala de Elza sobre sua cerimônia de casamento, foi possível observar que nenhuma das outras entrevistadas falou sobre o tema. Na narrativa sobre o relacionamento amoroso, as entrevistadas falaram sobre a forma como conheceram o parceiro, o período de namoro, o casamento, o nascimento de filhos e etc, porém, não citaram a cerimônia de casamento. Elza apenas citou a cerimônia quando questionada sobre. Assim, a cerimônia de casamento em si parece não ser tão importante na exposição da memória dessas mulheres quanto outros aspectos de seus relacionamentos.

A narrativa de Estela demonstrou um viés mais sexualizado, envolvendo emoção e sexualidade ao falar de seus relacionamentos amorosos. Foi a única entrevistada que se estendeu ao falar de suas relações sexuais, comparou parceiros sexuais, falou sobre seu corpo e prazer. Estela contou que foi com o seu primeiro namorado fixo e primeiro marido que começou a conhecer sua sexualidade. A entrevistada se envolveu com o grupo de amigos do namorado, que era engajado politicamente e fazia parte do movimento cultural e político que emergia na década de 1970. A partir desse grupo mais libertário, Estela pôde experimentar sexualmente seu namorado e fugir às rígidas regras de seus pais.

Demorou um pouco para eu me enturmar porque eu era uma menina muito ligada à família, que amava o Roberto Carlos, assistia novela, eu demorei muito tempo para me enturmar. Quando eu me enturmei com eles, aí eu me casei, eu me separei. Tive minha filha Raquel e me separei. E aí o José foi embora e eu fiquei com os amigos. Aquela história bem de “eu fiquei com os amigos.” [...] Eu descobri minha sexualidade com ele. Tive outros namorados, mas eu não permitia de jeito nenhum nem que encostasse em mim. Porque era uma determinação da casa, que a gente não permitisse isso. [...] Nós nos casamos em 1978, a Raquel nasceu em 1981 e nos separamos em 1984. Ela era pequenininha, tinha três anos. Eu casei com vinte e cinco anos, já velha para casar, isso, na época.

e. E você sentiu uma pressão da família ou das próprias amigas para vocês casarem logo?

t. Sim. Não, na realidade, casar para mim era encontrar minha liberdade. Era encontrar minha liberdade para poder fazer o que eu quisesse, para eu poder sair, viajar, ser dona de mim, ninguém mais mandar em mim. Casar era para isso, para ter a minha liberdade, que não é verdade, né? (Estela, 61 anos, separada)

Assim como Paula, Marli e Rosely, Estela considerava, em sua juventude, que o casamento seria uma forma de “encontrar a liberdade”, sair da casa de seus pais seria trilhar seu próprio caminho. Porém, as três entrevistadas, hoje em dia, enxergam tal visão como ilusão. As jovens de sua geração buscavam no casamento uma forma de fugir das rígidas normas familiares, pensando que ao casarem poderiam sair, trabalhar, estudar e fazer as atividades que desejavam. Porém, ao casarem tiveram que enfrentar a rotina do cuidado do lar, dos filhos e dos maridos, além de trabalhar fora. A dupla (ou tripla) jornada tornou-se, então, uma nova prisão.

Estela contou como ocorreu seu processo de separação, após seis anos de casada. Seu companheiro, na época, se envolveu com outra mulher e pediu a separação, entre idas e vindas, o casal passou por brigas e momentos difíceis e, ao final, decidiu pelo divórcio.

Depois passou o tempo, ele também não ficou com ela, ficou com uma outra pessoa. Eu fiquei amiga dessa outra pessoa, que aliás até hoje eu tenho amizade com ela. Ele foi um pai totalmente ausente. Muito e muito ausente. Ele não conseguiu ser presente porque ele gostava demais dele, egocêntrico demais. (Estela)

Estela relatou a traição ocorrida de forma muito racional e objetiva, admite ter passado por momentos difíceis com este parceiro, mas apresenta tal acontecimento de uma forma bem resolvida. A separação ocorreu há mais de trinta anos e, provavelmente por isso, Estela consegue contar esta história com afastamento. A exemplo de muitas mulheres que se separaram na época, Estela teve de enfrentar problemas econômicos e uma rotina intensa, já que estava fazendo faculdade, criando sua filha e trabalhando. Em meio a essa árdua rotina, ela conheceu seu segundo marido. É importante notar que a entrevistada falou sobre esse relacionamento com maiores detalhes do que o anterior.

e. Você conheceu ele no trabalho?

t. Sim, no fórum, ele era aquele menor colaborador. E aí logo ele saiu, ele já tinha dezoito anos quando eu o conheci. Eu tinha trinta e ele dezoito anos. E aí foi, foi indo o relacionamento até a gente se casar.

e. E no início você não tinha intenção de ter uma coisa séria com ele?

t. De casar? Nunca. Não, porque ele era doze anos mais novo do que eu e todo mundo já achava um absurdo o que eu tinha feito e o que eu estava fazendo. Era loucura demais me envolver com uma criança desse jeito. Mas deu certo, deu bastante certo. Nós temos uma filha... Até hoje ele me liga, no mínimo, três vezes por dia.

e. E você se apaixonou por ele? Ou foi mais um envolvimento que começou com amizade?

t. Não, não. Começou como amizade, até porque ele não gostava de mim, nem um pouco. Ele me achava uma pessoa pedante, antipática, completamente diferente. E aí um dia a gente... Eu convidei uma amiga que estava com ele para jantar na minha casa e, por educação, eu convidei ele também. E ele aceitou. Aí ele veio em casa, depois ele começou a vir em casa todo dia. Aí ele gostou demais de mim, dos meus amigos, ele achou aquilo tudo muito legal. Ele achou aquilo muito diferente do mundo dele porque o mundo dele era um mundo restrito que nem o meu. (Estela)

Estela comparou a realidade de seu companheiro naquele momento à sua realidade antes de conhecer seu primeiro esposo. Segundo ela, o que fez com que ele se envolvesse no relacionamento foi gostar dela, de seus amigos e dos novos horizontes que esse grupo proporcionava. O encantamento se deu pela vontade de conhecer um “mundo novo”, de se envolver com um novo grupo de amigos, pela companhia e também pela nova realidade a acompanhava. Segundo ela, houve uma série de conflitos com a família do rapaz devido à diferença de idade do casal. Apesar de diversos empecilhos impostos pela família dele, ambos decidiram investir no relacionamento e passaram vinte e oito anos juntos.

Segundo ela, a relação acabou porque ele decidiu ir morar sozinho e, então, o casal resolveu se separar. Estela não apresenta este acontecimento como consequência de um conflito e sim como um processo natural. Ele sentiu necessidade de desenvolver sua individualidade e, ao contrário, do cenário que ele tanto apreciava no início no relacionamento, ele precisou se isolar e passar mais tempo sozinho. O casal ainda tem um “laço muito forte”, como descrito por ela:

Nosso laço é muito forte! Tudo que ele vai fazer, tudo, ele me liga. Se ele briga com a mãe, ele me liga. Se ele tem uma discussão com um cliente, ele me liga. Tudo que... Ele só não me conta coisas da namorada, né? Até agora não [cogitamos voltar] e acho que não é o momento também. Ele já me disse que ele não quer fazer a separação, fazer o divórcio porque ele não sabe o que vai acontecer lá na frente. Ele não sabe do nosso futuro, como a gente vai ficar e ele acha melhor... Ele não sabe se isso vai passar e ele acha melhor deixar a coisa como está. (Estela)

Tanto Estela quanto seu ex-marido parecem enxergar esta separação como uma fase passageira no relacionamento, mesmo os dois vivendo novos relacionamentos, atualmente. O casal decidiu não oficializar o divórcio porque não sabe como será o futuro, fator que pressupõe a possibilidade de reatarem o relacionamento.

No momento da entrevista, Estela estava namorando um rapaz de vinte e três anos que conheceu por meio de um aplicativo de mensagens:

t. Quando foi em dezembro do ano passado, eu recebi uma mensagem no *what's app* assim: “Oi, tudo bem? Eu cheguei. Vou tomar banho e já te ligo.” Como eu tenho um grupo, eu achei que fosse alguém desse grupo, eu falei: “Oi, quem é você?” Respondi: “Quem é você?” Porque as vezes no grupo você não vê... Tem só o número de celular, aí ele respondeu: “Eu to mandando recado para você, mas é minha amiga fulana de tal.” Eu falei: “Não, esse *what's app* é meu.” E começamos a conversar, ficamos dois meses conversando pelo celular. Aí ele perguntou minha idade, se eu era casada, se eu era separada, o que eu era... Eu disse que estava separada, tinha duas filhas, tinha dois netos, perguntou minha idade e eu falei: “sessenta e um anos”. Ai quando eu perguntei a dele, eu tomei um choque.

e. Quantos anos ele tem?

t. Vinte e três. Quer dizer, na realidade, ele falou mais, depois que ele me contou que tinha vinte e três. Eu falei para ele: “Olha, isso não vai rolar. Não vai passar de relacionamento virtual.” A gente estava até conversando sobre isso hoje: “Isso não vai passar do relacionamento virtual porque eu não consigo me ver envolvida com ninguém dessa idade.” Aí ele falou: “O preconceito é seu e não meu. E para mim, eu não gosto do mundo virtual, eu gosto do mundo real.” E aí foi, nos conhecemos, saímos uma vez, saímos duas vezes, três vezes, quatro vezes e aí passamos a ter um relacionamento muito forte com tudo, com tudo que a gente faz. Ele é caseiro, ele adora ficar em casa, ele adora assistir filme, fazer comida, receber amigos. Ele fica bastante aqui em casa, ele mora perto, mas quando tem algum programa até tarde, ele já dorme por aqui mesmo. Não comigo porque o meu neto ainda não permite. Meu neto criou essa barreira: “Minha avó não pode dormir com o namorado dela porque o namorado dela tem vinte e três anos de idade.” Eu sou avó, eu não sou mulher, eu sou avó. Por mais que eu não aparente ter a idade que eu tenho, por mais que eu tenha os meus desejos. Não, meu neto não permite.

e. E suas filhas?

t. As minhas filhas, as duas, acharam que eu devia me envolver. É o que eu estava explicando para o meu neto outro dia, você preferia que eu estivesse trancada em casa, com o cabelinho todo branco, né? Com sessenta e um anos já dá para ficar com o cabelo todo branco. Chorando em uma cama, você acharia melhor assim? Do que sua avó estar de *short*, saindo, se divertindo? A gente vai para o cinema, estamos nos programando para ir a uma cachoeira esse final de semana, sabe? E o Tom não tem o menor problema com a minha idade, ele não está nem aí. Ele me abraça no mercado milhões de vezes, ele segura na minha mão, ele não... Ele fala: “Eu não estou nem aí”. (Estela)

Estela possui uma história muito singular, tendo vivido dois relacionamentos com homens bem mais jovens que ela, em épocas distintas. No início dos anos 1990, Estela era uma mulher separada, com uma filha que estava se envolvendo com um homem doze

anos mais novo. E como esperado, o casal sofreu com preconceito da família dele, que fez de tudo para acabar com o relacionamento. Porém, segundo ela, estes conflitos só fizeram com que o casal sentisse mais vontade de ficar junto. Pode-se relacionar a este fato o típico drama romântico, no qual o casal luta contra todos os obstáculos para permanecer junto e este enfrentamento de dificuldades fortalece o amor dos dois.

É possível perceber no relato que com o passar dos anos a importância dada sobre a diferença de idade do casal diminuiu e o que era um casal incomum, se tornou apenas um casal “normal”: com casa, filhos e um relacionamento de longa duração.

Em seu namoro atual, Estela parece se incomodar mais com sua autoimagem do que com o preconceito vindo de terceiros. A relação com um homem mais novo traz à tona questões sobre seu corpo e sua sexualidade, que foram aprofundadas nas sessões 3.4 e 3.5. A forma como seu namorado reage a comentários maldosos sobre essa diferença de idade a deixa mais segura e, talvez, por já ter enfrentado uma situação parecida anteriormente, tal preconceito não a atinja mais de forma tão intensa.

As filhas de Estela apoiam a mãe neste novo relacionamento, porém o neto mais novo é o único que se opõe e tenta impor limites ao relacionamento da avó. O menino de doze anos impede que avó durma com o namorado em sua casa, tomando para si o papel de macho controlador, que regula a vida da avó a partir das regras sociais e morais. Como citado pela entrevistada, para o menino ela não é mulher e sim, avó. O mais interessante é que Estela acata o pedido do neto e tenta mudar sua opinião, aos poucos. É possível que se fosse uma de suas filhas a ter a mesma opinião, ela seguiria com seus desejos. Mas ao ser um neto, criança, homem, ela tenta fugir ao conflito. Talvez a própria entrevistada tenha dificuldades em viver as duas figuras em seu ser: mulher e avó. A figura da avó está associada a uma mulher assexuada, que “aposentou” seus desejos (COSTA, 2008).

Entre os rótulos presentes na “ideologia da velhice”, destaca-se o da velhice assexuada. Nesse pressuposto, corpo e sexo são categorias que foram exiladas estritamente ao espaço privado, importando, na maioria das vezes, somente os sujeitos mais jovens, justificando a preocupação da idosa em “ser mais reservada”, afetiva e sexualmente (FERNANDES; GARCIA, 2010).

Estela foge dos estereótipos da velhice em diferentes âmbitos de sua vida, mas quando se trata de seu neto, que busca nela a figura tradicional de avó, Estela tenta se mostrar mais reservada e acatar aos desejos do neto. Ela tenta “poupar” o neto de sua sexualidade, ao estender-se sobre o assunto, disse:

Deixa eu fechar, que meu neto não quer ouvir essas coisas. (Fecha a porta)

É interessante pensar que ela usa o verbo “querer” e não “poder”. O neto não **quer** ouvir sobre a sexualidade da avó, pois deseja que sua avó seja assexuada. Para ele, ela não pode ser uma mulher com desejos e avó, ao mesmo tempo. Há uma incongruência de papéis.

Ao analisar tais relatos, considera-se a comparação das histórias de amor relatadas por homens e mulheres no estudo de Piscidelli (1993).

Homens e mulheres falam dos mesmos temas. Mas, são elas as que evocam, com complacência ou rebeldia, a demarcação do permitido e possível para o comportamento feminino nas épocas sucessivas. O parâmetro da vida masculina se faz presente quando as mulheres narram suas trajetórias de vida, as dificuldades ou impossibilidades para impor os namorados desejados e as limitações profissionais. As lembranças geográficas: a disposição dos espaços de lazer, as construções, as lagoas, os montes e árvores das fazendas, são importantes para homens e mulheres. Mas são elas as que se comprazem em detalhar os espaços nos quais se flertava nos passeios, a disposição do salão de baile no momento da primeira dança com o jovem que se amava. Em geral, as mulheres parecem ser as guardiãs de detalhes decorativos e luxuosos que se multiplicam no terreno romântico. (PISCITELLI, 1993, p. 162-163)

A autora apontou maior detalhamento dos acontecimentos nas narrativas femininas, que tem seu foco voltado para as afetividades e emoções, assim como para o núcleo familiar. No presente trabalho, porém, houve um equilíbrio entre histórias mais romantizadas e detalhadas e histórias mais sucintas e objetivas. Todas as entrevistadas mostraram envolvimento afetivo em seus relatos, mas nem todas em relação aos relacionamentos amorosos. É importante considerar que nem sempre o viés narrativo escolhido pelo entrevistado é o mesmo esperado pelo pesquisador. Assim como aconteceu com Aparecida na entrevista que deu origem ao presente trabalho, algumas das entrevistadas, voltaram seus relatos para aspectos que consideraram mais interessantes de suas vidas como trabalho, religião ou envelhecimento. Considera-se também que algumas das entrevistadas (Rosely, Elza e Paula) demonstraram maior interesse em falar sobre o presente ou o passado mais recente do que sobre o passado mais remoto. Essas mulheres se mostraram reticentes ao falar de sua infância e juventude, mas quando começaram a falar de sua vida adulta e do cotidiano atual demonstraram mais entusiasmo. Talvez, para essas mulheres, esta fase da vida não se caracterize como “tempo de lembrar” (BOSI, 1994) e, sim, como tempo de viver e contar, como um tempo de refletir sobre as experiências do cotidiano e sobre as questões que enfrentam atualmente.

4.1 Entre passado e presente

Assim como Constantino (2006) considera que suas entrevistadas imigrantes são mediadoras entre duas realidades distintas, aquela que deixaram e aquela que encontraram, neste projeto, considera-se que estas entrevistadas são mediadoras entre duas realidades sociais, a que viveram e a que vivem. Partindo desta análise, a presente sessão pretende apresentar as reflexões das entrevistadas sobre as mudanças ocorridas na sociedade desde suas juventudes.

A geração das entrevistadas presenciou uma mudança intensa de paradigmas na esfera social. No período dos anos 1960 e 1970, configurou-se uma rebelião contra os valores da geração anterior e estabeleceram-se novos padrões de comportamento. A ditadura militar, as revoluções políticas e culturais, o advento da pílula anticoncepcional, o *rock'n roll* e os preceitos da vida hippie norte-americana influenciaram a forma como estas jovens construíram seus valores e suas vidas. Buscou-se, então, conhecer a opinião destas mulheres sobre os costumes do passado e do presente.

As entrevistadas citaram as mudanças do papel da mulher na sociedade, considerando que hoje em dia a mulher desfruta de maior liberdade e independência. Paula, que é dona de casa, falou sobre a independência das mulheres e a forma como isso afeta os casamentos. Segundo a entrevistada, as mulheres da nova geração não se submetem as vontades dos homens e não “seguram” mais seus casamentos, não suportam mais as traições.

A mulher hoje ela chuta o balde mesmo por causa da liberdade dela, né? “Não está legal dentro da minha casa, não é isso que eu quero com esse homem, vai andar!” [...] Hoje não, o jovem é diferente, a mulher hoje é diferente. Vocês falam: “Não, eu vou estudar!” Porque se não tiver ninguém ao seu lado amanhã, ótimo. Melhor, não tem ninguém que te atrapalhe a vida, não é isso? Acredito que seu pai te passa isso hoje. Não é? [...] A gente sofreu muito. Por isso que a mulher hoje em dia ela tem... A mulher hoje em dia, ela vence. Porque ela tem um preparo diferente, os pais são diferentes hoje em dia. [...] Os casamentos hoje em dia não duram mais, né? Antigamente era assim, a mulher segurava. Eu vou dizer pela minha mãe porque eu já não segurei, com treze anos eu já passei para frente. Elas seguravam. Meu marido fazia, meu pai não, mas também não era bom não, tinha o seu gênio. Então, ela segurava. “Nossa, o que iam falar?” Então, ela segurava um casamento, ela aguentava. Você vê nessas novelas antigas que a mulher é mais Amélia. Do meu tempo para cá... Não, hoje? No tempo de vocês, imagina que uma mulher... A mulher pode casar hoje, hoje ela casou. [...] A mulher está casando hoje, se ela vê que o negócio está feio, ela vai separar tranquilamente. Da minha geração para cá, ainda a gente tolerava um pouquinho mais. Eu ainda estou tolerando, mas a hora que o aquário transbordar o negócio

vai ficar feio, mas a mulher hoje em dia não segura não, ela põe para correr. Isso daí pode acontecer com você. Ainda mais hoje que a mulher estudou. Mesmo a mulher estudada antigamente segurava. Hoje a estudada não segura, ela põe para correr. Ela vai trabalhar de faxineira, vai trabalhar de babá, vai varrer a rua, mas ela vai pôr ele para correr. O homem já é mais difícil tomar uma decisão, a decisão de se separar. (Paula)

Já Marli falou sobre a entrada das mulheres no mundo do trabalho.

Não é como naquela época que os empregos para as mulheres eram nas fábricas. Nunca conheci, de pequena, uma mulher que tinha um cargo, vai... De executiva, não tinha. Eu acho que a mulher evoluiu muito. Ela se impôs no mercado de trabalho, ela lutou, né? Foi à luta e se impôs no mercado de trabalho e conseguiu muita coisa. [...] Eu acho que a mulher evoluiu muito. Na época delas, as mulheres trabalhavam nas fábricas, né? Nas fábricas. E dali para cá, não. Foram lutando, foram estudando, que nem... Quando eu entrei no tribunal, por exemplo, a maioria dos cartórios tinham diretor de cartório, homem. Hoje não, a maioria é mulher. A maioria é mulher. (Marli)

A entrevistada apontou a mudança dentro de seu próprio ambiente de trabalho, no qual, quando entrou, os cargos de diretoria eram majoritariamente ocupados por homens e, hoje em dia, são ocupados por mulheres. Lucinha lembrou que sua mãe mal podia sair de casa sem estar acompanhada pelo seu pai, que na geração anterior a sua as mulheres ficavam restritas ao lar.

Nossa, mudou tudo, né? Muita coisa! Vou tomar por base a minha mãe, a minha mãe mais ainda porque ela veio de uma cultura bem machista. Eu lembro que quando criança, a minha mãe não ia ao mercado, ao supermercado que estava começando a surgir, naquela época era empório mesmo que tinha e a minha mãe nunca ia. Meu pai era aposentado e só ele ia fazer compras, só se via ele fazendo tudo. Minha mãe era do lar, de casa mesmo! Mesmo! E as minhas duas irmãs mais velhas também se queixaram por não ter estudado, mas elas viveram nessa época. Inclusive, uma já faleceu e a outra está com oitenta anos, então você vê a época que elas viveram. Só a terceira delas que se formou, estudou e tudo. Das mulheres foi assim. Eu também lembro das mães das minhas colegas, que eram mais jovens, mãe era cuidar da casa, dos filhos e isso. [...] Hoje, a mulher tem muita autonomia, né? Mais, né? Ela tem... acho que algumas coisas ainda não. Não sou feminista e também não apoio certos movimentos, mas a mulher luta pelo espaço dela, pelos direitos dela, pela equidade de salário com o homem, tudo isso daí. Acho que da minha época para cá mudou muita coisa, a mulher é vista como uma pessoa inteligente, capaz, ela pode! Ela pode conquistar o espaço que ela quiser, pode ser mecânica, borracheira, presidente da república, vereadora, deputada. Na minha época não tinha isso, na política era só mesmo o homem. (Lucinha)

Ivone e Dinha falaram sobre como os pais controlavam os namoros quando eram jovens. Dinha considerou que as mulheres eram educadas para casar e ter filhos, diferente do cenário atual.

- e. Seus pais eram rígidos assim, de sair, ir para festa, essas coisas?
- i. Meu pai não tanto, mas a minha mãe era brava. Minha mãe era uma sargentona. Não te falei do namorado? Que talvez eu não casei porque causa dela pegar no pé. Minha mãe era uma sargentona, como se diz hoje.
- d. Um dia, ela chegou onze horas, onze horas com o namorado!
- i. Eu não tinha liberdade!
- d. Assistindo televisão e o meu namorado ia atrás. A tia falava para ele ir atrás.
- i. A gente ia no Cinerama. Na época, tinha um tal de Cinerama que a gente ia na cidade e chega tarde. Porque o Cinerama acabava onze horas. d. Mas onze horas era chegar tarde? Não era!
- i. Mas já tinha que estar em casa, minha mãe era muito sargentona mesmo. Então, hoje o mundo está aberto, mas está perigoso. Na época que o mundo era bom eu não tive essa chance para viver. d. É, eu também não.
- i. Então, é assim. Cada época é uma época. Tem coisas boas e tem coisas ruins.
- d. A gente era criada para casar. Eu fico pensando, às vezes, que nem as meninas quiseram estudar, quiseram fazer faculdade, fazer isso... Eu vejo. E nós fomos criadas assim...
- i. Para ser donas de casa.
- d. A gente trabalhava e namorava e a gente só via o casamento na frente, só o casamento. E os maridos eram tão tapados que nós não podíamos trabalhar fora. Tinha que ficar lá olhando filho, limpando casa, lavando roupa, era assim.
- i. É, mudou muito! Antigamente, né? A mulher hoje está presente em tudo, né? Hoje a mulher tem que trabalhar junto com o marido. Tem filho? Dane-se, dá um jeito, fica com a avó. (Risos)

Ivone apontou como a forma de lidar com a maternidade mudou entre as mulheres que, hoje em dia, têm que trabalhar fora e encarregar parte do cuidado de seus filhos a profissionais ou parentes. Ivone lembrou que, quando jovens, a única diversão que tinham era namorar e, ainda assim, o namoro era cercado de restrições.

- i. A única diversão que tinha na época era namorar.
- d. Era namorar! Era namorar e não podia fazer nada, nem beijar. (Risos)
- e. Nem beijar!
- i. Ai! Cada coisa, viu?
- d. Não era como hoje que você é livre e solta, né? Eu já falei: Se eu fosse moça eu ia dar para todo mundo!
- (Ficou com vergonha e mostrou o gravador) (Risos)

d. Ninguém pode saber, hein? (Risos) Eu falo isso! (Risos)

Para Dinha, as jovens de hoje têm chance de experimentar sexualmente seus parceiros, podendo desfrutar de uma liberdade que ela não pôde. É interessante enfatizar que essa parte da entrevista se deu de uma forma mais descontraída e as entrevistadas se permitiram fugir da formalidade e até falar palavras mais chulas. Ivone e Dinha são evangélicas, frequentadoras da Igreja da Graça, e no decorrer da entrevista foram, aos poucos, falando mais livremente sobre suas sexualidades.

Apesar de enxergar positivamente a mudança das representações sociais femininas na atualidade, Paula considerou que algumas mulheres usam essa “liberdade” de forma exagerada, que chega a “envergonhar a classe”. A entrevistada referiu-se às mulheres que frequentam bares noturnos no bairro onde mora e as categorizou como aquelas que usam saltão, vestidos de “piriguite”, estão com copo e cigarro nas mãos e gesticulam muito. É uma figura de mulher oposta a que a entrevistada valoriza, a mulher que “se dá ao respeito”.

A mulher evoluiu, mas a mulher evoluiu de uma tal maneira que às vezes chega até a envergonhar um pouquinho a classe feminina, né? Porque a mulher se prostituiu muito. Sabe? Você vê nessas mulheres... Logicamente que não são todas, mas essas mulheres que ficam em barzinhos... Então você passa lá no barzinho e ela estão todas... Elas com aquele saltão, vestido de “piriguite” e os bobões. [...] Tem uma que eu vejo sempre, ela é ridícula. Eu teria vergonha se eu fosse ela. Está lá sempre com aquele vestido de “piriguite”, aquele saltão que parece um *bulldog*, aquele sapato horroroso de plataforma horrorosa. Para o meu gosto, pode ser que para você seja diferente, né? Com um copão, um cigarrão e ela fala, gesticula. O Lucas fala assim: “Mas se bater no liquidificador não dá meio quilo de carne, parece bosta.” [...] Então, a mulher se subestima, se desvalorizou fazendo isso. A mulher evoluiu, estudou, se tornou o homem e a mulher da casa, isso é uma coisa bonita. Ela é mãe e pai, a mulher é mãe e pai. Ela sobrevive se o marido for embora, largar, morrer ou for embora com outra, enfim... Ela sobrevive, mas ela se esculhambou com esse negócio de barzinho. Porque a maioria é da pá virada. Vestidinho, pelo amor de deus, é a ilusão dela. Deixa ela, é um direito que ela tem, né? O bobão lá está olhando aquela e pensando: “Aquela idiota está em casa. Está lá cheirando cândida.” Outro dia eu perguntei, eu vi um cartaz no computador, no... Como é que chama? Internet. A Juliana Paes, Isis Valverde e não sei mais quem. Mulherão? Mulherão é aquela que te lava, passa, cuida dos seus filhos de dia e de noite enquanto você dorme. Enquanto você putanha por aí e seu filho está com febre. Essa é um mulherão! Quando você levanta de manhã, seu café já está na mesa, quando você volta de noite... E ela está pronta para você, isso é um mulherão. (Paula)

Paula considerou que essas mulheres se expõem demais, e, assim, se subestimam e desvalorizam. Em seguida, a entrevistada apresentou uma visão na qual relaciona diretamente a valorização da mulher à sua capacidade de cuidar da casa e dos filhos. Segundo ela, um “mulherão” não é aquela que mulher de corpo perfeito valorizada pela mídia e, sim, a mulher que cuida da casa, dos filhos e que, a noite, ainda está pronta para receber o homem da casa. Ela categorizou as mulheres de duas formas: as “piriquetes” e as donas de casa, tal julgamento pode ser associado a tradicional separação das mulheres entre virtuosas e perdidas, segundo Giddens (1993):

As mulheres têm sido divididas entre as virtuosas e as perdidas, e as “mulheres perdidas” só existiram à margem da sociedade respeitável. Há muito tempo a “virtude” tem sido definida em termos da recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual, recusa esta amparada por várias proteções institucionais, como o namoro com acompanhante, casamentos forçados e assim por diante. (GIDDENS, 1993, p. 16)

Em uma pesquisa que analisa as transformações dos comportamentos sexuais na França entre os anos 1970 e 1990, Bozon (2003) conclui que as experiências sexuais contemporâneas são estruturadas por pares de oposições e o sistema de gêneros possui controles sociais tão rígidos quanto os anteriores à “revolução sexual”. Enquanto os homens são vistos como sujeitos independentes desejantes e ativos, as mulheres são vistas como objetos a serem possuídos.

Essa assimetria social entre os sexos leva a desprezar ou a desconfiar das mulheres que têm muitos parceiros (mulheres “fáceis”) ou daquelas que não os têm (mulheres incompletas). O homem sexualmente experiente e o solteiro não passam por esta desvalorização. O valor das mulheres deriva de sua raridade, o dos homens do número de “objetos” possuídos: a oposição raridade/ número tornou-se uma estrutura psicológica profundamente interiorizada (BOZON, 2003, p. 154).

Assim, a entrevistada Martha falou sobre o controle das famílias sob as mulheres nos anos 1970. Elas deviam ser valorizadas a partir de sua raridade: tinham que ser “direitas”, “santinhas”, “moças para casar”.

A santinha ficava em casa, se não era meu irmão que pegava no meu pé, era meu primo. [...] Foi na época que tinha os hippies, aqueles festivais de hippie, o festival da música brasileira e eu não podia ir em nenhum lugar. Eu não podia ir num teatro se fosse de noite, não podia ir em nenhum lugar. Então, o cara tinha que estar bem apaixonado mesmo para ficar, né? Ou então ele ficava com aquela [a santinha] até as dez horas da noite e depois das dez horas ele ficava com a moderninha.[...] E outra, as moderninhas eles queriam só para sair mesmo. Para

namorar, para casar, eram as santinhas, que só ficavam em casa comportadinhas com a mãe tomando conta. (Martha)

Essa dupla moral da sexualidade é fator estruturante da distinção de gêneros brasileira que, como apontado anteriormente, tem sofrido alterações a partir dos anos 1960, mas mantém uma série de conceitos tradicionais enraizados ainda hoje. Tal distinção é descrita pela entrevistada Neusa, que considera que mesmo após tantas conquistas feministas muitos valores continuam iguais.

Infelizmente é assim, né? “O meu filho é garanhão, ele come todas as menininhas. Agora a minha filha não, meu filho não deixa a irmã sair para lugar nenhum. Não vem um cara conversar com ela, porque ele vai ver uma coisa...” Eu canso de ouvir isso: “Meu filho pode tudo, minha filha não pode fazer nada”. Hoje ainda, hoje, em pleno século XXI. A gente pensa que isso não existe, mas existe sim. Ainda existe isso. (Neusa)

Desouza, Baldwin e Rosa (2000) conceituam o “marianismo” que seria uma ideia complementar ao machismo. O modelo de Maria contempla a mulher que se sacrifica pela família, que é uma boa esposa, mãe e dona de casa e que é submissa ao homem. O “marianismo” é o ideal brasileiro de passivo feminino.

A versão brasileira do marianismo é parecida com descrição da castidade e da dedicação materna da Virgem Maria encontrada em outros países latinos, onde o marianismo é “exemplificado por extrema feminilidade, passividade e autoabnegação”; o marianismo é também chamado de “síndrome da mulher autosacrificada” (Desouza; Baldwin; Rosa, 2000, p. 490).

Ainda considerando o ideal passivo feminino na cultura brasileira, Goldenberg (2001) aponta que existem duas figuras paradigmáticas femininas opostas: a “santa” e a “puta”. A figura da “santa” remete à imagem da “Virgem-mãe”, que tem sua sexualidade controlada pelo homem, que é a mulher da casa, a mãe e a esposa. Enquanto a “puta” é a mulher que controla sua própria sexualidade, é mulher da rua, mulher da vida a quem é negado o direito de ser mãe. Essa oposição também é vista como estática e coerente, ou se é santa ou se é puta, não pode existir ambiguidades.

Marli apresentou uma visão semelhante, considerando que hoje em dia a sociedade está muito liberal, principalmente, em relação a sexualidade. A entrevistada enfatizou o apelo sexual da televisão e de outras mídias.

Ah, agora é muito liberal, né? Eu acho, né? Não sei, eu sou meio cafona. Meio antiga, eu sou. Acho que por conta de eu ter sido criada assim eu mantenho essa minha cabeça muito fechada. Eu reconheço que, talvez, nem tanto ao mar, nem tanto a terra. Mas hoje eu acho que está muito liberal. Eu ponho muito a culpa... Não culpa, mas atribuo isso à televisão mesmo. Que a televisão, essa

informatização, né? Tudo, você sabe tudo, você conhece tudo de todo mundo, de todos, do mundo inteiro. E vai... As novelas que vão caminhando sempre para um lado mais sexualizado. Que nem essa novela... Que teve ontem, que eu falei: “Nossa!” Verdade Secretas? É, acho que foi essa. [...] O artista nu transando, namorando, mas completamente nu. Os dois nus. Eu assisto pouco novela, mas nunca tinha presenciado. Então é claro, é o espelho. A criança está assistindo, o adolescente está assistindo acha normal e acaba trazendo para a sua vida cotidiana. [...] Eu fui mais para o lado mais certinho. Meus filhos são todos mais... Da turma deles assim, eles são todos mais sérios, mais certinhos, né? Apesar de minha filha ter engravidado solteira, com dezessete anos. [...] O que eu não aceito é essa... Da mocidade de hoje, dos jovens. Dessa coisa de ficar cada dia com um, de transar... As meninas, eu sei disso, elas transam com o primeiro menino que elas veem. [...] Não é como antigamente que você conhecia seu namoradinho e ele era o filho do vizinho ou filho da amiga da sua mãe. Então, sabia que era de uma família, mais ou menos. A não ser que você fosse uma danada de ir para os... Agora não, você não sabe, a molecada é muito ruim, muito sarcástica, não sei. Ah, eu acho! Sexo sem paixão, como diz a cantora lá, na minha cabeça não entra. Não entra. (Marli)

Marli aconselha a neta a não ter relações sexuais para evitar o risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis e considerou que, hoje em dia, não é possível confiar em ninguém, porque não se conhece as origens e as famílias das pessoas. Marli contou, no trecho acima, que a filha engravidou com dezessete anos, enquanto era solteira, e para a entrevistada tal fato nunca foi superado. Por ter recebido uma educação muito rígida e também ter educado os filhos dessa forma mais conservadora, Marli sofreu uma grande decepção quando sua filha engravidou e demonstrou dificuldade em falar sobre o assunto durante a entrevista.

m. Não que tenha sido assim: “Ah, engravidou porque transava com todo mundo.” Não foi isso, aconteceu de transar com o namorado... Não desinformada, mas desajuizada, vamos dizer assim, né? E tomava pílula tudo. Mas é aquela coisa, né? A gente fala: “Ah, isso é desculpa de aleijado.” Ela tomava pílula e eu não sabia, é claro. E aí teve infecção urinária, tomou antibiótico junto com a pílula e algumas pessoas... Algumas ou todas não sei, mas anula o efeito. Mas a falta de experiência, né? A inocência, não sabia e acabou acontecendo. Mas ela não era igual essas meninas de agora que ficam com um monte de menino, namora cada dia com um, ou transa até com um hoje e amanhã com outro. E acham natural, né? Acham natural. Meus filhos não, eu procurei criar eles mais quadradinhos. (Marli)

Marli fez questão de enfatizar que a gravidez ocorreu por um descuido da filha, que tinha um namorado fixo, tentando afastá-la da imagem de garota promíscua ou da figura da “piriguete”, citada por Paula. A entrevistada relatou a forma como lidou com tal ocorrido

em sua vida e depois contou como seguiu a vida da filha. Ficou claro em sua fala que ela demorou para aceitar a gravidez da jovem e essa decepção foi extremamente impactante na relação entre mãe e filha.

Também foi questionado às entrevistadas a forma como elas enxergam as novas configurações familiares que envolvem mães solteiras, casais homoafetivos, entre outros formatos. Considerando que a homossexualidade, apesar de todas as conquistas a partir dos anos 1990, “continua a ser encarada como perversão por muitos heterossexuais – isto é, especificamente não-natural e a ser moralmente condenada” (GIDDENS, 1993, p.23). Ainda de acordo com o autor, a emergência da homossexualidade é um processo intenso e real, que gera importantes consequências na vida sexual assim como na vida social, como um todo.

Marli respondeu dizendo que tem medo, medo do que será o futuro das crianças que são adotadas por casais homossexuais.

O meu medo, eu tenho muito medo dos novos formatos de família. De dois homens adotarem as crianças ou duas mulheres. Eu acho que a adoção hoje está, acho que está bem fácil até para essas pessoas. Se eles forem pessoas que tiveram uma vida regular, emprego fixo e umas coisas assim formais, né? Eu acho que eles não tem dificuldade. Mas a minha preocupação é com o futuro das crianças, não sei, acho que mais até pela questão jurídica, não sei. Vai ser muito pai e mãe para uma criança só, sabe? (Marli)

Marli levantou questões que parecem voltadas para a adoção em geral e não só para a adoção de crianças por casais homoafetivos. A entrevistada construiu argumentos que não explicitaram claramente os motivos de seu “medo” perante a adoção de crianças por casais homoafetivos e como forma de encerrar o assunto, ela disse: “Eu sou meio quadrada, fui criada no século passado.” Esta foi uma fala que se repetiu durante a entrevista de Marli. A entrevistada falou algumas vezes que se considera “quadrada”, “cafona”, “antiga” e que tem “cabeça fechada”, foi possível notar que tais características fazem parte de sua autoidentificação, constituem a forma como ela se vê e quer ser vista pelos outros.

Lucinha, evangélica, também falou sobre casais homoafetivos e os novos formatos de família. A entrevistada construiu uma fala muito interessante expondo suas visões religiosas e também considerando reflexões que teve durante sua trajetória.

Então, eu tenho os meus conceitos, os meus conceitos são bíblicos, entendeu? Eu os tenho em meu coração e vivo uma vida assim. Porém a Bíblia me ensina a amar, a amar meu próximo como a mim mesmo. Então discriminação não! Eu não concordo com atos, mas discriminar não. Na minha opinião, deus formou homem, homem e mulher, mulher e homem. Embora eu tenho muitas coisas questionadas

e discutidas, eu trabalhei, a minha profissão era trabalhar com crianças e tinha crianças com quem a gente conviveu com certos comportamentos, então, eu nunca me aprofundei nisso tudo. Mas me assusta algumas coisas, eu acho que está um pouco... Está banalizado, não sei se essa é a expressão certa. Você vê meninas de quatorze, quinze anos com outra menina. Que conceito tem essa menina de família, de lar? Não sei, eu acho que virou um pouco modinha, sei lá eu se é isso. Você vai lá ao shopping metrô Tatuapé de segunda-feira é um pouco assustador. Na minha época, olha, eu lembro de adolescente que sempre houve. O homossexualismo sempre houve, mas eram mais discretas essas coisas. Não era... a sociedade não convivia com tudo isso, né? Eu não posso julgar, não tenho esse poder em minhas mãos. Eu sou firmada na crença de que deus tem um compromisso com a família, tem um compromisso com a família, com o lar. Num lar onde não tem figura masculina, se torna difícil até para o desenvolvimento da criança. Eu via isso com os meus alunos, mas eu acho também que nós estamos nessa fase de tudo despencando, né? É tudo normal, natural, me assusta! É difícil, viu? (Lucinha)

Ao dizer que conviveu com crianças com tendências homossexuais quando lecionava, Lucinha assumiu a possibilidade de que talvez a homossexualidade seja “natural” para alguns. Porém considera que, hoje em dia, há uma banalização e que a homossexualidade virou “modinha”. Ao mesmo tempo que Lucinha considerou que casais homossexuais são proibidos nos ensinamentos bíblicos, ela entendeu que a aceitação de orientações sexuais e identidades de gênero que fogem do padrão cisgênero heteronormativo vem se consolidando na sociedade como um todo. Parece haver um conservadorismo velado vindo das duas entrevistadas. Já que a não aceitação a homossexualidade é tida, hoje em dia, como politicamente incorreta, elas buscam controlar seus discursos de modo que não pareçam preconceituosos ou intolerantes.

Muito mais do que apenas julgar a identidade de gênero a partir dos preceitos bíblicos e da forma como isso é abordado em sua igreja, Lucinha buscou compreender o fenômeno “assustador” da diversidade sexual. Assim como Marli, ela disse que tem “medo” do que ocorrerá no futuro

Já Estela, que tem um histórico menos conservador, ao falar sobre o grupo de amigos que fez no candomblé, citou duas mulheres transexuais. A entrevistada falou normalmente sobre o tema, sem que fosse necessário levantá-lo. Ela contou como ocorreu o processo de transição de gênero de sua amiga.

E nós temos um grupo agora, que a gente tem saído bastante e é um grupo bem diferente. Porque tem duas trans no grupo, né? E uma delas inclusive, já conseguiu a alteração do nome, por direito mesmo. Saiu a sentença, tudo. Ela lutou muito, ela fez dois anos de terapia, ela fez tratamento hormonal. Ela fez

tratamento no hospital das Clínicas. Ela precisou de autorização, então, ela... Tudo que o médico e que o juiz foi pedindo, ela trouxe. E ela sempre quis se chamar Suely e ela teve a alteração do nome dela. Tanto é que a primeira vez que eu vi a Suely, eu fiquei na dúvida. Quer dizer, eu não vi que era homem. Porque ela não fez a cirurgia para mudança de sexo, porque é errado fazer a cirurgia. Não se faz cirurgia porque altera o prazer. É uma cirurgia com muita dor. Então, é errado... Você nasceu... Ela diz que não lembra dela ser homem, ela diz que lembra da vida inteira ser mulher. Ela é completamente feminina, para falar, para comer, não forçado. Você vê naturalidade nela. Tem duas, tem alguns homossexuais e tem casais normais, né? (Estela)

É interessante notar a forma como Estela valoriza a luta da amiga pela transição de gênero. O discurso de Estela em relação à amiga transgênero se dá buscando argumentos a partir do conceito de naturalidade, considerando que Suely nunca se viu como homem, que sempre se enxergou como mulher. No fim de sua fala, Estela caracteriza o grupo de amigos separando as mulheres transgênero, os homossexuais e os “casais normais”. Dessa forma, é possível analisar que a entrevistada significa as categorias de orientação sexual e identidade de gênero através dos conceitos de “normalidade” e “naturalidade”.

Duarte (2013) fala sobre o uso do conceito de “naturalidade” disseminado pelos saberes médicos e pelas igrejas cristãs para explicar valores como família, amor conjugal e heterossexualidade.

Embora diferencialmente construído entre os gêneros e as classes de idade, o sentimento de que as práticas da sexualidade são indissociáveis das marcações morais e identitárias consolidadas na forma “família” prevalece claramente ainda hoje. Um elemento muito notável desse quadro é o de que as transformações ideológicas ocorridas ao longo dos últimos séculos nos discursos dominantes afetaram pelo menos num ponto importante as representações populares: a disseminação de uma visão de mundo naturalista, ou seja, a ideia de que as mais importantes características da experiência humana sejam ancoradas numa qualidade “natural”, universal e irrelativizável (DUARTE, 2013, p. 11).

Apesar de ter uma trajetória mais libertária e praticar uma religião que tende a fugir dos preceitos cisgêneros e heteronormativos, Estela usa, assim como Lucinha e Marli, os mesmos parâmetros de “normalidade” e “naturalidade”.

Dinha e Ivone, ambas evangélicas, ao citar um episódio com os netos, falaram sobre um sobrinho homossexual. Porém, nesse primeiro momento não citaram claramente tal aspecto. A ocultação do termo “gay” ou “homossexual” é uma característica que chama atenção na fala das entrevistadas.

d. Esses dias eu estava trocando minha netinha, que tem dois aninhos. Aí o Gustavo veio todo cheio de curiosidade. Falei: “Pode ver, a vovó quer que você veja xoxota. Não vai ficar vendo pinto não. É para ver xoxota mesmo!” Bobeira, né? Seja o que for, será bem-vindo! Porque nós temos, né Ivone?

i. Tem na família.

d. Um sobrinho, mas é maravilhoso ele.

i. Então, mas é assim a vida, né Maria? Tudo tem sua época, tudo tem seu tempo.

Tem suas vantagens, tem suas desvantagens. (Ivone e Dinha)

Em seguida, as entrevistadas foram questionadas sobre o tema e contaram como a família lidou com seu sobrinho homossexual. Elas dizem que não gostariam de ter uma pessoa gay ou lésbica na família, mas depois falam com carinho do sobrinho.

e. E o que vocês acham dos novos formatos de família. A moça que engravidou e não tem marido, então cria a criança sozinha. Ou os casais homoafetivos, dois homens que adotam uma criança ou duas mulheres que adotam uma criança. O que vocês acham?

d. Eu acho que no mundo de hoje, vale tudo.

i. Vale tudo.

d. Se a pessoa se sente bem, assim.

i. Ela é feliz, assim, ela tem que ser...

d. Eu acho que ela tem que ser feliz do que jeito que ela queira ser. Eu não gostaria de ter um...

i. Eu não queria ter um pra mim, mas eu aceito.

d. ... na minha família. Mas ó, nós temos um sobrinho..

i. Um sobrinho.

d. Ele é uma graça, é um menino inteligente. Ele tem duas academias.

i. É, mas eu acho que isso já se superou no mundo hoje, né?

d. Ele é lindo, é um homem tão lindo e os homens que ele arruma dá até dó de tão lindo. (Risos). Eu falo: “Querida um homem daquele, se eu fosse moça”.

e. Vocês conhecem os namorados?

d. Conhecemos. A gente agora conhece mais pela internet, porque ele já se afastou.

i. Ele é fisioterapeuta, sabe?

d. Ele tem uma vida, assim...

i. Ele faz faculdade, tá fazendo pós-graduação...

d. Ele dá uma passadinha assim rápida, pra ver minha mãe durante o dia, tudo.

i. Ele passa...

d. Mas na casa dele, o namorado é tratado como namorado, pelas irmãs.

- i. O pai não aceitou. O irmão dela não aceitou.
- d. O pai não aceitou. Meu irmão não aceitou até hoje, não por ele ser, é assim... [...]
- i. O pai chochou.
- d. O pai choca, né? E o pai ficou chocado. E o pai dele não quis mais saber dele. Apesar, que agora...
- i. Ainda que eu falei pra ele, falei: "Everton, quando isso veio à tona, eu já sabia..". Você acha? Percebe, né? Mãe percebe, pai também sabe.
- d. Sabe o que acontece, o pai também era separado, né Ivone?
- i. Pais separados, né? É por isso.
- d. Ah, mas a gente também não tinha essa convivência, mas você percebe nos trejeitos dele. Olha, eu tinha.. Eu tinha, assim, uma desconfiança, mas não tinha certeza.
- i. Ah, eu tinha quase que certeza.
- d. Eu não tinha, eu não tinha certeza. Mas não mudou em nada, porque ele é um espetáculo como pessoa.
- i. É pra mim também não mudou nada.
- d. Nossa, é um menino maravilhoso. (Ivone e Dinha)

As entrevistadas também falaram sobre uma possível "naturalidade" da homossexualidade.

- d. Porque tem uns que nascem, assim, né? Que já vem aquele, que a minha menina falou, porque ela é fonoaudióloga, ela falou: "Mãe, todos que vêm com tendência de homossexual é de criança, a gente já manda pra psicóloga." Mas eu falo assim, eu acho que nada me choca, mas se eu... Pra mim, eu não queria.
- i. Não, mas quanto à pessoa ser gay, eu aceito numa boa. Porque, sei lá, se aquilo não é ele que optou, é da natureza dele ser assim. Agora, se a coisa banalizar do jeito que tá por aí...
- d. Olha, como aquela Daniela Mercury, eu acho um absurdo.
- i. Uma mulher que tem filhos, né? Depois...
- d. Uma velha, ela podia... Não precisava se expor, você entendeu? Porque eu vi a entrevista do genro dela...
- i. Tem coisa que... Porque choca, né?
- d. O genro dela falou pra neta dela... Eu vi, não sei em que lugar, não sei se eu li, se eu vi... Aí ele falou: "Mas a sua avó está errada. Não é pra você fazer o que a avó faz." Então, assim..
- i. É uma escola pra ela, né? Então, tem coisas que chocam né?
- d. Não que eu acho que ela tá errada.

- i. Tudo tem que ter meio termo, eu acho, nesse mundo. Não pode ser nada de mais, nem nada de menos. Tem que ter...
- e. A senhora acha, então, que ela podia viver isso, mas não precisava se expor?
- d. Não, não precisava expor. Mas elas também... Elas querem mídia, né?
- i. Ela estava afastada na mídia, né? Isso aí subiu ela. Elas querem mídia. (Ivone e Dinha)

Assim como analisado por Oliveira (2013), o discurso de aceitação ou não aceitação é recorrente quando as pessoas referem-se a um membro da família que é homossexual. Segundo o autor, a aceitação é tida como dádiva daquele ocupa uma posição hierárquica superior àquele que ocupa uma posição inferior na sociedade.

Pais e mães de gays e lésbicas, acenando para seus filhos com a promessa de aceitar o inaceitável, confirmam a imagem que têm de si mesmos como “bons pais” – uma imagem que [...] é no mínimo ameaçada pela descoberta de que um filho é homossexual. [...] Analisando relatos sobre a “troca de presentes” entre patroas e empregadas, a dádiva que é concedida por pessoas que se vêem como superiores no interior de uma relação hierárquica pode prescindir ou mesmo rejeitar uma contrapartida por meio de um objeto material, mas pode contudo exigir ser retribuída um sentimento, a gratidão. A expectativa de receber a gratidão do outro é a expectativa de que este aceite um lugar subordinado em uma relação hierárquica. Poderíamos nos perguntar se esta análise sobre a experiência da dádiva na relação entre patroas e empregadas não poderia ser comparada à dádiva da aceitação concedida por alguns pais a seus filhos gays e lésbicas. Isto implicaria sugerir que sinais de gratidão confirmam as fantasias de identidade e de superioridade acalentadas por aqueles que se dispõem a ofertar a aceitação (OLIVEIRA, 2013, p. 209).

Há uma fantasia de superioridade por aqueles que “aceitam” o homossexual e no discurso das entrevistadas tal aceitação é reiterada com elogios ao rapaz. O que Ivone e Dinha dizem não aceitar, porém, é o excesso de exposição como no caso da cantora Daniela Mercury²⁹. O que incomodou as entrevistadas foi o fato de Daniela ser uma mulher de meia idade, com filhos adultos e que resolveu se assumir como lésbica. Assim como incomoda a Lucinha que meninas de quatorze ou quinze anos namorem meninas publicamente em um shopping. Há uma desaprovação da exposição de relacionamentos homossexuais, nos casos expostos especificamente, uma desaprovação a exposição de casais lésbicos. Seja, no caso de Lucinha, pela pouca idade para decidir por uma orientação sexual desviante ou, no caso de Dinha e Ivone, pela muita idade para decidir por uma orientação sexual desviante.

²⁹ Em 2013, a cantora Daniela Mercury, de 48 anos, usou uma rede social para assumir o relacionamento com uma jornalista. O caso ganhou repercussão na mídia, chamando atenção para a visibilidade LGBT.

Tanto os discursos de “banalização da homossexualidade” proferidos por Ivone, Dinha e Lucinha quanto o discurso de “banalização da sexualidade” proferido por Marli remetem ao incômodo de ter de lidar com algo que nas gerações anteriores ficava resguardado na intimidade, como citado por Lucinha: “O homossexualismo sempre houve, mas eram mais discretas essas coisas.” Se a exposição da sexualidade hétero já incomoda, quando se trata da homossexualidade, o incômodo torna-se ainda maior.

Como exposto pelas entrevistadas, a visibilidade LGBT gera medo, é tido como algo assustador. Nesse contexto, Natividade e Oliveira (2013) falam sobre como há uma rejeição social às identidades LGBT, que visa controlar fenômenos entendidos como perigosos.

A rejeição aos direitos das minorias sexuais por setores conservadores está embasada no temor do impacto que novos modelos familiares (LGBT) e conjugais (homoafetivos), expressos em conquistas como a união civil – e direitos previdenciários para parceiros do mesmo sexo – possam ter sobre normas hegemônicas sustentadas em concepções cristãs de família e conjugalidade. É possível que, em parte, esses pânicos morais constituam respostas coletivas à Aids, epidemia que colaborou para a construção do homossexual como um personagem ameaçador e para processos de estigmatização da homossexualidade (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 81).

É interessante refletir que o sobrinho de Ivone e de Dinha não é alguém que gera medo nelas, que a colega transgênero não assusta Estela, assim, o medo é pessoal. O medo é gerado pelo desconhecido, pelo futuro daqueles que convivem com o desconhecido e vivem em um mundo onde diferentes formas de identidade e sexualidade vêm ganhando visibilidade. Natividade e Oliveira (2013) consideram a construção da homossexualidade como um perigo através da noção de “pânico moral”. Segundo os autores, os “pânicos morais” se dão pela distorção de fatos que constituiriam “problemas sociais”, que deveriam ser contidos, buscando o fortalecimento das normas hegemônicas. Ou seja, certos setores conservadores da sociedade constroem uma homossexualidade pessoal, sem rosto, como um mal a ser combatido. Incitam o medo, mobilizando nas pessoas o desejo de conter a visibilidade da diversidade sexual.

As entrevistadas apresentaram conflitos em seus discursos: se, por um lado, apoiam a emancipação das mulheres e se configuram como mulheres independentes, por outro, rejeitam a liberdade sexual, impõem limites a sua sexualidade e a de terceiros e separam mulheres em categorias, como “respeitáveis” ou não. Se por um lado, aprenderam a respeitar os sobrinhos e vizinhos homossexuais, por outro, não consideram esses casais “normais” e acham que eles deveriam se expor menos. Se por um lado, gostariam de ter

sido orientadas por sua família sobre seus corpos e sexualidades, por outro, consideram que a sexualidade está “banalizada” e que os jovens deveriam ser mais contidos.

Os valores mais tradicionais e a educação rígida recebida de seus pais fazem parte de seus preceitos, assim como, os valores mais modernos conquistados pela sua geração. Estas mulheres são parte de uma geração de transição e, por isso, tais conflitos são tão característicos de suas narrativas, suas visões de mundo constroem-se a partir dessas dualidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento do projeto foi se tornando cada vez mais necessário entrelaçar temáticas para compreender a vida das entrevistadas. O que começou como uma pesquisa sobre relações amorosas na contemporaneidade se tornou uma pesquisa sobre relações amorosas na contemporaneidade, mulheres idosas e suas relações amorosas, sexualidade nos anos 1970, mulheres no mercado de trabalho, relações de gênero no âmbito familiar, mulheres idosas e suas relações com as religiões, concepções de mulheres idosas sobre valores das gerações posteriores, processo de envelhecimento feminino, envelhecimento e sexualidade, entre outros. As entrevistas foram abrindo inúmeras portas para novas pesquisas e nesse ponto pareceu que a bibliografia lida nunca era suficiente. Histórias de vidas são complexas e, por isso, exigem uma abordagem interdisciplinar e intradisciplinar. Foi necessário alinhar e contrapor a história oral e os Estudos Culturais a campos como Sociologia, Psicologia, Antropologia e Gerontologia, que formaram a base para este estudo. Assim como apontado por Perelmutter (1997), ao falar sobre história oral:

O fato da história oral ser um tipo de conhecimento nada previsível, intempestivo, dinâmico e que está sujeito a sucessivos deslocamentos, impede-o de submeter-se a uma teoria “sedentária” (fechada, unitária e transcendente). A riqueza da história oral consiste justamente nesta sua elasticidade em migrar de um território conceitual para o outro toda vez que um novo conjunto de questões é deflagrado pela prática (PERELMUTTER, 1997).

Ao analisar estas histórias buscou-se compreender a complexidade das vivências das entrevistadas e, por isso, foi essencial a consideração de diferentes áreas conceituais. A forma como tais narrativas foram construídas impossibilitaram uma análise exclusiva de um campo específico ou até mesmo que o foco da pesquisa se desse a partir apenas do passado ou apenas do presente das entrevistadas.

Os relatos, mesmo quando referiam-se a acontecimentos da infância, geraram uma reflexão presentificada, apresentando diferentes temporalidades já experienciadas pelas entrevistadas. Elas apresentaram os vínculos com as lógicas familiares e também as quebras destes vínculos, expuseram a identificação com as gerações posteriores, mas também a diferenciação destas. Falaram sobre suas histórias integrando presente e passado, encarando esta fase da vida como tempo de viver e contar.

A memória de relacionamentos amorosos veio aliada às outras memórias afetivas vivenciadas pelas entrevistadas. A maioria das entrevistadas não apresentou a história de amor como o núcleo narrativo de sua entrevista, mas sim como um tema que trouxe a

tona tantos outros. A partir desse fato, é possível analisar o lugar de tais memórias na vida dessas mulheres. Para a maioria, a história de amor não aparece dissociada de sua profissão, sua família e outros aspectos de suas vidas. Diferentemente das tradicionais narrativas românticas, elas não contaram como ocorreu o primeiro beijo ou a primeira relação sexual, não falaram sobre paixão, sobre amor a primeira vista, sobre como se sentiram em relação ao parceiro quando o conheceram, sobre sua cerimônia de casamento ou sobre as idealizações que tinham. Todos os clichês românticos foram imersos em uma camada de racionalidade na narrativa de cada uma dessas mulheres. Essa camada foi construída e fortalecida por anos e anos. Os amores se tornaram mais do que namorados ou esposos, eles se tornaram pais de seus filhos, companheiros de uma vida ou, até mesmo, apenas uma lembrança.

O projeto revelou a forma como elas ainda interpretam as relações de gênero de forma binária e estigmatizada, apesar de viverem de forma muito diferente da geração anterior. Como visto, há um conflito entre o tradicional e o moderno, há reproduções e quebras de estereótipos. Elas são mulheres que trabalharam ou que desejavam trabalhar e foram impedidas por fatores externos, muitas vezes relacionados a lógica patriarcal em que viviam. São pessoas que se dividiram entre o lar e a rua, cada uma a sua maneira, ressignificando (ou não) as formas de se relacionarem com suas famílias e com o mundo. Elas protagonizam um processo de idas e vindas entre o conservador e o inovador, elegendo os valores que consideram mais importantes e constituindo-se assim, muitas vezes, como narradoras de discursos ambíguos e antagônicos.

Ao mesmo tempo em que as entrevistadas não criaram suas filhas de forma tão rígida, o grande sonho de algumas delas é que suas filhas (e filhos) se casem e constituam família. Elas reclamam das rédeas curtas impostas por seus pais, mas acham que a juventude está muito liberada sexualmente e que limites deveriam ser impostos. As interlocutoras tentam impôr limites a si mesmas e a terceiros, principalmente, ao tratar de sexualidade. Elas admiram as conquistas feministas no mundo do trabalho e da política, mas quando trata-se dos âmbitos da intimidade, tendem a permanecer com opiniões mais conservadoras. Todas, exceto Estela, falaram sobre sexualidade como uma experiência distante de suas vivências atuais. Como mulheres casadas há décadas ou como idosas solteiras, elas não se permitiram dividir suas vivências sexuais atuais com uma jovem pesquisadora. Falar sobre o desejo sexual da juventude é aceito, mas falar sobre o desejo sexual como mulher idosa configura-se como um desafio.

Grande parte dos estudos sobre sexualidade no envelhecimento falam sobre idosos solteiros, separados ou viúvos que frequentam grupos de convivência e lá acabam descobrindo novas formas de exercer sua sexualidade (COSTA, 2008; MOURA; LEITA; HILDEBRANDT, 2008). Ou então em grupos de conversas pela Internet, onde não existem controles sociais e é possível falar tudo que se pensa (SILVA; PEDROSA, 2008). Foi difícil encontrar pesquisas com mulheres casadas que falassem abertamente sobre as relações sexuais com o marido. É possível que falar da sexualidade dentro do casamento seja mais difícil do que falar sobre a sexualidade em namoros ou relações mais casuais. Assim, abre-se portas para um possível projeto que analise relatos sobre a vida sexual de idosos dentro do casamento.

Na presente pesquisa, considera-se que as entrevistadas, possivelmente, por serem, mesmo que indiretamente, pessoas ligadas à pesquisadora, não quiseram desconstruir sua imagem de “senhora respeitável” e, por isso, não falaram sobre suas experiências sexuais atuais. Pontua-se, também, que o assunto não foi o foco da pesquisa e que a temática da sexualidade apareceu naturalmente, por iniciativa das interlocutoras. Ainda assim, é interessante considerar que elas se sentiram à vontade para falar da sexualidade no passado e não no presente. Tal questão está relacionada ao estereótipo da velhice assexuada. Se em outros âmbitos da vida, elas fogem da figura da “velhinha”, em relação ao sexo, elas tendem a reproduzir os modelos tradicionais de comportamento.

Em relação a futuras pesquisas, considera-se que seria interessante investigar a memória de relacionamentos amorosos daqueles que fogem do padrão cisgênero e heterossexual. As experiências de pessoas que quebram diversas barreiras no âmbito da sexualidade e da afetividade no cotidiano seriam interessantíssimas para futura investigação. E mais, se o objeto de pesquisa for constituído por pessoas gays, lésbicas, transgênero ou intersexo com mais de sessenta anos, seria possível conhecer as histórias de vida de pessoas que foram precursoras em suas gerações e, certamente, passaram por inúmeros empecilhos e condenações sociais.

Um outro tema também despertou a curiosidade da pesquisadora: o relacionamento de mulheres idosas com homens mais jovens. Ao conversar com a Prof^a. Dr^a. Françoise Dominique Valéry³⁰, que também estuda o relato de mulheres idosas, foi levantada a hipótese de que, talvez, esse tipo de relacionamento tenha se tornado mais comum nas últimas décadas. Analisando o relato de Estela, é possível que mulheres que se permitam

³⁰ A conversa se deu após apresentação da pesquisadora com o presente projeto no 43º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos.

ter relacionamentos com homens mais jovens possuam uma relação especial com seu corpo e sexualidade. Ao buscar por bibliografia que falasse sobre o tema, nada foi encontrado. Propõe-se, então, este assunto como tema para possíveis investigações futuras.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. História oral, Desafios para o Século XXI. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2000.
- ALMEIDA, T. DE; LOURENÇO, M. L. Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 233–244, 2009.
- ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. Amor e sexualidade na velhice, direito nem sempre respeitado. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, v. 5, n.1, p. 130–140, 2008.
- ARAÚJO, M. de F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 22, n. 2, jun. 2002.
- Autêntica, 2006.
- BARBIERI, N. A. Velhice: Melhor idade? Mundo da Saúde, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 116– 119, 2012.
- BARROS, M. M. L. de. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: Py, L. et. al. Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004. p. 39-59.
- BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. Cadernos Pagu, Campinas, v. 20, p.131-156, 2003.
- BOZON, Michel. Sociologia da sexualidade. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004
- BRITTO DA MOTTA, Alda. Recontando o tempo de madureza. In: KOURY, Mauro et al. (Org.). Cultura e Subjetividade. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996. p. 71-82.
- BRONSZTEIN, K. P. Ensinando sobre o “amor inteligente”: memória discursiva e religiosidade silenciada em *The Love School* da Igreja Universal do Reino de Deus. In:

Simpósio da ABHR, 13., 2012, São Luís. Anais dos Simpósios da ABHR, São Luís (UFMA), 2012.

CENTEVILLE, V.; ALMEIDA, T. DE. Ciúme romântico e a sua relação com a violência. *Psic. Rev*, São Paulo, v. 16, n. 1/2, p. 73–91, 2007.

CERQUEIRA, Á. A.; BONFIM, W. D. L. A transformação da intimidade : as mudanças familiares e o direito. *Prelúdios*, Salvador, v. 3, n. 3, p. 53–77, 2014.

CONSTANTINO, N. S. D. E. Nas entrelinhas da narrativa : vozes de mulheres imigrantes. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 63–73, 2006.

COSTA, A. C. O. Sexualidade e envelhecimento : a demanda de atualização de crenças e valores. 2008. 107f. Tese (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

COSTA, S. Amores fáceis. Romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 73, p. 111–124, 2005.

DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: FAPESP, 2004.

DEL PRIORE, M. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.

DELGADO, L. de A. N. História oral – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte:

DESOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H. DA. A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 3, p. 485–496, 2000.

DESOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H. DA. A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 3, p. 485–496, 2000.

DOIMO, L. A.; DERNTL, A. M.; DO LAGO, O. C. O uso do tempo no cotidiano de mulheres idosas: um método indicador do estudo de vida de grupos populacionais. *Cien Saude Colet*, v. 13, n. 4, p. 1133–1142, 2008.

DUARTE, L. F. D. Desejo e diferença – À guisa de prefácio. In: NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. de. *As novas guerras sexuais: Diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 8-14, 2013.

DUARTE, Luiz F. L. Família, reprodução e *ethos* religioso: Subjetivismo e estruturalismo

como valores estruturantes. In: DUARTE *et al.* Família e Regilião. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

FARIAS, C. M. Reflexões sobre história oral e memória na obra de Alessandro Portelli. Fenix: Rev. de História de Estudos Culturais, v. 12, n. 2, 2015.

FERNANDES, M. DAS G. M. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 62, n. 5, p. 705–710, 2009.

FERNANDES, M.G.M.; GARCIA, L.G. O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas. Interface - Comunic., Saúde, Educ., Botucatu, v.14, n.35, p.879-90, 2010.

FERREIRA, A. C.; GROSSI, Y. DE S. A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. História Oral, v. 7, p. 41–59, 2004.

FIGUEIREDO, L. B. Uma revolução silenciosa : a sexualidade em mulheres maduras. 2011. 134 f. Tese (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011.

FONTANA, R. A C. A constituição social da subjetividade: notas sobre Central do Brasil. Educação & Sociedade, v. 21, n. 71, p. 221–234, 2000.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, S. M. de. História oral: possibilidades e procedimentos. 2 ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GIDDENS, A. A transformação da intimidade. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

GOLDENBERG, M. Corpo, gênero e envelhecimento na cultura brasileira. A Terceira Idade: Estudos sobre envelhecimento, São Paulo, v. 24, n. 58, p. 69–81, 2013.

GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65–80, 2005.

GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2001.

GOLDMAN, S. N. As dimensões sociopolíticas do envelhecimento. In: PY, L. et. al. (org.) Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU

Editora, 2004. p. 61-83.

HEILBORN, M. L. Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade. Cadernos Cépia, Rio de Janeiro, n. 5, p. 73–92, 2002.

JUNIOR, A. M.; FREITAS, S. A. Envelhecimento e consumo: as representações da velhice feminina no discurso midiático. Estud. Interdiscipl. Envelhec., Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 275–291, 2010.

KOFES, S.; PISCITELLI, A. Memórias de “histórias femininas, memórias e experiências”. Cadernos Pagu, Campinas, v. 8, n. 9 pp.343-354, 1997.

LANG, A. B. S. G. Trilhas da pesquisa, convicções e diversidade. In: MAGALHÃES, V. B. de.; SANTHIAGO, R. (org.) Depois da utopia: A história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e voz: Fapesp, 2013.

LIMA, F. A. DE. Mulheres na tecnociência: depoimentos e vivências de mulheres nos cursos de computação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2014. Tese (Mestrado). Universidade Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2014.

LIVRAMENTO, M. N.; HOR-MEYLL, L. F.; PESSÔA, L. A. G. D. P. Valores que motivam mulheres de baixa renda a comprar produtos de beleza. RAM - Revista de Administração Mackenzie, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 44–74, 2013.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARIZ, Cecília L.; MACHADO, Maria das Dores C. Pentecostalismo e a redefinição do feminino. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 17, nº. 1-2, p. 140-159, 1996.

MARQUES, A. M. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Curitiba, v. 11, n. 11, p. 83-92, 2004.

MARQUES, P. Z.; CARLOS, S. A. A cultura da atividade e o trabalho com idosos. RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, v. 3, n. 2, p. 61–69, 2006.

MCCLEARY, L. História oral: Questões de língua e tecnologia. In: MAGALHÃES, Valéria Barbosa; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). Memória e diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral. São Paulo: Letra e Voz/FAPESP, p. 93-123, 2011.

MEIHY, J. C. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2002.

MESQUITA, P. F. B. A. Gênero e envelhecimento : transformações nos projetos de vida de mulheres com mais de 60 anos. In: XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Anais XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 2013.

MESSY, J. A pessoa idosa não existe. Uma abordagem psicanalítica da velhice. São Paulo: Aleph, 1999.

MOURA, I.; LEITA, M. T.; HILDEBRANDT, L. M. Idosos e sua percepção acerca da sexualidade na velhice. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo , v. 5, n. 2, p. 132–140, 2008.

NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. de. As novas guerras sexuais: Diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. Rev. Ciênc. Ext., v. 6, n. 1, p. 40– 53, 2010.

OLIVEIRA, L. Os sentidos da aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

PACHECO, J. L. Trabalho e aposentadoria. In: Py, L. et. al. Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004. p. 201-229.

PARKER, R. 'Within Four Walls': Brazilian Sexual Culture and HIV/AIDS. In: Culture, society and sexuality. Psychology Press, 1999.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre identidade memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

PEREIRA, I. DA S. A.; SILVA, J. C. Escolha conjugal feminina: uma análise

intergeracional segundo uma perspectiva crítica em psicologia. *Psicologia em Estudo*, v. 18, n. 3, p. 407– 417, 2013.

PERELMUTTER, D. 1º Encontro das Ações Educativas em Museus da cidade de São Paulo. História oral, memória e subjetividade. Anais...2006

PERELMUTTER, D. A História Oral e a trama sensível da subjetividade. 1997. Tese (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

PISCITELLI, A. G. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 1, 1993.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. *Proj. História*, v. 15, 1997.

PY, L. Envelhecimento e subjetividade. In: Py, L. et. al. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU, 2004. p. 109-137.

RIBEIRO, M. E. S. R. C. Gênero e Envelhecimento: a história de vida de uma sertaneja. *Opsis*, v. 15, n. 2, p. 417–431, 2015.

ROSSI, T. C. *Projetando a Subjetividade: a construção social do amor a partir do cinema*. São Paulo: USP, 2013.

ROZEK, M. Subjetividade, formação e educação especial: histórias de vida de professoras. [s.l: s.n.].

SAFFIOTI, H. I. B. “Violência doméstica ou a lógica do galinheiro”. In: KUPSTAS, M. (org.). *Violência em debate*. São Paulo, Editora Moderna, p.39-57, 1997.

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *VIOLENCIA DOMÉSTICA OU A LÓGICA DO GALINHEIRO*. In: KUPSTAS, Márcia (org.). *Violência em Debate*. São Paulo: Moderna, 1997. p. 39-57.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 4, p. 7–19, 2002.

SANTANA, C. S. Velhice ou melhor idade? Dilemas éticos. *O mundo da Saúde*, v. 36, n. 1, p. 98–102, 2012.

SILVA, A. C. DE A. DA; PEDROSA, A. DA S. Sexualidade e etarismo: análise do

discurso em uma lista de debates na Internet. *Estud. Interdiscipl. envelhec.*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221–236, 2008.

SILVA, L. Da velhice à terceira idade: O percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 15, n. 1, p. 155–168, 2008.

SOARES, C. L. R. Senhoras de si e do próprio tempo: narrativas e representações sobre o tempo entre mulheres idosas. *Estud. Interdiscipl. Envelhec.*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 47–62, 2014.

SOIHET, R.; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, p. 281–300, 2007.

WHITAKER, D. C. *Envelhecimento e poder: a posição do idoso na contemporaneidade*. Campinas: Editora Alinea, 2007.

APÊNDICE I – PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Nome	Rosely	Claudete	Paula	Marli
Idade	61	64	63	61
Profissão	Advogada	Professora/ Dona de casa	Manicure/ Dona de casa	Func. Pública
Bairro	Mooca	Santa Clara	Mooca	Vila Prudente
Cor	Branca	Branca	Branca	Branca
Religião	Católica não Praticante	Católica/ Espírita	Espírita/ Afro-brasileira	Católica
Religião Familiar	Católica	Católica não Praticante	Católica	Católica
Escolaridade	Superior Completo	Médio Completo	Médio incompleto	Pós- Graduação
Escolaridade (pai/mãe)	Médio Completo	Fundamental Completo	Fundamental Completo	Analfabeto
Mora com...	Mãe	Cônjuge	Cônjuge e Filho	Cônjuge, 2 filhos e 2 netos
Estado Civil	Solteira	Casada	Casada	Casada
Casamentos	Nenhum	Um	Dois	Um
Filhos	–	Dois	Dois	Três

Tabela 1: Perfil das Entrevistas

Lucinha	Estela	Ivone	Dinha	Elza
61	61	71	71	67
Professora Aposentada	Func. Pública Aposentada	Bancária Aposentada	Dona de Casa	Func. Pública/ Terapeuta
Mooca	Mooca	Ipiranga	Ipiranga	Ipiranga
Branca	Branca	Branca	Branca	Branca
Evangélica	Afro-brasileira	Evangélica	Evangélica	Espírita
Evangélica	Católica	Evangélica	Evangélica	Católica
Superior Completo	Superior Completo	Fundamental Completo	Médio Completo	Superior Completo
Fundamental Completo	Médio Completo	Analfabeto	Sem Informação	Fundamental Completo
Cônjuge e 2 filhos	2 netos	Irmã	Sem Informação	Cônjuge e Filho
Casada	Separada	Solteira	Viúva	Casada
Um	Dois	Nenhum	Um	Um
Três	Dois	–	Dois	Um

Tabela 2: Perfil das Entrevistadas

APÊNDICE II – ROTEIRO TEMÁTICO DE ENTREVISTAS

1. Conte um pouco da sua vida, nome, idade e profissão.
2. Conte sua vida a partir das suas histórias de amor. Amores na adolescência, na juventude e na idade adulta.
3. Primeiro namorado? Como pensava o amor na juventude?
4. Como foi educada em relação a sexualidade? Como viveu e vive a sexualidade?
5. Casamento? Filhos?
6. Separação? Viuvez?
7. Está vivendo algum relacionamento amoroso atualmente? O que acha de mulheres que iniciam um relacionamento depois dos 60 anos?
8. Como o papel da mulher mudou desde sua juventude?
9. O que pensa dos relacionamentos de hoje em dia?
10. No mundo acadêmico, atualmente, existem autores que referem-se à pessoa com mais de 60 anos usando os termos “velhice”, “terceira idade”, “melhor idade”, “idosos”. Qual termo você prefere? Ou prefere algum outro?
11. Como é ter sua idade? Por que momentos a senhora está passando? Quais são seus planos para os próximos anos?
12. O que pensa dos novos formatos de famílias: mulheres solteiras com filhos, casais homoafetivos, etc?

APÊNDICE III – CARTA DE CESSÃO

São Paulo, de de 2015

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____,

autorizo que minha entrevista gravada em / / seja arquivada na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e que uma cópia da mesma fique sob os cuidados de Maria Carolina de Andrade José, em formato gravado e escrito. Autorizo também que minha entrevista seja utilizada para fins de publicação, por Maria Carolina de Andrade José.

Esta autorização exime meus descendentes dos direitos sobre a entrevista.

APÊNDICE IV – ENTREVISTA COMPLETA TRANSCRITA: ESTELA

e. Entrevistadora

t. Estela

e. Hoje é dia 24 de setembro, eu estou na casa da Estela na Vila Prudente. E a gente vai começar a conversar sobre a vida dela. Bom, então, você nasceu já na Vila Prudente?

t. Sim, nasci na Coelho Neto, em casa. Na época minha mãe tinha medo de ter filho no hospital porque teve um problema na época, em 1953, com roubo de crianças, né? Em alguns hospitais, ela ficou sabendo, então ela preferiu me ter em casa com uma parteira. e. Que interessante! E essa é a mesma casa?

t. Não, não. Era na rua Coelho Neto, não é a mesma casa.

e. E seus pais já moravam na Vila Prudente há um tempo?

t. Não, meus pais moravam... É, há um ano mais ou menos só. Porque eles eram do interior.

e. De que cidade?

t. Ibitinga.

e. Tá. E eles são de origem...?

t. Meu pai de descendência portuguesa e alemã e minha mãe de descendência portuguesa e chinesa.

e. Olha, que interessante! Então tinha uma mistura...

t. Bem grande, mas o chinês bem lá atrás, né?

e. Neto, bisneto...

t. Isso.

e. Entendi. E como foi a sua infância aqui? Você tinha quantos irmãos?

t. Tive um irmão. A gente mudou para essa casa quando eu tinha sete anos de idade e como é uma vila, você viu, eu brinquei na rua... Brincava na rua até meus quinze anos de idade. Só com quinze anos de idade que eu comecei a tomar consciência do meu corpo, que eu era uma menina... porque até então eu brincava como menino na rua, toda a turma pulando corda, jogando bola, essas coisas de criança.

Correndo... Assim, da vila toda, nós eramos um grupo bem grande, meu irmão também.

e. Seu irmão é mais velho ou mais novo?

t. Mais novo dois anos.

e. E seus pais tinham muita diferença de idade de vocês ou não? Eles casaram cedo?

t. Não, meus pais casaram jovens, né? E eu nasci com nove meses e três dias deles casados. Então, minha mãe engravidou logo após o casamento. Eles não tinham dinheiro, então, eles casaram e não foram viajar, ficaram em casa. Mas a casa toda liberou um quarto para o casal, minha avó, meu avô e meus tios ficaram amontoados no restante da casa. Até que a gente comprou uma casa na Vila Carrão. A minha mãe não se adaptou, aí depois nós viemos para essa casa aqui que era uma casa maior. e. E seu pai trabalhava com o que?

t. Meu pai trabalhava no banco, meu pai era bancário.

e. E sua mãe? Trabalhava ou...?

t. Minha mãe não, minha mãe nunca trabalhou. Não, não era. O que ela gostava era de cuidar da casa mesmo e na concepção dos dois, ela deveria ficar em casa cuidando dos filhos. E eles se davam muito bem, os dois, casaram por amor mesmo. Até porque meu pai é de uma família mais abastada e minha mãe de uma família mais humilde, meu pai largou tudo no interior para vir atrás da minha mãe. e. E como que eles se conheceram? Você sabe?

t. Lá no interior mesmo, no interior mesmo. A minha avó veio embora porque a situação estava muito difícil financeiramente e trouxe a minha mãe porque a família do meu pai não queria que ele se casasse com a minha mãe. Porque ela não tinha... Eles não tinham condição financeira. O marido da minha avó, o meu avô gastou quase todo o dinheiro dele jogando, fazendo coisas erradas, né? E eles perderam todo o dinheiro que eles tinham. E aí a minha avó veio embora para São Paulo e trouxe a minha mãe porque sabia que a família do meu pai não queria que eles casassem. Meu pai abandonou tudo e veio atrás da minha mãe. Minha mãe, na realidade, era quase quatro anos mais velha que meu pai. Porque minha mãe é de 1927 e meu pai é de 1931. Isso mesmo. e. As famílias se conheciam?

t. Sim, lá do interior. O meu avô era prefeito da cidade, o pai do meu pai. O pai da minha não fazia nada.

e. E a família do seu pai continuou não aprovando ou depois de um tempo acabou se reaproximando?

t. Não, logo depois que ele casou, aceitaram normalmente. Minha avó não gostava muito, mas meu avô gostava da minha mãe.

e. Ai teve uma reaproximação e você teve contato com seus avós paternos?

t. Sim, bastante.

e. E maternos também?

t. Maternos direto porque eles moravam junto, né?

e. E aí quando vocês vieram morar aqui, que você falou que tinha sete anos, né?

t. Continuamos com meus avós maternos, eles moravam aqui também. Na realidade, a minha tia, irmã da minha mãe, comprou com o marido dela, com meu pai e minha mãe compraram essa casa. Ficava cada um em um quarto, meu avô dormia na sala. Eu, meu irmão e minha avó dormíamos no mesmo quarto. No outro quarto menor, dormia meu pai e minha mãe. Pagamos a casa e depois que a casa foi paga, foi comprada uma outra casa que era para o meu tio e a minha tia. Aí eles foram para lá e a gente se dividiu. e. E os seus avós continuaram aqui?

t. Continuaram aqui, aí meu pai fez um quarto para ele no fundo da casa que é este daqui, né? (*mostra porta ao fundo da cozinha*) Ele dormia ali, meus pais num quarto, eu, meu irmão e minha avó dormíamos em outro.

e. Sua avó sempre dormia separada do seu avô.

t. Sempre, porque ela não falava com o meu avô. Ela deixou de falar com ele porque ela ficou cansada de tudo que ele aprontava. E ela disse que no dia em que casasse a última filha, ela nunca mais falaria com ele e nunca mais falou. Nunca mais dirigiu a palavra para ele. e. E eles faleceram sem se falar?

t. Sem se falar.

e. Quem faleceu primeiro?

t. Ele. Minha mãe pediu que ela entrasse no quarto e falasse com ele e ela entrou no quarto e falou: "Vá com deus!"

e. Nossa, que história!

t. Ela nunca mais falou com ele, ela não dirigia a palavra para ele, não olhava na cara dele. Cruzava o caminho, se ele sentasse a mesa, ela levantava; se ele fosse pra sala, ela levantava. É como se ele tivesse morrido, que um dia ela disse: “Eu nunca mais falo com você. Só não me separo porque a sociedade não aceita mulher separada então nós vamos viver juntos, mas sem eu falar com você nunca mais. Não lavava a roupa dele, não fazia comida para ele, nada, nada. Quem fazia tudo isso era a minha mãe. A minha mãe que fazia a comida, a minha avó fazia desde que... Se ele quisesse comer a comida dela, ele podia. e. Mas era para todo mundo.

t. Era para todo mundo, não era para ele. Que se tivesse só ele e ela na casa, ela saia para comer em qualquer lugar.

e. Gente, que loucura! E você lembra bem disso?

t. Sim, sim. Porque ele morreu eu... Eu me casei em 1978 e ele morreu em janeiro de 1979. Minha avó morreu em 1985, não lembro exatamente a época. Então, eu lembro bem dessa história. Lembro bem de tudo isso, ela era uma mulher inteligente, forte, possessiva, dominadora, completamente dominadora. Está tocando meu telefone.

[Pausa na gravação]

e. E você lembra o que vocês achavam disso quando eram crianças?

t. Nós achávamos muito estranho porque a gente sabia de toda a história, mas o meu avô era uma pessoa assim muito doce, então ele fazia as coisas e logo ele perdoava, logo aceitava, a minha avó não. A minha avó era uma pessoa de gênio muito difícil, mas quem passou tudo que passou foi ela, então, cabia a ela decidir. Minha mãe pediu muita vezes para ela perdoar, acabar com isso. Acabar com toda essa história porque não ia resolver esse ódio todo e minha avó dizia que não. Que ela não era mulher de duas palavras, falou uma vez... Mesmo que fosse difícil para ela fazer aquilo lá, ela fazia sim. Ela era uma pessoa de personalidade muito forte, muito! Tanto que ela não falava nada duas vezes, só com os netos ela era muito carinhosa, demais. Mas com os filhos ela era muito brava. A minha mãe mesmo casada apanhava dela, minhas tias, já eu, meu irmão e minhas primas nunca... Ela nunca tocou na gente. Mas nos filhos dela, ela batia sim, se precisasse mesmo casado, todos eles apanharam mesmo depois de casados.

e. Me conta dessa... De como eram as brincadeiras na vila e aí se você já estava começando a tomar consciência do seu corpo, de adolecer. Como foi esse processo?

t. Então, com quinze anos que foi quando eu ganhei meu primeiro salto alto, né? Que você não ganhava salto alto antes dos quinze anos. A minha mãe comprou um salto alto baixinho, aí eu tomei consciência, mas como eu sempre fui muito magra. Alta e magra, então, eu tinha pouco seio, pouco corpo de mulher, então, qualquer coisa que eu usasse eu achava que ficava muito estranho. Qualquer coisa que eu usasse eu achava que ficava muito estranho em mim, então, eu tinha bastante vergonha do meu corpo. Eu me achava feia, me achava estranha, desengonçada, porque eu era grandona, magra, eu era a maior da classe. Muito, muito magra. Então, eu me achava muito estranha, só que tinha uma coisa que eu gostava muito que sempre foi o meu cabelo porque eu nasci com o cabelo meio acaju, entre ruivo e acaju. A única coisa que eu gostava muito de mim era o meu cabelo, a cor do meu cabelo. Então, eu cuidava muito do meu cabelo. O meu primeiro namorado... Eu tinha por volta de quinze anos, que não chegou a ser um namorado, eu conheci ele no interior. Porque assim, era comum todas as férias eu ir passar na casa dos meus avós em Ibatinga, né? Ou na casa das minhas tias, as meninas ficavam em uma casa e os meninos em outra casa. Porque não podíamos ficar juntos na mesma casa. E eu passava todas as férias lá, em

dezembro eu ia para lá e só voltava em fevereiro. Meu pai me levava, deixava lá e depois ia me buscar. Levava eu e meu irmão, era um... Meu pai gostava que eu fazia isso porque meu avô tinha fazenda, a gente ficava bastante na fazenda. O quarto dos meninos, então, era um jeito de estarmos todos juntos com a família, com a família do meu pai, né? E eu conheci lá um rapaz, acho que era Rosvaldo o nome dele. Eu conheci, ele era amigo de um primo meu e aí começou o nosso primeiro envolvimento. Eu fui no cinema com ele, a gente trocava carta, quando surgiu o primeiro beijo, que para falar a verdade eu nem lembro direito como é que foi, sei que foi no cinema. E eu fiquei assustadíssima porque não tinha essa informação que nós temos hoje, com a internet, com qualquer coisa, falar abertamente dentro de casa. Você não podia fazer nada disso. e. E você ficou com vergonha?

t. Muita vergonha, muita vergonha. Tanto é que ele me mandou uma carta depois disso, que tinha gostado muito, que gostaria que a gente namorasse e aí eu escrevi para ele: “Que legal! Aquela carta que ele tinha escrito, que eu havia mostrado para todo mundo.” Ai ele falou: “Eu gostaria que as nossas cartas fossem só nossas e não de todo mundo.” Você vê a inocência da coisa, né? Com quinze anos eu era menina de tudo, coisa que hoje em dia não ocorre mais. e. E ele tinha sua idade?

t. Ele tinha a minha idade, talvez um ano mais velho que eu. Um, dois, no máximo.

e. Então, vocês passearam uma ou duas vezes e já...

t. Acho que foi isso, depois durante muito tempo toda vez que eu ia lá, eu queria vê-lo. Mas aí eu soube que ele estava fora de lá, em outra cidade e não soube mais nada dele. e. E aí passou?

t. Ah, passou, foi só o que... Depois tive outros namorados e aí que a coisa...

e. E como você descobriu sua sexualidade? Como você foi orientada?

t. Não, não fui orientada não. Eu descobri minha sexualidade com meu primeiro namorado... Com o primeiro namorado não, com o primeiro namoro mesmo fixo que foi com o pai da minha filha, com quem eu me casei. Tive outros namorados, mas eu não permitia de jeito nenhum, nem que encostasse em mim. Porque era uma determinação da casa, que a gente não permitisse isso. Porque o homem encostou na mulher e já quer largar a mulher. Foi aí que eu conheci o pai da Raquel, o José, que era amigo da Laura, que era amigo do Valter, que é o marido da Laura. Era um grupo grande, que eles faziam teatro, se reuniam para falar sobre poesia. E tudo aquilo foi muito novo para mim. Para eles, virgindade era uma coisa do passado, uma coisa ridícula, o negócio era amor, paz, sexo, rock, muito... Foi aí que eu conheci um pouco da minha sexualidade, foi com o pai da Raquel. Nós fomos... Nem ia para o motel, hotel, nada disso. Não tinha carro para isso também. Aí a gente foi para a casa de uma amiga, passamos o fim de semana lá e ela permitiu que a gente usasse o quarto dela para a gente namorar. e. E você sair de noite era tranquilo para os seus pais?

t. Não, não. Não era tranquilo não. Eu mentia muito, mentia muito. Tudo que eu tinha que fazer eu mentia.

e. O que você falava?

t. Ah, eu falava que ia numa festinha na casa de amiga. Que eu ia em uma outra amiga que morava aqui do lado. “Eu vou com o namorado, mas eu volto logo.” E voltava logo, mas não era normal não. Tinha alguns hotéis na cidade que você podia ir, aqui no Ipiranga mesmo tinha vários hotéis de tempo, né? Que é o hotel para sexo, então, a gente ia para esses hotéis e voltava logo. Não tomava banho para lavar a cabeça, nada disso, para não perceberem, né? E voltava logo para casa. “Onde você foi?” “Ah, fui no aniversário de fulana.” Todo final de semana eu tinha uma festinha. Era isso que a gente fazia. E quando podia, usava o

carro, quando podia a gente usava a casa quando meus pais não estavam. Era tudo coisa rapidinho, era tudo muito rapidinho.

e. E seus pais sempre tentando controlar de uma maneira ou outra?

t. Sempre, sempre, sempre. Meu pai usava uma expressão que eu acho horrorosa: “A mulher quando abre a perna, ela perde o seu respeito.” Eu achava essa expressão horrorosa, mas eu só fui entender isso muito tempo depois. Porque ele também não teve essa informação, né? Nem a minha mãe, mas eu achava uma expressão muito feia, principalmente quando eu conheci o pai da Raquel porque ele estava muito envolvido com o momento que nós estávamos vivendo na década de 1970. Todos os problemas políticos que a gente estava vivendo no país, então, eles se reuniam para falar sobre teatro, se reuniam para falar sobre política, se reuniam para falar sobre cinema, sobre música clássica, sobre ir ao... Não é Biblioteca Nacional, é o... Daqui a pouco eu lembro. Iam assistir um show no Municipal e a gente ia de tênis. Nas coisas que as pessoas iam superbem vestidas, a gente ia de tênis, de jeans, cabelo todo enrolado, amassado, rasgadinho, velho, jeans velhos. Era para a gente realmente ir contra tudo aquilo que se apresentava em termos de dinheiro, de burguesia, que era a expressão que a gente mais usava na época. “Você é burguês, você é um cara enraizado, você é um cara que está ligado as tradições familiares, ao que o dinheiro pode te proporcionar.”

e. E aí você logo já se enturmou com esse grupo?

t. Assim, demorou um pouco para eu me enturmar porque eu era uma menina muito ligada à família, que amava o Roberto Carlos, assistia novela, eu demorei muito tempo para me enturmar. Quando eu me enturmei com eles, aí eu me casei e eu me separei. Tive minha filha Raquel e me separei. E aí o José foi embora e eu fiquei com os amigos. Aquela história bem de “eu fiquei com os amigos.” E isso tem mais de quarenta anos.

e. Nessa questão ele perdeu então.

t. Muito, muito. Eu fiquei com os amigos. E aí... Dois ou três anos depois eu conheci meu segundo marido, que era doze anos mais novo que eu, que é o Antônio e a gente começou uma brincadeira de namoro no fórum. Uma brincadeira, uma brincadeira que durou vinte e oito anos. A gente casou, teve a Priscila e faz um ano e meio que a gente se separou. e. Ah, faz pouquinho tempo.

t. A gente se separou em março de 2014. Um pouco mais de um ano e meio.

e. Deixa eu voltar um pouco, então. Quando você casou com o seu primeiro marido, vocês estavam namorando a quanto tempo? t. 1974... Quatro anos.

e. Bastante. Seus pais gostavam dele? Aprovavam?

t. Não, mais ou menos, não muito. A princípio, ele parecia uma pessoa encantadora. Depois ele se tornou uma pessoa muito estranha, muito, muito estranha, bebia muito, tudo que ele recriminava, ele fazia. Ele queria sair com um monte de mulheres, ele se envolveu com outras mulheres. Tudo aquilo que ele ia contra quando a gente se conheceu, ele passou a fazer tudo.

e. Isso mesmo durante o namoro ou depois do casamento?

t. Não, já começou no namoro, ele já começou a dar uns sinais, mas eu achava que... Quando você acha que está apaixonada ou quando você está apaixonada, você não enxerga determinadas coisas. Mas a coisa começou no namoro já, ele começou a sair bastante, ele começou a trabalhar na Fiat, que é uma multinacional, eles saíam muito. E às vezes ele me contava umas histórias absurdas e eu acreditava, que

ele tinha perdido o salário do mês inteiro, que roubaram, que fizeram isso, aquilo. Que nada, ele estava gastando com outras coisas.

e. E vocês ficaram casados por quanto tempo?

t. Nós nos casamos em 1978, a Raquel nasceu em 1981 e nos separamos em 1984. 78,79, 80, 81, 82, 83, 84.

e. Então, ela era pequenininha.

t. Ela era pequenininha, tinha três anos.

e. E você se casou com quantos anos?

t. Eu nasci em 1953, me casei em 1978. 25, né? 25 anos.

e. Então, para a época você já era velha para casar. (risos)

t. Velha para casar, isso, para a época eu já tinha bastante idade para casar.

e. E suas amigas casaram nessa faixa etária ou antes?

t. Mais ou menos. Antes, a maioria antes, com 22, 21. Quando eu me casei, todas já tinham se casado.

e. E você sentiu uma pressão assim ou da família ou das próprias amigas de vocês casarem logo?

t. Sim. Não, na realidade, casar para mim era encontrar minha liberdade. (Fala com o neto) Era encontrar minha liberdade para poder fazer o que eu quisesse, para eu poder sair, viajar, ser dona de mim, ninguém mais mandar em mim. Casar era para isso, para ter a minha liberdade, que não é verdade, né? e. E como é que era esse marido?

t. Não participava de nada na minha vida, ele não fez exatamente nada, a não ser... Ele era extremamente egoísta, excêntrico, egoísta, então, tudo que ele fazia era em função dele mesmo. Ele chegava a hora que ele queria, ele não tinha envolvimento emocional com ninguém, até hoje ele não tem. Mas isso tudo, ele só mostrou depois de muitos anos de namoro porque até então para mim ele era uma pessoa maravilhosa. e. E quando você tomou a decisão de se separar? Foi você que tomou a decisão?

t. Não, foi ele. Ele falou comigo que queria se separar, eu topei, aí depois de uns dois dias ele voltou atrás, disse que não queria mais, que a gente deveria continuar, que tinha sido uma besteira. Aí ele se envolveu com uma outra mulher, eles se apaixonaram perdidamente. Ela vinha na porta do meu apartamento, onde eu morava, fazia escândalo, ligava para ele de madrugada, tocava o interfone... E ela estava noiva para casar também. Casou, foi viajar, trouxe presente da lua de mel dela para ele. (Fala com o neto) Então, ela... Onde que parei? Eles se envolveram muito. Ele ia fazer uma exposição, que ele fazia umas pinturas, um vernissage. Aí eu não fui no vernissage, eu falei: "Eu vou viajar." Aí eu soube que ele fez uma dedicatória para ela, e uma tia minha foi. Ele fez uma dedicatória a ela nesse vernissage, onde estavam nossos amigos e a gente morando junto ainda. Quando eu voltei eu falei para ele: "Dez dias para sair de casa. Eu quero que você saia daqui em dez dias!" E ele saiu, mas aí passamos por momentos difíceis, brigamos muito. Depois passou o tempo, ele também não ficou com ela, ficou com uma outra pessoa. Eu fiquei amiga dessa outra pessoa, que aliás até hoje eu tenho amizade com ela. Ela também não está com ele e eu tenho amizade com ela, a gente se fala bastante pelo Facebook, né? Mas ele é uma pessoa que se envolveu em outros caminhos, é um cara muito inteligente. e. E ele foi um pai presente?

t. Não, totalmente ausente. Muito e muito ausente. Ele não conseguiu ser presente porque ele gostava demais dele, egocêntrico demais.

e. E quando você estudou no meio disso tudo?

t. Quando eu me separei dele, eu conheci o Antônio e voltei a estudar. Eu tinha feito o colégio e parei. Eu voltei a estudar porque tinha um juiz que gostava muito de mim, que eu trabalhava com ele, falou para eu voltar a estudar.

e. Você trabalhava com o que?

t. Na primeira vara civil. E ele falou que surgiria uma vaga de direção e ele achava que eu tinha condições para ser diretora daquele cartório e que eu deveria fazer faculdade ou de Administração ou de Direito, né? Para ninguém competir a vaga comigo. Na época estava muito difícil, eu estava muito sem dinheiro e ele falou: “Vai lá que eu te arrumo os livros.” E começou assim. Eu estudei, estudei em casa mesmo e passei na FMU. Passei entre os 200 primeiros colocados. Já tinha um tempão que eu... e. E você começou a faculdade em que ano, mais ou menos?

t. Eu terminei em 1992. A Priscila nasceu em 1993, então 1992. Eu terminei em 1991, você volta cinco anos...1985.

e. E sua filha era pequena ainda?

t. A Raquel era pequena ainda.

e. E como que você fez faculdade?

t. Eu voltei para a casa dos meus pais, aluguei meu apartamento. O apartamento se pagava com o aluguel e meu salário pagava a faculdade e a escola da Raquel. Eu voltei para casa porque meu irmão já tinha falecido. Eu fiquei num quarto com... Eu e ela ficávamos num quarto, meu pai e minha mãe em outro, era nessa casa mesmo. Aí quando eu me formei, no ano em que eu me formei, no ano seguinte eu fiquei grávida, aí eu perdi o bebê. E logo em seguida, seis meses depois, eu fiquei grávida de novo. Mas aí eu já estava morando com o pai da minha segunda filha. Nós resolvemos, ele queria casar e nós casamos. e. Você conheceu ele no trabalho?

t. No fórum da Vila Prudente, ele trabalhava com a Marcela. Ele era aquele menor colaborador. E aí logo ele saiu, ele já tinha dezoito anos quando eu o conheci. Eu tinha trinta e ele dezoito anos. E aí ele saiu e foi trabalhar na Pirelli com uma amiga minha. E aí foi, foi indo o relacionamento até a gente se casar. e. E no início você não tinha intenção de ter uma coisa séria com ele?

t. De casar? Nunca. Não, porque ele era doze anos mais novo do que eu e, todo mundo já achava um absurdo o que eu tinha feito e o que eu estava fazendo. Era loucura demais me envolver com uma criança desse jeito. Mas deu certo, deu bastante certo. Nós temos uma filha... Até hoje ele me liga, no mínimo, três vezes por dia. No mínimo. De manhã, a gente fala bom dia, de noite a gente fala boa noite. Até hoje a gente conversa bastante. Mesmo se tiver uma coisa boba para falar um para o outro. O que eu vou fazer, o que ele vai fazer. Ele vai na aula de gaita, ele vai sair com a namorada dele atual, ele me liga: “Olha, eu vou sair.

Você quer alguma coisa? Precisa de alguma coisa? Vou desligar o celular.” Até hoje é essa...

e. E você se apaixonou por ele? Ou foi mais um envolvimento que começou com amizade?

t. Não, não. Começou como amizade, até porque ele não gostava de mim, nem um pouco. Ele me achava uma pessoa pedante, antipática, completamente diferente.

(Fala com o neto.)

e. Você estava me falando que ele não gostava de você inicialmente...

t. Não, ele não gostava de mim porque ele me achava extremamente antipática, pedante, né? E aí um dia, a gente... Eu convidei uma amiga que estava com ele para jantar na minha casa e, por educação, eu convidei ele também. E ele aceitou. Aí ele veio em casa, depois ele começou a vir em casa todo dia. Aí ele gostou demais de mim, dos meus amigos, ele achou aquilo tudo muito legal. Em plena segunda-feira a gente se reunir para fazer um jantar na minha casa, a gente ficar cantando, ouvindo música, assistindo filme. Ele achou aquilo muito diferente do mundo dele, porque o mundo dele era um mundo restrito que nem o meu. E os pais são pessoas bem diferentes do nosso mundo, da nossa realidade, a mãe dele tinha paixão, tem até hoje, paixão louca por ele. E a gente acabou... Com todas as brigas que tiveram com a família dele, de que a gente não devia se envolver porque eu não era mulher para ele, que eu já era uma separada, que isso podia prejudicar a vida dele. E muito pelo contrário, até hoje ele diz que se ele é o que ele é, é por minha causa. Se ele estudou, se ele se formou, tudo que ele fez é por minha causa. Toda a pessoa que ele é hoje é por minha causa. Ele fala isso para qualquer pessoa que perguntar, né? E depois que a Priscila nasceu, os pais dele ficaram bem envolvidos com ela. Porque ela nasceu a cara deles, do Antônio e da família. Porque eles são descendentes de lituanos misturados com russos, olhos claros, cabelos claros, pele clara. Então, ela nasceu a cara deles. Eles eram apaixonados por ela. E a mãe dele não, mas o pai dele sempre me tratou diferente, sempre gostou. Todas as explosões do pai foi por causa da mulher que ficava no ouvido. E foi isso.

e. Mas teve uma série de conflitos?

t. Teve vários conflitos, ela [mãe do Antônio] saiu andando a caça de todo mundo que pudesse impedir esse relacionamento. Veio várias vezes na minha casa, na casa dos meus pais, foi atrás da Laura, foi atrás da Eunice, que é irmã da Laura, pedindo que elas interferissem nesse relacionamento. e. E o que fez vocês quererem continuar apesar de tudo isso?

t. Isso fez a gente querer continuar mais ainda. Mas foi ela também que ajudou a estragar o nosso relacionamento. Porque quando meu sogro morreu, ela ficou na minha casa por um período, aí foi alugado um apartamento para ela, mas ela praticamente deixa ele enlouquecido. Ela liga para ele o dia inteiro, ela quer saber dele o dia inteiro. Ela quer que ele fique com ela, que ele durma no apartamento, até precisar colocar ela numa clínica. E aí ele já vinha há algum tempo achando que ele devia morar sozinho porque ele estava esgotado de algumas coisas e aí ele falou: “Estela, eu quero morar sozinho, mas isso não significa que a gente vá se separar.” Mas eu achei que a gente deveria, já que ele ia morar sozinho, que a gente deveria separar. Ele vinha várias vezes aqui em casa, no começo, trazia comida para mim, tudo. Agora que a gente está ficando um pouco mais distante, mas, mesmo assim, a gente se fala várias vezes ao dia. e. Então, o laço de vocês ainda é muito forte?

t. Nosso laço é muito forte! Tudo que ele vai fazer, tudo, ele me liga. Se ele briga com a mãe, ele me liga. Se ele tem uma discussão com um cliente, ele me liga. Tudo que... Ele só não me conta coisas da namorada, né? De resto, tudo que ele vai fazer, tudo que acontece, se caiu um papel perto dele diferente, ele me liga. Ele é uma pessoa instável, ele não consegue dormir. Ele acorda às quatro horas da manhã, quando são oito horas, ele quer estar dormindo. Então, ele é uma pessoa que precisa morar sozinho mesmo. Porque quatro horas da manhã, não. Aí ele transformou a casa dele num escritório, ele levanta às quatro, trabalha e quando são oito horas ele está dormindo. Eu até falei: “Acho que a sua namorada deve estar cansada!” Ele falou: “O problema é dela, não fique comigo. Porque eu não vou abrir mão de nada na minha vida.” Então é isso. Ele ficou uma pessoa muito... O pai dele era assim, o pai dele gostava de ficar sozinho, ele gosta de ficar sozinho. Eu gosto de ficar com a família e com amigos, ele não, ele sempre

gostou de ficar sozinho. Tanto é que muitas vezes eu saia com o pessoal e ele não ia. Eu ia sozinha. Porque ele gosta de ficar em casa sozinho. Ele gosta disso.

e. Em nenhum momento vocês cogitaram voltar?

t. Até agora não e acho que não é o momento também. Ele já me disse que ele não quer fazer a separação, fazer o divórcio, porque ele não sabe o que vai acontecer lá na frente. Ele não sabe do nosso futuro, como a gente vai ficar e ele acha melhor... Ele não sabe se isso vai passar e ele acha melhor deixar a coisa como está.

e. Entendi. E você concorda?

t. Sim, até porque eu estou envolvida com uma outra pessoa.

e. Então, me conte.

t. Quando foi em dezembro do ano passado, eu recebi uma mensagem no *what's app* assim: "Oi, tudo bem? Eu cheguei. Vou tomar banho e já te ligo." Como eu tenho um grupo, eu achei que fosse alguém desse grupo, eu falei: "Oi, quem é você?" Respondi: "Quem é você?" Porque as vezes no grupo você não vê... Tem só o número de celular, aí ele respondeu: "Eu to mandando recado para você, mas é minha amiga fulana de tal." Eu falei: "Não, esse *what's app* é meu." E começamos a conversar, ficamos dois meses conversando pelo celular. Aí ele perguntou minha idade, se eu era casada, se eu era separada, o que eu era... Eu disse que estava separada, tinha duas filhas, tinha dois netos, perguntou minha idade e eu falei: "sessenta e um anos". Ai quando eu perguntei a dele, eu tomei um choque.

e. Quantos anos ele tem?

t. Vinte e três. Quer dizer, na realidade, ele falou mais, depois que ele me contou que tinha vinte e três. Eu falei para ele: "Olha, isso não vai rolar. Não vai passar de relacionamento virtual." A gente estava até conversando sobre isso hoje: "Isso não vai passar do relacionamento virtual porque eu não consigo me ver envolvida com ninguém dessa idade." Aí ele falou: "O preconceito é seu e não meu. E para mim, eu não gosto do mundo virtual, eu gosto do mundo real." E aí foi, nos conhecemos, saímos uma vez, saímos duas vezes, três vezes, quatro vezes e aí passamos a ter um relacionamento muito forte com tudo, com tudo que a gente faz. Ele é caseiro, ele adora ficar em casa, ele adora assistir filme, fazer comida, receber amigos. Exatamente aquilo que eu gostaria que o Antônio fizesse. Eu não vou nem ao mercado sozinha, ele adora ir junto. O Antônio já ia no mercado sozinho. "Não, pelo amor de deus, eu vou sozinho, me faz a lista que eu trago tudo." Porque ele vai colocando tudo. Ele não, ele adora, ele lê a ficha, se aparece um produto novo, ele vai ler o que tem naquele produto de diferente. Então, ele adora a vida familiar, coisa que eu também gosto. Com o Antônio eu tive isso durante um período, depois o tempo foi deixando o Antônio uma pessoa estressada. O Tom não, o Tom é uma pessoa que adora estar... Ontem mesmo, a gente estava aqui em casa, compramos carne e ele fez hambúrguer porque ele trabalha num açougue na área de assados. Ele preparou tudo, ele cozinha muito bem, ele não deixa a cozinha por minha conta. E aí a gente fez, até onze horas, o pessoal estava aqui, a gente comendo hambúrguer, rindo, se divertindo. Eu gosto disso: "Eu vou lavar louça!" "Não, deixa aí. Amanhã cedo a gente levanta e lava." Ele fica bastante aqui em casa, ele mora perto, mas quando tem algum programa até tarde, ele já dorme por aqui mesmo. Não comigo porque o meu neto ainda não permite. Meu neto criou essa barreira: "Minha avó não pode dormir com o namorado dela porque o namorado dela tem vinte e três anos de idade." Eu sou avó, eu não sou mulher, eu sou avó. Por

mais que eu não aparente ter a idade que eu tenho, por mais que eu tenha os meus desejos. Não, meu neto não permite.

e. Seu neto mais novo?

t. Esse aqui de doze anos, que você viu passar. Ele tem um relacionamento muito forte comigo, ele gosta muito de mim, ele sente necessidade de estar comigo, então, eu estou levando a coisa... e. Aos poucos.

t. Aos poucos, sem que haja agressão.

e. E suas filhas?

t. As minhas filhas... As duas acharam que eu devia me envolver. Elas me envolveram muito. Agora, as duas estão envolvidas com projetos delas, elas não estão nem sabendo direito o que está acontecendo comigo.

e. Mas em nenhum momento elas acharam alguma coisa... Fizeram objeção...

t. Não, não. Não, porque depois que eu conheci ele, elas viram que eu mudei muito. Eu quis voltar a me arrumar, a cuidar de mim. É o que eu estava explicando para o meu neto outro dia, você preferia que eu estivesse trancada em casa, com o cabelinho todo branco, né? Com sessenta e um anos já dá para ficar com o cabelo todo branco. Chorando e numa cama, você acharia melhor assim? Do que sua avó estar de *short*, saindo, se divertindo? A gente vai para o cinema, estamos nos programando para ir a uma cachoeira esse final de semana, sabe? E o Tom não tem o menor problema com a minha idade, ele não está nem aí. Ele me abraça no mercado milhões de vezes, ele segura na minha mão, ele não... Ele fala: "Eu não estou nem aí. As pessoas que pensem o que quiserem." Uma, porque ele é uma pessoa sem formação nenhuma, mas ele é uma pessoa que não nasceu com preconceito. E dois, ele saiu de casa aos doze anos para trabalhar.

e. Então, ele já é muito maduro.

t. Ele precisou trabalhar aos doze anos, parar de estudar e ir trabalhar para sustentar... Então, ele... Há anos ele mora sozinho, se vira sozinho, cozinha, faz tudo sozinho, lava roupa, lava isso, lava aquilo. e. Para ele, então, esse ambiente familiar é muito importante?

t. Para ele, esse ambiente da família é muito aconchegante. Foi muito mais para ele, no começo, do que para mim. Mas agora está muito bom. A gente está vivendo um momento assim: "Vamos assistir um filme, senta aqui do meu lado, fica aqui pertinho." Hoje ele está em casa porque ele está com o joelho... Ele sofreu um acidente, ele fez cinco cirurgias no joelho, ele tem um problema sério no joelho. Hoje ele não está conseguindo pôr o pé no chão de dor. Como ele trabalha em pé, o médico deu quatro dias para ele. Daqui a pouco eu vou com ele no açougue levar o atestado. Mas ele é a pessoa mais importante do açougue, dos assados, porque ele entra quatro e meia, cinco horas da manhã na sexta, sábado e domingo para ir preparando tudo para o final de semana. E ele é responsável por tudo isso, eu quero saber como é que eles vão fazer nesse final de semana. Ele não tem férias, há quatro anos ele não tem férias, não sabe o que é nada disso. E aí eu... Quando ele me conheceu eu comecei a abrir os olhos dele em relação a tudo isso. "Olha, você faz isso, você faz isso." Nas folgas dele, ele ia trabalhar também porque ele não tinha família aqui. Ele tem um irmão que é alcoólatra e mora aqui no interior, que ele detesta. Mas a família inteira dele é do Maranhão. Então, ele fala todo dia com os irmãos, com a mãe, pelo *what's app* ou por telefone, pelo celular. Mas para ele, ter alguém em São Paulo, sair, ter amigos é muito importante. Ele sempre teve amigos sazonais.

e. Nossa, que loucura! Eu quero saber o que você acha sobre o processo de envelhecer. Bom, desde que a gente nasce a gente começa a envelhecer, né? t. Eu acho envelhecer muito difícil.

e. E como lidar com isso?

t. Como eu sei... Tem uma história que eu posso... Quer água?

e. Eu quero.

t. A história é assim, hoje é obvio que eu sei... Eu não sou louca, eu sei que esse relacionamento é um relacionamento curto, certo? Com prazo de validade, eu digo sempre isso. "Esse relacionamento tem prazo de validade." Eu digo isso para ele e ele fica muito bravo. Ele fala: "Ah, eu posso morrer antes de você!" Sim, mas tem prazo de validade mais certo para mim do que para você. Então, no começo eu estava mais preocupada, então, eu estava sempre preocupada em me manter arrumada. Até ele dizia, ontem eu estava com o cabelo desarrumado e ele disse: "Nossa, nunca te vi de cabelo desarrumado, essa é a primeira vez. Você não quer ir arrumar? Eu vou com você porque eu não estou nem me acostumando." Eu lavei a cabeça e deixei, o cabelo não fica igual. Eu só te vi de unha pintada, sempre arrumada, sempre com os cílios. Mas agora eu estou acalmando um pouco isso. Até por conta dele, ele fala assim: "Maquiagem eu acho uma besteira usar porque você tem que mostrar o que você é. Não tem como, a gente envelhece. Eu tenho meus problemas, você tem os seus, físicos, eu tenho barriga, eu tenho estrias..." Ele tem porque ele engordou rapidamente. Mas assim, eu acho assim um processo muito, muito difícil envelhecer. Eu acho que a gente devia atingir uma certa idade, ficar com aquela aparência e ficar com a mesma aparência até o fim dos dias. Porque você se olhar no espelho e todo dia você ver uma ruga, uma mancha, uma expressão, os dentes que alteram, todo o seu corpo muda. Todo o seu corpo. Você olha para ele e todo dia você olha... Na minha mão, eu não tenho aquelas pintinhas, eu não tenho, mas eu sei que uma hora vai aparecer. Mas você olha uma foto minha e uma foto de uma outra pessoa mais nova, você faz as comparações, não tem como não fazer. E esse negócio de "a idade está na cabeça"... Não, ela está no corpo sim.

e. E você acha que é mais fácil para o homem envelhecer do que para a mulher?

t. Eu acho muito mais fácil para o homem envelhecer. Porque é muito charmoso homem de cabelo branco, mulher de cabelo branco é um descuido. Eu não deixaria o meu branco. Sei que tem algumas mulheres que deixaram e ficaram lindas, tem mulheres que ficaram lindas de cabelo branco. Conheço amigas da minha mãe que bateram o pé: "Não vou colorir o cabelo, não vou fazer..." E ficaram realmente lindas. Mas não me vejo fazendo isso, não me vejo de jeito nenhum fazendo isso.

(abre a porta)

Eu não me vejo fazendo isso, agora, tem determinadas coisas que eu não fico mais tão preocupada. Eu tenho hoje um pouco mais de... Mesmo se passa uma menina bonita na rua, ele comenta comigo: "Olha que menina bonita, não sei o que lá..." E eu não tenho crise de ciúmes porque isso daí não combina com a minha idade. E ele sempre me fala assim: "Ela é bonita, mas ela não é a mulher que eu desejo!" Ele sempre fala, ele deixa isso claro. "Estela, ela pode ser linda, mas ela não é a mulher que eu desejo. Porque eu não desejo só o corpo de uma pessoa, eu desejo toda a pessoa. E você é uma pessoa que eu desejo inteira. Você é uma mulher inteligente, adoro assistir filme com você, você sempre comenta alguma coisa do filme..." Porque na realidade eu sou quase três vezes mais velha que ele, é óbvio que eu tenho que ter mais conhecimento que ele. E nós temos um grupo agora, que a gente tem saído bastante e é um grupo bem diferente. Porque tem duas trans no grupo, né? E uma delas inclusive, já conseguiu a alteração do nome,

por direito mesmo. Saiu a sentença, tudo. Ela lutou muito, ela fez dois anos de terapia, ela fez... e. Tratamento hormonal.

t. Tratamento hormonal. Ela fez tratamento no hospital das Clínicas. Ela precisou de autorização, então, ela... Tudo que o médico e que o juiz foi pedindo, ela trouxe. E ela sempre quis se chamar Suely e ela teve a alteração do nome dela. Tanto é que a primeira vez que eu vi a Suely, eu fiquei na dúvida. Quer dizer, eu não vi que era homem. Porque ela não fez a cirurgia para mudança de sexo porque é errado fazer a cirurgia. Não se faz cirurgia porque altera o prazer. É uma cirurgia com muita dor. Então, é errado... Você nasceu... Ela diz que não lembra dela ser homem, ela diz que lembra da vida inteira ser mulher. Ela é completamente feminina, para falar, para comer, não forçado. Você vê naturalidade nela. Tem duas, tem alguns homossexuais e tem casais normais, né? e. E como você se envolveu com esse grupo?

t. Porque o babalorixá que está montando a casa, ele trabalhava no mesmo salão que a minha cunhada e aí ele precisou de um favor de uma advogada e eu fiz para ele. E não cobrei e ele ficou extremamente agradecido. E aí quando a minha filha mais velha veio para São Paulo, eu pedi se ele podia ler búzios para ela, porque ele lê búzios maravilhosamente bem. Ele leu e não cobrou e aí começou uma troca, um fiz um favor, ele fazia outro, um fiz uma coisa, ele fazia outra... E acabamos nos envolvendo. Aí ele falou: "Vou montar a minha casa." Eu falei: "Monta que eu te ajudo!" Eu fui paciente da Melissa, que tem lá no consultório. E a Melissa é kardecista e eu dizia para ela: "Eu não gosto do kardecismo." Não é que eu não gosto, é que não é minha praia. Não é uma coisa que me satisfaz, eu gosto do atabaque, então, ou candomblé ou umbanda. Mas eu gosto do atabaque, do que eu gosto mesmo é do candomblé. Aí ela me explicou que eu deveria me envolver com aquilo que eu quisesse, para eu me permitir envolver. Mas eu não queria me permitir porque eu não achava que era uma religião culta, que era uma religião em que as pessoas faziam matança de bichos. Aí eu fui tendo umas aulas. Quando você mata o animal em oferenda ao santo... Na verdade, você não mata o animal e oferece ao santo, você mata o animal dentro de uma oração, aquele animal será morto limpo e será servido como comida. Então, você não pode entrar em açougue nenhum. Porque se você entra num açougue em que não é feita nenhuma oferenda. O que é oferecido? São oferecidas as vísceras, aquilo que você não vai usar do animal. Aquilo que é para determinar o que é oferecido. e. O resto é consumido?

t. O resto é consumido pelas pessoas que vão. Por todo mundo. É um... Como que eu vou explicar para você? É a mesma coisa que numa fazenda, quando você mata um bicho, você vai fazer um churrasco e o patrão, o dono da fazenda vem e mata o boi para fazer o churrasco, é a mesma coisa. Até que eu entendi, não se mata na cabeça de ninguém, não existe esse tipo de coisa. Que escorre o sangue pelo corpo, não existe nada disso. Isso existe, mas não dentro da que eu estou.

e. É uma religião que sofre muito preconceito, né? Faz pouco tempo então que você está no candomblé fixamente?

t. A casa foi inaugurada no domingo agora. A gente ainda está no processo, ainda vai ter a primeira... Quando se inaugura, a primeira inauguração você faz com as pessoas que estão a frente, que cuidam, que são os exus, que não são diabos, são espíritos. E eu estou a frente e foi feito essa... Que eu também não tinha esse conhecimento, que eu achava que era do mal, sabe? Então, tudo isso está sendo desmistificado para mim agora.

e. Você está conhecendo?

t. Estou conhecendo um pouco, estou conhecendo as regras. O que é, o que são babalorixás, que são como sacerdotes, com nomes diferentes só.

e. E o que você acha que o candomblé traz para você nesse momento da sua vida?

t. Desde pequeno, de bem pequena, eu vejo coisas. Eu tinha sonhos horríveis, eu acordava de madrugada, eu chorava demais. Queriam me levar num psiquiatra, num psicólogo, né? Me falavam isso porque eu era uma pessoa fora do comum. Uma pessoa morria, eu ficava um ano sonhando com a pessoa, um ano dormindo pensando na pessoa. Eu não entrava numa casa sozinha, eu não falava com ninguém, então, tudo era muito difícil para mim. Tá certo que conforme foi passando o tempo, e aí a gente foi... Você vai entendendo tudo isso. Sentia muito medo, muito, de não... Por exemplo, o dia que meu avô e meu irmão morreram, eu não conseguia entrar nessa cozinha. Você entendeu? Se não tivesse ninguém comigo, podia ter alguém na sala, se não viesse comigo na cozinha eu não entrava. Isso vai passando com os anos, você vai mudando, tudo. Hoje eu sei porque tudo isso me aconteceu, já me foi explicado tudo isso. Porque a minha guia, minha santa dona da minha cabeça, que é Iansan, é ela que carrega os eguns, que são as pessoas que desencarnam. É ela que cuida dos eguns, então, todas as pessoas que morriam ficavam, como se fosse, presas a mim. Tanto é que ela entra no terreiro empurrando os eguns, né? E eles ficavam presos. Por exemplo, morria o pai ou a mãe de alguém em tal lugar e eu começava a me sentir mal. Várias vezes eu pedi para vir embora, eu falava para o Antônio: “Me tira daqui, que aqui não está legal. Eu estou me sentindo mal!” Eu gelava, ficava com a boca roxa, eu... “Olha, procura um centro espírita que a sua mãe está querendo mandar um recado.” E tchau. Mas isso foi durante... Sempre foi assim eu não entendia porque essas coisas aconteciam comigo. Porque tinha que acontecer sempre comigo? Porque morria uma pessoa... A mãe da minha vizinha morreu. A mãe da minha vizinha que mora aqui em frente, eu tinha 17 anos. Quando ela morreu, eu sentei com ela à noite, uma noite antes estávamos sentadas na porta, eu e ela, dona Maria. Conversamos, conversamos e ela tinha um problema no coração. Aí chegou uma amiga minha que ia dormir aqui em casa e aí nós ficamos aqui, nesta cozinha conversando. Eu levantei correndo e abri a janela e todo mundo ficou olhando para mim: “Que foi?” “Nossa, eu escutei uma ambulância!” E estava chegando o carro do Ítalo que é o genro dessa senhora. “Estela, você está louca?” Como era assim um ou outro que tinha carro, pelo ronco já sabia. “Mãe, eu escutei uma ambulância!” “Filha, é o carro do Ítalo!” Voltei e falei para a minha amiga: “Você não escutou?” “Não.” “Gente, eu escutei uma ambulância.” Cinco horas da manhã, minha mãe entra no meu quarto: “Acorda, acorda, a dona Maria morreu.” Eu abri, lá em cima tem uma sacada, abrimos a sacada, estava o Ítalo e o carro da ambulância atrás. Ele foi buscar a ambulância, que naquela época não tinha isso de você ligar para chamar a ambulância. Ele foi buscar a ambulância. Eu vi a cena antes dela acontecer. E, por exemplo, eu tenho uma ligação tão forte com essa família, que a neta dessa mulher, que tinha um ano e pouco quando ela morreu. Namorou dez anos, ficou grávida e me ligou. Me chamava de Teté. “Teté, eu tenho uma coisa para te falar.” Eu sentei na minha cama, eu já estava casada e já tinha a Priscila, e comecei a chorar. Ela falou: “O que foi?” Eu falei: “Eu já sei o que está acontecendo, você tá grávida e é a sua avó que está voltando!” Vai ser uma menina, ela não estava... Ela tinha acabado de saber que ela estava grávida e eu falei tudo isso. Eu tive uma crise de choro com ela me contando essa coisa. Nasceu uma menina, se é a vó dela ou não, não me pergunte que eu não sei. Mas é coisa assim de assustar. Então, toda vez que tinha uma ligação com alguém que ia morrer, eu sonhava. Por exemplo, eu sonhava direto... Com a Laura eu falei: “Laura, não suporto mais sonhar com cemitério.” “Estela, é mudança, cemitério é mudança, é morte, morte é o início de uma vida.” Eu sonhava que eu estava no cemitério, eu ficava no cemitério, do lado de lá estavam os mortos, todos bem arrumados. Do lado de cá, eu olhando. Eu vi o meu pai, meu pai estava muito doente, minha mãe e todos os irmãos do meu pai com todas as mulheres. Eu via eles direto, direto assim. Eu acordava... “Vai acontecer alguma

coisa porque eles estão espreitando.” Então, isso tudo, meu irmão morreu, eu sonhei com meu irmão, que ele falava comigo: “Olha, faça isso, faça aquilo, faça aquilo outro!” Eu falava: “O toninho pediu para eu fazer isso, isso e isso. Ir atrás disso, disso e disso.” Entendeu? Então, era sempre um recado, sonhei com tal pessoa.... “Ó, Sonhei com a tia Mila!” A tia Marli morreu. “Sonhei com fulano.” Era sempre alguém ligado a família, né? Sonhei com aquele morto, que já morreu faz tempo, vem, fala comigo e está bem. Quando meus tios vem já sei que alguém da família morreu. Às vezes no dia seguinte, sabe? Então, isso tudo me incomodava demais, eu cheguei ao ponto de não entrar no banheiro sozinha, de não conseguir ir ao banheiro sozinha. De tanto medo que eu tinha.

e. Então, a religião abriu portas para você se autoconhecer mesmo?

t. Me conhecer porque... E parar com preconceito porque o preconceito que é o conceito que você tem e nem sabe o porquê. Eu acho que eu tinha que passar por tudo isso, eu tinha que me separar do Antônio, porque o Antônio não ia se envolver com isso e eu não era forte o suficiente para ir sozinha, né? E de repente eu me vi envolvida num grupo, em que eu estou a frente de tudo. Agora mesmo quem me ligou foi uma arquiteta, que está ajudando a montar a casa e tudo que acontece eles me ligam: “Olha, temos que fazer tal coisa. O que você acha?” Todas as perguntas vão para mim. “Gente, eu não sei nada!” Eu ligo para o pai de santo: “O que a gente faz?” Porque ele trabalha como cabeleireiro e pelo trabalho dele, quinta, sexta e sábado são os piores dias. A casa ia ser inaugurada no domingo e no sábado ele estava trabalhando. Eu que estava fazendo tudo, faz isso, faz aquilo, passando o dia no telefone. Quando eu cheguei lá, parecia que eu estava mais defunta que qualquer pessoa. Ele fez um agradecimento especial, mas a gente conseguiu levantar a casa. Um terreiro lindo, um espaço grande, fora de São Paulo porque estão tendo muitos ataques às casas de candomblé, eu não sei se você tem acompanhado. e. Não, não estou sabendo.

t. Tem tido ataques a casas de candomblé. Ataques assim violentos, são protestantes. Protestantes não, são evangélicos que entram e quebram tudo. Batem em pessoas que estão vestidas todas de branco. e. Ah, sobre isso eu ouvi alguns relatos.

t. Os evangélicos avançam, batem, se juntam para tirar o demônio do seu corpo, sabe? Então, são coisas... A minha religião não está impedindo a sua, a sua não pode impedir a minha. Você está feliz com a sua religião e eu estou feliz com a minha. Gente, é o livre-arbítrio! A gente tem que viver tudo isso. Então, é uma chácara que ele ganhou, que ele ganhou! Sabe? Caiu do céu para ele, realmente ele ganhou, a pessoa precisou de um favor, ele fez, fez, fez, a pessoa conseguiu o que queria e falou: “Eu vou te dar um presente que você merece, para você montar sua casa de santo.” E deu mesmo. e. E é razoavelmente perto assim?

t. Mairiporã.

e. Dá o que? Uma hora ou menos?

t. Não, 40 minutos no máximo. 40 minutos no máximo.

e. Ah, que bom!

t. Porque você entro na Fernão Dias é logo no quilômetro... É pertinho, a gente chega a levar meia hora, se a Fernão Dias estiver livre, em meia hora você faz. É, em meia hora você não vai daqui ao Morumbi, em meia hora você não vai daqui até a Consolação. A gente levava a Priscila para a faculdade, eu e o Antônio, que a gente tinha um escritório lá no centro. A gente tinha que sair... A Priscila entrava às 7h30 e a gente tinha que sair às 6h30. E era aquele trânsito! e. E supostamente é tão perto, né? Mas...

(Verificamos se Estela poderá continuar a entrevista)

t. Podemos continuar sem problema.

e. Então, ótimo. Eu quero saber se as suas filhas seguiram mais ou menos a sua linha, mais liberal...

t. De que?

e. De relacionamentos. Como que elas desenvolveram isso?

t. De relacionamentos assim, como eu não tive liberdade nenhuma e não pude contar com a minha mãe em relação a isso. Não pude contar para a minha mãe tudo que eu queria contar, sobre a minha vida sexual, sobre o que eu queria fazer. E eu quis que as minhas filhas fossem extremamente liberais, então assim, tudo que elas fazem, elas me contam. Nenhuma das duas são casadas, uma tem dois filhos também não é casada. Foi morar junto com o primeiro companheiro, separou, agora mora com o segundo, a mãe do menino. E a mais nova está morando com um rapaz lá no centro, que ela sempre quis ir morar no centro. Se conheceram e em quatro meses foram morar juntos. Eu acho o casamento em si uma babaquice. O casamento tradicional de véu e grinalda, uma babaquice. Eu sempre achei, mesmo antes de eu me casar eu sempre achei. Aquela cena toda, entrando na igreja... porque aquilo é um dinheiro gasto desnecessário. Aquele vestido, se gasta uma fortuna numa país miserável como esse, muita gente passando fome e você gastando cem mil reais numa festa. Tudo bem, mas é o direito de cada um, você tem e você faça, problema seu. Mas não que eu ache errado você ir na igreja receber a benção de um padre, você ir num centro espírita e receber a benção de um babalorixá, qualquer lugar, não, até a benção do próprio pai, do seu pai mesmo, sabe? "Eu abençoo vocês meus filhos!" Basta isso! Ou nem disso. A minha filha mais velha é extremamente devota, especialmente de São Benedito, o filho dela chama Benedito. Benedito Augusto eu acho lindo. Ela é muito devota, muito religiosa, já a mais nova não acredita em nada, como a Laura. Ela não acredita, ela é vegetariana, só não é vegan... A coisa que eu falo para ela: "Por favor, continue comendo ovo, né?" Mas é... A Laura é a mulher ideal para ela, a figura máxima de mulher porque a Laura... Uma coisa que eu aprendi com a Laura que eu acho muito bonito é: "Eu não faço mal para ninguém, então, se existe um deus, o deus vê que como eu não faço mal nem para o ser humano, nem para os animais, eu acho que ele permite que eu não acredite em nada." Então, isso assim é um direito dela de não crer, ela se basta para aquilo, uma pessoa que trabalha para caramba, uma pessoa que se preocupa, que é super honesta, sabe? Então, ela cumpre com o papel dela perante a sociedade, perante o mundo dos homens. Então ela se basta, ela não precisa de religião. Agora, eu sinto que eu preciso. E pronto.

e. É uma questão pessoal.

t. É uma questão pessoal!

e. E o que você acha que mudou da sua educação, de como seus pais te educaram, para como seus netos estão sendo educados agora e, principalmente, sobre o papel da mulher? Queria que você pontuasse isso.

t. Olha, eu acho assim que a mulher ainda continua com a maior responsabilidade, o homem ainda continua muito à vontade nessa situação. Porque assim, quando eu me separei do Antônio, o Léo veio morar com a gente porque a gente pediu para ele vir morar com a gente. E ele foi embora, foi morar sozinho e eu fiquei com a responsabilidade sozinha. Então, ele procura passar um final de semana com o Léo, um ou dois, fazer determinadas coisas, liga para ele todo dia, mas quem está aqui sou eu. O que mudou na educação? Eu acho que o jeito que eu trato as minhas filhas, com toda a liberdade, eu sinto nelas um amor maior do que eu sentia pela minha mãe. Eu sinto, as duas, as duas têm um amor por mim muito maior do que eu tinha pela minha mãe. Eu queria a minha mãe bem longe. Bem, queria que ela estivesse bem, mas que não

me atrapalhasse. E o Léo a mesma coisa, meu neto, meu neto quer a minha presença, quer que eu esteja ali. Eu não queria que meus pais estivessem por perto, eu tinha vergonha do que eles falavam, do que eles faziam, da forma como eles agiam e eu sinto que o Léo quer muito minha presença, quer mais a minha presença do que a presença da mãe dele. Então, eu acho que o fato de eu ser uma pessoa com menos conceito em determinadas posições juntaram mais as minhas filhas e os meus netos a mim. Não aos outros. Porém, o fato de eu estar muito próxima a elas, de eu permitir determinadas coisas, não deixa elas caminharem muito sozinhas. Uma coisa que eu fiz, por exemplo, eu queria me livrar, eu queria sair para o mundo. As duas não queriam sair correndo para o mundo, eu acabei de uma certa forma aprendendo.

Principalmente a mais velha.

e. Ela é mais apegada?

t. Eu não, eu fui trabalhar com 14 anos. Eu queria ter meu dinheiro, queria sair de casa, queria morar sozinha, sabe? Imagina que se eu tivesse a liberdade que elas tiveram que eu faria determinadas coisas. A mais nova ainda está mais dentro daquilo que eu penso. A mais velha não, a mais velha é uma pessoa mais romântica. Então, se envolve, se apaixona, sofre. Está no interior de Goiás trabalhando lá. Se bem que agora está envolvida com o pessoal do MST, está sempre assim. (Risos) É, ontem ela me mandou uma foto.

Vou te mostrar, bem legal! Quer ver? (Mostra a foto da filha mais nova) t. Essa é a Priscila, a mais nova.

e. Que linda!

t. Ela é bem bonita! Ela é jornalista e está trabalhando na “Pais e Filhos”, mas não está feliz porque o negócio dela é trabalhar na “Carta Capital”. Ela é mais política.

(Mostra a foto da filha mais velha)

t. Essa é a Raquel, que é a mais velha, a mãe do menino, tá? Quer ver? Eu achei superinteressante isso daqui. Olha como ela estava ontem! (Mostra outra foto) Lá no ministério. “Quebramos a entrada do Ministério da Fazenda” (Lendo a mensagem da filha) Ela é a da direita. Cheio de vinagre para impedir o gás. Ela colocou assim: “Quebramos a entrada, ocupamos o Ministério da Fazenda. E por acaso, eu estava na linha da frente, fui uma das primeiras a entrar. O choque quando viu já estava tudo dominado. As mulheres subiram na bancada da recepção, tiraram os seios para fora e alimentaram os bebês caveiras.” Bebês caveiras, passando fome, né? Enquanto uns estão roubando e enriquecendo, outros estão morrendo de fome. Então, as duas têm essa formação. Essa daqui é mais radical ainda porque essa não quer comer comida que não seja orgânica, acha que comida orgânica tem que ser para todo mundo, a um preço acessível para todo mundo. A outra luta por um modelo diferente de política e por aí vai. São bem sonhadoras e querem estar na ativa o tempo todo. Eu acho engraçado que elas me contam tudo, me mandam tudo, estão toda hora me mandando mensagem, fotografias. “Mãe, acabei de mostrar sua foto para os meus amigos e eles acharam você uma gata!” Entendeu? Isso eu não tive com a minha mãe, aliás eu não podia sequer falar de beijo com a minha mãe. “Ai, para com essa sem-vergonhice. Que coisa feia, para com isso!” Falava: “Não é possível, mãe! Você fez sexo. Se você engravidou, você tem que ter feito sexo.” “Para! Não fala desse assunto comigo!” Então, era a pessoa que poderia ser a pessoa mais próxima

de mim, que não ia me entregar para ninguém, que não ia me sacanear, nada disso e eu não podia falar com ela sobre isso.

e. E o que você acha que muda na sexualidade de quando você tinha 20 anos para agora?

t. Talvez o... Tinha o novo, tá? O novo, o lance de fazer o sexo ali era conhecer aquilo tudo, era muita loucura. Hoje, eu estou vivendo uma coisa meio parecida porque o cara tem 23 anos. E eu fiquei um período muito grande sem vida sexual. Muito antes de eu me separar, por problemas emocionais, ele estava com uns problemas emocionais em relação a isso. E a minha ginecologista dizia para mim assim: "Quando a mulher entra na menopausa, ela perde o cheiro dela e aí perde a sexualidade dela." Isso é o que está escrito, né? Que a mulher não tem mais desejo. A minha ginecologista falava é mentira. Porque o desejo não está só no cheiro, o desejo está em outras coisas. Isso é mentira! Tem uma pomadinha que você usa que deixa perfeito. E eu achava tudo aquilo estranhíssimo porque quando eu comecei o relacionamento com ele eu percebi que o meu tesão, o meu desejo é tão intenso quanto antes. A pomada eu usei por um período, depois usei por um período menor e agora uma vez por semana, depois a cada quinze dias. É... Quando você perde ... Durante a menopausa, os hormônios mantêm a vagina muito seca, a vagina fica quase quebradiça. Então, qualquer coisa machuca, qualquer penetração machuca. E a atividade sexual quando é mais intensa, não acontece isso, né? Quando você deseja, você tem que ter o desejo, querer estar com aquela pessoa, mesmo com o seu marido que você ama, sabe? Aquela coisa, se não houver o desejo não há excitação, não há lubrificação. Coisa que com 61 anos eu tenho lubrificação para caramba. Agora, se você me perguntar como acontece isso. (Sinal de que não sabe.) Deixa eu fechar, que meu neto não quer ouvir essas coisas. (Fecha a porta) Como acontece? Simplesmente acontece. A gente começa e eu já estou preparada. Eu já sinto que estou pronta para tudo, mas aí começa uma coisa assim: de manhã um beijo, um abraço, depois uma passada de mão, isso, aquilo. Quando chega no momento a gente está preparado, quer dizer, exercício da vagina tem que fazer bastante, né? Faço exercício, comprime solta, comprime solta. Tudo isso informado pela minha ginecologista: "Não existe esse negócio de que a mulher perde o desejo, não existe!" Eu me cuido com ela há mais de 30 anos. "Mas Sandra, você está errada, eu não tenho mais desejo." "Vai ter!" Eu estou precisando voltar lá para dizer para ela que ela tinha razão. e. Que legal!

t. Tipo assim: "Sandra, meus pelos estão ficando brancos, ai que feio!" "Porque você precisa de pelo? Você usa calcinha, arranca!" Essa é a minha ginecologista. "Arranca isso daí, coisa horrível!" e. Não gostou arranca, né?

t. Ela é... Bom, eu adoro ela, né?

e. Eu tenho estudado sobre essa questão e realmente isso que está escrito é mentira. E vários estudiosos da saúde e de outras áreas estão preocupados com isso e as feministas falam que se colocou isso na saúde e colocaram na sociedade, exatamente mais inferior ainda. Para a gente falar: "Não, porque o homem enquanto tiver uma ereção ele consegue, a gente não consegue mais. Tem idade para acabar..." E sempre a sexualidade da mulher está ligada com a fertilidade.

t. Isso é uma coisa que balança. Quando você entra na menopausa que você não é mais fértil, você não sendo mais fértil você não produz mais nada. Isso tudo está na sua cabeça só. Só na cabeça. Porque eu consigo ficar completamente excitada com um beijo. O que é isso? Para mim, eu estava bastante preocupada. Porque eu não tinha vida sexual com meu marido já há bastante tempo. Então eu achava que realmente... Ai comprava perfume em sex shop, comprava isso e aquilo em sex shop. Não tem nada a ver,

nada a ver. Ele chega perto de mim e às vezes fala assim: “Eu estou excitado só de sentir seu cheiro.” Que cheiro? Se eu não tenho mais cheiro, que cheiro é esse, né? Então, realmente deve ser mentira.

e. Com certeza. Esperamos que sim, né?! (Risos)

t. Não, pelo amor de deus, não tem nada a ver. Precisa acabar com essa história de que a mulher de 60 anos não pode ter vida, não pode namorar, não pode andar de mãos dadas. Imagina! Ele segura na minha mãe e me arrasta: “Você vai andar de mãos dadas comigo!” Às vezes eu ficava até longe dele. “O que é isso? O que você está fazendo aí longe de mim?” e. E às vezes você tem vergonha?

t. Eu tenho vergonha não por ele, por mim. “Como que um cara novo está abraçado com essa mulher?” E quando a gente entra num lugar e falam: “Ah, você é mãe dele?” Outro dia ele pediu para eu falar assim: que se ele fosse meu filho, ele seria mais bonito. Ele já falou uma vez assim: “Não, se ela fosse minha mãe, eu seria mais bonito. Porque as filhas dela são lindas!” (Risos) Ele já anda dando umas respostas assim, né? Mas ele falou: “Que importância tem isso para os outros?”

e. Ele parece muito seguro, né? Então, ele te passa segurança.

t. Ele me passa segurança, para tudo. Ele me mantém longe do serviço dele, porque o serviço dele tem um pessoal meio barra pesada, porque trabalham em açougue. Me mantém distante, só aproximou de mim os amigos, amigos mesmo. E todos vem na minha casa com o maior carinho possível, né? “Nossa, o Tom só fala de você. Até o chefe dele outro dia falou para ele assim: “Cara, você está apaixonado!” Ele falou vamos tomar um suco de... Que ele não bebe. Vamos tomar um suco de goiaba. “Ah não, eu vou tomar a noite com uma pessoa.” “Cara, não é possível, você não quer tomar um suco para tomar a noite com ela?” Ele falou: “Não, é que hoje a gente combinou de tomar um suco.” (Risos) Eu acho engraçado.

(Pausa na gravação)

e. Bom, já estamos encerrando. Só quero que você faça uma comparação... Hoje em dia, as mulheres demoram mais para parecer velhas ou envelhecidas?

t. Ah sim, demoram muito mais para parecerem envelhecidas. Até porque a indústria de cosméticos ela proporciona isso para você, com cremes, cremes que fazem efeito rápido. Agora, tem um creme no mercado que você passa e fica esticada por seis horas. Custa uma fortuna, mas existe. Existem as plásticas, eu acho que hoje a mulher tem a opção de fazer isso tudo. Desde que ela possa financeiramente, fazer plástica, esticar o rosto, esticar a sobancelha, aumentar a boca, né? Bons cabeleireiros para você manter um cabelo bom, fazer exercício físico, exercício físico mantém ela mais ativa. Acho que hoje ela não só pode como deve se manter mais jovem por mais tempo. Até por um certo... Não para agradar os outros, mas por ela mesma. Existe uma piada que é assim: tem uma mulher na frente de uma fonte de desejos, que é uma piada extremamente preconceituosa. Diz assim: Eu quero ser bonita, gostosa e que todos os homens me desejem. Puf! Ela some e vira uma caneca de cerveja. Então, na realidade, a impressão que dá é que os homens não estão nem aí para elas, eles estão aí para sentar numa mesa de bar, bater papo, tomar cerveja com os amigos, né? É isso. Passa uma gostosa eles olham, acabou de passar eles continuam ali. A mulher está preocupada em ficar bonita para atrair, ela tem que ficar bonita para agradar a ela mesma, agradar a ela própria. Isso demora para a gente entender, demora bastante tempo. e. E você acha que você está vivendo um momento de aceitação do seu corpo?

Eu acho que, por exemplo, por eu ter sessenta e um anos, eu tenho menos vergonha do meu corpo do que quando eu tinha vinte. Aos vinte, estava tudo inteirinho ali. Eu não ficava andando pelada, eu estava sempre me forçando. Hoje eu entro e saio, passo na frente numa boa, sabe? Eu faço isso até para

provocar, às vezes, passo só de calcinha. Então, eu tenho essa atitude, né? Eu não me sinto muito envergonhada. Eu me sentia mais envergonhada com meu ex-marido, pai da Priscila, né? Do que com meu atual namorado. É uma coisa bem interessante! Porque o desejo que a gente estava quando a gente se relacionou a primeira vez... Era uma coisa assim: vai rolar um sexo e cada um vai partir para o seu mundo. Vai rolar o segundo sexo e cada um vai partir para o seu mundo, vai rolar o terceiro sexo, o quarto, o quinto, o sexto. Então, a gente achava que não ia passar disso, mas aí a coisa foi pegando, pegando, pegando e quando percebemos, estávamos grudados. Até hoje vai indo, mas a gente não sabe. Eu não sei, né? Eu não sei. E ninguém está no caminho de ninguém a toa. Ninguém está a toa. Sei que ele tem vontade de ir embora, ele quer ir embora de São Paulo.

e. Ele quer voltar para o Maranhão?

t. Ele quer voltar para o Maranhão, eu realmente incentivo ele a fazer tudo isso. Mas cada vez é assim: “Ah, eu vou voltar mês que vem. Agora, no outro mês. Agora, daqui a dois meses...” Então a coisa está... Eu estou vivendo o hoje só. Não estou me preocupando muito com o amanhã não porque a gente quando tem uma certa idade está montando os sonhos, a casinha dos sonhos da gente. Ter um marido, ter filho, ter isso, aquilo, aquilo outro. Hoje a gente eu estou vivendo um dia de cada vez. Porque eu já fiz isso duas vezes e deu problema, agora eu estou vivendo o hoje. Eu não estou tentando montar a casinha dos sonhos. Até porque eu sei que eu não engravidado mais, eu vou fazer 62 daqui a dois meses, sabe? Não sei como eu vou estar amanhã, né? Então, é o hoje! Hoje eu estou bem, estou programando o que vou fazer até domingo, sabe? Tenho uma viagem marcada para o mês que vem, em outubro, mas também ganhei, não fiz esforço nenhum.

e. Para onde que você vai?

t. Eu vou para o Caribe.

e. Ah, que delícia!

t. Ganhei a passagem, ganhei tudo! Vou sozinha com uns amigos. Ele está bem chateado porque nós iremos ficar dez dias sem nos ver e desde que nós estamos juntos não ficamos nem dois dias longe, quem dirá dez. Mas eu tenho que ir, eu preciso ir, eu preciso viver isso daí também. É o hoje!